
AGATHA CHRISTIE
OS RELÓGIOS
UM CASO DE HERCULE POIROT
GLOBOLIVROS

Ao visitar um condomínio na pequena cidade de Crowdean, o agente secreto Colin Lamb acaba se envolvendo na investigação de um estranho assassinato ocorrido naquele lugar: um homem desconhecido foi encontrado morto na sala da casa da Sra. Pebmarsh, uma deficiente visual muito independente e peculiar. Curiosamente, na cena do crime são encontrados quatro relógios marcando todos a mesma hora. Quem descobriu o corpo foi Sheila Webb, estenógrafa que trabalhava em um escritório de datilografia. O caso parece complexo, principalmente quando outros dois crimes são cometidos em circunstâncias igualmente suspeitas. Colin Lamb desafia então o seu amigo Hercule Poirot a desvendar o caso, em mais uma trama bem construída por Agatha Christie.

Prólogo

A tarde do dia 9 de setembro foi exatamente igual a qualquer outra tarde. Nenhuma das pessoas que envolveram-se nos acontecimentos desse dia poderiam gabar-se de terem tido um pressentimento do desastre. (Isto é, com exceção, é verdade, da Sra. Packer – moradora do nº 47 de Wilbraham Crescent e sensitiva –, que mais tarde descreveria com riqueza de detalhes os presságios estranhos e os temores que tinham se apossado dela; entretanto, a Sra. Packer, residindo ao nº 47 – tão longe do nº 19 – vivia tão despreocupada com o que estivesse ocorrendo por lá, que pareceu-lhe desnecessário ter tido qualquer pressentimento.)

No Escritório Cavendish de Secretariado e Datilografia, 9 de setembro fora um dia comum para a diretora, a Sra. K. Martindale. O telefone tocou, as máquinas de escrever fizeram o seu ruído, a pressão do serviço foi a mesma de sempre, nem mais nem menos do que o habitual. Nada de especialmente interessante. Aquele 9 de setembro, até as 14h30, poderia ter sido um dia igual a qualquer outro.

Às 14h35, ouviu-se a campainha da Sra. Martindale, e Edna Brent respondeu de sua sala com a sua voz costumeira, ofegante e anasalada, enquanto manobrava um caramelo derretido entre os maxilares.

– Pois não, Sra. Martindale?

– Escute, Edna, *não* foi assim que eu lhe ensinei a atender o telefone. Fale *claramente* e sem ofegar.

– Desculpe, Sra. Martindale.

– Assim está melhor. Quando você quer, você consegue. Mande Sheila Webb vir falar comigo.

– Ela ainda não voltou do almoço, Sra. Martindale.

– Hum... – O olhar da Sra. Martindale buscou o relógio sobre a escrivaninha. Duas e trinta e seis. Exatamente seis minutos de atraso. Sheila Webb estava relaxando ultimamente. – Assim que ela chegar, mande-a vir falar comigo.

– Sim, senhora.

Edna trouxe novamente o caramelo para o meio da língua, chupando-o prazerosamente, e recomeçou a datilografar o livro *Amor nu* , de Armand Levine. O erotismo rebuscado não a interessava, na verdade, nem à maioria dos

leitores de Levine, apesar de seus esforços. Ele era um exemplo de que não há nada mais insípido do que a pornografia explícita. Apesar das capas fantásticas e dos títulos provocantes, as vendas diminuíam a cada ano, e o escritório já lhe havia mandado três vezes a última conta do serviço de datilografia.

A porta se abriu e Sheila entrou, um pouco ofegante.

– Sandy Cat* quer falar com você – disse Edna.

Sheila Webb fez uma careta.

– Que azar... No único dia em que me atrasei.

Ajeitou o cabelo, apanhou o lápis e o bloco e bateu à porta da diretora.

A Sra. Martindale levantou a cabeça da escrivaninha. Tinha uns 40 e tantos anos e transparecia eficiência. Por causa dos cabelos ligeiramente amarelados, acabaram por dar-lhe o apelido de "Sandy Cat".

– Está atrasada, Srta. Webb.

– Desculpe, Sra. Martindale. O trânsito está horrível.

– O trânsito está sempre horrível a esta hora. Você já devia contar com isso. – A Sra. Martindale passou a se referir a um recado anotado em seu bloco: – Uma tal de Sra. Pebmarsh telefonou. Ela quer uma estenógrafa às 15 horas. Pediu especificamente que mandemos você. Já trabalhou para ela?

– Não me lembro, Sra. Martindale. Pelo menos ultimamente.

– O endereço é Wilbraham Crescent, nº 19.

Ela parou com um ar de indagação, mas Sheila abanou a cabeça.

– Não me lembro de ter ido lá.

A Sra. Martindale deu uma olhada no relógio.

– Três horas. Acho que pode dar um jeito. Tem mais algum compromisso para hoje? Ah, espere aí. – Ela correu os olhos pela agenda que tinha ao lado. – Professor Purdy, no Hotel Curlew. Às 17 horas. Você precisa estar de volta antes disso, senão terei de mandar Janet.

Fez-lhe sinal para que saísse à sala de Edna.

– Algo interessante, Sheila? — perguntou Edna.

– Mais um daqueles dias entediantes. Alguma velha chata em Wilbraham Crescent. E, às 17 horas, o professor Purdy. Nomes horríveis, arqueológicos. Ai, como eu gostaria que um dia acontecesse algo sensacional!

A porta do escritório da Sra. Martindale abriu-se.

– Sheila, esqueci de lhe avisar: se a Sra. Pebmarsh não estiver em casa quando você chegar lá, pode entrar, porque a porta não estará trancada. Dirija-se à sala que fica à direita do hall e espere. Conseguirá lembrar-se de tudo ou precisa que eu escreva?

– Não é necessário escrever. Acho que posso lembrar-me de tudo.

A Sra. Martindale voltou para o seu refúgio.

Edna Brent abaixou-se e pegou sigilosamente um sapato de salto quebrado que estava sob sua cadeira.

– Como vou chegar em casa? – gemeu.

– Ora, pare de reclamar... Daremos um jeito – disse uma das outras funcionárias enquanto datilografava furiosamente.

Edna suspirou, pôs uma folha nova no rolo da máquina e escreveu:

> O desejo apoderou-se dele. Com dedos nervosos, rasgou o tecido fino que lhe cobria os seios e forçou-a a agachar-se na água borbulhante da banheira.

– Droga! – resmungou Edna, apanhando uma borracha.

Sheila agarrou a bolsa e saiu.

Wilbraham Crescent era uma fantasia idealizada por um arquiteto vitoriano na década de 1880. Tinha a forma de meia-lua, com casas geminadas e jardins ligados uns aos outros. Esse estilo era sinônimo de grandes dificuldades para pessoas que desconheciam o local. Os que chegavam pelo lado de fora não achavam os números mais baixos e os que vinham pelo lado de dentro não encontravam os números mais altos. As casas eram limpas, enfeitadas com sacadas artísticas e imponentes. O modernismo mal as tocara, pelo menos externamente, já que as cozinhas e os banheiros tinham sido os primeiros a passarem por reformas.

Não havia nada de especial no nº 19. Tinha cortinas limpas e a maçaneta da porta estava bem polida. Havia roseiras de ambos os lados do caminho que levava à entrada.

Sheila Webb abriu o portão do jardim e tocou a campainha. Ninguém respondeu. Depois de esperar uns dois minutos, ela fez o que lhe haviam dito e virou a maçaneta. A porta se abriu e ela entrou. À direita do hall havia uma porta entreaberta. Ela bateu, esperou e entrou. Era uma saleta bem agradável, bastante comum, um pouco atravancada de móveis para o gosto moderno. A única coisa que chamava a atenção era a quantidade de relógios. Um deles, de carrilhão, tiquetaqueava num dos cantos da sala; outro, de porcelana de Dresdem, ficava sobre a lareira; outro, de prata, sobre a escrivaninha; outro, dourado e rebuscado, sobre uma papeleira, em cima de uma mesa, junto à cadeira e perto da janela; havia ainda um relógio de viagem, de couro desbotado, que tinha o nome “Rosemary” gravado em letras douradas já meio gastas.

Sheila Webb olhou para o relógio da escrivaninha, um pouco surpresa. Os ponteiros indicavam que passava um pouco das 16h10. Seu olhar passou para o

da lareira. Marcava a mesma hora.

Sheila estremeceu ao ouvir um bater de asas e um estalo acima da cabeça. Do relógio de madeira lavrada, pendurado na parede, abriu-se uma portinhola e saltou um cuco anunciando, bem alto: "Cuco, cuco, cuco!" O som violento tinha algo de ameaçador. O cuco desapareceu atrás da portinhola, que se fechou violentamente.

Sheila Webb esboçou um sorriso e deu a volta no sofá. Repentinamente, parou, estremecendo, num sobressalto.

Estirado no chão estava o corpo de um homem. Os olhos entreabertos não tinham vida. Sobre a roupa de cor cinzenta via-se uma mancha úmida, escura. Quase mecanicamente, Sheila abaixou-se e tocou-lhe o rosto frio, a mão e a mancha úmida, e logo recuou, bruscamente, a própria mão, contemplando-a com horror.

Nesse momento, ela ouviu o estalido de um portão, do lado de fora, e voltou automaticamente a cabeça para a janela. Avistou o vulto de uma mulher que vinha apressada pelo caminho. Sheila engoliu mecanicamente, sentindo a garganta seca. Ficou imobilizada, como se tivesse raízes, sem poder mover-se ou gritar... com os olhos fixos diante de si.

A porta se abriu e uma mulher idosa, alta, entrou carregando uma sacola de compras. Os cabelos grisalhos estavam puxados para trás e os olhos eram grandes, de bela cor azul. O olhar da velha passou por cima da moça, sem vê-la.

Sheila soltou um leve ruído, como se resmungasse. Os grandes olhos azuis voltaram-se para ela e a mulher falou, apressadamente:

– Há alguém aqui?

– Eu... isto é...

A moça se calou e a velha dirigiu-se rapidamente para ela, por trás do sofá.

E então Sheila gritou estridentemente:

– Não venha até aqui!... Não venha até aqui!... A senhora vai pisar em cima... dele... *E ele está morto!*

1

Narrativa de Colin Lamb

Usando termos policiais, às 14h59 do dia 9 de setembro, eu andava por Wilbraham Crescent, na direção oeste. Era o meu primeiro contato com Wilbraham Crescent e, francamente, a rua tinha-me deixado perplexo.

Havia dias que eu andava às voltas com um palpite que se tornava mais e mais insistente, embora a possibilidade de eu estar certo fosse cada vez menor. Eu sou assim.

Estava procurando o nº 61; teria alguma possibilidade de achá-lo? Não, nenhuma. Depois de ter estudado cuidadosamente os números de 1 a 35, pareceu-me que Wilbraham Crescent tinha acabado. Uma travessa chamada Albany Road barrou-me o caminho. Dei meia-volta. Do lado norte não havia casas, apenas um muro, por trás do qual subiam blocos de prédios modernos, cuja entrada era obviamente pelo outro lado. Por ali, nada feito.

À medida que passava, eu ia olhando os números: 24, 23, 22, 21. Diana Lodge (presumivelmente o nº 20, com um gato alaranjado trepado no portão e lambendo o focinho), o nº 19...

A porta se abriu do nº 19 e uma moça saiu, veloz como uma bomba. A semelhança dela com uma bomba intensificou-se pelos gritos que acompanhavam seu avanço: altos e agudos, singularmente inumanos. A moça atravessou o portão e esbarrou em mim com uma força tremenda, quase jogando-me fora da calçada. Ela não se limitou a esbarrar; agarrou-me num gesto desesperado.

– Calma – disse eu, retomando o equilíbrio. Sacudi-a gentilmente. – Vamos, acalme-se.

A moça acalmou-se. Ainda continuou agarrada a mim, mas parou de gritar. Em vez disso, estava ofegante e soluçava sem parar.

Não posso dizer que eu tenha reagido brilhantemente ante à situação. Perguntei-lhe se algo acontecera, consciente de que minha pergunta fora simplesmente insignificante. Procurei corrigir a pergunta.

– O que foi que aconteceu?

A moça respirou fundo.

– *Lá!*

E, com um gesto, apontou para trás.

– O que houve?

– Tem um homem no chão... morto... Ela ia pisando nele.

– Quem? Por quê?

– Acho que é porque... ela é cega. E há sangue. – Ela olhou para baixo e soltou uma das mãos que me agarravam. – Em mim... Estou suja de sangue...

– Está mesmo – disse eu. Olhei para as manchas na manga do meu casaco. – E eu, também, agora – falei, apontando. Suspirei, considerando o caso. – É melhor levar-me até lá e mostrar-me o que está acontecendo.

Mas a moça começou a tremer violentamente.

– Não posso... *Não posso*... Não posso entrar mais lá.

– Talvez você tenha razão. – Dei uma olhada em volta. Não havia lugar apropriado para repousar uma jovem semidesmaiada. Abaixei-a delicadamente até a calçada e sentei-a encostada a uma grade de ferro. – Fique aí até eu voltar – disse-lhe. – Não demoro. Incline-se para a frente e ponha a cabeça entre os joelhos, se não estiver se sentindo bem.

– Eu... eu acho que já vai passar.

Ela não parecia lá muito segura, mas eu não podia esperar que se recuperasse. Dei-lhe uma batidinha cordial no ombro e dirigi-me resolutamente caminho acima. Entrei porta adentro, hesitei por um instante no pequeno hall, olhei pela porta da esquerda para uma sala de jantar vazia, atravessei o hall e entrei na saleta do lado oposto.

A primeira coisa que vi foi uma mulher idosa, de cabelos grisalhos, sentada numa cadeira. Ela virou a cabeça bruscamente quando entrei e perguntou:

– Quem é?

Vi logo que era cega. Seus olhos, fixados diretamente na minha direção, pareciam focalizar um ponto atrás de minha orelha esquerda.

Falei rispidamente, indo direto ao assunto.

– Uma jovem saiu correndo daqui para a rua, dizendo que havia um homem morto nesta casa.

Senti que minhas palavras soavam absurdas. Parecia impossível que houvesse um homem morto naquele aposento arrumado, onde havia uma mulher calma, sentada na cadeira, com as mãos cruzadas.

Mas ela respondeu logo:

– Atrás do sofá.

Rodeei o sofá. E então o vi: os braços estendidos, os olhos vidrados, a mancha de sangue coagulado.

– Como foi que isso aconteceu? – perguntei bruscamente.

– Não sei.

– Bem... Certo. Quem é ele?

– Não tenho a menor idéia.

– Precisamos chamar a polícia. – Olhei em volta. – Onde está o telefone?

– Não tenho telefone.

Concentrei-me nela com mais atenção.

– A senhora mora aqui? Esta casa é sua?

– É, sim.

– Pode contar-me o que aconteceu?

– Certamente. Cheguei das compras... – Enquanto ela falava, reparei na sacola jogada na cadeira, junto à porta. – Entrei. Percebi logo que havia alguém na saleta. Percebe-se logo, quando se é cego. Perguntei quem estava aqui. Ninguém respondeu... Ouvi somente o som de alguém que respirava ofegante. Movi-me nessa direção e então a pessoa gritou qualquer coisa sobre um homem que estava morto e que eu estava prestes a pisar nele. E então a pessoa saiu aos gritos.

Assenti com um movimento de cabeça. As histórias eram idênticas.

– E o que foi que a senhora fez?

– Caminhei cuidadosamente, até meu pé esbarrar num obstáculo.

– E aí?

– Ajoelhei-me. Toquei algo... a mão de um homem. Estava fria... sem pulso. Levantei-me, vim até aqui e sentei-me... para esperar. Alguém havia de aparecer em algum momento. A moça, seja quem for, daria o alarme. Achei melhor não sair de casa.

Fiquei impressionado com a calma da mulher. Não gritara nem saíra tropeçando em pânico pela casa afora. Sentara-se calmamente e ficara esperando. Era a coisa mais certa a fazer, mas não deve ter sido algo fácil.

A velha perguntou:

– Afinal, quem é o senhor?

– Chamo-me Colin Lamb. Eu ia passando por acaso.

– E a moça, onde está?

– Deixei-a encostada ao portão. Está em estado de choque. Onde fica o telefone mais próximo?

– Há uma cabine a uns 50 metros, descendo a rua, logo na esquina.

– É mesmo. Lembro-me de ter passado por ela. Vou até lá chamar a polícia. A senhora quer...

Hesitei. Eu não sabia se perguntava: "A senhora quer ficar aqui?" ou "A senhora vai ficar tranqüila, aqui sozinha?" Ela dispensou-me da escolha.

– É melhor trazer a moça aqui para dentro – disse, com determinação.

– Não sei se ela virá – respondi.

– Não para este aposento, naturalmente. Leve-a para a sala de jantar, do

outro lado do hall. Diga-lhe que eu vou fazer um chazinho.

Ela levantou-se e acercou-se de mim.

– Mas... a senhora pode...

Um leve sorriso desenhou-se em seu rosto.

– Meu caro jovem, desde que vim para esta casa, há 14 anos, tenho preparado minhas refeições em minha própria cozinha. O fato de ser cega não quer dizer que eu seja inválida.

– Desculpe-me, foi uma estupidez de minha parte. Talvez eu devesse perguntar, qual é o seu nome?

– Millicent Pebmarsh...

Saí pelo jardim. A moça me viu e começou a levantar-se.

– Acho... acho que agora já estou me sentindo melhor.

Respondi satisfeito:

– Muito bem.

– Tem... tem um homem morto lá, não é?

Concordei imediatamente.

– É claro que tem. Irei até a cabine telefônica para avisar à polícia. Se eu fosse você, esperaria lá dentro. – Levantei a voz para cobrir seu protesto imediato. – Vá até a sala de jantar... à esquerda de quem entra. A Sra. Pebmarsh está preparando uma xícara de chá.

– Então, essa é a Sra. Pebmarsh? E ela é cega...

– É, sim. Deve ter sido um choque para ela também, mas a Sra. Pebmarsh me parece uma pessoa muito calma. Vamos, levarei você até lá. Uma boa xícara de chá lhe fará bem enquanto esperamos pela chegada da polícia.

Segurei-a pelo braço e ajudei-a a subir a pequena ladeira. Instalei-a junto à mesa da sala de jantar e fui logo telefonar.

Uma voz impassível falou:

– Delegacia de Polícia de Crowdean.

– Posso falar com o detetive-inspetor Hardcastle?

A voz respondeu cautelosamente:

– Não sei se ele está. Quem está falando?

– Diga-lhe que é Colin Lamb.

– Um instante, por favor.

Esperei. Logo ouvi a voz de Dick Hardcastle.

– Colin? Não o esperava tão cedo. Onde está?

– Em Crowdean. No momento, estou em Wilbraham Crescent. Há um homem morto, estendido no chão, no nº 19, creio que foi apunhalado. Morreu há cerca de meia hora.

– Quem o encontrou? Você?

– Não, eu era apenas um transeunte inocente. Repentinamente, vi uma moça sair de uma casa, voando como se fosse um morcego saindo do inferno. Quase me derrubou. Ela disse que havia um homem morto no chão e que uma cega estava prestes a caminhar por cima do corpo.

– Você não está se divertindo à minha custa, está? – perguntou Dick, a voz cheia de suspeita.

– Parece mesmo fantástico. Concordo. Mas parece que a coisa é mesmo como eu estou contando. A cega, a Sra. Millicent Pebmarsh, é a dona da casa.

– E ela pisou mesmo no morto?

– Não, mas quase. Logicamente, pelo fato de ser cega, não viu que o homem estava lá.

– Vou abrir o inquérito. Espere por mim aí. O que foi que você fez com a moça?

– A Sra. Pebmarsh ia servir-lhe uma xícara de chá.

Dick achou que eu tinha agido certo.

2

Agentes da lei tomaram conta do nº 19 de Wilbraham Crescent. Lá estavam o médico-legista, o fotógrafo policial e os datiloscopistas. Eles se moviam de um lado para o outro com eficiência, cada qual cumprindo sua rotina.

Finalmente chegou o detetive-inspetor Hardcastle, um homem alto, de rosto impassível, com sobrancelhas expressivas. Parecia um deus, dando ordens para que tudo fosse feito exatamente conforme as suas instruções. Lançou um último olhar para o defunto, trocou algumas palavras com o médico-legista e depois dirigiu-se à sala de jantar, onde três pessoas estavam sentadas à mesa, diante de xícaras vazias: a Sra. Pebmarsh, Colin Lamb e uma moça alta, com cabelos castanhos e crespos e grandes olhos assustados. "É bem bonita", pensou o inspetor. Apresentou-se então à Sra. Pebmarsh:

– Detetive-inspetor Hardcastle.

Ele já conhecia a Sra. Pebmarsh de nome, apesar de seus caminhos nunca terem se cruzado. Mas ele já a vira e sabia que ela fora professora e trabalhava com o ensino de braile no Instituto Aaronberg para crianças deficientes. Parecia o maior dos absurdos que um homem fosse assassinado em sua casa

austera e asseada. Mas o impossível acontece, mais freqüentemente do que se pensa.

– Isso foi realmente horrível, Sra. Pebmarsh – disse ele – Sinto muito pelo choque que a senhora deve ter levado. Preciso do depoimento claro e exato de todos os presentes sobre o que aconteceu aqui... Se não me engano, foi a senhorita... – Ele deu uma olhada rápida no bloco de notas que o guarda lhe estendeu. – ...Sheila Webb quem descobriu o corpo. Se a senhora permitir, irei até a cozinha, com a Srta. Webb para podermos conversar.

O detetive abriu a porta que ligava a sala de jantar à cozinha e esperou que a moça passasse primeiro. Um jovem detetive à paisana já estava lá, sentado a uma mesa de fórmica, escrevendo discretamente.

– Esta cadeira parece confortável – disse Hardcastle, puxando uma versão modernizada de uma cadeira em estilo Windsor.

Sheila Webb sentou-se, nervosa, fitando-o com grandes olhos assustados.

Hardcastle quase disse: "Eu não vou comer você, querida", mas controlou-se e disse apenas:

– Não há razão para se preocupar, minha jovem. Queremos apenas um relato claro. Bem, seu nome é Sheila Webb... Onde mora?

– No nº 14 da Palmerston Road... Atrás do gasômetro.

– Muito bem. E a senhorita é secretária, não é?

– Sou, sim, senhor. Sou estenodatilógrafa... Trabalho no escritório de secretariado da Sra. Martindale.

– No Escritório Cavendish de Secretariado e Datilografia?

– Isso mesmo.

– Há quanto tempo trabalha lá?

– Há um ano, mais ou menos. Bem, há exatamente dez meses.

– Está bem. Agora me diga: como foi que você veio parar em Wilbraham Crescent hoje?

– Bem, foi assim... – Sheila Webb começava a ficar mais tranqüila. – A Sra. Pebmarsh telefonou para o escritório e pediu que lhe mandassem uma estenógrafa às 15 horas. Foi assim que, ao voltar do almoço, a Sra. Martindale me disse para vir até este endereço.

– Era apenas rotina, não é? Quer dizer... Era a sua vez na lista, ou sei lá como isso funciona.

– Não, não foi assim. A Sra. Pebmarsh pediu especificamente que eu viesse.

– A Sra. Pebmarsh chamou por você especificamente? – As sobrancelhas de Hardcastle registravam esse detalhe. – Bem... foi porque você já trabalhou para ela antes?

– Eu nunca trabalhei para ela – retrucou Sheila imediatamente.

– Nunca? Tem certeza?

– Absoluta. Ela não é o tipo de pessoa de quem a gente se esqueça facilmente. Isso é que eu acho esquisito.

– Tem razão. Bem, não vamos nos preocupar com isso agora. Quando foi que você chegou aqui?

– Deve ter sido pouco antes das 15 horas, porque às 17 horas... – Ela parou abruptamente e arregalou os olhos. – Que estranho! Parece muito esquisito, mesmo. Eu não havia percebido isso antes.

– O que foi que não percebeu, Srta. Webb?

– Bem... Os relógios.

– O que há com os relógios?

– O cuco marcava 15 horas corretamente, mas todos os outros relógios estavam adiantados uma hora. Que coisa mais estranha!

– É, certamente é muito esquisito – concordou o inspetor. – Diga-me uma coisa: quando foi que você avistou o corpo?

– Só depois que passei por trás do sofá. E ele... estava... lá... Foi horrível, meu Deus, horrível!...

– Deve ter sido horrível mesmo. Diga-me, você reconheceu o homem? É alguém que já viu antes?

– *Não*!

– Tem certeza? Ele pode estar diferente de como costumava ser, sabe? Pense bem. Tem certeza absoluta de que nunca o viu antes?

– Tenho, sim.

– Muito bem. E o que foi que você fez em seguida?

– O que foi que eu fiz?

– É.

– Ora, eu não fiz nada. Nem podia.

– Compreendo. Não tocou nele?

– Toquei... toquei, sim... Para ver se... Quer dizer... só para ver... Mas ele estava... gelado... e... minha mão ficou suja de sangue. Que coisa horrível... é tão grosso e pegajoso...

Ela começou a tremer.

– Calma, calma – disse Hardcastle, com o carinho de um tio. – Já passou. Esqueça o sangue. Vamos falar de outra coisa. O que foi que aconteceu depois?

– Não me lembro... Ah, já sei, ela chegou.

– Você se refere à Sra. Pebmarsh?

– Exatamente. Só que, naquela hora, eu não sabia que ela era a Sra. Pebmarsh. Ela entrou com uma sacola de compras.

Sheila enfatizou as palavras *sacola de compras*, como se se tratasse de algo

impróprio e inconveniente.

– E o que foi que você disse?

– Não creio que tenha dito nada... Eu quis falar, mas não pude. Eu estava engasgada, até *aqui.* – Ela apontou para a garganta. O inspetor balançou a cabeça. – Então... então... ela disse: "Quem está aí?", e veio por trás do sofá e eu pensei... eu pensei que ela fosse... fosse pisar naquilo. Aí, eu gritei... E depois que comecei, não pude parar de gritar... não sei como saí da sala e passei pela porta da frente.

– Como um morcego saindo do inferno – disse o inspetor, lembrando-se da descrição de Colin.

Sheila Webb fitou-o com seus pobres olhos assustados e murmurou:

– Desculpe.

– Não tem por que desculpar-se. Você contou tudo direitinho. Não precisa mais pensar nisso agora. Ah, apenas um detalhe. Por que na sala?

– Por quê?

Ela se mostrou surpresa.

– Sim. Você provavelmente chegou um pouco adiantada e deve ter tocado a campainha. Se ninguém atendeu, como foi que entrou?

– Ah, isso... Porque ela pediu que eu entrasse.

– Quem foi que pediu?

– Foi a Sra. Pebmarsh.

– Mas eu pensei que você não tinha falado com ela.

– E não falei mesmo. Ela havia dito à Sra. Martindale que eu deveria entrar e esperar na sala, à direita do hall.

Hardcastle exclamou, pensativo:

– Não diga!

Sheila Webb perguntou com timidez:

– É... é só?

– Creio que sim. Gostaria que você ficasse mais uns dez minutos. Podia surgir mais alguma coisa e talvez eu precise lhe fazer alguma outra pergunta. Depois disso, mandarei levá-la no carro da polícia. Fale-me de sua família... Tem família?

– Meus pais morreram. Moro com uma tia.

– E como se chama ela?

– Sra. Lawton.

O inspetor levantou-se, estendendo-lhe a mão, e disse:

– Muito obrigado, Srta. Webb. Procure descansar bem esta noite. Você precisa, depois do que passou.

Ela sorriu timidamente ao passar para a sala de jantar.

– Colin, tome conta da Srta. Webb – pediu o inspetor. – Sra. Pebmarsh, pode vir até aqui, por favor?

Hardcastle esboçou a intenção de guiar a Sra. Pebmarsh, mas ela passou por ele resoluta, buscou com a ponta dos dedos uma cadeira junto à parede, afastou-a alguns centímetros e sentou-se.

Hardcastle fechou a porta. Antes que ele dissesse uma palavra, Millicent Pebmarsh perguntou inesperadamente:

– Quem é esse rapaz?

– Ele se chama Colin Lamb.

– Foi o que ele me disse. Mas o que é que ele veio fazer aqui?

Hardcastle olhou-a, um pouco surpreso.

– Ele estava andando casualmente por aqui, quando a Srta. Webb saiu em disparada de sua casa, aos gritos, porque tinha havido um crime. Depois de ter entrado e verificado que ela falava a verdade, ele nos chamou. Pedi-lhe que voltasse para cá e esperasse.

– O senhor dirigiu-se a ele com bastante intimidade...

– A senhora é muito observadora, Sra. Pebmarsh. – (Observadora não era bem a palavra, mas nenhuma outra parecera melhor.) – Colin Lamb é meu amigo, mas faz algum tempo que eu não o vejo... – E acrescentou: – Ele é biólogo marinho.

– Ah, sei.

– Bem, Sra. Pebmarsh, eu gostaria que a senhora me contasse algo sobre essa história tão estranha.

– Pois não. Mas sei tão pouco...

– Há muito tempo que a senhora reside aqui?

– Desde 1950. Sou... era... professora. Quando me disseram que não havia tratamento para a minha perda progressiva de visão, e que eu acabaria ficando cega, resolvi especializar-me em braile e em outras técnicas que ajudam os cegos. Trabalho no Instituto Aaronberg para crianças cegas e deficientes.

– Obrigado. Agora vamos aos acontecimentos desta tarde. A senhora esperava uma visita?

– Não.

– Vou ler a descrição do morto, para ver se lhe recorda alguém em particular. Altura: 1,87, idade: aproximadamente 60 anos; cabelo escuro, já grisalho; rosto fino, barbeado, com queixo firme. Bem nutrido, mas não gordo. Roupa cinza-escuro, mãos tratadas. Pode ser bancário, contador, advogado, ou ter outra profissão qualquer. Isso tudo lhe sugere alguém que a senhora conheça?

Millicent Pebmarsh pensou cuidadosamente antes de falar.

– Não creio. Na verdade, a descrição é muito vaga. Aplica-se a muitas pessoas. Pode ser alguém que eu já tenha visto ou encontrado algum dia, mas certamente não se trata de alguém que eu conheça.

– A senhora não recebeu alguma carta de alguém, anunciando uma visita?

– Não.

– Muito bem... A senhora telefonou para o Escritório Cavendish de Secretariado e Datilografia, pedindo uma estenógrafa, e...

Ela o interrompeu:

– Desculpe, eu não telefonei para nenhum escritório.

Hardcastle olhou-a espantado.

– A senhora *não* telefonou para o Escritório Cavendish de Secretariado, pedindo...

– Eu não tenho telefone em casa.

– Mas há uma cabine telefônica no fim da rua – disse o inspetor.

– Sei disso, mas posso garantir-lhe, inspetor Hardcastle, que não preciso de uma estenógrafa e não telefonei, repito, *não telefonei* para esse Escritório Cavendish para pedir coisa alguma.

– A senhora não chamou a Srta. Sheila Webb, especialmente?

– Nunca ouvi esse nome em minha vida.

Hardcastle fitou-a, estupefato.

– A senhora deixou a porta destrancada – disse ele, chamando-lhe a atenção.

– Costumo fazer isso durante o dia.

– Qualquer um pode entrar.

– Parece que foi o que alguém fez neste caso – comentou a Sra. Pebmarsh secamente.

– Sra. Pebmarsh, de acordo com o laudo médico, este homem deve ter morrido entre 13h30 e 14h45. Onde estava a senhora nesse momento?

A Sra. Pebmarsh refletiu.

– Às 13h30, eu já havia saído ou estava pronta para sair. Precisava fazer compras.

– Pode me dizer exatamente onde foi?

– Deixe-me ver. Fui ao correio, o de Albany Road, despachei um pacote, comprei alguns selos, depois fiz umas compras para a casa, sim, fui buscar uns prendedores e uns alfinetes na loja de decoração Field and Warren. E voltei para cá. Posso dizer-lhe exatamente a que horas regressei. O cuco cantou três vezes quando cheguei ao portão. Ouvi lá de fora.

– E quanto aos outros relógios?

– O que foi que o senhor disse?

– Os outros relógios estavam todos adiantados uma hora.

– Adiantados? O senhor se refere ao carrilhão do canto?

– Não apenas a esse... Todos os outros relógios da sala estavam adiantados.

– Não compreendo o que quer dizer com "outros relógios". Não há outros relógios na sala.

3

Hardcastle ficou espantado.

– Tenha paciência, Sra. Pebmarsh. E aquele lindo relógio de porcelana de Dresden, sobre a lareira? E o pequeno, francês, em bronze dourado? E o de prata? E aquele que tem o nome "Rosemary" gravado em letras douradas?

Dessa vez foi a Sra. Pebmarsh quem se espantou.

– Um de nós dois deve estar louco, inspetor. Garanto-lhe que não tenho nenhum relógio de porcelana de Dresden, nem... como foi que o senhor disse... um relógio com o nome "Rosemary" gravado, nem um relógio francês de bronze dourado... e como é mesmo o outro?

– É de prata – respondeu Hardcastle mecanicamente.

– Nem esse. Se o senhor não acredita em mim, pergunte à minha faxineira. Ela se chama Sra. Curtin.

O detetive-inspetor Hardcastle estava perplexo. Havia uma certeza absoluta, uma autoridade no tom da Sra. Pebmarsh que era convincente. Durante um instante ele ficou remoendo o que acabara de escutar, depois levantou-se.

– A senhora poderia acompanhar-me até a sala ao lado?

– Certamente. Para dizer a verdade, eu gostaria de ver esses relógios.

– Ver?

Hardcastle fez a pergunta automaticamente.

– Seria melhor dizer *examinar* – explicou a Sra. Pebmarsh –, mas até mesmo os cegos, inspetor, usam palavras convencionais, que não se aplicam exatamente às suas próprias limitações. Quando eu disse que gostaria de *ver* os relógios, quis dizer que gostaria de examiná-los e senti-los com meus próprios dedos.

Hardcastle saiu da cozinha, seguido pela Sra. Pebmarsh, e atravessou o pequeno hall, entrando na saleta. O datiloscopista virou-se para o inspetor e disse:

– Estou quase terminando, inspetor. Pode tocar no que quiser.

Hardcastle acenou com a cabeça e apanhou um reloginho de viagem que tinha o nome "Rosemary" gravado, no canto, em diagonal. Colocou-o entre as mãos da Sra. Pebmarsh. Ela o tocou por todos os lados, cuidadosamente.

– Parece um relógio de viagem comum – disse ela –, daqueles de couro. Não é meu, inspetor Hardcastle, e posso garantir-lhe que não estava nesta saleta quando saí, às 13h30.

– Obrigado.

O inspetor apanhou-o das mãos dela. Com todo cuidado, tirou o relógio de porcelana de Dresden do consolo da lareira.

– Cuidado com este – disse, ao colocá-lo nas mãos da Sra. Pebmarsh. – É frágil.

Millicent Pebmarsh examinou o relógio delicadamente com a ponta dos dedos. Depois, balançou a cabeça.

– Deve ser um lindo relógio – disse –, mas não é meu. Onde foi que disse que estava?

– Do lado direito do consolo da lareira.

– Aí deveria estar um par de castiçais de porcelana – disse a Sra. Pebmarsh.

– De fato – respondeu Hardcastle –, lá está um dos castiçais, mas foi empurrado até a beirada.

– O senhor disse que ainda há mais um relógio.

– Mais dois.

Hardcastle colocou o de porcelana de Dresden no lugar e deu-lhe o francês, de bronze dourado. Ela o percorreu com os dedos rapidamente, devolvendo-o a ele.

– Não. Este também não é meu.

Ele lhe deu o de prata, que ela examinou rapidamente.

– Os únicos relógios que ficam nesta saleta são um carrilhão, no canto, junto à janela...

– Exato.

– E o cuco, na parede, junto à porta.

Hardcastle não sabia o que dizer. Observou com atenção a mulher à sua frente. Ela tinha a sobrancelha um pouco franzida e disse, ríspida:

– Não entendo. Não consigo entender.

Estendeu a mão, sabendo perfeitamente onde se encontrava na saleta, e sentou-se. Hardcastle olhou para o datiloscopista, que estava parado junto à porta.

– Você colheu impressões nesses relógios? – perguntou.

– Colhi de tudo, inspetor. Não havia impressões no relógio dourado, mas

nem podia haver. A superfície não fica marcada. E o mesmo ocorre com o de porcelana. Também não há marcas no relógio de viagem em couro nem no de prata, e isso é praticamente impossível, porque normalmente eles deveriam apresentar impressões digitais. Por falar nisso, nenhum dos relógios está funcionando, e todos marcam a mesma hora: 16h13.

– E quanto ao restante da saleta?

– Há três ou quatro grupos de impressões na saleta, e devo dizer que são todas de mulher. Coloquei sobre a mesa o que havia nos bolsos do cadáver.

Hardcastle acercou-se da mesa para dar uma olhada. Havia uma carteira contendo 7,10 libras, algumas moedas soltas, um lenço de seda sem monograma, uma caixinha com pílulas digestivas e um cartão de visitas. Hardcastle debruçou-se para ler:

R. H. CURRY,
CIA. DE SEGUROS METROPOLITANA E PROVINCIAL LTDA.
DENVERS STREET, Nº 7,
LONDRES, W2.

Hardcastle voltou para junto do sofá onde a Sra. Pebmarsh estava sentada.

– Por acaso a senhora esperava a visita de alguém de uma companhia de seguros?

– Companhia de seguros? De jeito nenhum.

– Companhia de Seguros Metropolitana e Provincial – disse Hardcastle.

A Sra. Pebmarsh sacudiu a cabeça.

– Nunca ouvi falar – respondeu.

– A senhora não pretendia fazer algum seguro?

– Não. Tenho um seguro contra fogo e roubo da Companhia de Seguros Jove, que tem uma filial aqui perto. Não tenho seguro pessoal. Como não tenho família nem parentes próximos, não faz sentido ter um seguro de vida.

– Sei – disse Hardcastle. – O nome Curry significa algo para a senhora? Sr. R. H. Curry?

Ele a observou atentamente e não a viu reagir.

– Curry. – Ela repetiu o nome e depois sacudiu a cabeça. – Não é um nome muito comum, é? Não, não creio ter ouvido esse nome antes. É assim que se chamava o morto?

– Parece que sim – disse Hardcastle.

A Sra. Pebmarsh hesitou um instante e depois disse:

– Quer que eu... eu toque...

Ele compreendeu imediatamente o que ela queria dizer.

– Poderia fazer isso, Sra. Pebmarsh? Se não for pedir demais... Não entendo muito do assunto, mas seus dedos provavelmente lhe dirão muito melhor como ele é do que uma descrição oral.

– Exatamente – concordou a Sra. Pebmarsh. – Apesar disso não ser lá muito agradável, estou pronta a fazê-lo, se lhe puder ser útil.

– Obrigado – disse Hardcastle. – Se a senhora permite que eu a guie...

Ele deu a volta ao sofá com ela, indicou-lhe onde ajoelhar e depois, delicadamente, guiou-lhe as mãos até o rosto do morto. Ela estava muito calma, sem demonstrar emoção alguma. Seus dedos demoraram um pouco atrás da orelha esquerda e continuaram pelo nariz, boca e queixo. Então, ela sacudiu a cabeça e levantou-se.

– Sei perfeitamente como ele devia ser – disse a Sra. Pebmarsh. – Mas tenho certeza de que nunca o vi.

Depois de ter empacotado as coisas e saído da sala, o datiloscopista voltou, enfiando a cabeça pela porta.

– Vieram buscar o corpo – disse, apontando para o defunto. – Podem levá-lo?

– Sim – disse o inspetor Hardcastle. – Sra. Pebmarsh, faça o favor de sentar-se aqui.

Ele a instalou numa cadeira no canto da sala. Dois homens entraram no aposento. A remoção do falecido Sr. Curry foi rápida e profissional. Hardcastle acompanhou o corpo até o portão e depois voltou à sala, sentando-se ao lado da Sra. Pebmarsh.

– Este caso é estranhíssimo, Sra. Pebmarsh – disse. – Gostaria de rever os pontos principais com a senhora para ver se estou certo. Corrija-me, se estiver errado. A senhora não esperava nenhuma visita, não indagou sobre seguro de espécie alguma e nem foi avisada por ninguém de que um agente de uma companhia de seguros viria procurá-la hoje. É isso mesmo?

– Perfeito.

– A senhora *não* requisitou os serviços de uma estenógrafa *nem* telefonou ao Escritório Cavendish, pedindo que viessem às 15 horas.

– Correto.

– Quando a senhora saiu, por volta de 13h30, havia somente dois relógios na saleta: o cuco e o carrilhão. Mais nenhum.

Antes de responder, a Sra. Pebmarsh hesitou.

– Para ser absolutamente sincera, não posso garantir esse ponto. Sem poder enxergar, não me seria possível notar a falta ou a presença de qualquer peça que não está habitualmente neste aposento. Sendo assim, o único momento em que

eu podia estar certa do que havia aqui foi quando tirei o pó esta manhã, quando tudo estava em seus lugares. Sou sempre eu quem limpo esta sala, pois as faxineiras costumam ser descuidadas com os enfeites.

– A senhora saiu da casa pela manhã?

– Saí, sim. Às 10 horas, fui ao Instituto Aaronberg, como de costume. Dou aulas até 12h15. Voltei às 13h15, preparei uns ovos mexidos e uma xícara de chá na cozinha e saí, como já lhe disse, às 13h30. Na verdade, comi na cozinha e não entrei na sala.

– Sei – disse Hardcastle. – Quer dizer que, enquanto a senhora afirma que às 10 horas não havia relógios estranhos por aqui, eles podem ter sido colocados em qualquer outro momento depois disso.

– É, é melhor perguntar isso à minha faxineira, a Sra. Curtin. Ela chega em torno das 10 horas e costuma sair ao meio-dia. Ela mora na Dipper Street, nº 17.

– Obrigado, Sra. Pebmarsh. Gostaria agora de analisar mais a fundo essa questão dos relógios. Por favor, sinta-se livre para interromper-me com quaisquer idéias ou sugestões que lhe ocorrerem. Houve um momento qualquer, durante o dia, em que trouxeram os quatro outros relógios para cá. Os ponteiros destes relógios foram acertados para marcar 16h13. Diga-me uma coisa, este horário não lhe evoca nada?

– Quatro horas e treze minutos, – a Sra. Pebmarsh sacudiu a cabeça. – Não. Absolutamente nada.

– Agora passemos dos relógios ao defunto. Não parece provável que sua faxineira o tenha deixado entrar, a não ser que a senhora lhe tivesse dito que o esperava, mas isso perguntaremos a ela. Parece que ele veio aqui vê-la a propósito de algum negócio ou assunto privado. Entre 13h30 e 14h45, ele foi apunhalado e morto. Se tinha hora marcada, a senhora diz não saber. Provavelmente ele estava ligado a seguros, mas a senhora também nada sabe informar a esse respeito. A porta não estava trancada, então ele pôde entrar e sentar à sua espera... Mas por quê?

– Esta história é completamente maluca – disse a Sra. Pebmarsh, com impaciência. – O senhor está pensando então que esse Sr. Curry trouxe os relógios com ele?

– Não vejo nenhuma caixa por aqui – disse Hardcastle. – Dificilmente ele poderia ter trazido os relógios no bolso. Escute, Sra. Pebmarsh, pense bem. Existe alguma associação em sua mente, alguma lembrança que possa estar de qualquer modo ligada aos relógios ou, se não aos relógios, a um horário, por exemplo? Quatro e treze?

Ela assentiu com a cabeça.

– Tenho procurado convencer-me de que tudo isso é obra de um louco ou de alguém que entrou na casa errada. Mas nem isso poderia explicar tudo. Não, inspetor, eu não posso ajudá-lo.

Um guarda jovem entrou na casa. Hardcastle foi encontrá-lo no hall, e de lá ambos foram até o portão. Ele falou por alguns instantes com os homens que lá estavam.

– Podem levar a moça para casa agora – disse. – O endereço é Palmerson Road, nº 14.

O inspetor voltou para a sala de jantar. Através da fresta da porta que dava para a cozinha, podia-se ouvir o barulho que a Sra. Pebmarsh fazia na pia. Ele parou na soleira da porta.

– Preciso levar esses relógios, Sra. Pebmarsh. Vou deixar-lhe um recibo.

– Está bem, inspetor. Eles não me pertencem.

Hardcastle voltou-se para Sheila Webb.

– Pode ir para casa, Srta. Webb. O carro da polícia irá levá-la.

Sheila e Colin levantaram-se.

– Acompanhe-a até o carro, Colin – pediu Hardcastle, enquanto puxava uma cadeira para junto da mesa.

Colin e Sheila saíram, descendo pelo caminho. De repente, Sheila parou.

– Minhas luvas... esqueci...

– Vou buscá-las.

– Não... Sei exatamente onde estão. Agora não me importo... Eles já levaram *aquilo* embora.

Ela correu para dentro da casa e voltou alguns instantes depois.

– Desculpe-me por ter sido tão boba...

– Qualquer um ficaria assim – disse Colin.

Hardcastle juntou-se a ambos quando Sheila entrou no automóvel. Então, quando a moça partiu, ele se voltou para o guarda.

– Quero que embrulhem cuidadosamente aqueles relógios da sala. Todos, menos o cuco da parede e o carrilhão.

Deu mais algumas ordens e voltou-se para o amigo.

– Vou sair para caminhar um pouco... Quer vir?

– Pois é exatamente o que quero fazer – disse Colin.

4

— Aonde vamos? – perguntei a Dick Hardcastle.

Ele falou com o motorista.

– Vamos para o Escritório Cavendish de Secretariado e Datilografia. Fica na Palace Street, lá para os lados da Esplanada, à direita.

– Está bem, inspetor.

O carro pôs-se em movimento. Naquela altura, já havia um pequeno grupo de curiosos reunidos na rua. O gato alaranjado continuava sentado no muro de Diana Lodge, na casa ao lado. Não estava mais lambendo o focinho, mas sentava-se bem teso, mexendo levemente a cauda e olhando por cima das cabeças da multidão, com aquele desdém completo pela raça humana que é típico dos gatos e camelos.

– Primeiro, vamos ao Escritório de Secretariado e, depois, à casa da faxineira – disse Hardcastle. – Porque o tempo está passando. – Deu uma olhadela no relógio. – Já passa das 16 horas. – Ele parou antes de acrescentar: – Muito atraente, a moça.

– Bastante – respondi.

Ele me lançou um olhar divertido.

– Mas ela contou uma história um tanto extraordinária. Quanto mais cedo conferi-la, melhor.

– Você não acha que...

Ele me interrompeu logo:

– Sempre me interesso pelas pessoas que encontram o defunto.

– Mas essa moça estava realmente louca de pavor! Se você tivesse ouvido como ela gritava...

Ele me lançou mais um de seus olhares curiosos e repetiu que ela era uma moça muito atraente.

– E a troco de que você andava perambulando por Wilbraham Crescent, Colin? Admirando nosso distinto estilo vitoriano? Ou tinha algum propósito?

– Tinha um propósito. Eu estava procurando o nº 61... que não achei. Talvez não exista?

– Existe, sim. Os números vão até o 88, se não me engano.

– Mas escute aqui, Dick, quando eu cheguei ao nº 28, Wilbraham Crescent evaporou-se.

– É sempre um mistério para os desavisados. Se tivesse tomado a direita, na direção de Albany Road, e depois a direita novamente, você se acharia diante da outra metade de Wilbraham Crescent. As casas são construídas de costas umas

para as outras.

– Compreendo – respondi, depois de ouvir a curiosa explicação. – É como algumas praças e jardins de Londres. Onslow Square é assim também, não é? E Cadogan. Você começa descendo por um lado da praça que, de repente, se transforma em largo e jardins. Até os táxis se atrapalham. Bem, então o nº 61 existe mesmo. Sabe quem mora lá?

– Nº 61? Deixe ver... Ah! Já sei... Deve ser a casa de Bland, o construtor.

– Santo Deus – disse eu –, essa não!

– Você não estava procurando um construtor?

– Não. A não ser que... Talvez ele tenha se mudado para cá recentemente...

– Bland nasceu aqui, eu acho. Não há dúvida de que ele é daqui... Há anos que está metido no ramo da construção.

– Estou muito desapontado.

– Ele é um péssimo construtor – disse Hardcastle, procurando encorajar-me. – Usa materiais de péssima qualidade. Constrói casas que parecem razoavelmente seguras, até você morar numa delas; aí, então, começa a desabar tudo. Não sei como consegue levar seu negócio adiante.

– Não vale a pena tentar convencer-me, Dick. O homem que eu procuro deve ser um modelo de honestidade.

– Bland herdou uma dinheirama, há cerca de um ano, isto é, creio que foi sua mulher quem recebeu a herança. Ela é canadense; veio para cá durante a guerra e conheceu Bland. Sua família não aprovou o casamento, e desde que se casou, estão praticamente afastados dela. Aí, um tio-avô, que perdera o único filho num acidente de aviação, morreu e, com todas as mortes que houve na guerra, sobrou apenas a Sra. Bland como herdeira. E foi assim que o dinheiro ficou para ela. Acho que foi graças a isso que Bland escapou por um triz da bancarrota.

– Você parece estar informadíssimo sobre o Sr. Bland.

– Bem... Você sabe, o Governo Federal fica sempre alerta quando um homem enriquece da noite para o dia. Ficam pensando que ele andou fazendo alguma negociata... e passam a investigá-lo. No caso do Sr. Bland, após a investigação encontraram tudo em ordem.

– De qualquer modo – disse eu –, não me interesso por um homem que enriqueceu de repente. Não é este o cenário que procuro.

– Não? Você já usou isso, não é?

Acenei com a cabeça.

– E esgotou o assunto? Ou... ainda não?

– É uma longa história – respondi, mudando de assunto. – Vamos jantar juntos hoje, conforme combinamos... ou vamos cancelar o jantar, por conta

desse negócio?

– Não, isso não tem importância. No momento, o principal é tocar a bola pra frente. Temos que procurar saber tudo sobre o Sr. Curry. Assim que soubermos quem ele era e o que fazia, muito provavelmente teremos uma idéia mais precisa de quem desejaria livrar-se dele. – Hardcastle deu uma olhada pela janela. – Chegamos.

O Escritório Cavendish de Secretariado e Datilografia estava situado na rua principal, pomposamente chamada Palace Street. Fora adaptado, como tantos outros estabelecimentos, a partir de uma casa vitoriana. À direita, um prédio semelhante expunha um letreiro: "Edwin Glen, fotógrafo Artístico, especializado em retratos de crianças, casamentos, etc." Confirmando o anúncio, a janela exibia inúmeras ampliações de crianças e bebês de vários tamanhos e idades. Naturalmente, o objetivo era atrair as mães-corujas. Havia também algumas fotos de noivos – rapazes de aspecto tímido ao lado de moças sorridentes.

Do outro lado da rua via-se o escritório velho e *démodé* de um negociante de carvão. Ao lado deste, haviam certamente posto abaixo algumas casas antigas para erguer o prédio cintilante de três andares onde ficava o Café e Restaurante Oriente.

Hardcastle e eu subimos os quatro degraus da entrada. Passamos pela porta aberta e, obedecendo ao letreiro sobre uma porta à direita em que se lia "Entre, por favor", entramos. Era uma sala grande onde três mocinhas batiam furiosamente à máquina. Duas delas continuaram a datilografar, não se deixando distrair pela presença de estranhos. A terceira, que estava sentada a uma mesa, bem em frente à porta, parou, olhando-nos interrogativamente. Ela parecia estar chupando um caramelo qualquer. Depois de acomodá-lo na boca, perguntou em tom levemente nasalado:

– Em que posso servi-los?

– A Sra. Martindale está? – perguntou Hardcastle.

– Acho que, no momento, ela está ao telefone... – Nesse instante ouviu-se um estalido e a moça, apanhando o fone, apertou um botão e disse: – Há dois senhores aqui que desejam falar com você, Sra. Martindale. – Levantou a cabeça, olhando-nos, e perguntou: – Podem informar seus nomes, por favor?

– Hardcastle – disse Dick.

– É Sr. Hardcastle, Sra. Martindale. – Ela pousou o fone no lugar e levantou-se. – Por aqui, por favor – disse, dirigindo-se a uma porta onde se lia o nome "Sra. Martindale" numa placa de bronze. Abriu a porta, achatando-se junto a ela para deixar-nos passar, e anunciou: – Sr. Hardcastle.

E saiu, fechando a porta atrás de si.

A Sra. Martindale levantou a cabeça e olhou para nós, por trás da escrivaninha à qual estava sentada. Parecia ser uma mulher eficiente, de uns 50 anos, os cabelos ruivos num penteado alto e um olhar vivo. Fitou-nos atentamente, mudando o olhar de um para o outro.

– Sr. Hardcastle?

Dick pegou um de seus cartões de visita e deu a ela. Procurei passar despercebido, apanhando uma cadeira quadrada, junto à porta.

As sobrancelhas amareladas da Sra. Martindale arquearam-se com ar de surpresa e desagrado.

– Detetive-inspetor Hardcastle? Que deseja, inspetor?

– Vim pedir-lhe algumas informações, Sra. Martindale. Acho que a senhora poderá ajudar-me.

Pelo seu tom de voz, compreendi que Dick ia procurar levar a conversa para o lado da cordialidade. Eu tinha minhas dúvidas sobre a possibilidade da Sra. Martindale ser o tipo de pessoa que se deixa levar pela simpatia. Ela pertencia àquela categoria que os franceses denominam tão acertadamente de *femme formidable*.

Eu estudava o ambiente. Na parede, por trás da escrivaninha da Sra. Martindale, havia uma coleção de retratos assinados. Dentre eles, reconheci o da Sra. Ariadne Oliver, escritora de novelas policiais de quem eu havia ouvido falar. No canto direito, em diagonal, lia-se a dedicatória de caligrafia rebuscada: "Com carinho, Ariadne Oliver". "Com imensa gratidão, Garry Gregson", era a legenda que enfeitava a fotografia de outro escritor de romances policiais, morto há 16 anos. "De sua amiga, Miriam" adornava a fotografia da escritora de romances Miriam Hoff. O erotismo estava representado na fotografia de um homem calvo, de ar tímido, com assinatura miúda: "Muito grato, Armand Levine". Havia algo em comum nesses troféus. Quase todos os homens portavam cachimbos e trajavam *tweed*, e as mulheres, de ar severo, quase sumiam no meio de seus imensos casacos de pele.

Enquanto eu me ocupava dessas observações, Hardcastle fazia perguntas:

– A senhora tem uma funcionária chamada Sheila Webb?

– Tenho, sim. Ela não está aqui, agora... – Ela apertou um botão e perguntou à recepcionista: – Edna, Sheila Webb já voltou?

– Não, Sra. Martindale, ainda não.

Sra. Martindale voltou-se para o inspetor:

– Ela foi atender a um chamado no começo da tarde – explicou. – Pensei que já tivesse voltado. É possível que ela tenha ido também até o Hotel Curlew, no fim da Esplanada, onde tinha um compromisso às 17 horas.

– Está bem – disse Hardcastle. – A senhora pode informar-me alguma coisa

sobre a Srta. Sheila Webb?

– Não tenho muito o que contar – disse a Sra. Martindale. – Ela está aqui há... deixe-me ver, sim, há quase um ano. Seus serviços têm sido satisfatórios.

– A senhora sabe onde foi que ela trabalhou antes de vir para cá?

– Eu poderia descobrir para o senhor, se faz questão de obter a informação, inspetor Hardcastle. Devo ter as referências dela em algum lugar. Pelo que me lembro, ela trabalhava numa firma em Londres e trouxe muito boas referências do empregador. Acho que se trata de uma firma de negócios, mas não tenho certeza... ou uma agência imobiliária, possivelmente...

– A senhora disse que ela é boa funcionária?

– Perfeitamente adequada – respondeu a Sra. Martindale, que, evidentemente, não costumava distribuir elogios.

– Mas não chega a ser excelente, não é?

– Não, isto ela não é. Ela datilografa com velocidade razoável e é bem-educada. É uma datilógrafa cuidadosa e precisa.

– A senhora tem um relacionamento de amizade com ela, além das relações de trabalho?

– Não, senhor. Creio que mora com uma tia. – A Sra. Martindale ficou um pouco agitada. – Posso perguntar, inspetor Hardcastle, o motivo de todas essas perguntas? A menina meteu-se em alguma encrenca?

– Não é bem isso, Sra. Martindale. A senhora conhece uma senhora chamada Millicent Pebmarsh?

– Pebmarsh... – A Sra. Martindale franziu as sobrancelhas amareladas. – Bem, eu... Sim, claro. Sheila foi à casa da Sra. Pebmarsh hoje à tarde. O serviço estava marcado para as 15 horas.

– Como foi que agendaram o atendimento, Sra. Martindale?

– Por telefone. A Sra. Pebmarsh telefonou pedindo os serviços de uma estenodatilógrafa, e sugeriu que mandasse a Srta. Webb.

– Ela mencionou a Srta. Webb especificamente?

– Mencionou, sim.

– A que horas ela telefonou?

A Sra. Martindale refletiu um instante.

– A ligação veio diretamente para mim, aproximadamente na hora do almoço. Eu diria que deve ter sido por volta das 13h50. Foi antes das 14 horas, disso eu tenho certeza. Foi, sim, estou vendo no meu bloco. Às 13h49, precisamente.

– Foi a própria Sra. Pebmarsh quem falou com a senhora?

A Sra. Martindale mostrou-se um tanto surpreendida.

– Presumo que sim.

– Mas a senhora não lhe reconheceu a voz? Não a conhece pessoalmente?

– Não, eu não a conheço. Ela disse que era a Sra. Millicent Pebmarsh e deu-me o endereço, em Wilbraham Crescent. Então, como eu já lhe disse, ela pediu que mandássemos Sheila Webb às 15 horas, caso ela estivesse livre.

A declaração era clara e precisa. Achei que a Sra. Martindale daria uma boa testemunha.

– Pode fazer-me o obséquio de dizer o que significa tudo isso? – perguntou a Sra. Martindale, meio impaciente.

– Bem, Sra. Martindale, acontece que a Sra. Pebmarsh nega ter-lhe telefonado.

A Sra. Martindale olhou-o atônita.

– Não diga! Mas que coisa!

– A senhora, por sua vez, diz que recebeu o telefonema, mas não pode afirmar se a voz ao telefone era realmente da Sra. Pebmarsh.

– Naturalmente não posso afirmar isso. Eu não a conheço, mas juro que não entendo o que teria acontecido. Tudo isso não passou de um trote?

– Muito mais do que um trote – respondeu Hardcastle. – A pessoa que lhe falou ao telefone, explicou por que desejava a Srta. Webb especificamente?

A Sra. Martindale pensou por um momento.

– Se não me engano, ela disse que Sheila Webb já havia trabalhado para ela.

– Sheila disse que não se lembra absolutamente de ter feito coisa alguma para a Sra. Pebmarsh.

– Mas isso não é decisivo, inspetor. Afinal de contas, as meninas saem tantas vezes para atender a pessoas diferentes, em diversos lugares, que não lhes é possível lembrar-se, de todos os clientes depois de algum tempo. Sheila não foi muito específica. Disse apenas que não podia lembrar-se de ter estado lá antes. Mas, na verdade, inspetor, se isso foi uma brincadeira de mau gosto, por que o senhor está interessado no assunto?

– Já vou contar. Quando a Srta. Webb chegou ao nº 19 de Wilbraham Crescent, entrou na casa e, depois, foi para a sala. Ela disse terem sido essas as instruções recebidas. É verdade?

– É, sim – disse a Sra. Martindale. – A Sra. Pebmarsh disse que talvez demorasse um pouco a chegar em casa e pediu que Sheila entrasse e esperasse por ela.

– Quando a Srta. Webb entrou na sala – continuou ele – encontrou um homem morto, no chão.

– O senhor disse um *um homem morto*, inspetor?

– Um homem assassinado – respondeu Hardcastle. – Apunhalado, na verdade.

– Santo Deus! – exclamou a Sra. Martindale. – A pobre garota deve ter ficado muito chocada.

Era o tipo de declaração característica da Sra. Martindale.

– O nome Curry significa alguma coisa para a senhora, Sra. Martindale? Sr. R. H. Curry?

– Creio que não.

– Da Companhia de Seguros Metropolitana e Provincial?

A Sra. Martindale continuou sacudindo a cabeça.

– Veja o meu dilema – falou o inspetor. – A senhora diz que a Sra. Pebmarsh lhe telefonou e pediu que Sheila Webb fosse à casa dela às 15 horas. A Sra. Pebmarsh desmentiu ter dito isso. Sheila foi até lá e encontrou um defunto.

Ele aguardou a reação da Sra. Martindale, que olhou para ele com ar vago.

– Isso tudo me parece inteiramente absurdo – disse ela, em tom de reprovação.

Dick Hardcastle suspirou e levantou-se.

– A senhora tem um belo escritório – disse ele cordialmente. – Já faz tempo que trabalha nesse ramo, não é?

– Há 15 anos. Estamos indo muito bem. Começamos modestamente e crescemos tanto que hoje quase não podemos dar conta do recado. Atualmente, tenho oito moças que estão constantemente em atividade.

– A senhora tem um grande conhecimento literário, pelo que vejo.

Hardcastle voltou a atenção para os retratos na parede.

– De fato, especializei-me em alguns autores. Fui secretária do famoso escritor de romances de suspense, Sr. Garry Gregson, durante muitos anos. Na verdade, foi graças ao legado dele que abri este escritório. Conheci numerosos colegas seus e eles me deram ótimas referências. Meu conhecimento especializado tem sido bastante útil. Posso oferecer um excelente serviço de pesquisa, algo indispensável ao autor moderno: datas e citações, pesquisas a respeito de questões legais, regulamentos policiais e detalhes de tabelas de venenos. Tudo isso. E ainda nomes, endereços e restaurantes estrangeiros para os que colocam seus personagens no exterior. Antigamente, o público não ligava para a exatidão, mas os leitores de hoje fazem questão de escrever aos autores, sempre que podem apontar algum erro.

A Sra. Martindale parou de falar. Hardcastle disse-lhe atenciosamente:

– A senhora tem toda razão de orgulhar-se.

Ele dirigiu-se para a porta, que eu abri, passando à sua frente.

Na sala ao lado, as três jovens preparavam-se para sair. As máquinas já estavam encapadas. A recepcionista Edna estava de pé, com ar desolado,

segurando um salto em uma das mãos e, na outra, o sapato de onde ele fora arrancado.

– Comprei-os há apenas um mês – disse, choramingando. – E foram bem caros. É aquela porcaria de grade... junto à confeitaria, na esquina, que fica aqui perto. Prendi o salto nela e lá se foi meu sapato novo! Mal pude caminhar, precisei tirar os sapatos e vir até aqui descalça... Como é que eu vou chegar em casa ou subir num ônibus, eu não sei. Ai meu Deus...

Nesse momento, percebendo minha presença, Edna escondeu rapidamente o sapato descolado, olhando receosa para a Sra. Martindale, a qual, tenho certeza, não é do tipo que aprovava sapatos de salto-agulha, preferindo usar confortáveis mocassins de couro de salto baixo.

– Obrigado, Sra. Martindale – disse Hardcastle. – Peço-lhe desculpas por ter tomado seu tempo. Se lembrar de mais alguma coisa...

– Naturalmente – disse a Sra. Martindale, interrompendo-lhe um tanto abruptamente.

Quando entramos no carro, eu disse:

– Então, apesar de suas suspeitas, a história de Sheila Webb é mesmo verdadeira.

– Está bem, está bem – disse Dick. – Você ganhou.

5

— Mãe! – gritou Ernie Curtin. – Ele suspendeu por um instante a brincadeira com um objeto de metal, o qual movia para cima e para baixo sobre a janela enquanto imitava com a voz o zumbido de um foguete voando pelo espaço afora, em busca de Vênus. – Mãe, o que é que a senhora acha?

A Sra. Curtin, que era uma mulher carrancuda, atarefada com a lavagem da louça na pia, nem respondeu.

– Mãe, parou um carro de polícia aqui na porta.

– Larga mão de mentir, Ernie – disse a Sra. Curtin, batendo com xícaras e pires no escorredor. – Você sabe o que eu disse da outra vez.

– Deus me livre – respondeu Ernie compungido. – Mas é um carro de polícia mesmo, e saíram dois homens lá de dentro.

A Sra. Curtin olhou para ele desconfiada.

– Que é que você andou fazendo? – perguntou. – Trazendo azar pra nós,

isso sim!

– Eu não – disse Ernie. – Não fiz nada.

– É essa história de andar com o tal de Alf – disse a Sra. Curtin. – Ele e a gangue dele. Gangue de uma figa! Eu já te disse, e o teu pai também, que esse negócio de gangue não é coisa boa. Acaba dando encrenca. Começa no Juizado de Menores, depois te mandam ao reformatório, você vai ver! E não quero saber disso, tá me ouvindo?

– Eles tão chegando na porta da frente – anunciou Ernie.

A Sra. Curtin largou louça na pia e juntou-se ao menino na janela.

– Ué... – balbuciou ela.

Nesse momento, bateram à porta.

Enxugando as mãos rapidamente na toalha da mesa, a Sra. Curtin saiu para o corredor, abriu a porta e com ar duvidoso encarou os dois homens parados diante dela.

– Sra. Curtin? – perguntou o mais alto, amavelmente.

– Isso mesmo – disse ela.

– Posso entrar por um instante? Sou o detetive-inspetor Hardcastle.

A Sra. Curtin deu um passo para trás, de má vontade. Escancarou a porta e deixou o inspetor entrar. A salinha estava muito limpa e arrumada, dando a impressão de ser pouco freqüentada, coisa que de fato ocorria.

Ernie, atraído pela curiosidade, veio da cozinha pelo corredor e encostou-se na porta.

– É seu filho? – perguntou o detetive-inspetor Hardcastle.

– É, sim – disse a Sra. Curtin. E continuou, enfurecida: – É um bom menino, diga lá o que quiser.

– Não duvido – respondeu o detetive-inspetor Hardcastle cordialmente.

Desmanchou-se um pouco o ar de desafio que permeava o semblante da Sra. Curtin.

– Vim fazer-lhe algumas perguntas a respeito de uma casa em Wilbraham Crescent, nº 19. Ouvi dizer que a senhora trabalha lá.

– Nunca disse que não trabalhava – respondeu a Sra. Curtin, sem conseguir livrar-se completamente da antipatia inicial.

– Para a Sra. Millicent Pebmarsh...

– É, trabalho para a Sra. Pebmarsh. Uma senhora muito distinta.

– Cega – disse o detetive-inspetor Hardcastle.

– É, coitadinha. Mas o senhor nem percebe. É formidável como ela faz de tudo e se mexe por toda parte! Ela anda na rua também e não é daquelas que se queixam, não é como muita gente que eu conheço.

– A senhora trabalha lá de manhã?

– Isso mesmo. Chego lá pelas 9h30, 10 horas, e saio ao meio-dia ou quando acabo o serviço. – Continuou, em tom áspero: – O senhor não vai dizer que andaram *roubando*, não é?

– Muito pelo contrário – disse o inspetor, pensando nos quatro relógios.

A Sra. Curtin olhou-o sem compreender.

– Qual é a encrenca? – perguntou.

– Encontraram um homem morto na sala da Sra. Pebmarsh, hoje à tarde.

A Sra. Curtin olhou-o, atônita. Ernie Curtin remexeu-se todo, extasiado, abriu a boca para dizer "Uau!", mas achou arriscado chamar a atenção para sua presença e fechou-a novamente.

– Morto? – repetiu a Sra. Curtin, sem acreditar. E, ainda mais incrédula: – Na sala?

– É. Foi apunhalado.

– Quer dizer que foi *assassinado*?

– Foi assassinado, sim.

– Quem foi que matou ele? – perguntou a Sra. Curtin.

– Ainda não sabemos, infelizmente – disse o inspetor Hardcastle. – Nós pensamos que talvez a senhora pudesse nos ajudar.

– Não sei nada de crimes – disse a Sra. Curtin, categórica.

– Não, trata-se apenas de alguns fatos que gostaríamos de esclarecer. Por exemplo, apareceu algum homem na casa?

– Não que eu me lembre. Hoje, não. Que espécie de homem era ele?

– Um senhor de uns 60 anos, respeitavelmente vestido num terno escuro. Ele deve ter-se apresentado como um agente de seguros.

– Eu não deixaria ele entrar – disse a Sra. Curtin. – Nada de agentes de seguros, nem vendedores de aspirador de pó ou da *Enciclopédia Britânica*. Nada disso. A Sra. Pebmarsh não gosta desse negócio de vendas de porta em porta, nem eu.

– De acordo com o cartão que ele tinha no bolso, seu nome era Sr. Curry. Já ouviu esse nome?

– Curry? Curry? – A Sra. Curtin abanou a cabeça. – Pra mim, é nome de indiano – disse, desconfiada.

– Ah, não – disse o inspetor. – Ele não era indiano.

– Quem encontrou ele... a Sra. Pebmarsh?

– Não, uma mocinha, uma estenodatilógrafa que foi até lá por causa de um equívoco. Ela pensou que tinha sido chamada para fazer um serviço para a Sra. Pebmarsh. Foi ela quem descobriu o corpo. A Sra. Pebmarsh voltou para casa quase à mesma hora.

A Sra. Curtin respirou fundo.

– Que coisa, que coisa!

– Eu gostaria de pedir-lhe para dar uma olhada no cadáver do homem e dizer-nos se é alguém que a senhora já viu em Wilbraham Crescent ou que tenha aparecido por lá. A Sra. Pebmarsh afirma que ele nunca esteve lá. Há uma série de coisas que eu gostaria de saber. A senhora é capaz de se lembrar, imediatamente, de quantos relógios há na sala?

A Sra. Curtin nem esperou.

– Há um grande no centro, que chamam de carrilhão, e o cuco na parede. Ele pula pra fora e grita "cuco"! Prega cada susto, às vezes. – E acrescentou, às pressas: – Eu nunca mexo neles. Nunca. A Sra. Pebmarsh gosta de dar corda neles, ela mesma.

– Eles estão em ordem – confirmou o inspetor. – A senhora tem certeza de que só havia esses dois relógios lá hoje de manhã?

– Claro. Que outro relógio tinha de ter?

– Não havia, por exemplo, um reloginho quadrado de prata, que chamam de relógio de carro, outro dourado sobre a lareira, e ainda um de porcelana com flores e um de couro com o nome "Rosemary" gravado no canto?

– Claro que não tinha. Nenhum desses.

– A senhora teria percebido se eles estivessem lá?

– É claro que eu teria percebido.

– Cada um desses relógios estava adiantado uma hora.

– Devem ser estrangeiros – disse a Sra. Curtin. – Meu velho e eu fomos de ônibus à Suíça e à Itália uma vez, e lá é uma hora mais tarde. Deve ser por causa desse Mercado Comum. Eu não dou valor a esse Mercado Comum, e nem o meu velho. A Inglaterra chega pra mim.

O inspetor Hardcastle recusou-se a entrar no assunto de política.

– A senhora pode me dizer exatamente a que horas saiu da casa da Sra. Pebmarsh esta manhã?

– Meio-dia e quinze, com toda certeza – disse a Sra. Curtin.

– E a Sra. Pebmarsh já estava em casa?

– Não, não tinha chegado. Ela costuma voltar lá pelas 12h30, mas varia.

– E quando foi que ela saiu de casa?

– Antes de eu chegar, às 10 horas.

– Está bem, muito obrigado, a Sra. Curtin.

– Esquisito esse negócio dos relógios – disse a Sra. Curtin. – Talvez a Sra. Pebmarsh tenha ido a alguma liquidação de antiguidades... Pelo jeito, parece que é isso, não é?

– A Sra. Pebmarsh costuma ir a liquidações?

– Há quatro meses, ela comprou um rolo de tapete de crina. Estava em boas

condições. Baratíssimo, ela me disse. Comprou também umas cortinas de veludo. Foi preciso cortar um pouco, mas estavam quase novas.

– Ela costuma comprar bugigangas, quadros, porcelanas, coisas assim?

A Sra. Curtin abanou a cabeça.

– Não que eu saiba, mas naturalmente, quando se trata de liquidações, a gente nunca sabe, né? Quer dizer, é fácil perder o controle. Quando a gente chega em casa, então se dá conta: "Pra que é que eu quero isso?" Uma vez comprei seis potes de geléia. Quando penso nisso... Teria saído mais barato fazer em casa. Umas xícaras e uns pires, também. Podia ter pagado menos, na feira.

Ela sacudiu a cabeça, soturnamente. Percebendo que não havia mais nada a descobrir, o inspetor Hardcastle se despediu e saiu. Ernie então ofereceu sua contribuição para o assunto que estivera em discussão.

– Assassinato! Uau! – disse Ernie.

No momento, a conquista do espaço foi substituída, em sua mente, pelo assunto em questão, que lhe parecia realmente sensacional.

– A Sra. Pebmarsh não podia ter matado ele, podia? – sugeriu o guri, louco para que isso fosse verdade.

– Deixa de ser besta – respondeu a mãe. Um pensamento passou-lhe pela mente. – Estou pensando agora se não devia ter dito...

– Dito o quê, mãe?

– Cala a boca – cortou a Sra. Curtin. – Não é nada, realmente.

6

Narrativa de Colin Lamb

Depois de termos devorado dois bons bifes mal passados, regados a chope, Dick Hardcastle suspirou, completamente satisfeito, anunciou que se sentia melhor e disse:

– Que vá tudo pro inferno: o defunto agente de seguros, os relógios esdrúxulos e as moças histéricas! Vamos falar de você, Colin. Eu pensei que você tivesse sumido dessas bandas, e aqui está, perambulando pelos becos de Crowdean. Por aqui não há futuro para um doutor em Biologia Marinha, posso garantir.

– Não faça pouco caso da Biologia Marinha. É um assunto muito útil. O simples fato de mencioná-lo aborrece as pessoas, pois elas temem que você desande a falar sobre isso.

– Não corre o risco de se trair, hein?

– Você esquece que eu *sou* biólogo marinho – disse eu, com desdém. – Formado em Cambridge. Não é lá um grande diploma, mas não deixa de ser um diploma. É um assunto interessantíssimo, ao qual pretendo me dedicar um dia.

– Sei perfeitamente o que você anda fazendo – disse Hardcastle. – Meus parabéns. Mês que vem é o julgamento de Larkin, não é?

– É, sim.

– É fantástico, como ele conseguiu enganar a gente durante tanto tempo. Dá até para desconfiar, o fato de ninguém ter suspeitado dele.

– Pois não suspeitaram de nada. Quando você está convencido de que alguém é uma pessoa direita, não lhe passa pela cabeça que talvez não o seja.

– Ele deve ter sido muito esperto – comentou Dick.

Sacudi a cabeça.

– Não, não creio realmente que seja isso. Acho que se limitou a fazer o que lhe mandavam. Tinha acesso a documentos muito importantes. Carregava-os consigo. Depois de fotografados, os documentos lhe eram devolvidos e, no dia seguinte, ele voltava a colocá-los no mesmo lugar. Tinham uma boa organização. Ele passou a almoçar cada dia num lugar diferente. Descobrimos que ele pendurava o sobretudo sempre junto a outro, igual ao seu, embora a pessoa que usava o outro sobretudo não fosse sempre a mesma. Trocavam os sobretudos, mas o homem que os trocava nunca falava com Larkin, nem Larkin com ele. Bem que gostaríamos de saber mais detalhes sobre esse sistema. Era tudo muito bem planejado, a tempo e a hora. Eles devem ter uma "cabeça" no comando.

– E é por isso que você continua a rondar a Base Naval de Portlebury?

– É, sim, Dick, pois sabemos que o grupo estava ligado à Base e a Londres Sabemos quando, onde e como Larkin recebia a grana, mas há um vácuo na história. Entre uma parte e outra, há uma organização estupenda. E é isso que estamos loucos para saber, pois é aí que entra a "cabeça". Em algum lugar há um escritório central de planejamento, mas o rastro deixado pelas atividades do grupo já nos confundiu umas sete ou oito vezes.

– Por que Larkin fez isso? – indagou Hardcastle, curioso. – Idealismo político? Exaltação do ego? Ou simplesmente por dinheiro?

– Ele não era um idealista – respondi. – Creio que foi só por dinheiro.

– Não podiam tê-lo apanhado antes? Ele gastou o dinheiro, não foi? Ele não o engavetou, com certeza.

– Claro que não! Gastou a torto e a direito. Na verdade, nós já o havíamos pego em flagrante mais cedo do que fizemos crer.

Hardcastle sacudiu a cabeça demonstrando que compreendera.

– Sei. Vocês perceberam a coisa e aproveitaram-se dele por algum tempo, não foi?

– Mais ou menos. Antes que o apanhássemos, ele já tinha passado adiante informações valiosas; então, deixamos que ele passasse mais algumas, aparentemente também valiosas. Neste trabalho, precisamos conformar-nos em passar por bobos de vez em quando.

– Não creio que eu quisesse um emprego igual ao seu, Colin – disse Hardcastle, pensativo.

– Não é excitante, como se pensa – respondi. – Na verdade, costuma ser bem enfadonho, mas há algo além disso. Hoje em dia, tem-se a impressão de que não há mais segredos. Nós sabemos os segredos deles e eles sabem os nossos. Algumas vezes descobrimos que nossos agentes na verdade trabalham para eles, e outras vezes são os homens deles que trabalham para nós. No fim das contas, a coisa vira um pesadelo: não se sabe quem está fazendo jogo duplo. Às vezes, penso que todos conhecem os segredos de todos, e que há uma espécie de acordo tático para fingirem que não sabem.

– Compreendo o que você quer dizer – disse Dick, pensativo. Depois olhou-me, curioso. – Já sei por que é que você ainda continua rondando Portlebury. Mas Crowdean está a uns 16 quilômetros de Portlebury.

– O que eu ando buscando mesmo são lugares que tenham "crescente" no nome – disse eu.

Hardcastle mostrou-se intrigado:

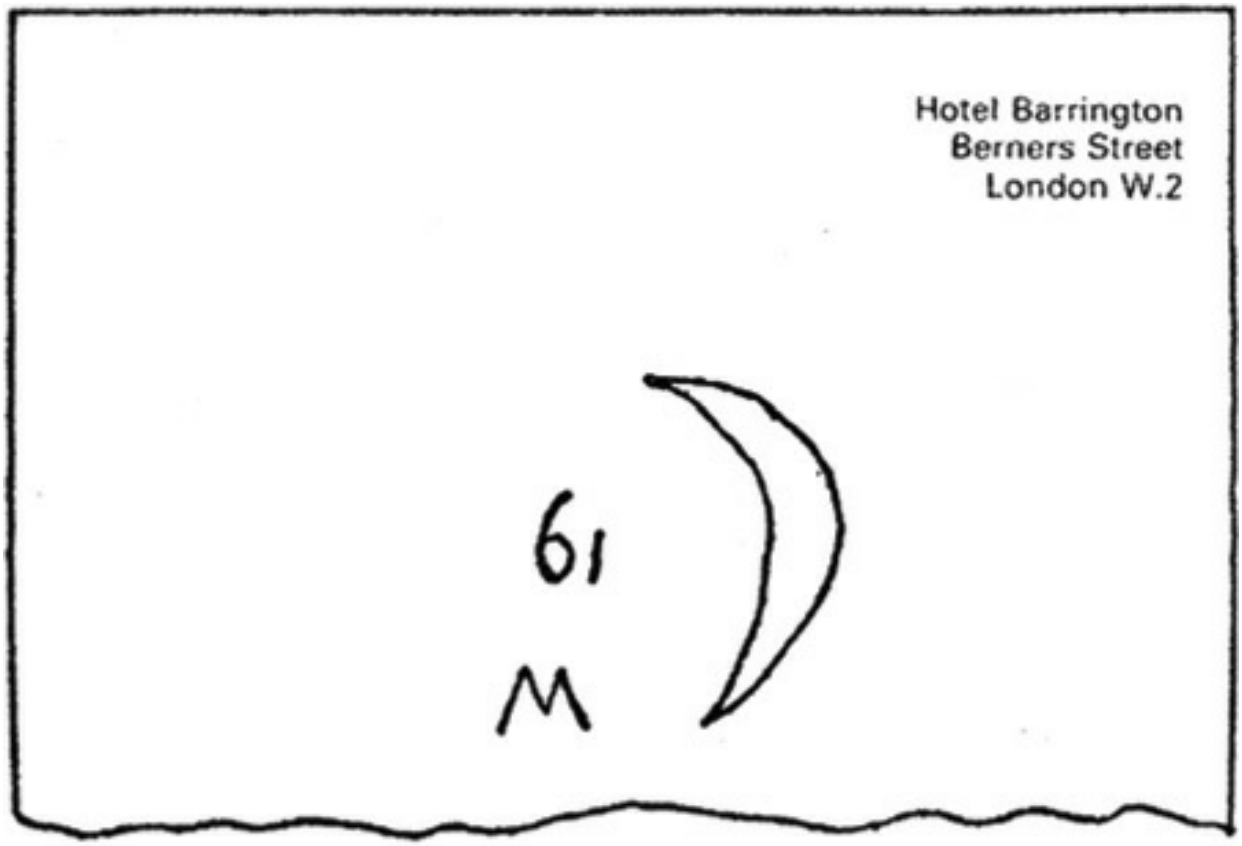
– "Crescente"?

– É. Isso ou, alternativamente, "luas". Lua Nova, Nascer da Lua, e por aí vai. Comecei o inquérito lá mesmo, em Portlebury. Há um botequim por lá chamado Lua Crescente. Perdi um tempão com isso. Parecia ser o tal. E há também A Lua e as Estrelas, A Lua Nasce, e A Cruz e o Crescente, este último num lugarejo chamado Seamede. Nada feito. Então, abandonei as luas e comecei com os crescentes. Há muitos em Portlebury: Lansbury Crescent, Aldridge Crescent, Livermead Crescent, Victoria Crescent.

Percebi o olhar espantado de Dick e comecei a rir.

– Não fique tão perdido, Dick – falei. – Tenho uma justificativa para este ponto de partida.

Peguei um pedaço de papel da carteira e mostrei para ele. Era uma simples folha de papel de carta de hotel com um desenho grosseiro.



– Isto foi encontrado no bolso de um agente chamado Hanbury. Esse sujeito trabalhou durante muito tempo no caso Larkin. E era bom, muito bom. Morreu em Londres atropelado, por um carro que fugiu, sem que lhe anotassem a placa. Não sei o que isso significa, mas é algo que Hanbury escreveu ou copiou, porque lhe pareceu importante. Teria sido alguma idéia? Ou seria algo que viu ou escutou? É algo ligado a um crescente ou uma lua, ao número 61 e à inicial M. Sou o seu substituto. Não sei ainda o que estou procurando, mas tenho certeza de que valerá a pena. Não sei o que significa 61. Não sei o que significa o M. Estou trabalhando na periferia de Portlebury. Três semanas de trabalho ingrato e incessante. Crowdean está no meu caminho, é só por isso que estou aqui. Para dizer a verdade, Dick, eu não esperava encontrar grande coisa aqui em Crowdean. Há somente um crescente aqui, Wilbraham Crescent. Eu ia dar uma caminhada por Wilbraham Crescent, tirar umas conclusões sobre o nº 61 e, depois, perguntar se você sabia alguma coisa que pudesse me ajudar. Era isso que eu estava fazendo, hoje à tarde... Mas não consegui achar o nº 61.

– Eu já lhe disse que quem mora no nº 61 é um construtor daqui.

– E não ando atrás disso. Ele tem alguma empregada estrangeira?

– Pode ser. Muita gente as tem, atualmente. Se for assim, ela estará registrada. Darei uma olhada nisso, amanhã.

– Obrigado, Dick.

– Amanhã vou fazer perguntas de rotina nas duas casas vizinhas ao nº 19.

Se viram alguém entrar na casa etc. Talvez inclua as casas que ficam atrás do nº 19, aqueles cujos jardins lhe são contíguos. Tenho a impressão de que é justamente o nº 61 que fica atrás do nº 19. Se quiser, venha comigo.

Aceitei o convite, jubiloso.

– Serei o sargento Lamb e farei as anotações.

Combinamos que eu estaria na delegacia na manhã seguinte, às 9h30.

Cheguei exatamente na hora combinada e encontrei o meu amigo fulo de raiva. Após ele ter despachado um subalterno constrangido, perguntei-lhe delicadamente o que havia acontecido.

No primeiro momento, Hardcastle nem pôde falar. Depois, explodiu:

– Relógios do inferno!

– Novamente os relógios? Mas o que foi que aconteceu?

– Está faltando um deles.

– Faltando? Qual deles?

– O relógio de viagem em couro, o que tem o nome "Rosemary" gravado num canto.

Soltei um assobio.

– Isso parece muito estranho. E como foi que descobriram isso?

– Esses grandessíssimos idiotas... e eu sou um deles, na verdade... – (Dick era um homem honesto.) – É preciso colocar todos os pingos nos *is*, senão vai tudo por água abaixo. Pois bem, os relógios estavam todos na sala. Deixei que a Sra. Pebmarsh tocasse em todos eles para ver se os conhecia. Não adiantou nada. Depois vieram remover o defunto.

– E aí?

– Fui até o portão para controlar as coisas, depois voltei a casa, falei com a Sra. Pebmarsh, que estava na cozinha, e disse-lhe que precisava levar os relógios, dos quais lhe daria um recibo.

– Lembro-me que ouvi você falar isso.

– Depois, disse à moça que ia mandá-la para casa num de nossos carros e pedi a você que a acompanhasse.

– Isso mesmo.

– Dei o recibo à Sra. Pebmarsh, embora ela dissesse que não era preciso, já que os relógios não lhe pertenciam. E vim ao seu encontro. Eu disse a Edwards que embrulhasse cuidadosamente os relógios e os trouxesse para cá. Todos, menos o carrilhão, naturalmente, e o cuco. E foi aí que eu errei. Eu devia ter especificado que eram quatro relógios. Edwards disse que foi fazer imediatamente o que eu mandei. Insiste em dizer que havia somente três relógios, além do cuco e do carrilhão.

– Mas não houve muito tempo – disse eu. – Isto é...

– A velha Pebmarsh podia ter feito isso. Poderia ter pegado o relógio logo que eu saí da sala, dirigindo-se para a cozinha com ele.

– Poderia, sim, mas por quê?

– Temos muito o que descobrir. A moça também poderia tê-lo tirado.

– Não creio. Eu... Espere um minuto...

Parei, lembrando-me de algo.

– Então foi ela – disse Hardcastle. – Continue. Quando foi?

– Nós estávamos a caminho do carro de polícia – respondi, aborrecido. – Ela esquecera as luvas. Eu disse: "Vou buscá-las", e ela respondeu: "Não, eu sei onde devo tê-las deixado. Não me importo mais de entrar naquela sala, agora que levaram o corpo." E disparou para dentro da casa. Mas levou apenas um minuto...

– Ela calçava as luvas quando veio ao seu encontro, ou segurava-as na mão?

Hesitei:

– É... É... Acho que as segurava na mão.

– Então é porque não as segurava na mão – disse Hardcastle –, senão você não teria hesitado.

– Com certeza ela as enfiou na bolsa.

– O diabo é que você está caído pela moça – disse Hardcastle, em tom acusador.

– Não seja idiota – defendi-me com veemência. – Vi-a ontem à tarde pela primeira vez e em condições que não consideraria românticas.

– Não sei, não – disse Hardcastle. – Uma moça cair nos braços de um rapaz, gritando por socorro, no mais perfeito estilo vitoriano, não é coisa que se veja todo dia. O homem sente-se um herói e um protetor cavalheiresco. Mas você vai acabar com essa história de protegê-la. Só isso. Pelo que sabemos, essa moça pode estar envolvida nesse caso até o pescoço.

– Você quer me dizer que essa garota frágil enfiou a faca num homem, escondeu-a tão bem num lugar qualquer que nenhum dos seus homens pôde achá-la até agora, depois disparou da casa e encenou todo aquele berreiro pra cima de mim?

– Não queira saber o que já tenho visto acontecer – disse Hardcastle, sombrio.

– Você não sabe que toda a minha vida tem sido cheia de lindas espiãs de todas as nacionalidades? – gritei, indignado – E cada uma delas com atributos físicos tais que fariam qualquer detetive americano esquecer a pose e cair de quatro, como um cachorrinho? Estou imune contra as seduções femininas.

– Todo guerreiro um dia acaba tendo o seu Waterloo – disse Hardcastle. – É

uma questão de tipo. Sheila Webb parece ser o seu tipo.

– Ora, não sei por que essa insistência em acusá-la.

Hardcastle suspirou.

– Não a estou acusando. Mas tenho que começar de algum ponto. O corpo foi encontrado na casa da Sra. Pebmarsh, e isso a torna suspeita. O corpo foi encontrado pela Srta. Webb, e nem preciso dizer-lhe quantas vezes a primeira pessoa que encontra um corpo é também a última que o viu com vida. Enquanto não surge outra pista, essas duas ficam na minha mira.

– Quando entrei naquela sala, imediatamente depois das 15 horas, o corpo já estava morto havia uma meia hora, pelo menos, talvez mais. O que diz sobre isso?

– Sheila Webb esteve almoçando de 13h30 às 14h30.

Olhei-o, exasperado.

– Descobriu alguma coisa sobre Curry?

Hardcastle respondeu, com indisfarçável amargura:

– Nada!

– O que é que você quer dizer com... "nada"?

– Que ele não existe. Nunca existiu.

– O que diz a Companhia de Seguros Metropolitana?

– Eles também não têm nada a dizer, pois também não existem. A Companhia de Seguros Metropolitana e Provincial não existe. Com relação ao Sr. Curry, de Denvers Street, não existe nem Sr. Curry, nem Denvers Street, nem nº 7 ou outro número qualquer.

– Interessante – disse eu. – Você quer dizer que ele tinha uns cartões fictícios impressos com nome, endereço, companhia de seguros, tudo falso?

– Provavelmente.

– O que estará por trás disso?

Hardcastle deu de ombros.

– Por enquanto, limitamo-nos a suposições. Talvez ele tenha colecionado prêmios fictícios. Talvez tenha sido um meio de entrar nas residências, ganhando a confiança dos moradores. Ele pode ter sido um escroque, um malandro, um batedor de carteira ou um detetive particular. Nada sabemos, porém.

– Mas você vai descobrir.

– Ah, sim, com certeza vamos descobrir. Já mandamos examinar as impressões digitais, para ver se ele deixou algum rastro. Em caso afirmativo, será um grande passo. Do contrário, será bem mais difícil.

– Detetive particular – falei, pensativo. – Acho que gosto disso. Abre um leque de... possibilidades.

– Por enquanto, só o que temos são possibilidades.

– Quando é o inquérito?

– Depois de amanhã. Pura formalidade, e haverá um adiamento.

– Qual é o laudo médico?

– Apunhalado com objeto cortante. Algo como uma faca de cozinha.

– Isso, afinal, deixa a Sra. Pebmarsh de fora, não é? – disse eu, pensativo. – Uma cega dificilmente poderia apunhalar um homem. Ela é mesmo cega, não é?

– É, sim. Verificamos isso. E é exatamente aquilo que declarou ser. Era professora de matemática numa escola no norte do país. Perdeu a visão há uns 16 anos. Dedicou-se ao estudo de braile, etc., e finalmente conseguiu um emprego no Instituto Aaronberg daqui.

– Poderia tratar-se de um caso de doença mental?

– Obcecada por relógios e agentes de seguros?

– Tudo isso é demasiadamente fantasioso. – Não pude deixar de manifestar-me com algum entusiasmo. – Até parece Ariadne Oliver em seus piores momentos, ou o falecido Garry Gregson, quando estava no auge...

– Continue... Vá se divertindo. Acontece que *você* não está metido com o maldito DDI. Você não é obrigado a satisfazer um superintendente ou um delegado e todo o restante.

– Está bem! Talvez eu consiga algo junto aos vizinhos.

– Duvido – disse Hardcastle, amargurado. – Ainda que esse homem tivesse sido apunhalado no jardim da frente e dois homens mascarados o tivessem carregado para dentro da casa... ainda assim não haveria ninguém olhando pela janela nesse momento, ninguém que tenha visto alguma coisa. E, para piorar as coisas, isto aqui não é uma aldeia, é Wilbraham Crescent, uma área residencial de luxo. Às 13 horas, as faxineiras, que poderiam ter visto algo, já tinham saído. Não havia nem mesmo um carrinho de criança...

– Nem algum velho inválido, desses que passam o dia sentados à janela?

– Foi isso que procuramos... mas não foi o que conseguimos.

– Quem mora nos números 18 e 20?

– No nº 18 moram o Sr. Waterhouse, funcionário graduado do Escritório de Advocacia Gainsford e Sweltenham, e a irmã, que passa a vida tomando conta dele. Quanto ao nº 20, sei apenas que a mulher que vive lá tem cerca de vinte gatos. Eu não gosto de gatos...

Comentei sobre a dureza da vida de um policial e fomos andando.

7

O Sr. Waterhouse, descendo incerto os degraus do nº 18 de Wilbraham Crescent, voltou-se, nervoso, para a irmã.

– Você tem certeza de que está tudo bem? – perguntou.

A Sra. Waterhouse fungou, indignada:

– Não sei o que você quer dizer, James, francamente.

James Waterhouse parecia estar pedindo desculpas. Precisava assumir essa atitude com tanta freqüência que ela praticamente se tornara o seu modo de ser.

– BemRA, o que eu quero dizer, minha cara, é que, em vista do que aconteceu hoje, aqui ao lado...

O Sr. Waterhouse estava pronto para ir para o escritório de advocacia onde trabalhava. Era um homem asseado, grisalho, com ombros um pouco caídos. Tinha o rosto um tanto, acinzentado, embora nem por isso parecesse doentio.

Já a Sra. Waterhouse era alta, angulosa, o tipo da mulher determinada que não admitia fraqueza nos outros.

– James, há alguma razão para que eu seja assassinada, só porque assassinaram alguém aqui ao lado?

– Bem, Edith – disse o Sr. Waterhouse –, isso depende de quem cometeu o crime.

– Você está mesmo pensando que existe alguém andando para cima e para baixo em Wilbraham Crescent, escolhendo uma vítima em cada casa? Francamente, James, isso é quase uma blasfêmia!

– Blasfêmia, Edith? – disse o Sr. Waterhouse, estupefato.

Nunca lhe passaria pela cabeça ver sua preocupação definida assim.

– Evoca-me a Quaresma – disse a Sra. Waterhouse –, que, a propósito, faz parte das Sagradas Escrituras.

– Isso parece-me um tanto exagerado, Edith – disse o Sr. Waterhouse.

– Eu gostaria de ver alguém tentar entrar aqui para me matar – disse a Sra. Waterhouse, exaltada.

O irmão pensou que a hipótese parecia mesmo muito improvável. Se ele próprio tivesse de escolher uma vítima, certamente não seria sua irmã. Caso alguém se atrevesse a tanto, era mais provável que o assassino fosse derrubado por outro atiçador ou por um objeto de chumbo, desses que se usam para prender a porta, e que fosse entregue à polícia em condições humilhantes, além de ensangüentado.

– Eu queria dizer apenas que há... bem... uns tipos realmente indesejáveis por aqui – disse, desculpando-se cada vez mais.

– Ainda nem sabemos bem o que aconteceu ontem – disse a Sra. Waterhouse. – Ouvi alguns boatos. A Sra. Head contou coisas espantosas hoje de manhã...

– Imagino, imagino – disse o Sr. Waterhouse.

Olhou o relógio, sem o menor desejo de ouvir as histórias contadas pela tagarela da faxineira. Sua irmã não perdia tempo com pieguices, mas não deixava de apreciá-las.

– Andam dizendo por aí que esse homem era tesoureiro ou curador do Instituto Aaronberg e que há qualquer irregularidade nas contas – disse a Sra. Waterhouse – , e que ele veio tomar satisfações da Sra. Pebmarsh a respeito disso.

– E que Sra. Pebmarsh o assassinou? – o Sr. Waterhouse pareceu achar graça nisso. – Uma cega? Mas, certamente...

– Passou-lhe um arame em volta do pescoço e o estrangulou – disse a Sra. Waterhouse. – Ele estaria desprevenido, não é, pois quem desconfiaria de uma cega? Não que eu acredite nessa história – acrescentou. – Tenho certeza de que a Sra. Pebmarsh é uma ótima pessoa. Embora não concorde com ela em vários assuntos, não quer dizer que eu lhe atribua uma natureza criminosa. Acho apenas que ela tem umas idéias radicais e extravagantes. Afinal de contas, há outras coisas além da educação. Todas essas escolas primárias, praticamente feitas de vidro. Dá a impressão de que foram construídas para criar pepinos ou tomates. Acho isso extremamente prejudicial para as crianças durante o verão. A Sra. Head me contou que a filha dela, Susan, não gostou de uma dessas escolas. Disse que era impossível prestar atenção às lições, porque, com tantas janelas, "a gente não consegue deixar de olhar para fora o tempo todo".

– Santo Deus – disse o Sr. Waterhouse, olhando para o relógio. – Bem, acho que vou chegar atrasadíssimo. Adeus, minha cara. Cuide-se bem. É melhor passar o trinco na porta, você não acha?

A Sra. Waterhouse fungou de novo. Depois de ter fechado a porta, após o irmão sair, ela já ia subindo as escadas quando parou pensativa. Dirigiu-se ao saco de golfe, tirou um taco e colocou-o em posição estratégica junto à porta da entrada.

– Agora, sim – disse a Sra. Waterhouse satisfeita.

Claro que James só dizia absurdos. Em todo caso, era melhor estar preparada. Do jeito que dão alta aos doentes mentais hoje em dia, incitando-os a levar uma vida normal... Em sua opinião, isso expunha os inocentes a perigos de toda sorte.

A Sra. Waterhouse estava em seu quarto quando a faxineira subiu estrepitosamente as escadas. A Sra. Head era miúda e redonda, muito parecida a uma bola de borracha. Estava encantada com tudo que tinha acontecido.

– Dois cavalheiros querem falar com a senhora – disse a Sra. Head, avidamente. – São da polícia.

A faxineira entregou-lhe um cartão.

– "Detetive-inspetor Hardcastle" – leu a Sra. Waterhouse. – Você os mandou esperar na saleta?

– Não. Eu os acomodei na sala de jantar. Eu já tinha limpado a mesa do café e achei que seria mais apropriado. Quer dizer... Afinal de contas, é só a polícia!

A Sra. Waterhouse não conseguiu entender exatamente o raciocínio da empregada. Mesmo assim, disse:

– Já vou descer.

– Eu acho que eles vão querer lhe perguntar sobre a Sra. Pebmarsh – disse a Sra. Head. – Vão querer saber se a senhora notou alguma coisa esquisita no jeito dela. Dizem que essas manias aparecem de uma hora para outra. Às vezes, nem dão sinal antecipado. Mas há sempre *algo,* um jeito de falar, a senhora sabe como é... A gente vê pelos olhos, dizem. Mas isso não funciona com uma mulher cega, não acha? Ai...

A Sra. Waterhouse desceu e foi até a sala de jantar, sentindo uma certa curiosidade sob seu ar habitual de beligerância.

– Detetive-inspetor Hardcastle?

– Bom dia, Sra. Waterhouse.

Hardcastle estava de pé. Junto dele havia um rapaz alto e moreno, a quem a Sra. Waterhouse nem se deu o trabalho de cumprimentar. Ela nem ligou para o murmúrio surdo do "sargento Lamb".

– Desculpe incomodá-la tão cedo pela manhã – disse Hardcastle. – Mas suponho que a senhora saiba do que se trata. A senhora sabe o que ocorreu ontem aqui ao lado.

– Uma assassinato na casa do vizinho não costuma passar despercebido – disse a Sra. Waterhouse. – Até precisei mandar embora um ou dois repórteres, que vieram me perguntar se eu tinha reparado em alguma coisa.

– E a senhora os mandou embora?

– Naturalmente.

– Com toda razão – disse Hardcastle. – Na verdade, eles gostam de se imiscuir por toda a parte, mas estou certo de que a senhora soube exatamente como lidar com aqueles tipos inconvenientes.

A Sra. Waterhouse demonstrou uma ligeira reação de prazer ante o elogio.

– Espero que a senhora não se incomode se lhe fizermos as mesmas

perguntas – disse Hardcastle. – Se a senhora tiver visto qualquer coisa que possa nos ajudar, nem imagina o quanto lhe ficaremos gratos. Presumo que a senhora estava em casa no momento da crise, não é?

– Não sei a que horas o crime foi cometido – disse a Sra. Waterhouse.

– Achamos que tenha sido entre 13h30 e 14h30.

– Ah, então, eu estava aqui com certeza.

– E seu irmão?

– Ele não vem almoçar em casa. Afinal, quem é que foi assassinado? Parece que não mencionam o nome da vítima no jornal da manhã.

– Ainda não sabemos de quem se trata – disse Hardcastle.

– Um estranho?

– Parece que sim.

– Não me diga que a Sra. Pebmarsh também não o conhece?

– A Sra. Pebmarsh nos garantiu que não esperava nenhuma visita e que não tem a menor idéia de quem ele seja.

– Ela não pode afirmar – disse a Sra. Waterhouse. – Ela não enxerga.

– Nós lhe fizemos uma descrição fiel.

– Que espécie de homem era ele?

Hardcastle tirou uma fotografia do envelope e deu a ela.

– É este homem – disse. – A senhora tem alguma noção de quem possa ser?

A Sra. Waterhouse olhou a foto.

– Não. Não... Tenho certeza de que nunca o vi. Santo Deus! Ele tem uma aparência bem distinta.

– Aparentemente, ele era muito respeitável – disse o inspetor. – Tem cara de advogado ou de um negociante qualquer.

– É mesmo. Essa foto não é nada impressionante. Parece que ele está dormindo.

Hardcastle não lhe contou que, de todas as fotos que haviam tirado da vítima, essa era a menos assustadora.

– A morte pode ser um evento calmo – disse ele. – Tenho a impressão de que esse sujeito não tinha a menor idéia do que ia lhe acontecer.

– O que foi que a Sra. Pebmarsh disse de tudo isso? – perguntou a Sra. Waterhouse.

– Ela não tem qualquer explicação.

– Extraordinário – comentou a Sra. Waterhouse.

– Escute, será que pode nos ajudar, Sra. Waterhouse? Se a senhora procurar lembrar-se ao máximo do dia de ontem... A senhora olhou pela janela ou esteve casualmente no jardim, digamos... entre 12h30 e 15 horas?

A Sra. Waterhouse refletiu.

– Eu estava no jardim, sim... Espere um momento, deixe-me ver. Deve ter sido antes de 13 horas. Quando voltei do jardim, deviam faltar dez minutos para as 13 horas; lavei as mãos e sentei-me para almoçar.

– A senhora viu a Sra. Pebmarsh entrar ou sair de casa?

– Acho que ela entrou. Ouvi o ranger do portão. Foi sim, por volta de 12h30.

– A senhora não falou com ela?

– Ah, não. Foi o ranger do portão que me fez levantar a cabeça. Era a hora em que ela costuma regressar. Acho que é quando acaba a aula. O senhor provavelmente sabe que ela ensina as crianças...

– Segundo sua própria declaração, a Sra. Pebmarsh tornou a sair por volta de 13h30. A senhora está de acordo?

– Bem, eu não saberia dizer exatamente a hora, mas... sim, lembro-me de tê-la visto passar pelo portão.

– Desculpe, Sra. Waterhouse, a senhora disse *passar pelo portão*?

– Claro, eu estava na saleta que dá para a rua, pois a sala de jantar onde estamos agora, como o senhor pode ver, dá para o jardim dos fundos. Mas eu levei o café para a saleta depois do almoço e sentei-me com ele, na cadeira junto à janela. Eu estava lendo o *Times* e creio que foi ao virar a página que vi a Sra. Pebmarsh passar pelo portão. Há algo de extraordinário nisso, inspetor?

– Não, extraordinário, não – disse o inspetor, sorrindo. – É que eu entendera que a Sra. Pebmarsh saíra para fazer compras e ir ao correio, e tinha a impressão de que o caminho mais curto para as lojas e o correio fosse o que fica do outro lado da meia-lua.

– Depende das lojas aonde se quiser ir – disse a Sra. Waterhouse. – Na verdade, a maioria das lojas ficam mais próximas pelo outro lado, e há uma agência do correio em Albany Road...

– Mas a Sra. Pebmarsh costuma passar pelo seu portão a essa hora?

– Para dizer a verdade, não sei a que horas a Sra. Pebmarsh costuma sair, e nem para aonde vai. Não tenho o costume de observar nada do que fazem os vizinhos, inspetor. Sou uma mulher ocupada e tenho muito o que fazer, cuidando de minha vida. Conheço gente que passa os dias olhando pela janela e tomando nota de quem passa e de quem visita quem. Este é um hábito freqüente entre os inválidos ou pessoas que nada mais têm a fazer senão especular e mexericar sobre a vida alheia.

A Sra. Waterhouse falou com tal azedume que o inspetor teve certeza de que ela pensava em alguém em especial, ao dizer aquilo. Ele apressou-se em dizer:

– É isso mesmo. É isso mesmo. – E acrescentou: – Já que a Sra. Pebmarsh

passou pelo seu portão, ela deve ter ido telefonar, não acha? Não é deste lado que fica o telefone público?

– É, sim. Em frente ao nº 15.

– A pergunta importante que tenho a fazer, Sra. Waterhouse, é se a senhora viu esse homem chegar... o homem misterioso, como o chamam os jornais.

A Sra. Waterhouse sacudiu a cabeça.

– Não, não o vi, nem a qualquer outro.

– O que é que a senhora estava fazendo entre 13h30 e 15 horas?

– Passei cerca de meia hora fazendo as palavras cruzadas do *Times*. Depois, fui à cozinha e lavei a louça do almoço. Deixe-me ver. Escrevi uma cartas, assinei uns cheques para pagamentos, depois subi e separei umas roupas para levar ao tintureiro. Creio que estava no meu quarto quando percebi uma certa confusão na vizinhança. Ouvi distintamente alguém gritar; então, naturalmente, fui à janela. Vi um rapaz e uma moça junto ao portão. Parecia que ele a estava abraçando.

O sargento Lamb mexeu com os pés, mas a Sra. Waterhouse não estava olhando para ele e evidentemente não tinha a mínima idéia de quem fosse o jovem em questão.

– Eu só avistava a cabeça do rapaz, pelas costas – continuou ela. – Ele parecia estar discutindo com a moça. Finalmente, sentou-a no chão, encostada ao portão, o que me pareceu muito estranho. Aí ele foi andando e entrou na casa.

– A senhora não tinha visto a Sra. Pebmarsh voltar para casa momentos antes?

A Sra. Waterhouse sacudiu a cabeça.

– Não. Não creio que teria olhado pela janela antes se não fosse aquele grito estranhíssimo. Entretanto, não dei muita atenção a isso tudo. Essas meninas e rapazes andam sempre fazendo coisas tão esquisitas, gritando, empurrando-se uns aos outros, dando risadas ou fazendo um barulho qualquer, então não pensei que se tratasse de algo sério. Só depois de surgirem carros de polícia fo que concluí que havia ocorrido algo fora do comum.

– O que foi que a senhora fez, então?

– Ora, naturalmente saí de casa, parei nos degraus e dei a volta pelo jardim dos fundos. Fiquei pensando no que teria acontecido, mas não era possível ver nada por ali. Quando voltei até a frente da casa, havia uma pequena multidão reunida. Alguém me falou que tinha havido um assassinato na casa ao lado. Achei isso uma coisa extraordinária! Extraordinária!

A Sra. Waterhouse manifestou francamente sua desaprovação.

– A senhora não se lembra de mais nada? Nada que possa nos contar?

– Sinto muito, mas acho que não.

– A senhora ultimamente não recebeu nenhuma proposta de seguro, ou alguma visita, ou um aviso de que viriam visitá-la?

– Não, senhor, nada disso. James e eu temos uma apólice da Sociedade de Seguros de Ajuda Mútua. É claro que sempre recebemos cartas que não passam de circulares ou anúncios de qualquer coisa, mas não me lembro de nada disso recentemente.

– Nem de cartas assinadas por um tal de Curry?

– Curry? Não, absolutamente não.

– E o nome Curry não lhe lembra nada, de modo algum?

– Não, por quê? Deveria lembrar?

Hardcastle sorriu:

– Não, na verdade acho que não deveria, não. Acontece que esse é o nome assumido pelo homem assassinado.

– Não era seu verdadeiro nome?

– Temos razões para supor que esse não era seu verdadeiro nome.

– Um vigarista qualquer, não? – disse a Sra. Waterhouse.

– Enquanto não tivermos provas disso, nada podemos dizer.

– Claro que não, claro que não. É preciso ter cuidado. Sei disso – disse a Sra. Waterhouse. – Não é como certas pessoas que há por aqui. Nem sei como é que ainda não foram processados por calúnia.

– Difamação – corrigiu o sargento Lamb, abrindo a boca pela primeira vez.

A Sra. Waterhouse o encarou surpresa, como se não tivesse percebido antes que ele era de carne e osso e algo mais do que um acessório natural do inspetor Hardcastle.

– Sinto muito não poder ajudá-los. Sinto muito, mesmo – disse a Sra. Waterhouse.

– Eu também sinto muito – disse Hardcastle. – Uma pessoa com a sua inteligência, bom senso e capacidade de observação seria uma testemunha preciosa para nós.

– Quem me dera ter visto alguma coisa... – disse a Sra. Waterhouse.

Por um instante, ela falou como uma menina sonhadora.

– E seu irmão, Sr. James Waterhouse?

– James não sabe de nada – disse a Sra. Waterhouse com desprezo. – Nunca sabe. De qualquer modo, ele estava no escritório de Gainsford e Swettenham, na High Street. Ah, não, James não poderia ajudá-los. Eu já lhes disse que ele não vem almoçar em casa.

– Onde é que ele costuma almoçar?

– Normalmente, toma café com um sanduíche no Three Feathers, um *pub* muito respeitável, especializado em lanches rápidos para trabalhadores.

– Obrigado, Sra. Waterhouse, não queremos mais tomar o seu tempo.

Ele se levantou e dirigiu-se ao hall. A Sra. Waterhouse acompanhou-os. Colin Lamb apanhou o taco de golfe, junto à porta.

– Bom taco, este – disse. – Tem um bocado de peso na ponta. – Avaliou o peso com a mão. – Vejo que a senhora está preparada para qualquer eventualidade, Sra. Waterhouse.

A Sra. Waterhouse ficou meio sem graça.

– Ué, não sei como esse taco foi parar aí.

Ela o arrancou de suas mãos e tornou a colocá-lo no saco de golfe.

– É uma boa precaução a tomar... – disse Hardcastle.

A Sra. Waterhouse abriu a porta e eles saíram.

– Bem – suspirou Colin Lamb. – Não conseguimos grande coisa com ela, apesar de você tê-la paparicado o tempo todo. É esse o seu método falível?

– Dá bons resultados, às vezes, com pessoas como ela. As pessoas rígidas sempre cedem ante a lisonja.

– Ela ronronou como um gato a quem tivessem acabado de dar um pires com leite – disse Colin. – Infelizmente, não nos disse nada que valesse a pena.

– Você acha? – disse Hardcastle.

Colin olhou para o inspetor e indagou:

– O que é que você está pensando?

– Algo muito vago e talvez sem importância. A Sra. Pebmarsh disse que foi ao correio e a algumas lojas, mas, em vez de dobrar à direita, dobrou à esquerda; conforme as declarações da Sra. Martindale, o telefonema requisitando os serviços da Srta. Webb foi feito por volta de 13h50.

Colin olhou-o curioso.

– Você acha que, embora a Sra. Pebmarsh o negasse, ela possa ter realmente ligado para o escritório? Ela foi tão categórica...

– Foi, sim. Muito categórica – disse Hardcastle sem expressão.

– Mas se foi ela quem telefonou, por que o teria negado?

– Ora, lá vem você com essa história de por quê – respondeu Hardcastle, impaciente. – Por quê, por quê? Por que toda essa palhaçada? Se foi a Sra. Pebmarsh quem telefonou, por que ela queria que a moça viesse? Se foi outra pessoa, por que queria envolver a Sra. Pebmarsh? Ainda não sabemos de nada. Se a Sra. Martindale conhecesse a Sra. Pebmarsh pessoalmente, saberia se era ou não a sua voz ao telefone, ou pelo menos se a voz se parecia razoavelmente à da Sra. Pebmarsh. Ora bolas, não conseguimos grande coisa no nº 18. Vamos ver se nos saímos melhor no nº 20.

8

O nº 20 de Wilbraham Crescent tinha um nome além do número. Chamava-se Diana Lodge. Os portões ofereciam obstáculos aos intrusos, mediante uma possante rede de fios internos. Além disso, uns melancólicos loureiros mosqueados, mal podados, dificultavam ainda mais a tarefa de quem se atrevesse a atravessar o portão.

– Esta casa merecia chamar-se "Os Louros" – observou Colin Lamb. – Por que se chama Diana Lodge, hein?

Ele deu uma olhada ao redor, considerando o que via. Diana Lodge não primava pelo asseio nem pelos canteiros. O que mais se salientava nela eram os arbustos cerrados, demasiadamente crescidos, além de um forte cheiro de amônia que evocava gatos. A casa parecia estar caindo aos pedaços, as calhas necessitando urgentemente de reparos. O único sinal de que lhe haviam dado qualquer atenção recentemente era a pintura azul-escura da porta da frente, o que acentuava ainda mais a lamentável aparência geral da casa. Não se via nenhuma campainha, mas a porta tinha uma maçaneta que, evidentemente, devia ser puxada. O inspetor a puxou e ouviu-se, a distância, um rumor abafado de falatório.

– Parece o "Moated Grange" – disse Colin.

Esperaram alguns minutos, enquanto ouviam ruídos lá dentro, uns ruídos estranhos; um cantarolado agudo, meio cantado e meio falado.

– Que diabo... – disse Hardcastle.

O som aproximou-se da porta de entrada e eles puderam discernir as palavras.

– Não, amorzinho. Aqui, meu amor. Neguinha. Mimi. Cleo... Cleópatra! Ai, ai, ai. Bilu, bilu, bilu.

Ouviu-se um fechar de portas. Finalmente, a porta de entrada se abriu. Diante deles surgiu uma mulher vestindo um traje meio surrado, num verde-malva pálido. Os cabelos de mechas acinzentadas, que pareciam de cera, apresentavam um penteado típico de uns trinta anos atrás. Em volta do pescoço, ela trazia uma echarpe de pele alaranjada.

O inspetor Hardcastle perguntou, com ar de dúvida:

– Sra. Hemming?

– Sim senhor, sou a Sra. Hemming. Devagarzinho, Raio de Sol, devagarzinho, amoreco.

Só então o inspetor percebeu que a pele alaranjada era, na verdade, um

gato. Mas não era o único. Apareceram mais três gatos miando no hall. Os animais contemplaram os visitantes, dando voltas lentamente em torno das saias de sua dona. Ao mesmo tempo, um cheiro penetrante de gato entrou pelas narinas dos dois homens.

– Sou o detetive-inspetor Hardcastle.

– Espero que o senhor não trabalhe com aquele homem horrível da Sociedade pela Prevenção da Crueldade contra os Animais que esteve aqui – disse a Sra. Hemming. – Que vergonha! Dei queixa dele por escrito. Ele disse que meus gatos viviam sob condições prejudiciais à saúde e à felicidade deles! Que vergonha isso, sim! Vivo para os meus gatos, inspetor! São a única alegria e o prazer que tenho na vida. Tudo que faço é por eles. Mimi, aí não, queridinha!

Mimi nem ligou para a mão que tentava detê-la e pulou sobre a mesa do hall. Sentou-se, passou a língua no focinho e ficou encarando os estranhos.

– Entrem – disse a Sra. Hemming. – Não, nessa sala, não. Tinha-me esquecido.

Ela escancarou uma porta à esquerda. O cheiro ali era ainda mais penetrante.

– Entrem, belezinhas, entrem.

Viam-se numerosos pentes e escovas cheios de pêlos de gato por cima das mesas e cadeiras. Havia umas almofadas sujas e desbotadas e pelo menos mais uns seis gatos.

– Vivo para meus amores – disse a Sra. Hemming. – Eles entendem tudo que lhes digo.

O inspetor entrou resolutamente. Infelizmente para ele, era alérgico a gatos. E, como sempre acontecia nessas ocasiões, os gatos vieram em massa ao seu encontro. Um trepou-lhe no colo, outro esfregou-se amorosamente em suas calças. Hardcastle, que era um homem corajoso, cerrou os lábios e agüentou firme.

– Eu gostaria de fazer-lhe umas perguntas, Sra. Hemming, a respeito de...

– Pergunte o que quiser – interrompeu-o a Sra. Hemming. – Não tenho nada a esconder. Posso mostrar-lhe a comida dos gatos, a cama em que dormem, cinco no meu quarto e os outros sete, aqui. Eles comem o melhor peixe que há, e eu mesma o preparo.

– Isso não tem nada a ver com os gatos – disse Hardcastle, levantando a voz. – Estamos investigando o triste incidente que ocorreu nesta vizinhança. A senhora está a par do que houve, naturalmente?

– Na vizinhança? Refere-se ao cachorro do Sr. Joshua?

– Não – disse Hardcastle. – De modo algum. Refiro-me ao nº 19, onde encontraram ontem um homem assassinado.

– É mesmo? – disse a Sra. Hemming. Ela disse isso apenas por educação. Seus olhos e sua atenção continuaram fixos nos gatos.

– Gostaria de saber se a senhora estava em casa ontem à tarde. Quer dizer, entre 13h30 e 15h30. Estava?

– Estava, sim senhor. Costumo ir às compras bem cedo e voltar logo para preparar o almoço dos meus queridos, penteá-los e cuidar deles.

– E a senhora não percebeu o movimento aqui ao lado? Polícia... ambulância... não viu nada?

– Pois, olhe, nem cheguei à janela da frente. Saí pelos fundos porque dei falta da querida Arabela. É uma gatinha muito nova, tinha subido em uma árvore, e tive receio de que não pudesse descer. Tentei atraí-la com um pires de leite, mas a coitadinha estava assustada. Acabei desistindo e voltei para casa. E, acredite se quiser, foi só eu entrar e ela desceu, vindo atrás de mim.

A mulher olhou de um homem para o outro, como se averiguasse sua capacidade de acreditar.

– Para dizer a verdade, eu acredito – disse Colin, que não agüentava mais ficar calado.

– Como disse? – perguntou a Sra. Hemming, ligeiramente espantada.

– Sou louco por gatos, e por isso estudei-lhes os hábitos. O que a senhora contou ilustra perfeitamente o comportamento dos gatos. E, por isso, seus gatos estão todos concentrados em torno do meu amigo, que, francamente, não liga para eles; e nem me dão atenção, apesar de todas as minhas carícias.

Se a Sra . Hemming estava pensando que Colin não soava nem um pouco como um sargento de polícia, seu rosto não deixava transparecer o menor indício disso. Limitou-se a murmurar, vagamente:

– Eles sempre sabem, os queridinhos, não é?

Um belo persa acinzentado pousou duas patas nos joelhos do inspetor, olhou-o com prazer e cravou-lhe as garras com força, como se o inspetor fosse uma almofada. Sentindo-se vencidos, Hardcastle pôs-se de pé.

– Eu gostaria de ver o jardim dos fundos, Sra. Hemming.

Colin esboçou um sorriso.

A Sra. Hemming levantou-se e disse:

– Ora, claro, claro. Como quiser.

O gato alaranjado desenroscou-se do seu pescoço. Ela substituiu-o, distraidamente, pelo persa cinzento. Saiu da sala, seguida por Hardcastle e Colin.

– Nós já nos conhecemos – disse Colin ao gato alaranjado. E acrescentou, dirigindo-se a outro persa que estava, sentado numa mesa, junto à lâmpada chinesa, balançando levemente o rabo: – Você é uma beleza, não é?

Colin passou-lhe a mão pelo dorso, coçou-o por trás das orelhas e o gato dignou-se a ronronar.

– Feche a porta quando sair, por favor, Sr... – disse a Sra. Hemming, falando do hall. – Está ventando forte hoje, e não quero que os meus queridos se resfriem. E, além disso, há aqueles guris terríveis... É arriscado deixar essas gracinhas soltas no jardim.

Ela dirigiu-se até o final do hall e abriu uma porta lateral.

– Quem são os guris terríveis? – perguntou Hardcastle.

– Os dois filhos da Sra. Ramsay. Moram no lado sul da meia-lua. Nossos jardins são parcialmente conectados pelos fundos. São uns traquinas, é o que eles são. Têm estilingues, sabe, ou pelo menos tinham. Fiz questão de que os confiscassem, mas tenho cá minhas suspeitas. Eles preparam armadilhas e se escondem. No verão, jogam maçãs.

– Que coisa horrorosa – disse Colin.

O jardim dos fundos estava em piores condições que o da frente. Tinha o mesmo capim abandonado, alguns arbustos amontoados, sem poda, uma grande quantidade de loureiros da espécie mosqueada e umas macrocarpas um tanto sombrias. Colin achava que Hardcastle e ele estavam perdendo tempo. A cerca de loureiros, árvores e arbustos era tão espessa que, através dela, nada se avistava do jardim da Sra. Pebmarsh. Diana Lodge podia ser considerada uma casa inteiramente isolada. Do ponto de vista da Sra. Hemming, praticamente não tinha vizinhos.

– O senhor mencionou o nº 19? – perguntou a Sra. Hemming, parando irresoluta no meio do jardim. – Mas eu pensava que lá morasse apenas uma pessoa, uma cega.

– A vítima não morava na casa – respondeu o inspetor.

– Ah, compreendo – disse a Sra. Hemming, sempre aérea. – Ele foi lá para ser assassinado. Que esquisito.

– Pois essa não é uma descrição perfeita? – murmurou Colin, pensativo.

9

Eles pegaram o carro, desceram Wilbraham Crescent, dobraram à direita, subindo por Albany Road, e tomaram a direita novamente, alcançando a outra metade de Wilbraham Crescent.

– É bem simples – disse Hardcastle.

– É, quando se sabe – disse Colin.

– O nº 61 dá fundos para a casa da Sra. Hemming. Mas um dos cantos encosta no nº 19, graças a isso você poderá avistar o Sr. Bland. Por falar nisso, descobri que não têm criados estrangeiros.

– Lá se vai uma bela teoria...

O carro parou e os dois homens desceram.

– Ora, viva – disse Colin. – Que belo jardim!

De fato, era um modelo de perfeição suburbana – canteiros de gerânios emoldurados por lobélias, enormes begônias e uma coleção de enfeites de jardim: sapos, cogumelos, gnomos e anões jocosos.

– Acho que o Sr. Bland deve ser um homem muito solene, do contrário não teria esses enfeites horríveis – disse Colin com um muxoxo. Quando Hardcastle tocou a campainha, ele acrescentou: – Você acha que ele está em casa a essa hora da manhã?

– Telefonei antes, perguntando se poderíamos vir.

Nesse instante, uma caminhonete se aproximou e entrou na garagem, que evidentemente fora acrescentada à casa posteriormente. O Sr. Josaiah Bland saiu, bateu a porta e dirigiu-se a eles. Era de estatura mediana, careca, tinha olhos pequenos e azuis e modos exuberantes.

– Inspetor Hardcastle? Tenha a bondade de entrar.

O Sr. Bland levou-os até a saleta, que evidenciava sinais de prosperidade.

Havia luminárias caras e excessivamente enfeitadas, uma escrivaninha em estilo imperial, um reluzente jogo de enfeites de ouropel de lareira, um armário entalhado e uma jardineira florida na janela. As cadeiras eram modernas e ricamente estofadas.

– Sente-se – disse o Sr. Bland alegremente. – Charuto? Ou não pode, quando está de serviço?

– Não fumo, obrigado – disse Hardcastle.

– Também não bebe, não é? Está bem assim, é melhor para todos nós, acredite. E agora, o que deseja? Suponho que seja esse negócio do nº 19, não? Os cantos de nossos jardins se tocam, mas pouco enxergamos de lá, a não ser das janelas de cima. Mas que coisa estranha parece ter acontecido, pelo menos foi o que li no jornal esta manhã. Fiquei entusiasmado quando recebi seu recado. Uma oportunidade para saber o que realmente aconteceu. Não queira saber os rumores que andam espalhando na vizinhança! Minha mulher ficou muito nervosa com o boato de que o assassino está solto por aí. O diabo é que agora dão alta para os loucos, os mandam para casa em liberdade condicional, ou algo parecido. Aí, eles matam alguém e retornam ao hospício. Ah, não

queira saber o que andam falando! Garanto que o senhor ficaria de boca aberta com os comentários da faxineira, do leiteiro, do jornaleiro! Um diz que ele foi estrangulado com arame de pendurar quadros; outro, que foi apunhalado. E ainda que foi espancado. Em todo caso, trata-se de um homem, não é? Quero dizer, não foi a velhota quem morreu. Os jornais falam num *desconhecido*.

Afinal, o Sr. Bland calou a boca.

Hardcastle sorriu e disse, num tom de mofa:

– Bem, quanto ao fato de tratar-se de um desconhecido, ele tinha um cartão com o endereço no bolso.

– É, isso acaba com a história. Mas o senhor sabe como essa gente é. Quem será que inventa essas coisas?

– Enquanto estamos às voltas com o assunto da vítima – disse Hardcastle –, talvez o senhor queira dar uma olhada nisto.

Mais uma vez, ele mostrou a foto da polícia.

– Hum, é este? – disse Bland. – Parece um tipo comum, não é? Assim como o senhor ou eu. Será que ele tinha alguma razão especial para ser assassinado?

– Ainda é cedo para falarmos nisso – disse Hardcastle. – O que eu quero saber, Sr. Bland, é se o senhor já viu esse homem.

Bland sacudiu a cabeça.

– Tenho certeza que não. E sou bom fisionomista.

– Ele não o procurou tentando vender algo?... Uma apólice de seguro de vida, um aspirador de pó, uma máquina de lavar ou coisa parecida?

– Não, não.

– Talvez fosse melhor perguntar à sua esposa – disse Hardcastle. – Afinal de contas, se ele tivesse vindo aqui, ela o teria visto.

– Sim, isso é verdade, mas não sei, não... Valerie não está muito bem de saúde, sabe? Eu não gostaria de aborrecê-la. Quero dizer... bem... isso aqui é o retrato dele morto, não é?

– É sim – disse Hardcastle –, mas não é nada impressionante.

– Não, não é. A foto está otimamente tirada. Parece que o sujeito está dormindo.

– Você está falando de mim, Josaiah?

A porta do quarto contíguo se abriu e uma mulher madura entrou. Hardcastle desconfiou que ela tinha estado escutando, atentamente, do outro lado da porta.

– Ah, você está aí, meu bem – disse Bland. – Pensei que você ainda estivesse dormindo. Esta é minha mulher, detetive-inspetor Hardcastle.

– Que crime horroroso – murmurou a Sra. Bland. – Fico toda arrepiada, só de pensar.

Ela sentou-se no sofá com um leve suspiro ofegante.

– Apóie os pés, meu bem – disse Bland.

A Sra. Bland obedeceu. Ela tinha os cabelos claros e uma voz levemente chorosa, um aspecto anêmico e todo o jeito de quem aceita a invalidez com um certo grau de prazer. Por um instante, ela evocou alguém na lembrança do inspetor Hardcastle. Ele procurou descobrir quem era, mas não conseguiu.

A voz fraca, um tanto queixosa, prosseguiu:

– Não tenho boa saúde, inspetor Hardcastle, e por isso meu marido procura poupar-me de quaisquer choques ou aborrecimentos, naturalmente. Sou muito sensível. Creio que o senhor estava falando de uma fotografia do... do homem assassinado. Oh! Meu Deus! Soa tão horrível! Acho que não terei forças para contemplá-la.

"Está louca para ver a foto", pensou Hardcastle. Com uma certa malícia na voz, ele disse:

– Então é melhor que a senhora não a veja, Sra. Bland. Pensei que talvez pudesse nos ajudar, caso o homem tivesse aparecido por aqui.

– Preciso cumprir o meu dever, não é? – disse a Sra. Bland, estendendo a mão com um sorriso doce e corajoso nos lábios.

– Mas Val, você acha que deve se expor a uma emoção dessas?

– Não seja tolo, Josaiah! É claro que eu preciso ver a foto.

Interessadíssima, ela contemplou a foto, mas logo demonstrou um certo desapontamento (assim pareceu ao inspetor).

– Ele parece... na verdade, ele não parece estar morto – disse a Sra. Bland. – Não parece ter sido *assassinado*. Ele... ele não poderia ter sido estrangulado?

– Ele foi apunhalado – disse o inspetor.

A Sra. Bland fechou os olhos e estremeceu.

– Santo Deus! – exclamou ela. – Que coisa horrível!

– O rosto dele lhe parece familiar, Sra. Bland?

– Não – respondeu, com visível relutância. – Não, creio que não. Ele era desses homens que vendem coisas de porta em porta?

– Parece que ele era agente de seguros – respondeu o inspetor, cauteloso.

– Ah! Sei. Não, nenhum desses esteve por aqui, tenho certeza. Você não se lembra de eu ter falado nisso, não é, Josaiah?

– De jeito nenhum – disse o Sr. Bland.

– Ele era parente da Sra. Pebmarsh? – perguntou a Sra. Bland.

– Não – disse o inspetor. – Ela não sabe quem ele era.

– Que coisa estranha – disse a Sra. Bland.

– A senhora conhece a Sra. Pebmarsh?

– Claro que sim. Quero dizer, como vizinhas, naturalmente. Volta e meia,

ela pede conselhos sobre jardinagem ao meu marido.

– O senhor é um jardineiro e tanto, não é? – disse o inspetor.

– Nem tanto assim – respondeu Bland modestamente. – Não tenho tempo, sabe como é, mas eu naturalmente sei como cuidar dessas coisas. Na verdade tenho um jardineiro formidável... Vem duas vezes por semana. Ele providencia para que não falte nada para o jardim e para que tudo esteja em ordem. Acho que nosso jardim é o melhor das redondezas, mas não sou um jardineiro de verdade, como a vizinha do lado.

– Sra. Ramsay? – perguntou Hardcastle, um tanto surpreso.

– Não, não, mais adiante, no nº 63, Sr. McNaughton. Ele vive para o jardim. Passa o dia trabalhando nele e é louco por fertilizantes. Para dizer a verdade, pode se tornar enfadonho quando começa a falar de fertilizantes... Mas não creio que o senhor tenha vindo até aqui para falar desse assunto.

– Não é bem isso – disse o inspetor. – Eu queria apenas saber se o senhor ou a sua mulher por acaso não estavam no jardim ontem. Afinal de contas, como o senhor disse, os jardins se tocam, e talvez pudessem ter visto qualquer coisa interessante, ontem, ou ouvido algo, talvez?

– Por volta do meio-dia, não é? Foi esta a hora do crime, não foi?

– Achamos que o crime tenha sido cometido entre 13 e 15 horas.

Bland sacudiu a cabeça.

– Então eu não poderia ter visto grande coisa. Eu estava aqui. E Valerie também. Devíamos estar almoçando, sabe, e nossa sala de jantar dá para a rua. Não poderíamos ver nada na direção do jardim.

– A que horas costumam almoçar?

– Mais ou menos às 13 horas. Às vezes, almoçamos às 13h30.

– E depois o senhor não foi nenhuma vez ao jardim?

Bland sacudiu a cabeça.

– Para dizer a verdade, minha mulher faz a sesta depois do almoço e, quando tenho tempo, eu também gosto de tirar uma soneca. Devo ter saído de casa às... bem, creio que eram 14h45, mas infelizmente não fui ao jardim.

– Está bem – disse Hardcastle, com um suspiro. – Temos que fazer essas perguntas a todo mundo.

– Claro, claro. Sinto não poder ajudar mais.

– O senhor tem uma bela casa – disse o inspetor. – Desculpe, perguntar, mas o senhor não fez muita economia de dinheiro, não é?

Bland riu, satisfeito.

– Ora, gostamos de coisas bonitas. Minha mulher tem muito bom gosto. Tivemos muita sorte no ano passado, quando minha mulher recebeu uma bolada de um tio que morreu, e que ela não via há 25 anos. Foi uma surpresa!

Nossa vida mudou completamente, posso lhe garantir. Estamos pensando em fazer uma dessas excursões até o fim do ano. São muito educativas, não acha? Grécia e outros lugares. Costumam ter professores que dão explicações sobre a história de cada local. Eu sou um *self-made man* e não tive muito tempo para estudar, mas me interesso muito pelo assunto. Aquele sujeito que fez escavações em Tróia era dono de um armazém, não era? Muito romântico. Eu confesso que gosto de viajar para o exterior. Não que eu tenha viajado muito, mas já passei alguns fins de semana em Paris. Já pensei em vender esta casa e me mudar para a Espanha ou Portugal, ou até mesmo para o Caribe. Muita gente está fazendo isso, porque se economiza muito no imposto de renda, sabe? Mas minha mulher não quer saber disso.

– Gosto muito de viajar, mas para morar só mesmo a Inglaterra – disse a Sra. Bland. – Todos os nossos amigos moram aqui. Minha irmã, também, e todos nos conhecem. Se formos para longe, seremos estranhos. E temos um ótimo médico aqui, que conhece o meu organismo. Eu não quero saber de nenhum médico estrangeiro; não teria confiança nenhuma nele.

– Vamos ver – disse o Sr. Bland alegremente. – Vamos viajar e você vai se apaixonar pelas ilhas gregas.

A Sra. Bland olhou para ele com uma expressão contrariada.

– Espero que tenham um bom médico inglês a bordo – disse ela, com ar de suspeita.

– Claro – disse o marido.

Ele acompanhou Hardcastle e Colin até a saída, repetindo mais uma vez o quanto sentia não poder ajudá-los.

– Que tal? – disse Hardcastle. – Qual é sua opinião a respeito dele?

– Eu não lhe confiaria uma casa para construir – disse Colin. – Mas não ando atrás de um construtorzinho metido a esperto. Busco um homem que seja dedicado. E, no que diz respeito ao assassinato, estamos falando do cara errado. Bland está mais para o tipo que dá arsênico à mulher ou a joga no mar Egeu, a fim de herdar-lhe o dinheiro e casar com uma loura alucinante...

– Quando isso acontecer, veremos – disse o inspetor Hardcastle. – Enquanto isso, vamos cuidar *deste* crime.

10

No n.º 62 de Wilbraham Crescent, a Sra. Ramsay falava sozinha, encorajando a si mesma:

– Só mais dois dias. Só mais dois dias.

Ela jogou para trás uma mecha de cabelo que lhe caíra na testa. Ouviu-se um estrondo na cozinha. A Sra. Ramsay não teve nem ânimo para ir ver o que significava. Se ela ao menos pudesse fazer de conta que não tinha ouvido o estrondo! Mas, ora... Só mais dois dias. Ela atravessou o hall, escancarou a porta da cozinha e disse, num tom de voz muito menos irritadiço do que teria usado três semanas antes:

– O que foi que vocês fizeram agora?

– Desculpe, mamãe – disse seu filho Bill. – Nós estávamos jogando uma partida de boliche com essas latas e não sei como elas foram parar no fundo do armário de louça.

– A gente não fez de propósito – disse Ted, o irmão menor, humildemente.

– Está bem, peguem essas coisas, guardem-nas novamente no armário, varram os cacos e joguem no lixo.

– Ah, mamãe, agora não.

– Sim senhor, agora mesmo.

– Ted pode fazer isso – disse Bill.

– Engraçado – disse Ted. – Sempre sobra pra mim. Se você não ajudar, eu também não vou arrumar nada.

– Vai arrumar sim.

– Não vou.

– Já te mostro.

– Quero ver!

E os dois guris se engalfinharam. Bill empurrou Ted até a mesa da cozinha, onde uma tigela com ovos balançou perigosamente.

– Saiam já da cozinha – gritou a Sra. Ramsay.

Ela os empurrou porta afora, arrumou as latas e varreu os cacos. "Daqui a dois dias", pensou, "eles voltam para a escola! Que notícia divina, maravilhosa, para uma mãe!"

Lembrou-se vagamente da observação maliciosa de uma jornalista: A mulher só tem seis dias felizes no ano. Os primeiros e os últimos dias das férias. Como é verdade, pensava a Sra. Ramsay, varrendo os cacos da sua melhor louça. Com que prazer, que alegria ela esperara a volta dos seus rebentos, cinco semanas antes!

E agora? "Amanhã", falava consigo mesma, "amanhã, Bill e Ted voltam para a escola. Nem posso acreditar! Não vejo a hora!"

Que maravilha, cinco semanas antes, quando ela fora buscá-los na estação! E que abraços demorados e calorosos eles lhe tinham dado! E como tinham invadido a casa toda e o jardim! Fizera um bolo especial para o chá. E agora... O que é que ela queria agora? Um dia de paz absoluta. Nada de preparar refeições monstruosas, nem de limpar sem parar. Ela era louca pelos meninos. Uns lindos meninos, sem dúvida alguma. Orgulhava-se deles. Mas esgotavam qualquer um! O apetite, a vitalidade deles e o barulho que eles faziam!

Nesse momento, ela ouviu gritos roucos. Virou a cabeça, alarmada. Não tinha importância, eles tinham apenas ido para o jardim. Assim era melhor, lá tinham mais espaço. Iam aborrecer os vizinhos, na certa. Só pedia a Deus que deixassem os gatos da Sra. Hemming em paz. Para ser franca, não era pelo bem dos gatos, mas porque a cerca de arame do jardim da Sra. Hemming às vezes rasgava os shorts dos garotos. Ela lançou um olhar rápido à caixa de primeiros socorros que estava sobre a cômoda. Não que a Sra. Ramsay se preocupasse demais com os acidentes naturais dessa idade. Na verdade, a sua inevitável censura era: "Já não disse mais de mil vezes a vocês para não virem sangrar aqui na sala? Vão direto para a cozinha e sangrem por lá, que eu posso lavar!"

Ouviu-se um berro lá fora, interrompido bruscamente e seguido por um silêncio tão profundo que até a Sra. Ramsay se alarmou desta vez. Esse silêncio não era normal. Ela ficou parada, com a pá cheia de cacos na mão, sem saber o que fazer. A porta da cozinha se abriu e Bill apareceu. O rostinho de 11 anos tinha uma expressão esquisita e estática, absolutamente anormal.

– Mamãe – disse ele –, tem um detetive lá fora, com outro homem.

– Ah! – disse a Sra. Ramsay, aliviada. – O que é que ele quer, meu bem?

– Quer falar com a senhora – respondeu Bill. – Mas eu acho que é a respeito do crime. Sabe, aquele de ontem, na casa da Sra. Pebmarsh.

– Por que ele veio até aqui para falar comigo? – disse Ramsay, meio desapontada.

A vida é uma série de circunstâncias, pensou ela. Como é que ela iria preparar as batatas para o ensopado, se os policiais apareceram numa hora tão imprópria?

– Está bem – disse, com um suspiro. – É melhor eu ir falar com eles. – Ela jogou os cacos na lata de lixo, debaixo da pia, lavou as mãos na torneira, alisou os cabelos e aprontou-se para acompanhar Bill, que dizia impaciente:

– Mamãe, anda logo!

A Sra. Ramsay, entrou com Bill na saleta, onde os dois homens a esperavam. Ted, o filho mais moço, estava fazendo sala, encarando-os com um olhar francamente interessado.

– Sra. Ramsay?

– Bom dia.

– Suponho que seu filho já lhe disse que sou o detetive-inspetor Hardcastle.

– Estou meio atrapalhada – disse. – Tenho tanto que fazer hoje de manhã... Vai demorar muito?

– Quase nada – respondeu o inspetor, tranqüilizando-a. – Podemos nos sentar?

– Sim, sim, por favor.

A Sra. Ramsay sentou-se numa cadeira alta e encarou-os com impaciência. Ela não estava convencida de que aquilo não fosse demorar nada.

– Vocês não precisam ficar aqui – disse Hardcastle, amavelmente, aos meninos.

– Ah! A gente quer ficar – disse Bill.

– A gente quer ficar – repetiu Ted, num eco.

– Nós queremos ouvir a história – disse Bill.

– Ora, se queremos – disse Ted.

– Correu muito sangue? – perguntou Bill.

– Foi algum ladrão? – disse Ted.

– Calem a boca, meninos – disse a Sra. Ramsay. – Vocês não ouviram o... Sr. Hardcastle dizer que não queria que vocês ficassem aqui?

– A gente não vai embora – disse Bill. – A gente quer ouvir tudo.

Hardcastle dirigiu-se à porta e abriu-a. Olhou para os dois e disse:

– Saiam.

Uma palavra apenas, em tom calmo, mas com o peso da autoridade. Sem mais um pio, os garotos levantaram, arrastando os pés, e saíram.

"Que maravilha", pensou a Sra. Ramsay, com admiração. "Por que é que eu não consigo fazer isso?"

A questão é que ela era a mãe deles. Ouvira dizer que as crianças, fora de casa, se comportam de modo completamente diverso. As mães é que agüentam o pior. Mas talvez fosse melhor assim, pensou. Seria pior ter uns guris bonzinhos, quietos e educados em casa, e uns baderneiros fora de casa, dando uma péssima impressão pelo seu comportamento. É, seria mesmo muito pior. Quando o inspetor voltou a sentar-se, ela já tinha se dado conta do que queriam dela.

– Se é a respeito do que aconteceu no nº 19 – disse, nervosa –, eu não sei o que lhe dizer, inspetor. Não estou a par de nada. Nem sei quem mora lá.

– A moradora se chama Milliant Pebmarsh. Ela é cega e trabalha no Instituto Aaronberg.

– Ah, sei – disse a Sra. Ramsay. – Eu sinto muito, mas não conheço ninguém que mora na parte mais baixa de Wilbraham Crescent.

– A senhora estava aqui ontem, entre 12h30 e 15 horas?

– Estava, sim – disse a Sra. Ramsay. – Eu estava preparando o jantar, essas coisas. Mas saí pouco antes das três, levei os meninos ao cinema.

O inspetor deu a ela a foto que acabara de tirar do bolso.

– Gostaria que a senhora me dissesse se já viu este homem alguma vez.

A Sra. Ramsay contemplou a fotografia com o interesse ligeiramente desperto.

– Não – disse. – Creio que não. Não garanto que me lembraria se o tivesse visto.

– Ele nunca esteve por aqui... procurando vender-lhe apólices de seguro de vida ou qualquer outra coisa?

A Sra. Ramsay sacudiu a cabeça, com mais certeza.

– Não, não senhor, estou certa de que ele nunca esteve aqui.

– O nome dele, temos razões para crer, é Curry. Sr. R. Curry.

Ela olhou para a foto mais uma vez e tornou a sacudir a cabeça.

– Sinto muito – disse ela, desculpando-se –, mas na verdade não tenho tempo para ver ou perceber muita coisa durante as férias dos meninos.

– É um período estressante, não é? – disse o inspetor. – A senhora tem uns belos meninos. Cheios de vitalidade. Às vezes até demais, não é mesmo?

A Sra. Ramsay abriu um grande sorriso.

– É, sim. Às vezes cansam a gente, mas eles são uns amores, na verdade.

– Estou certo disso – disse o inspetor. – Meninos muito bonitos, ambos. E acho que são bastante inteligentes. Quero dar uma palavrinha com eles antes de partir, se a senhora não se incomoda. As crianças freqüentemente percebem o que as outras pessoas de casa nem vêem.

– Não sei como eles possam ter percebido algo – disse a Sra. Ramsay –, pois não moramos colados àquela casa.

– Mas os quintais se tocam.

– É verdade, mas são bem separados.

– A senhora conhece a Sra. Hemming, que mora no nº 20?

– Bem, conheço-a de certo modo, por causa dos gatos.

– A senhora gosta de gatos?

– Eu, não – respondeu a Sra. Ramsay. – Não se trata disso, é por causa das reclamações costumeiras.

– Ah, sei. Que reclamações?

A Sra. Ramsay enrubesceu.

– A questão é que quando uma pessoa se rodeia de gatos fica inteiramente biruta por eles. E ela tem 14! E tudo isso é um absurdo. Eu gosto de gatos. Nós já tivemos um... Era um ótimo caçador, também. Mas a complicação da vida

dessa mulher, preparando comida especial... Nem deixa os pobres bichos saírem para terem vida própria. É claro que os gatos estão sempre procurando fugir. Se eu fosse um gato, é isso que eu tentaria fazer. E os meninos são muito bonzinhos mesmo, seriam incapazes de atormentar um gato, de maneira alguma. Eu acho que os gatos sabem tomar conta de si mesmos. São animais muito sensíveis, desde que sejam tratados razoavelmente.

– Acho que a senhora está absolutamente certa – disse o inspetor. – Que vida ocupada a sua – continuou –, tendo de distrair e alimentar esses meninos durante as férias. Quando é que eles regressam à escola?

– Depois de amanhã – disse a Sra. Ramsay.

– Espero que então a senhora possa descansar.

– Pretendo levar um vidão – disse ela.

Colin, que até então se limitara a tomar notas silenciosamente, finalmente abriu a boca:

– A senhora precisava de uma dessas moças estrangeiras, uma *au pair*, como dizem. Moram na casa e ajudam no serviço, em troca de aprender inglês.

– Acho que vou precisar de alguém assim – disse a Sra. Ramsay, pensativa. – Embora eu sempre tenha pensado que é difícil lidar com estrangeiros. Meu marido ri de mim. Mas, é claro, ele sabe mais do que eu, não viajei tanto para o exterior como ele.

– Ele não está em casa agora? – perguntou Hardcastle.

– Não, senhor... Ele precisou ir à Suécia no começo de agosto. É engenheiro civil. É uma pena ele ter tido de partir logo no começo das férias. Ele sabe lidar com as crianças, gosta de brincar com o trem elétrico, mais do que os próprios meninos. Muitas vezes, os trilhos, estações e vagões ficam espalhadas pelo hall e pelos outros quartos. É difícil não tropeçar por cima deles. – Ela sacudiu a cabeça. – Os homens são verdadeiras crianças – disse, com indulgência.

– Quando é que a senhora o espera de volta, Sra. Ramsay?

– Não sei. – Ela suspirou. – Assim a separação é mais difícil.

Ela falou com um tremor na voz. Colin olhou para ela atentamente.

Hardcastle levantou-se e disse:

– Talvez os meninos queiram nos mostrar o jardim.

Bill e Ted estavam esperando no hall e aceitaram a sugestão imediatamente.

– Bem – disse Bill, desculpando-se –, não é lá muito *grande*.

A Sra. Ramsey havia se esforçado para conservar o jardim em relativa ordem. De um lado, via-se um canteiro com dálias e margaridas. O pequeno gramado não estava podado. As alamedas precisavam de um pouco mais de trato. Havia aviõezinhos, naves espaciais e outros brinquedos espalhados por toda parte. No fundo, via-se uma macieira carregada de belas maçãs rubras e, ao

seu lado, uma pereira.

– É *ali* – disse Ted, apontando para o espaço entre as duas árvores, através do qual via-se nitidamente o fundo da casa da Sra. Pebmarsh. – O crime foi no nº 19.

– Pode-se ver bem a casa, daqui, não é? – disse o inspetor. – Melhor, ainda, lá de cima.

– O senhor tem razão – disse Bill. – Se nós estivéssemos espiando lá de cima, teríamos visto alguma coisa, mas não estávamos.

– Estávamos no cinema – disse Ted.

– Encontraram impressões digitais? – perguntou Bill.

– Nada que se aproveite. Vocês estiveram no jardim ontem?

– Estivemos sim – disse Bill. – Brincamos aqui, a manhã inteira, mas não vimos nem ouvimos nada.

– Se estivéssemos aqui à tarde, teríamos ouvido gritos – disse Ted, excitado. – Gritos horríveis, não é?

– Vocês conhecem a dona da casa, a Sra. Pebmarsh, de vista?

Os meninos entreolharam-se e acenaram com a cabeça.

– Ela é cega – disse Ted. – Mas ela sabe andar pelo jardim. Não usa bengala nem nada. Certa vez, ela nos jogou uma bola de volta. Ela foi bem legal com a gente.

– Vocês não a viram ontem?

Os rapazes indicaram que não com a cabeça.

– De manhã a gente nunca a vê. Ela sempre sai – explicou Bill. – Ela costuma vir ao jardim depois do chá.

Colin estava examinando uma mangueira de borracha presa a uma torneira. A mangueira atravessava o jardim e terminava num canto junto à pereira.

– Nunca ouvi dizer que seja preciso regar pereiras – observou Colin.

– Ah, isso... – disse Bill, meio sem jeito.

– Agora, por outro lado – disse Colin –, se a gente trepar na árvore... – Ele olhou para os guris e começou a rir. – ... pode dar um bom banho num gato, não é?

Os dois puseram-se a esfregar os pés na terra e olharam para todos os lados, menos para Colin.

– É isso que vocês fazem, não é? – perguntou Colin.

– Bem, quer dizer... – disse Bill. – Não faz mal pra eles. Não é como um estilingue – disse, com ar de santidade.

– Mas eu acho que vocês já usaram o estilingue, não é?

– A gente não tem boa pontaria – disse Ted. – Nunca acertamos em nada.

– De qualquer modo, vocês bem que se divertiram com essa mangueira –

disse Colin. – E aí, então, a Sra. Hemming veio se queixar.

– Ela está sempre se queixando – disse Bill.

– Vocês atravessaram a cerca da casa dela alguma vez?

– Não esta de arame – disse Ted, sem pensar.

– Mas vocês vão ao jardim dela de vez em quando, não é verdade? Como é que vocês fazem?

– Bom, a gente entra pela cerca no jardim da Sra. Pebmarsh, depois, um pouco mais à direita, a gente passa através da sebe pro jardim da Sra. Hemming. O arame do jardim dela tem um buraco.

– Você, não pode calar o bico, idiota? – disse Bill.

– Eu acho que vocês têm andado procurando pistas desde que o assassinato aconteceu, não é? – falou Hardcastle.

Os meninos se entreolharam.

– Quando vocês voltaram do cinema e souberam do que tinha acontecido, aposto que atravessaram a cerca e entraram no jardim do nº 19, dando uma boa olhada por lá.

– Bem... – começou Bill, cautelosamente.

– É bem possível que vocês tenham notado alguma coisa que nos passou despercebida – disse Hardcastle, bem sério. – Se vocês tiverem... hum... uma coleção de pistas, eu ficaria muito feliz se vocês a mostrassem para mim.

Bill exclamou decidido:

– Vai buscar, Ted.

Ted saiu em disparada, obediente.

– Acho que não tem nada que valha grande coisa – admitiu Bill. – A gente, bem... só faz de conta...

Ele olhou para Hardcastle, ansioso.

– Compreendo – disse o inspetor. – Isso também acontece muitas vezes com o trabalho da polícia. Quantas decepções!

Bill mostrou-se aliviado.

Ted voltou correndo e entregou ao inspetor um lenço amarrado pelas pontas. Hardcastle o desamarrou e espalhou o conteúdo, tendo um guri de cada lado.

Havia a asa de uma xícara, um caco de porcelana pintada, uma pazinha quebrada, um garfo enferrujado, uma moeda, um pregador de roupa, um pedacinho de vidro irisado e a metade de uma tesoura.

– Muito interessante – disse o inspetor solenemente. Penalizado com a expressão dos guris, ele pegou o pedacinho de vidro. – Vou ficar com isto. É capaz de estar ligado a alguma coisa.

Colin tinha apanhado a moeda e examinava-a cuidadosamente.

– Não é inglesa – disse Ted.

– Não é, não – disse Colin. – Não é inglesa. – Olhando para Hardcastle, disse: – Acho que poderíamos levar isto também.

– Não contem nada a ninguém – disse Hardcastle, com ar de conspirador.

Encantados, os meninos prometeram que não abririam o bico.

11

— Ramsay – disse Colin, pensativo.

– O que é que tem ele?

– Gosto do som do nome dele, nada mais. Ele está sempre viajando para o exterior. A mulher diz que ele é engenheiro civil, mas parece que isso é tudo quanto sabe dele.

– Ela é simpática – disse Hardcastle.

– É... E não parece ser feliz.

– Está cansada, só isso. As crianças esgotam!

– Eu acho que há mais do que isso.

– Certamente o tipo de homem que você está procurando não ficaria sobrecarregado com esposa e dois filhos – disse Hardcastle, com ceticismo.

– Não sei, não – disse Colin. – Você ficaria surpreso se soubesse como um par de guris pode ser usado por essa gente. Uma viúva em situação difícil, com duas crianças, seria capaz de aceitar qualquer acordo.

– Eu não a julgaria capaz disso – discordou Hardcastle.

– Não estou falando em vida pecaminosa, meu caro. Estou dizendo que ela concordaria em se tornar a Sra. Ramsay, providenciando assim a fachada de uma vida familiar estável. Naturalmente, ele lhe contaria uma história convincente, que estava trabalhando em espionagem, vamos dizer, para o nosso lado. Tudo dentro do mais puro patriotismo.

Hardcastle sacudiu a cabeça e disse:

– Você vive num mundo estranho, Colin.

– Vivo mesmo, sabe? Um dia eu tenho que sair disso... A gente acaba esquecendo o que são as coisas e quem é quem. A metade desse pessoal trabalha para os dois lados e, no fim, nem eles sabem de que lado estão. Os conceitos se confundem... Ora! Vamos continuar com isso.

– É melhor irmos ver os McNaughton – disse Hardcastle, parando ante o portão do nº 63. – Parte do jardim deles faz divisa com o nº 19... como o dos Blands.

– O que é que você sabe dos McNaughton?

– Não sei muita coisa... Chegaram aqui há um ano. Casal idoso. Professor aposentado, se não me engano. Ele adora jardinagem.

O jardim da frente tinha roseiras e um canteiro de açafrão de outono sob as janelas.

Uma jovem alegre abriu-lhes a porta, vestida com um avental florido, e disse:

– Os senhores desejam?... Sim?

Hardcastle estendeu-lhe o cartão de visita e murmurou:

– Finalmente encontramos a empregada estrangeira.

– Polícia – disse a moça.

Ela deu dois passos para trás e encarou Hardcastle como se ele fosse o diabo em pessoa.

– A Sra. McNaughton, por favor – disse Hardcastle.

– A Sra. McNaughton está aqui.

Ela levou-os à sala vazia que dava para o jardim.

– Ela está no andar de cima – disse a jovem, que perdera todo o entusiasmo. Saiu para o hall e gritou: – Sra. McNaughton! Sra. McNaughton!

Uma voz respondeu de longe:

– Que é que há, Gretel?

– É a polícia... dois policiais. Mandei-os esperar na sala.

Ouviu-se passos apressados no andar superior e as palavras "Santo Deus, Santo Deus, era só o que faltava". Dali a pouco a Sra. McNaughton apareceu na sala com uma expressão preocupada. Pouco depois, Hardcastle chegaria à conclusão de que a Sra. McNaughton tinha sempre um ar preocupado.

– Santo Deus, Santo Deus – repetiu ela. – Inspetor... o quê?... – Ela examinou o cartão de visita. – Hardcastle... Ah, sim. – O que é que o senhor quer de nós? Não sabemos de nada. Quer dizer, suponho que se trate do crime, não é? Diga uma coisa, é a propósito da licença da televisão?

Hardcastle tranqüilizou-a quanto a esse ponto.

– Parece extraordinário, não é? – disse a Sra. McNaughton, animando-se. – E foi mais ou menos ao meio-dia, não é? Que hora para se entrar numa casa e roubá-la... Bem no momento em que as pessoas normalmente estão em casa. Mas a gente ouve falar em coisas tão horríveis atualmente, e tudo acontece em plena luz do dia. Sabe, nós temos uns amigos... Saíram para almoçar, um caminhão de mudança chegou, os homens entraram e carregaram todos os móveis. Todos assistiram ao acontecimento mas, naturalmente, não podiam imaginar que fosse um roubo. Eu tive a impressão de ter ouvido alguém gritar ontem, mas Angus disse que eram aqueles moleques da Sra. Ramsay. Eles

correm pelo jardim, fazendo de conta que estão pilotando naves espaciais, sabe como é, imitando o ruído de foguetes ou bombas atômicas. Às vezes, é horrível.

Hardcastle apresentou a ele a fotografia da vítima.

– A senhora já viu esse homem, Sra. McNaughton?

A Sra. McNaughton olhou a foto com avidez.

– Tenho quase certeza de tê-lo visto. Vi sim. É, sim, estou praticamente certa. Ora, onde foi? Teria sido o homem que veio perguntar se queríamos comprar uma nova enciclopédia de 14 volumes? Ou seria o homem que tentou nos vender o último modelo de aspirador de pó? Não quis nada com ele, saiu e foi aporrinhar meu marido, que estava no jardim. Angus estava plantando alguns bulbos, sabe, e não gosta de ser interrompido. O homem falou sem parar sobre as maravilhas que o aspirador fazia. Sabe como é, que limpa cortinas; pra cima e pra baixo, além de limpar a soleira da porta, as escadas, as almofadas etc. "Faz tudo", disse ele, "absolutamente tudo". Nessa hora, Angus olhou para ele, levantou a cabeça e perguntou: "Também sabe plantar bulbos?", e devo dizer que caí na risada, pois o homem ficou sem graça e foi embora.

– E a senhora acha mesmo que era o homem da fotografia?

– Não, eu não posso afirmar – disse a Sra. McNaughton. – Porque era mais moço, pensando bem. Mas, mesmo assim, acho que já vi esse rosto. É, sim. Quanto mais olho, mais me convenço de que ele esteve aqui e me pediu pra comprar alguma coisa.

– Seguro de vida, talvez?

– Não, não, seguro não. Meu marido é quem cuida de tudo isso. Já temos seguro de tudo. Não, mas de qualquer jeito... É, quanto mais olho o retrato...

Hardcastle estava menos animado do que deveria estar. Sua experiência dizia que a Sra. McNaughton era o tipo de mulher ansiosa pela sensação de ter visto alguém ligado a um crime. Quanto mais ela olhava o retrato, mais se convencia de que se lembrava de ter conhecido alguém como ele.

O inspetor suspirou.

– Ele estava dirigindo uma caminhonete, se não me engano – disse a Sra. McNaughton. – Mas quando o vi, exatamente, não posso dizer. Era um carro de padeiro, tenho quase certeza.

– A senhora não o viu ontem, viu, Sra. McNaughton?

Seu rosto demonstrou um certo desapontamento e ela jogou para trás da testa os cabelos grisalhos e um tanto desgrenhados.

– Não. Não, ontem, não – disse. – Pelo menos... – Parou um pouco. – Não, *creio* que não. – Depois, animou-se um pouco. – Talvez meu marido se lembre.

– Ele está em casa?

– Está no jardim.

Ela apontou pela janela, no momento em que um homem idoso empurrava um carrinho de mão pela alameda.

– Talvez pudéssemos ir até lá falar com ele?

– Claro. Por aqui.

Saíram por uma porta lateral e entraram no jardim. O Sr. McNaughton estava encharcado de suor.

– Estes senhores são da polícia, Angus – disse a esposa, ofegante. – Vieram falar do crime que houve na casa da Sra. Pebmarsh. Eles têm um retrato do morto. Sabe, eu tenho quase certeza de tê-lo visto em algum lugar. Não é aquele homem que esteve aqui na semana passada e perguntou se não tínhamos algumas antiguidades para vender?

– Deixe-me ver – disse o Sr. McNaughton. – Segure a fotografia para mim, por favor – disse a Hardcastle. – Minhas mãos estão sujas demais para tocar em alguma coisa. – Deu uma olhada na foto e disse: – Nunca vi esse sujeito na minha vida.

– Um de seus vizinhos nos disse que o senhor é louco por jardinagem – disse Hardcastle.

– Quem foi que disse isso? Foi a Sra. Ramsay?

– Não, foi o Sr. Bland.

Angus McNaughton fungou.

– Bland nem sabe o que é jardinagem – disse. – Ele só sabe remexer a terra. Planta begônias, gerânios e lobélias. Eu não chamo isso de jardinagem. É melhor viver logo num parque. O senhor se interessa por arbustos, inspetor? Bem, agora não está na época, mas eu consegui plantar alguns arbustos aqui que, segundo dizem, só crescem em Devon e em Cornwall.

– Acho que não entendo muito de jardinagem – disse Hardcastle.

McNaughton olhou-o como um artista olha para alguém que diz não entender nada de arte, mas sabe do que gosta.

– Receio que o assunto de minha visita seja bem menos agradável – disse Hardcastle.

– É claro. Esse negócio de ontem. Eu estava no jardim, sabe, quando isso aconteceu.

– É verdade?

– Bem, quero dizer que estava aqui quando a moça gritou.

– O que o senhor fez então?

– Bem – disse o Sr. McNaughton, meio encabulado –, não fiz nada. Para dizer a verdade, eu pensei que fosse um daqueles pestinhas da Sra. Ramsay. Estão sempre gritando e fazendo barulho.

– Mas esse grito, naturalmente, não veio da mesma direção?

– Poderíamos dizer isso se esses garotos danados ficassem no jardim deles. Mas não ficam, sabe? Eles atravessam as cercas e sebes dos outros. Andam atrás dos malditos gatos da Sra. Hemming por toda parte. A questão é que ninguém usa de autoridade com eles. É claro, quando não há um homem em casa, as crianças abusam.

– Ouvi dizer que o Sr. Ramsay viaja muito para o exterior.

– Parece que é engenheiro civil – disse o Sr. McNaughton, vagamente. – Está sempre de viagem marcada. Acho que trabalha na construção de barragens, ou então em plataformas de petróleo, oleodutos ou coisa parecida. Nem sei bem. Há mais ou menos um mês, ele partiu de repente para a Suécia. E, com isso, a mãe dos meninos tem muito o que fazer... cozinhar, tomar conta da casa, da roupa... e, sabe como é... eles ficaram soltos. Não são maus meninos, o que precisavam é de disciplina.

– O senhor não viu nem ouviu mais nada? A que horas ouviu o grito da moça, por falar nisso?

– Não tenho a mínima idéia – disse o Sr. McNaughton. – Sempre que venho para cá, tiro o relógio. No outro dia, molhei-o com a mangueira e deu um trabalhão para consertar. Que horas eram, meu bem? Você também ouviu, não foi?

– Deviam ser 14h30... Foi pelo menos meia hora depois de termos acabado de almoçar – disse a Sra. McNaughton.

– Compreendo. A que horas costumam almoçar? – perguntou Hardcastle.

– Às 13h30 – respondeu o Sr. McNaughton. – Quando temos sorte. Nossa empregada dinamarquesa não tem noção de tempo.

– E depois, costumam fazer a sesta?

– Às vezes, mas hoje não dormi. Eu quis continuar o serviço no jardim. Andei fazendo faxina. Amontoando fertilizante natural, essa coisa toda.

– Amontoar adubo natural é uma coisa formidável – disse Hardcastle solenemente.

O rosto do Sr. McNaughton iluminou-se subitamente.

– É isso mesmo. Não há nada que se compare. Ah! Quanta gente eu convenci! Usando esses fertilizantes químicos! É um suicídio! Permita que lhe mostre.

Ele agarrou Hardcastle pelo braço com firmeza e, empurrando o carrinho de mão, seguiu pela alameda beirando a cerca que separava o seu jardim do jardim do nº 19. Por trás de uns arbustos de lilases via-se o monte de esterco. O Sr. McNaughton empurrou o carrinho até um galpão pequeno onde havia uma porção de ferramentas bem arrumadas.

– Como o senhor arranja tudo direitinho... – observou Hardcastle.

– Preciso cuidar de minhas ferramentas – disse o Sr. McNaughton.

Hardcastle ficou olhando para o nº 19, pensativo. Do outro lado da cerca, via-se um caramanchão que conduzia ao lado da casa.

– O senhor não viu ninguém no jardim do nº 19, ou na janela da casa, ou coisa parecida, enquanto o senhor andava às voltas com o monte de adubo?

O Sr. McNaughton sacudiu a cabeça.

– Não vi nada – disse. – Sinto muito não poder ajudá-lo, inspetor.

– Sabe, Angus – disse a mulher –, eu acho que vi um vulto se esgueirando pelo jardim do nº 19.

– Acho que você não viu nada, meu bem – respondeu o marido, com firmeza. – E nem eu tampouco.

– Essa mulher seria capaz de afirmar que viu qualquer coisa – resmungou Hardcastle quando voltaram para o automóvel.

– Você não acredita que ela tenha reconhecido a fotografia, acredita? – perguntou Colin.

Hardcastle sacudiu a cabeça.

– Duvido. Ela só quer acreditar que o reconheceu. Conheço bem demais esse tipo de testemunha. Quando eu a encostei na parede, não soube mais se safar, você não percebeu?

– Não.

– Claro, é possível que ela tenha sentado diante dele num ônibus ou coisa parecida. Concordo. Mas, para dizer a verdade, eu não acredito nela. O que é que você acha?

– Concordo.

– Não conseguimos muito – suspirou Hardcastle. – Algumas coisas na verdade me pareceram bastante estranhas. Por exemplo, é quase impossível que a Sra. Hemming saiba tão pouco da vida de sua vizinha, a Sra. Pebmarsh, como ela demonstrou, por mais envolvida que esteja com seus gatos. Há também o desinteresse dela pelo crime, e a sua atitude estranhamente aérea.

– Mas ela *é* uma mulher aérea!

– Distraída – disse Hardcastle. – Quando se encontra uma mulher distraída, podem acontecer incêndios, roubos ou assassinatos perto dela, e ela nem se dará conta disso.

– Ela está cercada por tantas telas de arame e arbustos vitorianos que não pode ver muita coisa.

De volta à delegacia, Hardcastle sorriu para o amigo e disse:

– Está bem, sargento Lamb, o senhor agora está dispensado.

– Não vamos fazer mais visitas?

– Por ora, não. Preciso fazer uma mais tarde, mas não levarei você.

– Está bem, obrigado por ter-me levado. Você quer mandar datilografar essas notas?

Colin passou-lhe as folhas de papel. – O inquérito vai ser depois de amanhã, não foi o que você disse? A que horas?

– Às 11 horas.

– Está bem. Voltarei a tempo.

– Você vai viajar?

– Preciso ir a Londres amanhã... Preciso aprontar meu relatório.

– Já sei para quem.

– Você não tem permissão para saber isso.

Hardcastle riu:

– Dê afetuosas lembranças ao velho.

– E é possível também que eu procure um especialista – disse Colin.

– Especialista? Para quê? O que é que você tem?

– Nada... Só quero tirar uma dúvida. Não me refiro a esse tipo de especialista. Trata-se de alguém da sua linha.

– Scotland Yard?

– Não. É um detetive particular. Um amigo de papai... e meu também. Esse seu caso complicado vai deixá-lo animado. Ele vai adorar... Tenho a impressão de que ele está mesmo precisando se animar.

– Como é que ele se chama?

– Hercule Poirot.

– Já ouvi falar nele. Pensei que tivesse morrido.

– Não morreu não, mas tenho a impressão de que anda sem motivação. Isso é pior.

Hardcastle olhou-o com curiosidade.

– Você é um sujeito engraçado, Colin. Arranja cada amigo esquisito...

– Inclusive você – disse Colin, rindo.

12

Depois que Colin saiu, o inspetor olhou para o endereço anotado em sua caderneta e balançou a cabeça. Então guardou a caderneta no bolso novamente e começou a despachar a papelada rotineira que se amontoava em sua mesa.

Estava tendo um dia bastante ocupado. Ele mandou buscar café e um

sanduíche e recebeu relatórios do sargento Cray. Até aquele momento, não havia chegado nenhuma informação útil. Na estação rodoviária e na ferroviária, ninguém reconhecera o retrato do Sr. Curry. O relatório do laboratório sobre as roupas dera em nada. O terno fora feito por um bom alfaiate cujo nome fora arrancado. Seria um desejo de manter-se no anonimato por parte do Sr. Curry? Ou por parte do assassino? Os dados dentários tinham sido comunicados aos canais competentes e seriam, provavelmente, as melhores indicações. Sempre demoravam um pouco, mas no fim traziam resultados. A não ser que o Sr. Curry fosse estrangeiro. Hardcastle pensou sobre o assunto. Havia a possibilidade de o morto ser francês. Por outro lado, suas roupas não pareciam francesas. Não haviam sido encontradas marcas de lavanderia.

Hardcastle não era impaciente. A identificação era quase sempre um trabalho lento, mas, no fim, sempre aparecia alguém – uma lavanderia, um dentista, um médico ou parente. A foto do morto circularia pelas delegacias de polícia e seria reproduzida nos jornais. Mais cedo ou mais tarde, a verdadeira identidade do Sr. Curry seria conhecida.

Enquanto isso, havia muito o que fazer, e não somente no caso Curry. Hardcastle trabalhou sem cessar até as 17h30. Olhou novamente para o relógio de pulso e decidiu que estava na hora de fazer a visita que queria.

O sargento Cray informara que Sheila Webb tinha recomeçado a trabalhar no Escritório Cavendish, que às 17 horas estaria atendendo ao professor Purdy, no Hotel Curlew, e que provavelmente sairia bem depois das 18 horas.

Como era mesmo o nome de sua tia? Lawton... Sra. Lawton, Palmerston Road, nº 14. Ele não foi com o carro de polícia, preferindo cobrir a pé a curta distância.

Palmerston Road era uma rua sombria que, segundo a expressão consagrada, conhecera melhores dias. Hardcastle observou que as casas, em sua maioria, tinham-se transformado em apartamentos. Ao dobrar a esquina, viu uma moça aproximar-se dele pela calçada e hesitar um instante. Pensando em outra coisa, teve a impressão de que ela iria lhe pedir uma informação qualquer. Entretanto, se fosse esse o caso, a moça se arrependera, pois seguiu seu caminho, passando direto por ele. O inspetor surpreendeu a si mesmo pensando repentinamente, em sapatos. Sapatos, não... Um sapato. A moça lhe parecia vagamente familiar. Quem era? Alguém que ele vira ultimamente... Talvez ela o tivesse reconhecido e quisesse falar-lhe?

Parou um instante e olhou para trás. Ela agora caminhava bem rápido. O problema é que ela tinha uma dessas fisionomias indeterminadas que são muito difíceis de reconhecer, a não ser que haja alguma razão especial para isso. Olhos azuis, tez clara, boca levemente aberta. Boca. Isso também lhe lembrava algo.

Alguma coisa que ela estivera fazendo com a boca? Falando? Passando batom? Não. Ele estava aborrecido porque costuma gabar-se de reconhecer um rosto facilmente. Gostava de dizer que nunca esquecia uma fisionomia, fosse no banco dos acusados ou no das testemunhas, mas, afinal de contas, havia outros lugares além destes. Não poderia lembrar-se, por exemplo, de cada garçonete que já o servira. Nem podia recordar todos os motoristas. Afastou o pensamento.

Ele chegara ao nº 14. A porta do prédio estava entreaberta e havia quatro campainhas acima dos nomes. Ele viu que a Sra. Lawton tinha um apartamento no térreo. Entrou e apertou a campainha da porta à esquerda do hall. Esperou alguns instantes até que respondessem. Finalmente, ouviu passos do lado de dentro e uma mulher alta e magra abriu a porta. Tinha os cabelos escuros e desalinhados, vestia um avental e parecia ofegante. Sentiu um cheiro de cebola vindo do que, obviamente, devia ser a cozinha.

– Sra. Lawton?

– Pois não – respondeu ela, um tanto contrariada e com ar de suspeita.

Ele calculou que ela tinha uns 45 anos. Havia algo de cigano em seu aspecto.

– Do que se trata? – perguntou a Sra. Lawton.

– Eu ficaria grato se a senhora pudesse me dar alguns minutos de sua atenção.

– A respeito do quê? Agora estou muito ocupada. – Ela acrescentou bruscamente: – O senhor é repórter?

Hardcastle resolveu adotar outra tática.

– Imagino que a senhora deve ter-se aborrecido muito com os repórteres, não é?

– Aborrecem, mesmo. Batendo à porta, tocando a campainha e perguntando um mundo de bobagens.

– É muito desagradável, eu sei – disse o inspetor –, e gostaria de poder poupar-lhe tudo isso. Eu sou o detetive-inspetor Hardcastle. Por acaso estou encarregado do caso que tem levado os repórteres a incomodá-la. Bem que gostaríamos de acabar com isso, mas infelizmente estamos de mãos atadas quanto a isso, como a senhora sabe. A imprensa tem seus direitos.

– É uma vergonha, incomodar as pessoas dessa maneira – disse a Sra. Lawton. – Dizem que precisam de novidades para informar ao público. A única coisa que eu tenho reparado é que tudo que eles publicam é mentira, do princípio ao fim. Inventam qualquer coisa, na minha opinião. Mas pode entrar.

Ela deu um passo para trás, o inspetor atravessou a soleira e ela fechou a porta. Havia algumas cartas no chão, sobre o tapete. A Sra. Lawton abaixou-se para apanhá-las, mas o inspetor delicadamente passou-lhe à frente, apanhando

as cartas e entregando-as à mulher.

– Obrigada. – Ela colocou a correspondência sobre a mesa do hall. – Vamos até a sala, inspetor. Por favor, entre por essa porta e espere um instantinho. Acho que alguma coisa está fervendo.

Ela saiu célere para a cozinha. O inspetor Hardcastle deu mais uma olhada decisiva na mesa do hall. Havia uma carta endereçada à Sra. Lawton e duas à Srta. R. S. Webb. Ele entrou na sala indicada. Era um cômodo pequeno, meio desarrumado, mal mobiliado, mas que exibia detalhes inesperados em cores vivas e alguns objetos fora do comum. Uma peça furta-cor de forma abstrata, muito bonita, em cristal de Veneza, e provavelmente de valor, dois almofadões de veludo e uma bandeja de cerâmica cheia de conchas exóticas. Hardcastle pensou com seus botões que alguém naquela casa tinha um gosto bastante singular.

A Sra. Lawton voltou, ainda mais ofegante do que antes.

– Acho que agora está tudo bem – disse, um pouco incerta.

O inspetor tornou a desculpar-se.

– Desculpe se eu vim incomodá-la numa hora inconveniente – disse –, mas eu estava passando por aqui e resolvi conferir certos dados a respeito desse caso em que sua sobrinha, infelizmente, está envolvida. Espero que ela não tenha tido maiores aborrecimentos por causa disso. Deve ser um choque muito grande para qualquer moça.

– É, sim – disse a Sra. Lawton. – Sheila voltou para casa num estado deplorável, mas hoje de manhã já estava bem disposta e voltou ao serviço.

– É, sei disso – falou o inspetor. – Mas fui informado de que ela saiu para atender a um cliente em algum lugar. Não quis atrapalhar o trabalho dela, então pensei que era melhor vir até aqui e tentar conversar com ela em sua própria casa. Mas ela ainda não voltou, não é?

– Ela vai chegar tarde, hoje – respondeu a Sra. Lawton. – Está trabalhando para o professor Purdy que, segundo ela, não tem a menor noção de tempo. Está sempre dizendo: "Isso não vai levar mais de dez minutos, então é melhor acabarmos de uma vez", e, naturalmente, gasta mais 45 minutos. É um homem muito simpático, que está sempre se desculpando. Algumas vezes ele insistiu para que Sheila ficasse para jantar, preocupado por tê-la prendido mais do que antecipara. Mas, às vezes, ele é muito maçante. Há alguma coisa em que eu possa ajudar-lhe, caso Sheila se demore?

– Bem, não é nada muito importante – disse o inspetor, sorrindo. – É que no outro dia tomei algumas notas, mas não sei se estão inteiramente corretas. – Ele fez de conta que consultava o caderninho mais uma vez. – Deixe-me ver... Srta. Sheila Webb. É este o nome todo, dela? Precisamos que esses detalhes

estejam muito exatos, por causa dos arquivos do inquérito.

– O inquérito é depois de amanhã, não é? Ela recebeu um chamado para comparecer.

– É, mas não precisa se preocupar com isso – disse Hardcastle. – Basta ela contar como foi que achou o corpo.

– Ainda não sabem quem é o homem?

– Não. Ainda estamos no estágio inicial da investigação. Encontramos um cartão no bolso da vítima, que fazia crer que ele fosse um corretor de seguros. Entretanto, suspeitamos que o cartão tenha sido plantado por alguém. Talvez ele mesmo estivesse planejando fazer um seguro de vida.

– Ah, compreendo – disse a Sra. Lawton, pouco interessada.

– Bom, agora vou anotar esse nome direito – falou o inspetor. – Escrevi apenas Srta. Sheila Webb, mas lembro-me que ela mencionou outro nome. É Rosalie?

– Rosemary – disse a Sra. Lawton. – Ela foi batizada Rosemary Sheila, mas sempre achou Rosemary um nome muito rebuscado, preferindo ser chamada apenas de Sheila.

– Ah!

O tom de voz de Hardcastle não deixou transparecer sua satisfação pelo fato de seu palpite ter dado certo. Marcara mais um ponto. A menção do nome Rosemary não despertava a menor emoção na Sra. Lawton; para ela, Rosemary era simplesmente um nome que a sobrinha não usava.

– Agora, sim, o nome está certo – disse o inspetor, sorrindo. – Segundo meus apontamentos, sua sobrinha veio de Londres e trabalha para o Escritório Cavendish há uns dez meses. A senhora não sabe a data exata, não é?

– Bem, para dizer a verdade, creio que não poderia informar o dia certo. Começou a trabalhar lá em novembro. Acho que foi no final de novembro.

– Está bem. Não tem importância. Ela morava aqui com a senhora, antes de conseguir esse emprego?

– Não senhor, ela morava em Londres.

– A senhora tem o endereço dela de Londres?

– Deve estar por aí – disse a Sra. Lawton, olhando ao redor, com a expressão característica de quem vive no meio da desordem. – Tenho uma péssima memória... Acho que é algo como Allington Grove... lá para os lados de Fulham. Ela dividia o apartamento com mais duas moças. É caríssimo para as meninas um quarto em Londres.

– A senhora se recorda do nome da firma em que ela trabalhava em Londres?

– Lembro, sim: Hopgood and Trent. Eles eram agentes imobiliários.

– Muito obrigado. Agora parece que está tudo em ordem. Se não me engano, a Srta. Webb é órfã?

– É, sim – disse a Srta. Lawton, mexendo-se, inquieta. Seus olhos voltaram-se para a porta. – Importa-se se eu der um pulinho na cozinha de novo?

– Fique à vontade.

O inspetor abriu-lhe a porta e ela saiu. Ele se perguntou se a sua última pergunta teria perturbado a Sra. Lawton. Aí então, suas respostas tinham sido rápidas e despreocupadas. Ficou pensando nisso até a Sra. Lawton voltar.

– Desculpe-me, por favor – disse ela, constrangida –, mas o senhor sabe como são as coisas na cozinha. Agora está tudo em ordem. Há mais alguma coisa que o senhor queira saber? Lembrei-me agora de que o endereço não é Allington Grove, é Carrington Grove, nº 17.

– Muito obrigado – disse o inspetor. – Mas ainda não me respondeu se a Srta. Webb é órfã.

– É, sim senhor. Os pais dela morreram.

– Há muito tempo?

– Morreram quando ela era criança.

Havia um tom de desafio, quase imperceptível, em sua voz.

– Ela é filha de sua irmã ou de seu irmão?

– De minha irmã.

– Muito bem. E qual era a profissão do Sr. Webb?

A Sra. Lawton hesitou, antes de responder. Mordeu os lábios e, afinal, disse:

– Não sei.

– A senhora não sabe?

– Quer dizer, não me lembro. Faz tanto tempo...

Hardcastle esperou, sabendo que ela tornaria a falar. E então ela disse:

– Posso perguntar o que isso tem a ver com o que aconteceu, afinal? Que importância tem saber quem era o pai dela, o que é que ele fazia, de onde veio, e tudo mais?

– Não tem mesmo muita importância, Sra. Lawton, do seu ponto de vista. Entretanto, como a senhora sabe, as circunstâncias são muito estranhas.

– O que é que o senhor quer dizer com *muito estranhas*?

– Bem, temos razões para acreditar que a Srta. Webb tenha ido àquela casa, ontem, por terem-na solicitado, especificamente, ao Escritório Cavendish. Tudo faz crer que alguém planejou deliberadamente para que ela fosse lá. Alguém, talvez... – Ele hesitou por um instante –... Que queira vingar-se dela por algum motivo.

– Não acredito que alguém queira vingar-se de Sheila por nada. Ela é tão boazinha... Uma menina simpática e cordial.

– É, sim – concordou Hardcastle. – É exatamente o que eu penso.

– E não admito que ninguém diga o contrário – disse a Sra. Lawton, zangada.

– Com toda razão – disse Hardcastle sorridente, procurando apaziguá-la. – Mas a senhora precisa compreender, Sra. Lawton, que tudo indica que tenham tentado fazer sua sobrinha de bode expiatório. *Alguém* procurou incriminá-la, certificando-se de que ela fosse a uma casa onde um homem fora recentemente assassinado. Parece-me uma trama mal-intencionada.

– O senhor quer dizer... que alguém está fazendo parecer que foi Sheila quem o matou? Ai, não, não, não, eu não acredito.

– É um pouco difícil de acreditar – concordou o inspetor –, mas temos que tirar tudo a limpo. Haveria, por exemplo, algum rapaz que goste dela mas a quem ela não corresponde? Há jovens que se vingam de maneira cruel, sobretudo se tiverem algum desequilíbrio mental.

– Não creio que se trate de nada disso – disse a Sra. Lawton, arregalando os olhos e franzindo as sobrancelhas, enquanto pensava. – Sheila teve alguns namorados, mas nada sério. Não tem compromisso com ninguém.

– Pode ter acontecido enquanto ela morou em Londres – sugeriu o inspetor. – Afinal de contas, não creio que a senhora esteja muito a par dos amigos que ela tinha por lá.

– Não, talvez não... Quanto a isso, o senhor precisa falar com ela mesma, inspetor Hardcastle. Mas nunca ouvi falar que ela tivesse tido qualquer aborrecimento.

– Ou talvez alguém queria lhe pregar uma peça. Quem sabe uma das moças que moraram com ela fosse invejosa? – sugeriu Hardcastle.

– É possível que alguma delas quisesse lhe pregar uma peça – disse a Sra. Lawton. E acrescentou, com ar de dúvida: – Mas não a ponto de envolvê-la num assassinato.

Hardcastle constatou que a Sra. Lawton não era nada boba. Ela estava certa. O inspetor comentou rapidamente:

– Sei que tudo isso parece impossível, mas, na verdade, o caso todo parece impossível.

– Deve ter sido algum louco – disse a Sra. Lawton.

– Mesmo em se tratando de um louco – disse Hardcastle –, há uma idéia definida por trás da loucura, a senhora sabe. Alguma coisa que a provoca. E é por isso que lhe perguntei sobre o pai e a mãe de Sheila. A senhora ficaria surpresa se soubesse quantos crimes são motivados por algo ligado ao passado. Como os pais da Srta. Webb morreram quando ela era pequena, é difícil para ela informar-me qualquer coisa a respeito deles. Foi por isso que recorri à

senhora.

– É, eu sei... Mas...

Ele percebeu novamente o tom perturbado e angustiado na voz dela.

– Ambos morreram ao mesmo tempo, num acidente ou algo parecido?

– Não, não houve acidente.

– Ambos morreram de causas naturais?

– Eu... pois é... quer dizer, não sei direito.

– Eu acho que a senhora sabe mais do que está querendo contar, Sra. Lawton. – Ele arriscou-se a dar um palpite. – Diga uma coisa, eram divorciados... ou algo assim?

– Não, não eram divorciados.

– Vamos lá, Sra. Lawton. A senhora sabe... deve saber, não é?... de que sua irmã morreu.

– Não sei o que... quer dizer, não sei... É muito difícil remexer essas coisas. É melhor não falarmos disso.

Notava-se uma ansiedade desesperada no olhar da Sra. Lawton. Hardcastle mirou-a com firmeza e depois disse, com toda delicadeza:

– Será que Sheila Webb... era filha ilegítima?

Ele percebeu imediatamente um misto de consternação e alívio na fisionomia dela.

– Ela não é *minha* filha – disse a Sra. Lawton.

– Ela é filha ilegítima de sua irmã?

– É, sim, senhor, mas ela não sabe. Nunca lhe contei. Eu lhe disse que os pais morreram quando ela era criança. É por isso que... bem, o senhor entende...

– Entendo, sim – disse o inspetor – e garanto-lhe que, a não ser que surja algo relativo a isso durante o inquérito, não haverá necessidade de abordar o assunto com a Srta. Webb.

– Quer dizer que o senhor não vai precisar contar isso a ela?

– A não ser que tenha importância no caso, o que me parece improvável. Mas precisamos de todas as informações que a senhora puder nos dar, Sra. Lawton, e dou-lhe a minha palavra de que farei o possível para que fique tudo somente entre nós.

– Não é uma coisa que a gente espera que aconteça – disse a Sra. Lawton. – E eu fiquei desolada, posso lhe afirmar. Minha irmã, sabe, sempre foi o gênio da família. Ela era professora primária e estava indo muito bem. Era uma moça muito bem reputada, sabe como é. A última pessoa que o senhor julgaria capaz de...

– Bem – interrompeu o inspetor, com muito tato –, isso acontece nas

melhores famílias. Ela conheceu esse homem... esse tal de Webb...

– Eu nunca soube o nome dele – disse a Sra. Lawton. – Nunca o vi. Ela me contou o que tinha acontecido, que estava grávida e que esse homem não podia, ou não queria... nunca soube direito... se casar. Ela era ambiciosa e, se o caso viesse à tona, ela perderia o emprego. Então, é claro, eu... eu disse que a ajudaria.

– Onde está a sua irmã, agora, Sra. Lawton?

– Não tenho a menor idéia. Nenhuma idéia – disse ela, com ênfase.

– Mas está viva?

– Creio que sim.

– Mas a senhora não manteve contato com ela?

– Ela preferia que não. Achou que seria melhor que ela e a criança cortassem definitivamente os laços. E assim foi feito. Nós duas recebemos uma pequena renda quando nossa mãe morreu. Ann deu-me sua parte para criar a criança. Ela continuaria em sua profissão, disse-me, mas trocaria de escola. Se não me engano, falou em intercâmbio de um ano como professora no exterior. Na Austrália, eu acho. É tudo que eu sei, inspetor Hardcastle, e tudo o que posso lhe contar.

Ele fitou-a, pensativo. Seria isso, realmente, tudo que ela sabia? Pergunta difícil de responder, com toda a certeza. Evidentemente era tudo que ela pretendia contar. Pode ser que fosse mesmo tudo quanto ela sabia. Apesar da Sra. Lawton ter-se referido muito brevemente à irmã, Hardcastle teve a impressão de se tratar de alguém com personalidade violenta, amarga e rigorosa. O tipo de mulher que não admite ter sua vida destruída por um erro. Num cálculo frio e determinado, providenciara a manutenção e a presumível felicidade de sua filha. E, daquele momento em diante, desligara-se completamente dela para começar uma vida nova e independente.

Era compreensível, pensou Hardcastle, que ela tivesse essa reação com relação à criança, mas com a irmã? O inspetor olhou para a Sra. Lawton e falou calmamente:

– É estranho que ela não tenha mantido contato com a senhora nem por carta, sequer para saber como estava a criança.

A Sra. Lawton sacudiu a cabeça.

– É porque o senhor não conheceu Ann – disse. – Ela sempre foi uma pessoa muito decidida. Além disso, nunca fomos muito unidas. Eu sou bem mais moça do que ela... uns 12 anos. E, como eu disse, nunca fomos muito unidas.

– E o que disse seu marido a respeito dessa adoção?

– Eu já era viúva – disse a Sra. Lawton. – Casei-me muito moça e meu

marido morreu na guerra. Eu tinha uma lojinha de doces, naquela época.

– Onde foi isso? Foi aqui em Crowdean?

– Não, senhor. Naquela ocasião morávamos em Lincolnshire. Vim passar umas férias e gostei tanto daqui que vendi a loja e mudei-me para cá. Mais tarde, quando Sheila estava em idade escolar, consegui um emprego na importante firma de decoradores Roscoe e West, onde trabalho até hoje. São pessoas muito agradáveis.

– Muito bem – disse Hardcastle, levantando-se. – Muito obrigado pela sua franqueza, Sra. Lawton, em tudo que contou.

– O senhor não vai dizer nada disso para Sheila, vai?

– A não ser que seja preciso, e isso somente ocorreria se alguma circunstância do passado estivesse comprovadamente ligada ao crime de Wilbraham Crescent. E acho isso muito pouco provável. – Tirando do bolso a foto que já mostrara a tanta gente, ele estendeu-a a Sra. Lawton. – A senhora não imagina quem possa ser esse homem?

– Já me mostraram isso – disse a Sra. Lawton, que apanhou a foto, examinando-a cuidadosamente. – Não. Tenho certeza absoluta de que nunca vi esse homem. Não creio que ele fosse das redondezas, senão o teria visto por aí. – Ela olhou a foto fixamente e parou um instante, antes de acrescentar inesperadamente: – Parece ter sido um homem distinto. Um cavalheiro, não é?

O termo estava um pouco fora de moda, no conceito do inspetor, mas soava perfeitamente natural nos lábios da Sra. Lawton. "Criada no interior", pensou ele. "Lá ainda falam assim".

Ele tornou a contemplar a foto, considerando com certa surpresa que ele mesmo não tenha pensado no morto nesses termos. Até pensara o contrário. Chegara a essa conclusão, inconscientemente, influenciado talvez pelo fato de o homem trazer no bolso um cartão com nome e endereço obviamente falsos. Mas, afinal, a explicação que ele acabara de dar à Sra. Lawton talvez fosse verdadeira. Esse cartão talvez pertencesse a um falso corretor de seguros, que o colocara no bolso do morto. E, dessa maneira, pensou ele com certo desânimo, as coisas ficavam ainda mais difíceis. Tornou a olhar o relógio.

– Não quero mais atrapalhar seu jantar – disse –, e já que sua sobrinha ainda não voltou...

A Sra. Lawton, por sua vez, olhou para o relógio que estava sobre a lareira. "Graças a Deus há só um relógio nesta sala!", pensou o inspetor.

– É, ela está atrasada – disse a tia. – É até esquisito. Foi bom Edna não esperar. – Vendo a expressão de surpresa no rosto de Hardcastle, ela explicou: – É uma das meninas do escritório. Ela veio aqui atrás de Sheila. Esperou um pouco, mas, depois de algum tempo, disse que não podia esperar mais. Tinha

um compromisso com alguém. Disse que conversaria com ela amanhã ou em outro momento qualquer.

O inspetor recordou imediatamente quem era a moça com quem cruzara na rua! Agora ele sabia por que ela o fizera pensar em sapatos! É claro, era a moça que o recebera no Escritório Cavendish. Ao sair, ele a vira segurando um sapato, cujo salto agulha fora arrancado, enquanto discutia, profundamente aborrecida, como iria voltar para casa naquele estado! Lembrava-se, agora, de que era uma moça insignificante, sem maiores atrativos, e que estava chupando uma bala. Ela o reconhecera na rua, embora ele não a tivesse reconhecido. Ela hesitara ao vê-lo, como se quisesse dizer-lhe algo. O inspetor tentou imaginar por quê. Seria para explicar por que viera à casa de Sheila Webb, ou teria simplesmente imaginado que ele desejasse cumprimentá-la?

Ele perguntou:

– Ela é muito amiga de sua sobrinha?

– Nem tanto. – respondeu a Sra. Lawton. – Quer dizer, trabalham juntas e tudo, mas ela é meio chata. Também não é muito inteligente. Na verdade, Sheila e ela não são amigas íntimas. O que será que ela queria com Sheila? Disse-me que havia algo que não entendia e que queria conversar com Sheila a respeito.

– E ela não lhe disse o que era?

– Não, disse que não tinha importância e que falaria com Sheila depois.

– Compreendo. Está bem, preciso ir embora.

– Acho estranho Sheila não ter telefonado. Ela nunca deixa de fazê-lo quando se atrasa, quando o professor a prende para jantar – disse a Sra. Lawton. Bem, ela deve chegar a qualquer momento. As filas dos ônibus são enormes e o Hotel Curlew fica bem longe, na Esplanada. Não há nada... nenhum recado... que o senhor queira deixar para ela?

– Acho que não – respondeu o inspetor. Ao sair, perguntou: – Só mais uma coisa: quem foi que escolheu os nomes Rosemary e Sheila? Foi a sua irmã ou foi a senhora?

– Sheila era o nome de nossa mãe. Foi minha irmã quem escolheu Rosemary. Um nome esquisito, afinal de contas, um tanto esnobe. E minha irmã não era nada esquisita ou esnobe.

– Bem, boa noite, Sra. Lawton.

Quando o inspetor atravessou o portão e saiu para a rua, pensou: Rosemary hum... Rosemary como lembrança de alguma coisa. Uma lembrança romântica? Ou... seria algo bem diferente?

13

Narrativa de Colin Lamb

Subi a Charing Cross Road e entrei no labirinto de ruas que se retorciam entre New Oxford Street e Covent Garden. Havia todo tipo de comércio naquela região: lojas de antiguidades, hospital de bonecas, lojas de sapatilha de balé, *delicatessen* estrangeiras.

Resisti à atração do hospital de bonecas, com seus vários pares de olhos de vidro azuis e marrons, e afinal atingi meu objetivo. Era uma livraria pequena e modesta numa rua lateral, não muito distante do Museu Britânico. Do lado de fora havia as costumeiras prateleiras de livros usados: novelas antigas, velhos manuscritos e alfarrábios etiquetados com vários preços. Havia até alguns clássicos em bom estado, com quase todas as páginas e, ocasionalmente, a encadernação intacta.

Esgueirei-me pela entrada. Era necessário esgueirar-se, pois as pilhas de livros precariamente arrumadas a cada dia bloqueavam um pouco a entrada. Do lado de dentro, ficava evidente que os livros eram mais donos da loja que ela deles. Parecia que tinham criado vida e tomado conta do seu *habitat*, respirando e multiplicando-se por toda a parte, porque faltava, é claro, alguém de pulso suficientemente forte para mantê-los em seus lugares. A distância entre as estantes era tão pequena que ficava muito difícil passar no meio delas. Havia pilhas de livros equilibradas por cima de todas as mesas e prateleiras. A um canto, sentado num banco e cercado de livros, estava um velho com um chapelão. A cara larga e chata lembrava um peixe empalhado. Ele tinha o aspecto de quem perdera uma luta desigual. Pretendera dominar os livros e, no fim, os livros tomaram conta dele. Era uma espécie de rei Canuto do mundo livresco, havendo batido em retirada antes que a maré de livros o submergisse. Se ele ordenasse a retirada do adversário, seria na certeza absoluta e desesperançada de não conseguir nada. Era o Sr. Solomon, o dono da livraria. Ele me reconheceu. Seu olhar de peixe enterneceu-se um pouco e ele cumprimentou-me com a cabeça.

– Tem alguma coisa para mim? – perguntei.

– O senhor precisa subir e ver, Sr. Lamb. Continua às voltas com algas marinhas e coisas semelhantes?

– Isso mesmo.

– Pois bem, o senhor sabe onde está tudo isso; biologia marinha, fósseis, Antártica: segundo andar. Recebi um carregamento novo anteontem. Comecei a arrumá-lo, mas ainda não acabei o serviço. O senhor vai achá-lo num canto, lá em cima.

Agradeci com a cabeça e esgueirei-me até o fundo da loja, onde havia uma escadaria muito instável e bastante suja. No primeiro andar estavam os livros de arte, medicina e clássicos franceses. Nesse andar havia um cantinho muito interessante, tapado por uma cortina – que o público em geral desconhecia, mas ao alcance dos conhecedores –, onde estavam expostos os volumes "estranhos" ou "curiosos". Passei por eles e subi até o segundo andar.

Livros de arqueologia, história natural e outros volumes respeitáveis estavam classificados, inadequadamente, por categorias. Abri caminho entre estudantes, velhos coronéis e sacerdotes, dei a volta a uma estante, pulei por cima de várias caixas abertas pelo chão e vi-me barrado por um casal de estudantes abraçados, alheios ao mundo. Estavam no meio do corredor, balançando-se de um lado para o outro. Pedi licença, empurrei-os com firmeza, levantei a cortina que escondia uma porta e, tirando uma chave do bolso, enfiei-a na fechadura e entrei. Achei-me numa espécie de hall de cujas paredes pendiam gravuras de gado. Puxei discretamente uma porta com uma argola bem polida e uma mulher idosa a abriu. Tinha os cabelos grisalhos e usava óculos de modelo antigo, uma saia preta e um estranho blusão verde listrado.

– É você, não é? – disse ela, sem mais formalidades. – Ontem, ele perguntou por você. E não está contente. – Abanou a cabeça, como faria uma governanta com uma criança travessa. – Você precisa se esforçar mais – ralhou.

– Ah, pare com isso, Babá – disse eu.

– E não me chame de Babá. Atrevido! Eu já lhe disse.

– A culpa é sua. Você não devia falar comigo como se eu fosse um garotinho.

– Já é tempo de crescer. Vamos, entre e acabe logo, com isso.

Ela apertou um botão, pegou o fone sobre a escrivaninha e disse:

– Sr. Colin... Está bem. Já vai.

Desligou e fez um sinal com a cabeça.

Passei pela porta que havia no fundo do cômodo e cheguei a outro, tão cheio de fumaça de charuto que mal se podia enxergar qualquer coisa. Depois que meus olhos ardidos se ajustaram ao ambiente, pude ver as amplas proporções de meu chefe acomodadas numa velha e decrépita poltrona, junto à qual havia uma espécie de escrivaninha giratória antiga que servia para ler ou escrever.

O coronel Beck tirou os óculos, empurrou para o lado a escrivaninha sobre

a qual havia um enorme volume e olhou-me com ar de reprovação.

– Afinal, você chegou – disse.

– Sim, senhor.

– Conseguiu alguma coisa?

– Não, senhor.

– Bem, assim não pode continuar, ouviu, Colin? Não pode continuar! Essa mania de crescentes!

– Continuo a pensar nisso.

– Está bem. Você ainda está pensando nisso. Mas não podemos esperar indefinidamente, enquanto você pensa.

– Concordo que era só um palpite.

– Não há mal nenhum nisso – disse o coronel Beck. Ele era um homem de contradições. – Os melhores trabalhos que realizei foram baseados em palpites, mas parece que esse seu não está dando certo. Acabou com os botequins?

– Sim, senhor. Como eu lhe disse, comecei com as casas em Crescent.

– Não achei que você estivesse se referindo a padarias que fabricam pãezinhos franceses. Pensando bem, não vejo razão em contrário. Alguns desses lugares gabam-se de fazer os legítimos *croissants* franceses, só que não têm nada de franceses. Atualmente, guardam tudo em congeladores. É por isso que nada tem gosto algum hoje em dia.

Fiquei esperando para ver se o velho se aprofundaria mais no assunto. Era um dos seus favoritos. Mas, vendo que eu estava à espera disso, o coronel Beck controlou-se.

– Fracassou em tudo? – perguntou.

– Quase. Mas ainda tenho algo a fazer.

– Você quer mais tempo, não é?

– Quero sim, senhor – respondi. – Mas não quero deslocar-me para outro lugar agora. Encontrei uma coincidência curiosa e pode ser... *pode ser*... que signifique algo.

– Deixe de evasivas, vamos aos fatos.

– O objetivo da investigação é Wilbraham Crescent.

– E você deu com os burros n'água... Ou não?

– Não tenho certeza.

– Fale claro, rapaz, claro.

– A coincidência é que um homem foi assassinado em Wilbraham Crescent.

– Quem é que foi assassinado?

– Por enquanto, é um desconhecido. Tinha um cartão com nome e endereço no bolso, mas era tudo fictício.

– Hum. É sugestivo. Acha que isso pode ter alguma ligação com o nosso caso?

– Não me parece, coronel, mas assim mesmo...

– Já sei, já sei. Mas, de qualquer jeito... Afinal, para que foi que você veio? Para pedir licença para continuar farejando por Wilbraham Crescent... onde quer que seja esse lugar?

– Fica num lugar chamado Crowdean. A 16 quilômetros de Portlebury.

– Sei, sei, muito boa localização. Mas para que foi que você veio? Você não costuma pedir licença. Sempre acaba indo mesmo aonde manda sua cabeça dura.

– É verdade, coronel, receio que o senhor tenha razão.

– Então, o que é que você quer?

– Desejo que o senhor mande investigar duas pessoas.

Suspirando, o coronel Beck puxou a escrivaninha giratória, tirou uma esferográfica do bolso e olhou para mim.

– Vamos lá.

– Uma casa chamada Diana Lodge, que fica no nº 20 de Wilbraham Crescent. Aí moram uma mulher que se chama Sra. Hemming e cerca de dezoito gatos.

– Diana? Hum... – resmungou o Coronel Beck. – A deusa da lua! Diana Lodge. Está bem. Que é que ela faz, essa Sra. Hemming?

– Nada. Só cuida de gatos.

– Um bom disfarce, com certeza – disse Beck, considerando o fato. – Poderia ser, sem dúvida alguma. É só?

– Não – respondi. – Há um homem que se chama Ramsay. Mora no nº 62 de Wilbraham Crescent. Consta que é engenheiro civil, ou coisa parecida. Viaja muito para o exterior.

– Isso me agrada – disse o coronel Beck. – Agrada-me bastante, mesmo. E você quer saber quem ele é, certo?

– Ele é casado. Tem uma esposa bem simpática e dois filhos, levados da breca.

– É, pode ser – disse o coronel Beck. – Não é uma fachada de todo incomum. Lembra-se de Pendleton? Casado e com filhos. Uma mulher muito distinta... A mais estúpida que já encontrei na vida. Nunca lhe passou pela cabeça que o marido não fosse um monumento de respeitabilidade no negócio de livros orientais. Pensando nisso, agora lembrei-me de que Pendleton também tinha uma esposa e duas filhas na Alemanha! E ainda outra, na Suíça. Não sei o que significavam as esposas... Excessos íntimos, ou apenas camuflagem? É claro que ele diria que serviam apenas de camuflagem. Bom,

enfim, você quer informações sobre o Sr. Ramsay. Mais alguma coisa?

– Não sei bem. Há um casal no nº 63, ele é professor aposentado, chama-se McNaughton. Escocês. Velho. Passa o tempo cuidando do jardim. Não há razão alguma para desconfiar, mas...

– Está bem. Vamos verificar. Vamos passá-los na peneira para não termos dúvida alguma. Afinal, quem é essa gente toda?

– São moradores cujos jardins dão para o jardim da casa onde se deu o crime.

– Entendo – disse o coronel. – E quem mora no nº 19, propriamente?

– Uma senhora cega, ex-professora. Ela trabalha atualmente num instituto para cegos e já foi esquadrinhada pela polícia local.

– Vive sozinha?

– Vive.

– E o que é que você pensa dessa gente toda?

– Acho que, se o crime tiver sido cometido por qualquer um dos moradores, de qualquer uma das casas que mencionei, seria muito fácil, embora arriscado, levar o corpo para o nº 19, numa hora conveniente. É apenas uma possibilidade, nada mais. E aqui está algo que eu quero lhe mostrar. *Isto*.

Beck apanhou a moeda suja de terra que eu lhe estendi.

– Um *haller* tcheco? Onde foi que você o achou?

– Não fui eu. Mas foi encontrado por uns meninos no jardim que dá fundos para o nº 19.

– Interessante. É capaz de você ter alguma razão nessa sua obsessão com luas e crescentes. – Acrescentou, pensativo: – Há um botequim chamado "Lua Nascente" numa rua aqui perto. Por que é que você não vai até lá, ver se dá sorte?

– Já estive lá.

– Você tem resposta para tudo, não é? – disse o coronel Beck. – Quer um charuto?

Sacudi a cabeça.

– Obrigado. Hoje não tenho tempo.

– Você vai voltar para Crowdean?

– Vou, sim. Tenho que assistir ao inquérito.

– Você tem certeza de que não vai para Crowdean atrás de alguma garota?

– Claro que não – respondi, com rispidez.

O coronel Beck desatou a rir, inesperadamente.

– Cuidado, meu rapaz! É aquela velha atração pelo sexo oposto que hipnotiza com uma sereia... Há muito tempo que você a conhece?

– Não há nenhuma... quer dizer... *há* uma moça que descobriu o defunto.

– O que foi que ela fez quando o descobriu?

– Gritou.

– Muito bem... – disse o coronel. – Correu para você, chorou no seu ombro e contou tudo. Não foi assim?

– Não sei do que o senhor está falando – respondi, friamente. – Veja isto aqui.

Entreguei-lhe uma série de fotos da polícia.

– Quem é este homem? – perguntou o coronel Beck.

– É a vítima.

– Aposto dez contra um que foi essa garota, aquela por quem você está caído, que matou o homem. Não gosto nada dessa história.

– O senhor nem sabe o que houve – disse eu. – Ainda não lhe contei nada.

– E nem precisa contar – disse o coronel Beck, gesticulando com o charuto. – Vá para o seu inquérito, meu rapaz, e cuidado com essa moça. Como é que ela se chama, Diana ou Ártemis, ou qualquer outro nome que evoque luas ou crescentes?

– Não, nada disso.

– Bem, lembre-se de que pode vir a sê-lo!

14

Narrativa de Colin Lamb

Fazia muito tempo que eu tinha estado em Whitehaven Mansions. Anos atrás, era um magnífico prédio com apartamentos modernos. Atualmente, havia um grande número de edifícios muito maiores e bem mais modernos de ambos os lados. Vi que o haviam reformado por dentro, pintando-o em tons pálidos de amarelo e verde.

Subi pelo elevador e toquei a campainha do nº 203. Quem abriu a porta foi George, o criado impecável. Um sorriso de boas-vindas iluminou-lhe o rosto.

– Sr. Colin! Há quanto tempo não o vemos por aqui.

– Sim, é verdade. Como vai você, George?

– Graças a Deus, vou muito bem.

Abaixei a voz e perguntei:

– E como vai ele?

George baixou a própria voz, embora isso nem fosse necessário, pois já falava num volume bastante reduzido desde o começo de nossa conversa.

– Eu acho, Sr. Colin, que às vezes ele fica meio deprimido.

Abanei a cabeça, indicando que o compreendia.

– Venha por aqui, faça o favor... – disse George, enquanto me tomava o chapéu.

– George, por favor anuncie-me como Sr. Colin Lamb.

– Sim, senhor. – Ele abriu a porta e disse, em voz clara: – Sr. Colin Lamb está aqui para visitá-lo.

Afastou-se para que eu pudesse passar e eu entrei no quarto.

Meu amigo Hercule Poirot estava sentado em sua poltrona grande e quadrada, diante da lareira. Reparei que a resistência do aquecedor elétrico retangular estava rubra. Estávamos no começo de setembro, a temperatura estava morna, mas Poirot era um dos primeiros homens a sentir a frescura do outono e a tomar todas as precauções contra ele. De ambos os lados da poltrona, levantava-se do chão uma enorme pilha de livros. Havia ainda mais livros sobre a mesa, à esquerda de Poirot. À sua direita via-se uma xícara de um líquido fumegante. Desconfiei que fosse uma infusão. Ele era louco por infusões e às vezes me obrigava a tomá-las. Eu achava que tinham um gosto repugnante e um cheiro horrível.

– Não se levante – exclamei.

Mas Poirot já se pusera de pé, vindo ao meu encontro com as mãos estendidas e arrastando no chão os reluzentes sapatos de verniz.

– Ah! É você, meu amigo! Meu jovem amigo Colin! Mas por que é que você arranjou esse nome de Lamb?* Deixe-me pensar. Há um provérbio, que fala de um carneiro vestido em pele de cordeiro. Acho que tem qualquer coisa a ver com senhoras idosas que querem parecer mais jovens do que são. Mas isso não se refere a você! Ah, já sei o que é. Você é um lobo com vestes de cordeiro, não é isso?

– Também não é isso – respondi. – Mas acontece que, na minha profissão, meu verdadeiro nome seria um estorvo, logo o relacionariam ao meu pai. Daí ter de escolher Lamb. Curto, simples, fácil de lembrar. E gabo-me de dizer que combina com a minha personalidade.

– Ah! Quanto a isso, não tenho certeza – disse Poirot. – E como vai o seu pai, o meu bom amigo?

– O velho vai bem. Sempre às voltas com suas malvas-rosas, seus crisântemos. As estações mudam tão depressa que eu nunca consigo me lembrar do que ele está cuidando no momento.

– Ele anda ocupado, então, com a horticultura?

– Parece que todos acabam pelo mesmo caminho.

– Menos eu – disse Hercule Poirot. – Já me meti com legumes, mas nunca mais! Se alguém quer as melhores flores, por que não buscá-las no florista? Eu pensei que o caro superintendente fosse escrever suas memórias?

– Ele começou – respondi –, mas quando se deu conta de tudo quanto não podia contar, chegou à conclusão de que o restante era tão sem graça que não valia a pena escrever.

– É necessário manter o sigilo. O que é uma lástima – disse Poirot –, porque seu pai poderia contar coisas interessantíssimas. Tenho muita admiração por ele. Sempre tive. Seus métodos me pareciam fascinantes. Ele era tão direto... Fazia uso do óbvio como ninguém. Preparava as armadilhas mais óbvias que já se viu, e as pessoas que queria pegar diziam: "Não, isso é óbvio demais, não pode ser verdade", e então caíam como patinhos.

Dei uma risada.

– Bem, hoje está fora de moda os filhos admirarem os pais. A maior parte senta-se para escrever, com veneno na pena, tudo que puderem lembrar de sujo, com satisfação evidente. Mas eu tenho um enorme respeito pelo meu velho. Só espero ser tão eficiente quanto ele, embora não trabalhemos exatamente no mesmo ramo.

– Mas sua linha de trabalho está ligada à dele – disse Poirot. – Embora, ao

contrário dele, você tenha que trabalhar nos bastidores. – Ele tossiu discretamente. – Quero cumprimentá-lo pelo seu recente e estrondoso sucesso. O caso Larkin, não é isso?

– Sim, conseguimos desbaratar quase toda a quadrilha – disse eu. – Mas ainda nos faltam alguns detalhes para fecharmos definitivamente o caso. Mas não foi por causa disso que eu vim conversar com você hoje.

– Claro, claro – disse Poirot.

Ele me indicou uma cadeira e ofereceu-me uma infusão, que me apressei a recusar. George entrou no momento certo com um copo e uma garrafa de uísque, que colocou junto a mim.

– E o que é que você anda fazendo? – perguntou Poirot.

Dando uma olhada nos livros que o cercavam, eu disse:

– Parece que você anda fazendo alguma pesquisa, não é?

Poirot suspirou.

– É, pode-se dizer assim. De certo modo, é verdade. Ultimamente, tenho sentido muito a falta de um desafio. Não importa qual seja o desafio. Pode ser um mistério digno de Sherlock Holmes, ou algo tão simples como descobrir a que profundidade o ramo de salsa entrou na manteiga. O que interessa é que haja um desafio. Não preciso exercitar os músculos, mas as células do cérebro.

– É uma questão de estar em forma. Compreendo.

– Exatamente. – Suspirou. – Mas não é tão fácil achar desafios, *mon cher*. É bem verdade que tive de enfrentar um na quinta-feira passada: a inexplicável aparição de três pedaços de casca de laranja seca dentro do meu porta-guarda-chuva. Como foram parar lá? Como puderam ir parar lá? Eu não como laranjas. George nunca faria uma coisa dessas. E nenhum visitante ousaria trazer três pedaços de casca de laranja. É um desafio e tanto.

– Resolveu?

– Resolvi – disse Poirot, com mais melancolia do que orgulho. – Afinal de contas, não teve muita graça. Foi uma questão de *remplacement* da faxineira habitual: a faxineira substituta, apesar da proibição formal, trouxe um filho com ela. Embora não tenha sido muito interessante, foi preciso desmascarar uma série de mentiras, camuflagens e tudo mais. A conclusão do caso foi satisfatória, digamos, mas não foi nada importante.

– É desestimulante.

– *Enfin* – disse Poirot –, sou despretensioso, mas não é preciso um espadim para cortar o barbante de um pacote.

Sacudi a cabeça, com ar solene. Poirot continuou:

– Tenho me ocupado ultimamente da leitura sobre vários mistérios reais que não foram solucionados. Dou-lhes minhas próprias soluções.

– Você se refere a casos como os assassinatos de Charles Bravo, Adelaide Bartlett e outros?

– Exatamente. Mas, de certo modo, eram muito fáceis. Não tenho a menor dúvida sobre quem matou Charles Bravo. A dama de companhia dele pode estar envolvida, mas certamente não foi a autora do crime. Assim como aquela adolescente infeliz, Constance Kent. O verdadeiro motivo que a levou a estrangular o irmãozinho que amava, sem dúvida alguma, sempre foi um mistério. Mas não para mim. Desvendei-o logo que li a história. Quanto a Lizzie Borden, é pena não se poder fazer umas perguntas a algumas das pessoas envolvidas. Sei perfeitamente quais seriam as respostas. Infelizmente, receio que todos já tenham morrido.

Pensei, mais uma vez, que a modéstia não era a maior qualidade de Hercule Poirot.

– E sabe o que eu fiz depois? – continuou Poirot.

Compreendi que fazia tempo que ele não tinha com quem conversar e estava desfrutando o som da própria voz.

– Passei da vida real para a ficção. Tenho aqui vários romances policiais, à minha direita e à minha esquerda. Estive trabalhando de trás para frente. Veja só... – Ele segurou o volume que estava lendo quando eu entrei. – Aqui está, meu caro Colin: *O caso Leavenworth*.

Entregou-me o livro.

– Mas isso é muito antigo – disse eu. – Lembro que meu pai contou-me que o lera quando menino. Acho que até eu já o li também. Deve estar completamente fora de moda, agora.

– É admirável – disse Poirot. – A atmosfera histórica, o melodrama deliberadamente estudado... As descrições ricas e poéticas da beleza dourada de Eleonor, da formosura lunar de Mary!

– Preciso lê-lo outra vez – comentei. – Eu já me havia esquecido da parte que descreve a beleza das moças.

– E há também a camareira Hannah, um tipo tão bem caracterizado, e o assassino, um excelente estudo psicológico.

Percebi que Poirot acabara de iniciar o que seria um longo discurso. Preparei-me para escutar.

– Vejamos as *Aventuras de Arsene Lupin* . – continuou Poirot. – Que fantástico! Que surreal! E, no entanto, que vitalidade há na trama, que vigor! Trata-se de um enredo absurdo, porém repleto de elegância e humor.

Poirot deixou de lado as *Aventuras de Arsene Lupin* e pegou outro livro.

– Olhe aqui: *O mistério do quarto amarelo* . Ah! Esse sim é um clássico! Aprovo-o do princípio ao fim. Um modo tão lógico de tratar o assunto!

Lembro-me das críticas que lhe fizeram, dizendo que o final não era justo. Mas não é injusto, meu caro Colin. Não, não. Quase, na verdade, mas não inteiramente. Aí é que está a diferença. Não. A verdade permeia toda a narrativa, disfarçada no uso apurado e cuidadoso das palavras. Tudo fica patente no momento supremo em que os homens se encontram no cruzamento dos três corredores. – Ele colocou o livro sobre a mesa com reverência. – É uma obra-prima, sem sombra de dúvida, e creio que está quase esquecido atualmente.

Poirot pulou uns vinte anos para chegar às obras de autores mais recentes.

– Li também alguns dos primeiros volumes da Sra. Ariadne Oliver. Ela está prestes a se tornar minha amiga e sua também, creio. Não gosto de tudo que ela faz, veja bem. Os acontecimentos que ela descreve são muito improváveis. Ela abusa da força da coincidência. Como ela ainda era muito jovem, naquele tempo, cometeu a estupidez de criar um detetive finlandês. Ela não conhece nada da Finlândia nem dos finlandeses, a não ser as obras de Sibelius. Mas, apesar disso, ela tem um processo de pensamento original, faz uma dedução penetrante de vez em quando, e nos últimos anos aprendeu muito sobre coisas que antes ignorava. O comportamento da polícia, por exemplo. Ela já entende um pouco mais de armas. E, o que é ainda mais importante, ela deve ter feito amizade com algum advogado que lhe explicou exatamente certos pontos da lei.

Ele largou o de Ariadne Oliver e pegou outro livro.

– Aqui está o Sr. Cyril Quain. Ah, este é um mestre: Sr. Quain, o homem do álibi.

– Na minha opinião, é um escritor chatíssimo – falei.

– É verdade que não acontece nada de especialmente sensacional em seus livros. Há um cadáver, naturalmente. Às vezes, há mais de um. Mas o ponto alto das tramas é o álibi: os horários dos trens, dos ônibus, os mapas das estradas. Eu confesso que aprecio esse uso elaborado do álibi. Divirto-me em procurar alguma incoerência nas tramas do Sr. Cyril Quain.

– E aposto que o senhor sempre consegue – disse eu.

Poirot foi honesto:

– Nem sempre – admitiu. – Não, nem sempre. Naturalmente, depois de certo tempo, a gente vê que as histórias todas se parecem. Os álibis se parecem, embora não sejam exatamente os mesmos. Você sabe, *mon cher* Colin, eu imagino o Sr. Cyril Quain sentado em seu quarto, fumando seu cachimbo, como aparece nos retratos, cercado de guias e horários, de folhetos das companhias de aviação etc. Até de tabelas de navios. Pode dizer o que quiser, Colin, mas os livros do Sr. Cyril Quain têm ordem e método.

Ele largou o Sr. Quain e apanhou outro livro.

– Aqui está o Sr. Garry Gregson, um prodigioso autor de romances policiais. Ele escreveu uns 64 livros, me parece. Ele é quase o oposto do Sr. Quain. Nos livros do Sr. Quain não acontece quase nada, mas nos de Garry Gregson acontecem coisas até demais. Os fatos se sucedem atabalhoadamente, não são plausíveis. São coloridos demais, melodramáticos ao extremo. Derramamento de sangue... corpos... pistas... arrepios empilhados uns sobre os outros. Tudo muito lúgubre, irreal. Ele não faz exatamente o meu gênero. Ele mais parece um desses coquetéis americanos de origem sombria, cujos ingredientes são altamente suspeitos.

Poirot parou, suspirou e recomeçou o discurso:

– Agora vamos para a América. – Ele apanhou um livro na pilha do lado esquerdo. – Vamos ver Florence Elks. Seus romances têm ordem e método, e são cheios de acontecimentos curiosos e pontos interessantes. Têm vida e alegria. A autora é talentosa, embora seja obcecada com a bebida, como são os americanos em geral. Como você sabe, *mon ami,* eu sou um conhecedor de vinhos. Sempre vejo com prazer a citação de um vinho, branco ou borgonha, com a data e o ano devidamente autenticados. Mas a quantidade de uísque e conhaque que é consumida por um detetive de uma novela americana a cada duas páginas não me interessa nada. O fato de ele beber todas as garrafas que tinha guardadas na gaveta da cômoda não me parece afetar em nada o desenvolvimento da história. Essa mania de bebida nos livros americanos é como a futura sogra de alguém que decide casar-se: impossível deixá-la de fora.

– E o que me diz do estilo violento? – perguntei.

Poirot afastou o assunto, como quem afasta uma mosca impertinente.

– Violência gratuita? Desde quando isso é interessante? Vi violência demais no começo de minha carreira, como policial. É melhor ler logo um livro de medicina. *Tout de même* , coloco a ficção policial americana, em geral, num lugar especial. Acho que é mais engenhosa e mais imaginativa do que a inglesa. E dá menos ênfase à atmosfera do que a maioria dos escritores franceses. Veja Louisa O'Malley, por exemplo.

Ele se abaixou em busca de outro livro.

– Que estilo rebuscado ela tem, entretanto como é excitante, como ela sabe fazer crescer a ansiedade no leitor! Aquelas mansões de pedras pardas de Nova York... *Enfin*, o que é uma mansão de pedra parda? Eu nunca vi nenhuma! Os apartamentos exclusivos, as vaidades desvairadas e, no submundo, os veios profundos, insuspeitos do crime, correndo por caminhos incertos. Ela é muito boa escritora, Louisa O'Malley. Ela é ótima, mesmo.

Suspirando, ele se inclinou para trás, sacudiu a cabeça e acabou de beber o resto da infusão.

– E depois... há os velhos favoritos.

Tornou a se abaixar atrás de outro livro.

– *As aventuras de Sherlock Holmes* – murmurou, com afeto. E então pronunciou só uma palavra, com reverência: – *Maître*!

– Sherlock Holmes? – perguntei.

– Ah, *non, non* , nada de Sherlock Holmes! É o autor, Sir Arthur Conan Doyle, a quem eu reverencio. As histórias de Sherlock Holmes são, na verdade, espichadas, cheias de tolices e muito artificiais. Mas a arte de escrever, ah, isso é outra coisa. O prazer da língua e, acima de tudo, a criação desse tipo formidável, que é o Dr. Watson. Ah, isso sim é que é triunfo. – Ele suspirou e sacudiu a cabeça, procurando, obviamente, por uma associação natural de idéias: – *Ce cher* Hastings! Meu amigo Hastings, de quem você me ouviu falar tantas vezes. Há muito tempo não tenho notícias dele. Que absurdo ir enterrar-se na América do Sul, onde sempre está havendo revoluções.

– Mas isso não é privilégio da América do Sul – disse eu, chamando-lhe a atenção. – Há revoluções pelo mundo todo, atualmente.

– Não vamos discutir sobre a bomba atômica – disse Hercule Poirot. – Se tiver que ser, será, mas não vamos falar nisso.

– Na verdade, vim conversar sobre um assunto completamente diferente.

– Ah! Então você vai se casar, não é? Estou encantado, *mon cher*, encantado!

– Quem foi que pôs isso na sua cabeça, Poirot? – perguntei. – Nada disso.

– Acontece – disse Poirot. – Acontece todo dia.

– Pode ser, mas não comigo – respondi, com firmeza. – Na verdade, vim lhe contar que encontrei um desafio e tanto; é sobre um assassinato.

– É mesmo? Um bom desafio de assassinato, você está dizendo? E o trouxe para mim. Por quê?

– Ué... – Senti-me um tanto atrapalhado. – Eu... eu pensei que você fosse gostar.

Poirot olhou-me pensativo. Acariciou o bigode lentamente, e depois disse:

– O dono é sempre carinhoso com seu cão. Ele vai até o quintal e joga a bola para o cão. Um cão, entretanto, também é capaz de ser bom para o dono. Um cão mata um coelho ou um rato e o traz para o dono, deitando-o aos seus pés. E o que é que ele faz, então? Acena com o rabo.

Ri sem querer.

– E sou eu que estou acenando com o rabo? – perguntei.

– Exatamente, meu amigo. Acho que sim.

– Muito bem, então – disse eu. – E o que é que o meu senhor diz? Quer ver o rato do cãozinho? Ele quer saber de tudo?

– Naturalmente. É claro. É um crime que você acha que vai me interessar, não é?

– O que me intriga nele é que não faz sentido.

– Isso é impossível – disse Poirot. – Tudo faz sentido. Tudo.

– Então, experimente fazer sentido disso aqui. Eu não consigo. Na verdade, eu não tenho muito a ver com o caso. Entrei nisso por mero acaso. Olhe, pode ser que acabe sendo bem simples, uma vez que o morto seja identificado.

– Você está relatando o caso sem método nem ordem – disse Poirot, severamente. – Permita que eu lhe peça que me dê os fatos. Você disse que é um assassinato, não é?

– É um assassinato, sim, senhor – afirmei-lhe. – Bem, vou contar-lhe toda a história.

Descrevi-lhe detalhadamente os acontecimentos ocorridos no nº 19 de Wilbraham Crescent. Hercule Poirot reclinou-se na poltrona. Fechou os olhos e tamborilou com o indicador no braço da poltrona, enquanto ouvia o meu relato. Quando acabei de falar, ele ficou um instante sem dizer nada. Depois perguntou, sem abrir os olhos:

– *Sans blague*?

– Certamente – afirmei.

– *Épatant*** – disse Hercule Poirot. Ele enfatizou a palavra, repetindo-a sílaba por sílaba: – *É-pa-tant*.

Depois disso, ele continuou tamborilando no braço da poltrona e balançou delicadamente a cabeça.

– Bem – disse eu, com impaciência, depois de esperar mais alguns instantes. – O que é que você tem a dizer?

– Mas o que você quer que eu diga?

– Quero que me dê a solução. Você sempre me disse que era perfeitamente possível reclinar-se numa cadeira, pensar cuidadosamente na história e encontrar a resposta; que é absolutamente desnecessário sair por aí interrogando uma porção de gente e correndo atrás de pistas.

– Essa sempre foi a minha opinião.

– Pois eu pago para ver – disse eu. – Apresentei-lhe os fatos; agora, dê-me a resposta.

– Assim, sem mais nem menos, hum? Mas ainda falta saber muita coisa, *mon ami*. Nós estamos apenas no começo, não é?

– Mas eu continuo esperando que você me diga alguma coisa.

– Sei. – Ele refletiu um instante. – Uma coisa é certa – disse, em tom decisivo. – Trata-se de um crime muito simples.

– Simples? – perguntei, com certo espanto.

– Naturalmente.

– Por que acha que é simples?

– Porque parece tão complexo. Se é preciso que pareça complicado, é porque é simples. Você percebe isso?

– Creio que não.

– Curioso – disse Poirot, absorto em seus pensamentos. – Curioso, o que você contou... Eu penso... Há, sim, algo que me é familiar nisso tudo. Vejamos, onde... quando... foi que eu percebi qualquer coisa... – Poirot fez uma pausa.

– A sua memória deve ser um vasto depósito de crimes, Poirot. Mas você não pode se lembrar de todos, pode?

– Infelizmente, não – disse Poirot. – Mas, de vez em quando, as reminiscências ajudam. Lembro-me de um fabricante de sabão de Liège. Ele envenenou a esposa para poder casar-se com uma estenógrafa loura. O crime seguiu um padrão. Mais tarde, muito mais tarde, o padrão se repetiu e logo o reconheci. Dessa vez, tratava-se do rapto de um cachorro pequinês, mas o padrão era o mesmo. Procurei o equivalente da loura estenógrafa e do fabricante de sabão, e *voilà*! A coisa funciona assim. E agora, novamente, nessa história que você me contou, eu tenho a sensação de estar revendo qualquer coisa.

– Relógios? – perguntei, esperançoso. – Cartões fictícios?

– Não, não – disse Poirot, abanando a cabeça.

– Mulheres cegas?

– Não, não, não. Não me atrapalhe.

– Poirot, você está me decepcionando. Eu pensei que você me daria logo a solução.

– Mas, meu amigo, por enquanto você me deu apenas um padrão. Há muito mais coisas por descobrir. Esse homem será descoberto. A polícia é excelente para esse tipo de coisa. Eles têm os arquivos criminais, podem publicar o retrato do homem, têm acesso à lista de pessoas desaparecidas, examinam cientificamente a roupa do homem, etc. Há uma centena de outros meios e métodos à disposição deles. Esse homem será identificado, sem dúvida alguma.

– Quer dizer que não há nada a fazer no momento. É assim que você pensa?

– Há sempre alguma coisa a fazer – disse Hercule Poirot, com severidade.

– Por exemplo?

Ele sacudiu um dedo enfático em meu nariz.

– Converse com os vizinhos – disse ele.

– Já fiz isso – respondi. – Acompanhei Hardcastle quando ele os interrogou. Eles não sabem de nada que valha a pena.

– Ah, é o que você pensa. Mas eu lhe garanto que isso não é verdade. Você,

pergunta: "Por acaso viu algo suspeito?", eles respondem que não e você então pensa que o assunto está liquidado. Mas não é isso que eu quero dizer, quando mando você conversar com os vizinhos. Eu disse *converse* com eles. Deixe-os falar com *você*. E você sempre vai achar uma pista qualquer na conversa deles. Poderão falar sobre seus jardins, seus animais, seus penteados ou sua costureira, seus amigos ou a comida que preferem. Em qualquer conversa, surge sempre uma palavra que traz a luz. Você disse que não havia nada nessas conversas que valesse a pena. Eu tenho certeza do contrário. Se você pudesse repetir palavra por palavra...

– Bem, praticamente é só o que eu posso fazer. Estenografei tudo o que disseram, no desempenho do papel de assistente policial. Já está tudo transcrito e datilografado, e trouxe as transcrições para você. Aqui estão.

– Ah, mas você é um bom sujeito, você é um rapaz de ouro, mesmo. O que você fez foi absolutamente correto. Absolutamente. *Je vous remercie infiniment.****

Senti-me um tanto acanhado.

– Você tem mais sugestões? – perguntei.

– Sim, tenho sempre sugestões. Há essa moça. Você pode falar com ela. Vá vê-la, vocês já são amigos, não é? Você não a abraçou, quando ela saiu da casa, aterrorizada?

– Você está sofrendo a influência das leituras de Garry Gregson. Contagiou-se com o estilo melodramático.

– Talvez você tenha razão – concordou Poirot. – A gente fica imbuído, na verdade, do estilo do livro que está lendo.

– Quanto à moça... – fiz uma pausa.

Poirot olhou-me interrogativamente.

– Que foi? – perguntou.

– Eu não gostaria... Eu não quero...

– Ah, é assim? No fundo, você acha que ela está metida nesse caso.

– Não acho, não. Foi pura casualidade, o fato de ela estar lá.

– Não, não, *mon ami*, não foi puro acaso. Você sabe disso muito bem. Você já me disse. Ela foi requisitada pelo telefone. Requisitaram-na especificamente.

– Mas ela não sabe por quê.

– Você pode ter certeza de que ela não sabe por quê? É bem provável que ela saiba e esteja escondendo os fatos.

– Não acredito – respondi, teimoso.

– É até possível que você descubra algo importante, falando com ela, mesmo que ela não se dê conta da verdade.

– Não entendo bem como... quer dizer... eu mal a conheço.

Hercule Poirot fechou novamente os olhos.

– Há um determinado momento – disse ele –, durante a atração entre duas pessoas do sexo oposto, em que essa declaração é especialmente verdadeira. Ela é uma moça atraente, não é?

– É. É muito atraente.

– Muito bem. Então você vai falar com ela – ordenou Poirot –, porque vocês já são amigos, e vai procurar novamente a cega, sob qualquer pretexto. E você vai *conversar com ela*. Depois você vai ao escritório de datilografia com a desculpa, talvez, de precisar mandar datilografar um manuscrito qualquer. Você ficará amigo, talvez, de alguma das outras moças que trabalham lá. Você vai conversar com essa gente toda, vai voltar aqui e vai contar-me tudo o que elas disserem.

– Tenha dó! – exclamei.

– Que nada! – disse Poirot. – Você vai gostar disso.

– Parece que você não percebe que eu tenho o meu serviço para fazer.

– Você vai trabalhar ainda melhor, porque terá um certo descanso – garantiu-me Poirot.

Levantei-me, rindo.

– Está bem, você é quem manda. Tem mais algumas palavras sábias para mim? O que acha dessa estranha história de relógios?

Poirot reclinou-se na cadeira de novo e fechou os olhos. As palavras que pronunciou eram completamente inesperadas:

> The time has come, the Walrus said,
> To talk of many things.
> Of shoes and ships and sealing wax,
> And cabbages and kings.
> And why the sea is boiling hot
> And whether pigs have wings.****

Ele tornou a abrir os olhos, abanando a cabeça.

– Você entendeu? – perguntou.

– É uma citação de "A Morsa e o Carpinteiro", de *Alice no país do espelho* – respondi.

– Exatamente. Por enquanto, é o melhor que eu posso fazer por você. Reflita sobre essas palavras.

15

Um público numeroso compareceu ao inquérito. Os moradores de Crowdean, impressionados com o crime ocorrido em seu meio, vieram em massa, esperando presenciar desenlaces sensacionais. Entretanto, as audiências foram tão secas quanto possível.

Sheila Webb não precisava ter tido receio de seu depoimento. Acabou em poucos minutos. Uma ordem de serviço no Escritório Cavendish mandara-a para o nº 19 de Wilbraham Crescent. Ela se dirigira até a casa e entrara diretamente na sala, segundo as instruções recebidas. Encontrara lá um homem morto, gritara e fugira correndo da casa, pedindo socorro. Não houve nenhum questionamento.

A Sra. Martindale, que também prestou depoimento, foi interrogada por ainda menos tempo. Recebera um telefonema supostamente da Sra. Pebmarsh, pedindo-lhe que mandasse uma estenodatilógrafa, preferivelmente a Srta. Sheila Webb, ao nº 19 de Wilbraham Crescent, e dando certas instruções. Ela anotara a hora exata do telefonema: 13h49. Com isso, dispensaram a Sra. Martindale.

Depois veio a Sra. Pebmarsh, a qual negou categoricamente ter requisitado que qualquer datilógrafa do Escritório Cavendish viesse à sua casa naquele dia.

O detetive-inspetor Hardcastle fez um relatório pequeno e seco. Depois de um telefonema, comparecera ao nº 19 de Wilbraham Crescent, onde encontrara o corpo de um homem morto.

O delegado perguntou-lhe, então:

– O senhor já conseguiu identificar o morto?

– Ainda não, senhor. Por esta razão, gostaria de pedir o adiamento deste inquérito.

– Perfeitamente.

Depois veio o laudo médico. O Dr. Rigg, médico-legista, depois de apresentar-se e de enumerar suas qualificações, narrou a sua chegada ao nº 19 de Wilbraham Crescent e o exame feito no cadáver.

– O senhor pode nos dar uma idéia aproximada da hora da morte da vítima, doutor?

– Examinei-o às 15h30. Eu diria que a morte ocorreu entre 13h30 e 14h30.

– Não pode apontar um horário mais específico?

– Prefiro não fazer isso. Se tivesse que dar um palpite, diria que a hora mais provável seria por volta das 14 horas ou um pouco mais cedo, mas há muitos

fatores a serem levados em consideração: idade, condições de saúde e por aí vai.

– O senhor fez a autópsia?

– Fiz.

– E a causa da morte?

– O homem foi apunhalado com uma faca fina e afiada. Parecida a uma faca de cozinha, do tipo francês, de lâmina bem amolada. A ponta entrou...

O médico explicou, em termos técnicos, onde a faca entrara no coração da vítima.

– A morte pode ter sido instantânea?

– Deve ter ocorrido no decorrer de poucos minutos.

– O homem não podia ter gritado ou lutado?

– Não nas circunstâncias em que foi apunhalado.

– O senhor pode explicar-nos o que quer dizer com essa frase?

– Examinei certos órgãos e fiz alguns testes. Eu diria que ele foi morto quando se achava inconsciente, sob a influência de uma droga.

– O senhor pode informar-nos que droga era essa, doutor?

– Pois não. Era hidrato de cloro.

– O senhor pode dizer-nos de que maneira essa droga foi administrada?

– Suponho que deve ter sido misturada a uma bebida qualquer. O efeito do cloro é muito rápido.

– Acho que, em certos lugares, essa mistura é conhecida como "Mickey Finn" – murmurou o juiz.

– Exatamente – disse o Dr. Rigg. – Ele deve ter bebido o líquido sem desconfiar, e momentos depois caiu, ficando inconsciente.

– E, na sua opinião, ele foi apunhalado enquanto estava inconsciente?

– É o que eu penso. Isso explica o fato de não haver sinal de luta e de manter a sua aparência tranqüila.

– Quanto tempo ele levou para morrer, depois de ter ficado inconsciente?

– Eu não posso afirmar isso com precisão, já que também depende de alguma idiossincrasia da vítima. Ele não voltaria a si, certamente, antes de meia hora, e talvez bem depois disso.

– Obrigado, Dr. Rigg. O senhor sabe a que horas ele fez a última refeição?

– Ele não tinha almoçado, se é o que o senhor quer saber. Ele não tinha comido nada sólido nas últimas quatro horas.

– Muito obrigado, Dr. Rigg. É só isso. – O juiz olhou em volta e disse: – O inquérito será suspenso por quinze dias, até 28 de setembro.

Concluído o inquérito, a multidão dirigiu-se para fora do tribunal. Edna Brent, que estivera presente, como a maioria das funcionárias do Escritório Cavendish, parou um instante na saída. O Escritório Cavendish de Secretariado

e Datilografia estivera fechado durante toda a manhã. Maureen West, uma das outras moças, perguntou-lhe:

– Como é, Edna? Vamos almoçar no Bluebird? Temos muito tempo. Pelo menos, *você* tem.

– Tenho tanto tempo quanto você – disse Edna, mostrando-se ofendida. – Sandy Cat disse-me para almoçar no primeiro intervalo. Mesquinha. Pensei que teria uma hora extra para compras e outras coisas.

– Qualidade peculiar de Sandy Cat – disse Maureen. – É ruim como uma cobra, não é? Vamos abrir, novamente às 14 horas, e temos que estar todas lá. Você está à procura de alguém?

– Sim, de Sheila. Eu não a vi sair.

– Ela saiu mais cedo – disse Maureen. – Logo depois de seu depoimento. Saiu com um rapaz... Mas não sei quem é. Você vem?

Edna continuou indecisa e disse:

– Vá na frente... Preciso fazer umas compras.

Maureen saiu com outra moça. Edna ficou para trás. Finalmente, tomou coragem e perguntou ao jovem policial loiro que estava na entrada:

– Posso entrar de novo – murmurou ela, timidamente –, e falar com... aquele homem que esteve no escritório... o inspetor não sei do quê?

– O inspetor Hardcastle?

– Isso mesmo. O que prestou depoimento esta manhã.

– Bem... – O jovem policial olhou para dentro do tribunal e viu que o inspetor estava falando com o juiz e o chefe de polícia do condado. – No momento, ele está ocupado, moça. Se a senhora quiser voltar mais tarde, ou se quiser deixar um recado... É alguma coisa importante?

– Não tem importância, não – disse Edna. – É que... bem... eu não sei como é que pode ser verdade o que ela disse, porque, quer dizer...

Sem dizer mais nada, ela afastou-se franzindo as sobrancelhas, perplexa. Perambulou, afastando-se de Cornmarket, na direção de High Street. Continuava franzindo a testa, tentando pensar. E pensar nunca fora o forte de Edna. Quanto mais procurava buscar sentido nos fatos em sua mente, mais confusa ficava.

Chegou a dizer em voz alta:

– Mas não pode ter sido assim... Não pode ter sido como ela disse...

Repentinamente, com ar de quem toma uma decisão, afastou-se de High Street e dirigiu-se a Wilbraham Crescent, seguindo por Albany Road.

Desde o instante em que a imprensa anunciara que fora cometido um assassinato no nº 19 de Wilbraham Crescent, grandes aglomerações se formavam em frente à casa, diariamente, para contemplá-la. É um mistério

incontestável a fascinação que meros tijolos e cimento podem exercer sobre a população! Nas primeiras 24 horas, fora necessária a permanência de um policial ali, para usar de autoridade. O interesse, depois, esmorecera, mas ainda não morrera completamente: os caminhões de entrega diminuíam a marcha quando passavam; as mulheres que passeavam com carrinhos de bebê, detinham-se por alguns minutos na calçada e contemplavam a bela casa da Sra. Pebmarsh, com os olhos esbugalhados; as que iam às compras paravam, com olhares ávidos, e trocavam comentários prazenteiros com as amigas:

– É essa a casa... Aquela, lá...

– O corpo estava na sala... Não, eu acho que a sala fica na frente, é aquele cômodo à esquerda...

– O rapaz do armazém me disse que é o da direita.

– Bem, pode ser. Eu já entrei no nº 10 uma vez, e lá, lembro-me muito bem, a sala de jantar fica à direita e a saleta, à esquerda...

– Nem parece que houve um crime lá, não é?

– Ouvi dizer que a moça saiu aos berros lá de dentro...

– Dizem que, desde então, ela não anda boa da cabeça... Foi um choque terrível, naturalmente...

– Parece que ele entrou pela janela dos fundos. Já estava embolsando a prataria, quando a moça entrou e o viu...

– Coitada da mulher que mora na casa, e ela é cega, pobrezinha. Desse jeito, naturalmente, ela não podia saber o que estava acontecendo...

– Ah, mas ela não estava em casa na hora do crime...

– Ah! Eu pensei que ela estivesse. Eu pensei que ela estivesse no andar de cima e que tivesse ouvido tudo. Ai, meu Deus, preciso ir fazer as compras.

Ouvia-se conversas assim o dia todo. As pessoas chegavam a Wilbraham Crescent como se tivessem sido atraídas por um ímã. Paravam, olhavam e iam embora, satisfazendo sua curiosidade.

Ainda às voltas com seus pensamentos, Edna Brent chegou ao nº 19 de Wilbraham Crescent, abrindo caminho entre um grupo de pessoas ocupadas com o passatempo favorito do momento: contemplar a cena do crime.

Edna, que também era influenciável, encarou por alguns minutos a casa, com os olhos fixos.

Então, era esse o cenário onde tudo tinha acontecido! Cortinas transparentes nas janelas. Tão bonito... e, entretanto, haviam matado um homem ali. Apunhalado com uma faca de cozinha...

Magnetizada pelo comportamento do grupo que a rodeava, Edna também ficou olhando, estarrecida, e parou de pensar...

Ela tinha quase esquecido o que a trouxera até ali... Estremeceu, quando

ouviu uma voz falar-lhe no ouvido.

Virou a cabeça, surpresa, ao reconhecer quem lhe falava.

16

Narrativa de Colin Lamb

Percebi quando Sheila Webb esgueirou-se, quieta, para fora do tribunal. Ela se saíra muito bem. Estava nervosa, mas não muito. Chegou a parecer bastante natural. (O que diria Beck? "Ótimo desempenho!" Eu até podia ouvi-lo.)

Fiquei pensando por alguns instantes nas surpreendentes declarações do Dr. Rigg (Dick Hardcastle não tinha me contado nada, mas ele devia estar a par de tudo), e logo resolvi sair atrás dela.

– Afinal de contas, não foi tão ruim assim, foi? – perguntei quando a alcancei.

– Não, não foi. Foi mesmo bem fácil. O juiz foi muito simpático. – Ela hesitou. – O que é que vai acontecer agora?

– Ele decidiu adiar o inquérito... enquanto aguarda novas provas. O inquérito provavelmente será reiniciado dentro de uma quinzena, provavelmente, ou logo que identificarem o cadáver.

– Você acha que o identificarão?

– Acho que sim – respondi. – Será identificado, sem a menor dúvida.

Ela ficou arrepiada.

– Esfriou hoje – explicou.

Não acho que estava frio. Para mim, estava até calor.

– Que tal sairmos para almoçar mais cedo? – sugeri. – Você não precisa voltar para aquele escritório, não é?

– Não. Ficará fechado até as 14 horas.

– Então vamos. Gosta de comida chinesa? Tem um restaurante chinês aqui perto.

Sheila mostrou-se hesitante.

– Na realidade eu precisava fazer umas compras.

– Pode ir depois.

– Não posso, não... Algumas lojas fecham entre 13 e 14 horas.

– Está bem. Que tal então encontrar-se comigo no restaurante dentro de

meia hora?

Ela concordou.

Dirigi-me para o cais e sentei-me num banco. Um vento forte soprava do mar.

Eu queria pensar. Nada me deixava mais furioso do que ter de admitir que os outros me conheciam melhor do que eu mesmo. Mas o velho Beck, Hercule Poirot e Dick Hardcastle tinham percebido claramente o que agora eu precisava confessar a mim mesmo: eu estava interessado nessa moça. Interessado como eu nunca me sentira por nenhuma outra mulher.

Não era pela sua beleza – ela era bonita, possuía uma beleza diferente, nada mais. Não era o seu *sex appeal* – isso eu conhecia de sobra, recebera um curso completo. O fato é que, desde o princípio, eu percebera que ela era *minha*.

E eu não sabia absolutamente nada sobre ela!

Passava das 14 horas quando entrei na delegacia e procurei Dick. Encontrei-o em seu escritório, folheando uma pilha de papéis. Ele levantou a cabeça e perguntou-me o que eu havia achado do inquérito.

Disse-lhe que achara tudo muito previsível e bem organizado.

– Neste país, fazemos muito bem esse tipo de coisa.

– O que você achou do laudo médico?

– Foi como um soco no rosto. Por que você não me contou antes?

– Você estava ausente. Consultou o seu especialista?

– Consultei, sim.

– Acho que me lembro dele vagamente. Tem bigode descomunal.

– Um verdadeira floresta! – concordei. – Ele tem um orgulho louco desse bigode.

– Já deve estar bem velho.

– Velho sim, mas não gagá.

– O que você foi fazer lá? Foi somente por consideração?

– Ah! Dick! Sua mente policial é tão cheia de suspeitas! Fui mais por isso, mas também estava curioso. Eu estava louco para saber o que ele pensava desse nosso negócio. Sabe de uma coisa, ele vivia dizendo... e eu achava que isso não tinha pé nem cabeça... que era capaz de resolver qualquer caso com a maior facilidade, sem se levantar da cadeira, juntando as pontas dos dedos simetricamente, fechando os olhos e pensando. Eu quis pagar para ver.

– E ele fez exatamente isso?

– Fez.

– E o que foi que ele disse? – perguntou Dick, um tanto curioso.

– Disse que deve ser um crime bem simples – respondi.

– Simples, santo Deus! – disse Hardcastle, irritado. – E por que simples?

– Pelo que eu entendi, porque a encenação é demasiado complexa.

Hardcastle sacudiu a cabeça.

– Não compreendo. Parece uma dessas frases inteligentes que os jovens de Chelsea costumam dizer e que eu não consigo entender. Mais alguma coisa?

– Bem, ele mandou que eu conversasse com os vizinhos. Garanti-lhe que já havia feito isso.

– Os vizinhos agora, depois do laudo médico, são ainda mais importantes.

– Supondo que ele tenha sido dopado em algum lugar e transportado para o nº 19, para ser morto lá? – Ao dizer isso, algo me pareceu familiar. – Foi mais ou menos isso que a Dona Fulana, aquela dos gatos, disse, o que me pareceu muito interessante no momento.

– Aqueles gatos! – disse Dick, arrepiando-se todo. Continuou: – Você sabia que encontramos a arma? Ontem.

– Acharam? Onde?

– No jardim da casa dos gatos. Provavelmente foi jogada lá pelo assassino, após o crime.

– E sem impressões digitais, suponho?

– Rigorosamente limpa. O tipo de faca que poderia pertencer a qualquer um... pouco usada... recentemente amolada.

– Então, foi assim: encheram-no de droga... trouxeram-no para o nº 19... de carro? Ou como?

– Ele poderia ter sido trazido de uma das casas que têm o jardim contíguo.

– Mas isso teria sido um pouco arriscado, você não acha?

– O assassino precisaria ter audácia e um bom conhecimento dos hábitos da vizinhança – concordou Hardcastle. – É mais provável que tenha vindo de automóvel.

– Também seria arriscado. As pessoas reparam nos automóveis.

– Ninguém reparou. Mas concordo que o assassino não poderia saber que não iriam reparar. Os transeuntes teriam visto um carro parar diante do nº 19, nesse dia...

– Duvido que notassem. Todo mundo está tão acostumado com automóveis... A não ser, é bem verdade, que se tratasse de um carro de alto luxo... algo fora do comum, mas isso não parece provável...

– E, além disso, era hora de almoço. Você já pensou, Colin, que isso traz a Sra. Millicent Pebmarsh de volta à cena? Parece impossível imaginar um homem normal apunhalado por um cega... Mas, sob o efeito da droga...

– Em outras palavras, se ele veio a Wilbraham Crescent para ser morto, como sugeriu a Sra. Hemming, chegou na hora marcada, sem nada suspeitar e

deram-lhe um xerez ou um coquetel. O "Mickey Finn" agiu e a Sra. Pebmarsh fez o serviço. Depois lavou o copo, ajeitou direitinho o corpo no chão jogou a faca no jardim de sua vizinha e foi dar sua voltinha habitual.

– Telefonando para o Escritório Cavendish, a meio caminho...

– E por que ela faria isso? E por que requisitar, especificamente, Sheila Webb?

– Gostaria de saber... – disse Hardcastle, olhando para mim. – Será que Sheila Webb sabe por quê?

– Ela diz que não.

– Ela diz que não – repetiu Hardcastle, sem expressão. – Estou perguntando o que é que você acha disso?

Demorei alguns minutos para responder. O que é que eu pensava? Eu precisava tomar uma decisão imediata sobre o caminho a seguir. A verdade acabaria aparecendo. Sheila não seria prejudicada, se ela realmente fosse aquilo que eu pensava.

Com um movimento brusco, tirei um cartão do bolso e joguei-o sobre a mesa.

– Sheila recebeu isto pelo correio.

Hardcastle esquadrinhou o cartão. Pertencia a uma série de postais sobre prédios em Londres. Representava o Tribunal Central de Justiça. Hardcastle olhou o verso do cartão. À direita estava um endereço em letra, de fôrma: Srta. R. S. Webb, 14 Palmerston Road, Crowdean, Sussex. Do lado esquerdo, também em letra de fôrma, as palavras LEMBRE-SE! e, embaixo, os números 4.13.

– Quatro e treze – disse Hardcastle. – É a hora marcada nos relógios, naquele dia. – Ele abanou a cabeça. – Uma foto do Tribunal Central de Justiça, as palavras "Lembre-se" e os números 4.13. Deve ter ligação com alguma coisa.

– Ela diz que não sabe o que significa. – Acrescentei: – E eu acredito nela.

Hardcastle acenou com a cabeça.

– Vou ficar com isto. Talvez signifique algo.

– Espero que sim.

Seguiu-se um silêncio constrangedor. Para aliviar a tensão, eu disse:

– Você está às voltas com uma papelada e tanta!

– É o de sempre. E a maior parte não vale nada. O morto tinha ficha limpa e suas impressões digitais não estão registradas. Tudo isso aqui, praticamente, nos foi enviado por pessoas que julgam tê-lo reconhecido.

Leu:

Prezados Senhores,

Estou quase certa de que a foto no jornal é de um homem que vi

outro dia no trem, em Willesden Junction. Ele estava falando sozinho, parecia meio louco, excitado. Quando o vi desse jeito, achei que algo estava errado.

Prezados Senhores,

Esse homem é parecidíssimo com um primo do meu marido chamado João. Ele estava na África do Sul, mas pode ser que tenha voltado. Ele tinha bigode quando foi, mas isso não quer dizer nada, porque podia tê-lo raspado.

Prezados Senhores,

Vi ontem no metrô o homem cuja foto foi publicada no jornal de hoje. Bem que eu achei, então, que algo estava errado com ele.

– Isso sem contar todas as mulheres que reconhecem nele seus cônjuges. Parece que as mulheres não conhecem mesmo seus maridos! Há mães, cheias de esperança, que vêem nele o filho que desapareceu há mais de vinte anos. E aqui está a lista de desaparecidos. Não há nada que sirva para nós: "George Barlow, 65 anos, desapareceu de casa. A esposa acredita que ele perdeu a memória." E no canto inferior: "Deve muito dinheiro. Foi visto em companhia de uma viúva ruiva. É quase certo que tenha fugido." E ouça esta: "Professor Hargraves, esperado na última terça-feira como palestrante em uma conferência. Não apareceu, nem mandou carta ou bilhete desculpando-se." – Hardcastle não parecia levar o professor Hargraves a sério. – Vai ver ele pensou que a conferência fosse uma semana antes ou depois – disse. – Provavelmente, acha que avisou à governanta para aonde foi, mas não avisou. Vemos esse tipo de coisa isso todo dia.

O telefone de Hardcastle tocou. Ele levantou o fone.

– Sim?... O quê?... Quem foi que a achou? Ela deu o nome?... Hum, sei. Continuem o trabalho.

Hardcastle desligou o telefone. Quando se voltou para mim, estava mudado. Sua fisionomia tinha um ar grave, quase iracundo.

– Acharam uma moça morta na cabine telefônica de Wilbraham Crescent – disse Hardcastle.

– Morta? – Fiquei olhando para ele. – Como?

– Foi estrangulada. Com a própria echarpe.

De repente, fiquei gelado.

– Que moça é essa? Não é...

Hardcastle lançou-me um olhar frio, penetrante, de que não gostei.

– Não é sua namorada – disse –, se é isso que você receia. O guarda de lá julga conhecê-la. Disse que parece ser uma moça que trabalha no escritório de Sheila Webb. Edna Brent, disse ele.

– Quem foi que a encontrou? O guarda?

– Foi encontrada pela Sra. Waterhouse, a moradora do nº 18. Parece que ela se dirigiu à cabine telefônica, porque o seu aparelho não funcionava, e encontrou a moça encolhida no chão.

A porta se abriu e um guarda entrou e disse:

– Dr. Rigg telefonou dizendo que já está a caminho, inspetor. Vai encontrá-lo em Wilbraham Crescent.

17

Uma hora e meia mais tarde, o detetive-inspetor Hardcastle sentava-se à sua escrivaninha e tomava com alívio uma xícara de chá. Sua fisionomia mantinha a expressão zangada, gelada.

– Desculpe-me, inspetor. Pierce quer ter uma palavrinha com o senhor.

Hardcastle pareceu despertar.

– Pierce? Ah, está bem. Mande-o entrar.

Pierce entrou. O jovem policial parecia nervoso.

– Desculpe-me, inspetor. Achei que era melhor lhe contar.

– Contar? Contar o quê?

– Foi depois do inquérito. Eu estava de serviço à porta do tribunal. Essa moça... que morreu. Ela... falou comigo.

– Falou com você? O que foi que ela disse?

– Queria falar com o senhor.

Hardcastle endireitou-se na cadeira, a atenção subitamente alertada.

– Queria falar comigo? Ela disse por que razão?

– Não exatamente. Sinto muito, senhor... se deveria... se eu não fiz mais nada a respeito disso. Perguntei-lhe se queria deixar recado ou... ou se preferia voltar mais tarde à delegacia. Sabe como é, o senhor estava ocupado com o chefe de polícia e o juiz e eu pensei...

– Droga! – disse Hardcastle entre os dentes. – Você não podia ter dito que esperasse até que eu pudesse atendê-la?

– Sinto muito, senhor. – O rapaz ficou vermelho. – Se eu soubesse, teria feito isso. Mas não pensei que fosse importante. Não creio que *ela* achasse que fosse importante. Tratava-se apenas de algo que a estava preocupando.

– Preocupando – disse Hardcastle. Ele ficou silencioso por uns instantes, enquanto revolvia certos fatos na mente. Tratava-se da moça que ele encontrara na rua, a caminho da casa da Sra. Lawton; era a moça que queria falar com Sheila Webb. Ela o reconhecera, ao passar por ele, hesitando, como se não soubesse se devia falar-lhe ou não. Algo a intrigava. Sim, era isso! Algo a intrigava. E ele falhara. Seu instinto falhara. Preocupado unicamente com o propósito de acertar alguns pontos do passado de Sheila Webb, ele deixara escapar um detalhe valioso. Por que a garota estaria preocupada? Agora, provavelmente, jamais o saberiam.

– Continue, Pierce – disse ele. – Diga-me tudo que lembrar. – E acrescentou, procurando consolar o jovem: – Você não podia saber que era algo importante.

Ele sabia que não adiantava transferir sua própria raiva e frustração, culpando o rapaz. Como é que o rapaz podia saber? Parte de seu treinamento referia-se à manutenção da disciplina, à obrigação de assegurar-se de que seus superiores somente fossem abordados na hora e no lugar certos. Se a moça tivesse dito que o assunto era importante ou urgente, então teria sido diferente. Mas ela não era desse tipo, pensou, lembrando-se da primeira vez em que a vira no escritório. Tinha o raciocínio lento. Provavelmente ela desconfiava de sua própria destreza mental.

– Você é capaz de lembrar exatamente o que houve e o que ela lhe disse, Pierce? – perguntou Hardcastle.

Pierce olhou para ele, grato pela oportunidade de redimir-se.

– Foi assim: ela veio andando em minha direção, quando todos estavam saindo; pareceu-me hesitar um momento enquanto olhava ao redor, como se procurasse alguém. Não acho que procurava o senhor, mas outra pessoa. Aí ela se aproximou e disse que gostaria de falar com o policial que havia prestado depoimento. E então, como já falei, vendo que o senhor estava ocupado com o chefe de polícia, perguntei-lhe se podia me dar o recado ou se preferia falar com o senhor mais tarde, na delegacia. E acho que ela disse que estava bem assim. Então perguntei se era algo importante...

– E daí? – perguntou Hardcastle, inclinando-se para frente.

– E ela disse que... Bem, não era bem isso. Era apenas uma coisa, disse ela, que não conseguia compreender como podia ter sido do jeito que ela dissera que ocorrera.

– Que ela não conseguia compreender como o que ela dissera podia ter sido

daquele jeito?

– Isso mesmo, inspetor. Não tenho certeza das palavras exatas. Talvez tenha dito: "Não vejo como possa ser verdade o que ela disse." Ela franzia a testa e parecia intrigada. Mas, quando eu lhe perguntei, respondeu que não tinha muita importância.

Não tinha muita importância, dissera a moça. A mesma moça que fora encontrada, logo depois, estrangulada numa cabine telefônica...

– Havia alguém por perto, enquanto ela falava com você? – perguntou Hardcastle.

– Havia, sim, muita gente, inspetor. Estavam saindo, como o senhor sabe. Havia um montão de gente assistindo ao inquérito. Esse crime causou comoção, com todas as coisas que a imprensa vem publicando.

– Você não se lembra de ninguém, em particular, que estivesse ao seu lado nesse momento? Alguma das pessoas, por exemplo, que prestaram depoimento?

– Receio não me lembrar de ninguém em particular, inspetor.

– Bem, paciência – disse Hardcastle. – Pierce, se você se lembrar de mais alguma coisa, venha falar-me imediatamente.

O inspetor esforçou-se para dominar a fúria e a autocondenação. Essa garota sabia alguma coisa. Talvez não soubesse, propriamente, mas ela vira ou ouvira algo. Algo que a preocupara, e essa preocupação aumentara depois de haver assistido ao inquérito. O que poderia ter sido? Teria sido algum depoimento? E, mais especificadamente, teria sido, algo no depoimento de Sheila Webb? Ela procurara Sheila, na casa da tia, dois dias antes. Poderia, evidentemente, falar com Sheila no escritório. Por que desejara vê-la a sós? Teria descoberto algo sobre Sheila Webb que a deixara perplexa? Desejaria pedir uma explicação a Sheila Webb sobre qualquer coisa, de preferência particularmente... e não diante das outras? Parecia ser essa a resposta. Sim, devia ser isso.

Ele despachou Pierce e deu algumas instruções ao sargento Cray.

Por que acha que a garota teria ido a Wilbraham Crescent? – perguntou o sargento.

– Estou me fazendo a mesma pergunta – respondeu Hardcastle. – É possível, naturalmente, que tenha sido mera curiosidade... ela simplesmente quis olhar o lugar do crime. Não há nada de extraordinário nisso... A metade da população de Crowdean parece sentir a mesma coisa.

– É evidente – disse o sargento Cray.

– Por outro lado – disse Hardcastle, devagar –, ela poderia ter ido ver alguém que reside lá...

Depois que o sargento Cray saiu da sala, Hardcastle escreveu três números

num bloco.

Escreveu "20" e pôs um ponto de interrogação ao lado. Depois, acrescentou "19?", e depois "18?". Escreveu os nomes correspondentes: Hemming, Pebmarsh e Waterhouse. As três casas da parte mais alta ficaram de fora. Para visitá-la, Edna Brent não teria tomado a rua inferior, de modo algum.

Hardcastle estudou as três possibilidades.

Começou pelo nº 20. A faca usada pelo assassino fora encontrada lá. Parecia mais provável que a tivessem jogado do nº 19, mas ninguém podia afirmar isso. Podia ter sido escondida entre os arbustos pela própria dona do nº 20. Ao ser interrogada, a Sra. Hemming reagira com indignação: "Que maldade, terem a coragem de jogar uma faca dessas nos meus gatos." Que ligação poderia haver entre a Sra. Hemming e Edna Brent? Não havia nenhuma. Ele passou a considerar a Sra. Pebmarsh. Será que Edna Brent fora a Wilbraham Crescent para avistar-se com a Sra. Pebmarsh? Esta prestara depoimento no inquérito. Haveria alguma coisa nas declarações da Sra. Pebmarsh em que Edna Brent não podia acreditar? Mas ela já estava preocupada, *antes* do inquérito. Será que ela já sabia de alguma coisa a respeito da Sra. Pebmarsh? Será que ela sabia que devia haver uma ligação qualquer entre a Sra. Pebmarsh e Sheila Webb? Isso combinaria com as palavras ditas a Pierce: "Não vejo como possa ser verdade o que ela disse."

"Conjecturas, meras conjecturas", pensou, raivoso.

E o nº 18? A Sra. Waterhouse achara o corpo. O inspetor Hardcastle tinha um preconceito profissional contra as pessoas que achavam defuntos. O fato de achar o corpo evitava muitos problemas para o assassino: poupava-lhe a dificuldade para estabelecer um álibi; explicava algumas impressões digitais descuidadas. Em muitos aspectos, era uma situação à prova de fogo, exceto num ponto. Não podia haver nenhum motivo evidente que ligasse o assassino à vítima. Certamente não havia motivo aparente para a Sra. Waterhouse matar a pobre Edna Brent. A Sra. Waterhouse não prestara depoimento no inquérito. Mas ela podia ter estado lá. Será que Edna tinha razões para acreditar que fora a Sra. Waterhouse quem personificara a Sra. Pebmarsh ao telefone, pedindo que mandassem uma estenodatilógrafa ao nº 19?

Mais conjecturas.

E, naturalmente, havia ainda Sheila Webb. Hardcastle pegou o telefone. Logo atenderam do hotel onde Colin Lamb se hospedara e, momentos depois, o próprio Colin estava do outro lado da linha.

– Hardcastle falando. A que horas você almoçou com Sheila Webb hoje?

Antes de responder, Colin hesitou por um instante.

– Como é que você sabe que nós almoçamos juntos?

– Um palpite formidável. Almoçaram, não foi?

– E por que é que não podíamos almoçar?

– Não vejo razão nenhuma. Estou apenas perguntando a que horas foi. Vocês foram almoçar logo após o inquérito?

– Não, ela precisou fazer umas compras. Encontramo-nos um restaurante chinês, na Market Street, às 13 horas.

– Está bem.

Hardcastle olhou para as suas notas. Edna Brent morrera entre 12h30 e 13 horas.

– Não quer saber o que foi que comemos?

– Calma, rapaz. Eu só queria saber a hora exata. Para os arquivos.

– Sei. Então é isso.

Houve uma pausa. Hardcastle disse, procurando diminuir a tensão:

– Se você não tiver compromisso para hoje à noite...

O outro interrompeu:

– Vou viajar. Estou fazendo a mala. Encontrei um recado à minha espera. Preciso ir ao exterior.

– Quando é que você volta?

– Ninguém sabe. Dentro de uma semana no mínimo... talvez mais... talvez nunca!

– Você está sem sorte... não é?

– Não sei – respondeu Colin, e bateu o telefone.

18

Hardcastle chegou ao nº 19 de Wilbraham Crescent na hora em que a Sra. Pebmarsh saía de casa.

– Com licença, Sra. Pebmarsh?

– Ah! É o... detetive-inspetor Hardcastle.

– Exatamente. Posso falar com a senhora?

– Não quero chegar atrasada ao Instituto. Vai demorar?

– Garanto-lhe que serão apenas três ou quatro minutos. – Ela voltou a entrar na casa e ele a seguiu.

– A senhora soube do que aconteceu hoje à tarde? – perguntou ele.

– Aconteceu alguma coisa?

– Pensei que a senhora soubesse. Mataram uma moça na cabine telefônica no fim da rua.

– Assassinada? Quando?

– Há pouco menos de três horas – disse ele, após olhar para o carrilhão.

– Não soube de nada. Nada – disse a Sra. Pebmarsh.

Em sua voz percebia um ar de cólera. Era como se ela tomasse consciência de sua impotência, de uma forma particularmente penosa. Ela continuou:

– Uma moça... morta? Que moça?

– Uma garota chamada Edna Brent, que trabalhava no Escritório Cavendish de Secretariado e Datilografia.

– Outra moça de lá? Também mandaram chamá-la, como a essa jovem Sheila não-sei-de-quê?

– Creio que não – disse o inspetor. – Ela não esteve aqui, à sua procura?

– Aqui? Não, senhor. De jeito nenhum.

– A senhora teria estado em casa, caso ela tivesse vindo?

– Não tenho certeza. A que horas foi isso?

– Por volta de 12h30 ou um pouco mais tarde.

– Estava, sim – disse a Sra. Pebmarsh. – A essa hora eu estava em casa.

– Para aonde a senhora foi, após o inquérito?

– Vim diretamente para casa. – Ela fez uma pausa e depois perguntou: – Por que é que o senhor pensa que ela poderia ter vindo aqui?

– Porque ela compareceu ao inquérito esta manhã e a viu lá. Deve ter tido alguma razão para vir a Wilbraham Crescent. Pelo que sabemos, ela não conhecia ninguém nesta rua.

– Mas por que ela teria vindo falar comigo, só porque me viu no inquérito?

– Bem... – O inspetor sorriu ligeiramente, depois apressou-se em expressar o sorriso com a voz, quando lembrou que a Sra. Pebmarsh não podia apreciar sua fisionomia tranqüilizante. – A gente nunca sabe o que essas meninas querem. Talvez estivesse apenas atrás de um autógrafo, ou algo assim.

– Autógrafo! – O tom de voz da Sra. Pebmarsh estava carregado de indignação. Depois, ela disse: – É... é. Talvez o senhor tenha razão. Essas coisas acontecem. – Então ela sacudiu a cabeça com veemência. – Só posso lhe dizer, inspetor Hardcastle, que hoje não aconteceu nada disso. Ninguém esteve aqui desde que voltei do inquérito.

– Está bem, Sra. Pebmarsh, obrigado. Pensamos que seria bom sondar todas as possibilidades.

– Que idade tinha ela? – perguntou a Sra. Pebmarsh.

– Creio que uns 19 anos.

– Dezenove anos? Tão jovem! – Sua voz alterou-se ligeiramente. – Tão

jovem... Pobre moça! Quem poderia querer matar uma menina dessa idade?

– Acontece – disse Hardcastle.

– Ela era bonita... atraente... sexy?

– Não – disse Hardcastle. – Acho que ela gostaria de ter sido atraente, mas não era.

– Então não foi por causa disso – deduziu a Sra. Pebmarsh. Tornou a sacudir a cabeça. – Sinto muito. Sinto muito mesmo, inspetor, não poder ajudá-lo.

Ele partiu impressionado, como sempre ficava, com a personalidade da Sra. Pebmarsh.

A Sra. Waterhouse estava em casa. Ela abriu a porta com a rapidez de quem deseja surpreender alguém em flagrante, fazendo o que não devia.

– Ah! É o senhor! – disse. – Francamente, eu já disse aos seus homens tudo que sabia.

– Estou certo de que a senhora respondeu a todas as perguntas que lhe fizeram – concordou Hardcastle. – Mas nem todas as perguntas podem ser feitas. Agora precisamos entrar mais em detalhes.

– Não sei por quê. Foi tudo terrivelmente chocante para mim – disse a Sra. Waterhouse, olhando-o com ar de reprovação, como se ele fosse o culpado. – Entre, entre. O senhor não pode ficar aí na porta o dia todo. Entre, sente-se e pergunte tudo o que quiser, embora eu não imagine que outras perguntas vocês ainda possam querer fazer. Nunca senti tamanho choque em minha vida. Saí correndo e chamei o guarda. Depois disso, caso o senhor queira saber, voltei para cá e tomei uma dose medicinal de conhaque. *Medicinal* – repetiu a Sra. Waterhouse.

– A senhora fez muito bem – disse o inspetor Hardcastle.

– E isso é tudo – disse a Sra. Waterhouse, encerrando o assunto.

– Eu queria perguntar-lhe se a senhora tem a certeza de nunca haver visto essa moça.

– Posso tê-la visto uma dúzia de vezes – disse a Sra. Waterhouse –, mas não me lembraria. Quero dizer que ela poderia ter-me atendido no Woolworth's, ou sentado ao meu lado no ônibus, ou me vendido entradas para o cinema.

– Ela trabalhava como estenodatilógrafa no Escritório Cavendish.

– Não creio que jamais tenha precisado de uma estenodatilógrafa. Talvez ela tenha trabalhado no escritório do meu irmão, Gainsford e Swettenham. É isso que o senhor quer saber?

– Não, senhora – disse o inspetor Hardcastle. – Não vejo conexão alguma nisso. Mas fiquei pensando se ela não teria vindo vê-la hoje de manhã, antes de

ser assassinada.

– Ver-me? Não, claro que não. Por que o faria?

– Bem, isso não sabemos – disse Hardcastle. – Mas, se alguém dissesse que a viu entrar pelo seu portão, a senhora diria que essa pessoa estava enganada?

Ele a olhou com olhos ingênuos.

– Alguém a viu entrar pelo meu portão? Que bobagem – respondeu a Sra. Waterhouse. Ela hesitou por um instante e depois acrescentou: – Pelo menos...

– Sim... – encorajou-a Hardcastle, procurando não demonstrar o interesse desperto.

– Ué, quem sabe ela enfiou um folheto ou alguma outra coisa por baixo da porta? *Havia* um folheto ali, à hora do almoço. Todo dia encontro qualquer coisa. É possível que ela tenha vindo e enfiado algo na caixa de correio, mas o senhor não pode culpar-me por isso, pode?

– É claro que não. Agora, quanto ao seu telefonema... A senhora disse que seu aparelho estava com defeito. Mas não foi o que a Central Telefônica nos informou.

– A Central Telefônica é capaz de tudo! Quando tentei usar o telefone, ouvi um barulho esquisito, diferente do sinal de ocupado, então fui ligar da cabine.

Hardcastle levantou-se.

– Sinto muito tê-la incomodado, Sra. Waterhouse, mas parece que essa moça veio ver alguém que mora nas redondezas, em alguma casa perto daqui.

– Então o senhor precisa investigar toda a vizinhança? – perguntou a Sra. Waterhouse. – Acho que o mais provável é ela ter ido aqui ao lado, na casa da Sra. Pebmarsh, quero dizer.

– Por que a senhora acha isso mais provável?

– O senhor disse que ela é uma estenodatilógrafa do Escritório Cavendish. Se eu não me engano, andaram falando que a Sra. Pebmarsh chamou uma estenodatilógrafa para vir à sua casa no dia em que o homem foi morto.

– Assim disseram, mas ela o nega.

– Se o senhor quiser a minha opinião... e só prestam atenção ao que eu digo quando já tarde demais!... acho que a Sra. Pebmarsh está meio caduca. Acho que ela telefona mesmo para os escritórios e convoca estenodatilógrafas. Depois se esquece, provavelmente.

– Mas a senhora não a considera capaz de cometer um assassinato, não é?

– Nunca sugeri assassinato, nem coisa parecida. Sei que mataram um homem na casa dela, mas nem por um momento sugeri que a Sra. Pebmarsh estivesse metida nisso. Não. Acho, apenas, que ela deve ter uma dessas obsessões curiosas que certas pessoas têm. Há muitos anos, conheci uma mulher que costumava telefonar para a confeitaria e encomendar uma dúzia de

merengues. Ela não os queria e, quando vinham trazê-los, dizia que não os tinha encomendado. Coisas assim.

– Claro, tudo isso é possível – disse Hardcastle. Ele se despediu da Sra. Waterhouse e foi embora.

Pensou que ela não fora feliz em sua sugestão final. Por outro lado, se ela acreditasse que a moça fora vista entrando em sua casa – e se isso fosse verdade – então a sugestão de que a garota fora ao nº 19 havia sido muito hábil, diante das circunstâncias.

Hardcastle deu uma olhada no relógio e achou que ainda tinha tempo de visitar o Escritório Cavendish. Ele sabia que a firma fora reaberta às duas horas da tarde. Talvez as meninas pudessem ajudá-lo. E lá encontraria, também, Sheila Webb.

Quando ele entrou no escritório, uma das moças se levantou.

– É o detetive-inspetor Hardcastle, não é? A Sra. Martindale está à sua espera.

Ela o acompanhou até o escritório interno. A Sra. Martindale não esperou nem um instante; foi logo falando agressivamente:

– Que desgraça, inspetor Hardcastle, mas que desgraça! É preciso que o senhor vá até o fundo disso! Nada de conversa fiada. A polícia foi feita para nos proteger, e é disso que nós precisamos neste escritório. *Proteção*. Quero proteção para as minhas meninas e hei de tê-la.

– Tenha certeza, Sra. Martindale, de que...

– O senhor vai negar que duas das minhas funcionárias, *duas*, foram escolhidas como vítimas? Evidentemente há alguém sociopata com uma espécie de... como é que se diz?... fixação ou obsessão por estenodatilógrafas ou escritórios de secretariado. Estão martirizando este estabelecimento deliberadamente. Primeiro, Sheila Webb foi chamada, por meio de um pretexto cruel, para achar um cadáver... o tipo de coisa que deixa uma criatura fora de si... e agora isso. Uma pobre menina inofensiva é assassinada numa cabine telefônica. É preciso ir até o fundo disso, inspetor!

– Não há nada que eu deseje mais do que chegar ao fundo disso, Sra. Martindale. Vim ver se a senhora pode me ajudar.

– Ajudar! Como é que eu posso ajudar? O senhor não acha que, se eu pudesse ajudar, já o teria procurado antes? O senhor precisa descobrir quem matou a pobre Edna e quem pregou essa peça cruel na Sheila. Sou muito rigorosa com minhas funcionárias, inspetor, exijo um trabalho perfeito e não permito relaxamento ou indisciplina, mas não tolero vê-las atormentadas ou assassinadas. Pretendo defendê-las, e quero certificar-me de que aqueles que

são pagos pelo governo para defendê-las cumpra o seu dever.

Ela o olhou com fúria, e mais parecia um tigre em forma humana.

– Precisamos de tempo, Sra. Martindale – disse ele.

– Tempo? Só porque essa menina boba morreu, suponho que o senhor pense que tem todo o tempo à sua disposição. Daqui a pouco terão assassinado mais uma das meninas.

– Não creio que a senhora precise temer isso, Sra. Martindale.

– Aposto que, ao levantar hoje de manhã, o senhor não imaginou que essa menina seria assassinada, inspetor. Porque, nesse caso, acho que o senhor teria tomado algumas precauções para protegê-la. E, quando uma de minhas funcionárias é morta ou acaba ficando numa situação comprometedora, o senhor fica muito admirado! Isso é incrível, é uma *loucura*! O senhor deve concordar que toda essa encenação é pura maluquice. Isto é, se a gente for acreditar em tudo que os jornais dizem. Veja esses relógios, por exemplo. Observei que nem sequer foram mencionados hoje de manhã no inquérito.

– Mencionou-se o mínimo possível esta manhã, Sra. Martindale. Foi apenas um inquérito preliminar, como sabe.

– Só o que posso dizer – disse a Sra. Martindale, tornando a encará-lo com raiva –, é que o senhor precisa fazer alguma coisa.

– E a senhora não pode me dizer nada? Edna não lhe deu nem um indício? Ela não parecia preocupada, não procurou consultá-la?

– Não creio que ela me consultasse, se *estivesse* preocupada – disse a Sra. Martindale. – Mas por que estaria preocupada?

Era essa, exatamente, a pergunta que o inspetor queria que lhe respondessem, mas ele sabia que com a Sra. Martindale não conseguiria nada. Em lugar disso, pediu:

– Gostaria de falar a tantas moças quanto fosse possível. Compreendo que Edna não manifestasse seus receios ou preocupações à senhora, mas é possível que tenha falado algo a alguma de suas colegas.

– É bem possível, acredito – disse a Sra. Martindale. – Essas meninas passam o tempo fofocando. No momento em que ouvem meus passos, desandam a bater às máquinas. Mas o que é que estavam fazendo? Falando. Tagarelando. – Acalmando-se um pouco, disse: – Há só três funcionárias aqui, no momento. Quer falar com elas agora? As outras estão de serviço na rua. Posso lhe dar os nomes e endereços, se quiser.

– Obrigado, Sra. Martindale.

– Suponho que o senhor queira falar-lhes a sós – disse ela. – Ficariam constrangidas se eu estivesse presente, parada. Teriam de admitir, compreende, que elas estiveram tagarelando e perdendo tempo.

Ela se levantou e abriu a porta que dava para a sala ao lado.

– Meninas – disse –, o detetive-inspetor Hardcastle quer conversar com vocês. Podem parar o trabalho, por enquanto. Procurem contar-lhe tudo que sabem para ajudá-lo a descobrir quem matou Edna Brent.

Ela voltou ao seu escritório e fechou a porta com violência. Três rostos assustados fitaram o inspetor. Ele examinou as moças, superficialmente, mas o bastante para avaliar o material com que teria de lidar. A primeira era uma jovem loira de óculos. "Parece de confiança", pensou Hardcastle, "mas não muito inteligente". A segunda era morena, um tanto ousada, com um penteado que a fazia parecer ter acabado de sair de uma ventania. Poderia representar um par de olhos observadores naquele ambiente, mas não parecia o tipo de pessoa capaz de lembrar minúcias. A terceira ria sem propósito e era com certeza uma dessas pessoas que concordava com tudo quanto as outras dissessem.

Ele falou calma e informalmente:

– Suponho que todas sabem o que aconteceu com Edna Brent, que trabalhava aqui, certo?

Os três concordaram vigorosamente.

– A propósito, como foi que souberam? – perguntou ele.

Elas se entreolharam como se tentassem decidir quem seria a porta-voz. Depois de alguns instantes, Janet, a loira, parecia ter sido escolhida unanimamente.

– Edna não voltou ao trabalho às 14 horas, como devia ter feito – explicou ela.

– E Sandy Cat ficou muito aborrecida – disse Maureen, a morena, corrigindo-se logo em seguida: – Quer dizer, Sra. Martindale.

A terceira moça começou a rir.

– Sandy Cat foi o apelido que demos a ela.

"Nada mau", pensou o inspetor.

– Quando ela quer, é um verdadeiro terror – disse Maureen. – Praticamente pula na gente. Perguntou-nos se Edna não tinha avisado que não voltaria ao escritório hoje à tarde, e disse que ela deveria pelo menos ter dado uma desculpa.

A loira falou:

– Eu disse à Sra. Martindale que ela fora ao inquérito conosco, mas que depois não a tínhamos visto mais e nem sabíamos para aonde fora.

– E isso é verdade, não é? – perguntou Hardcastle. – Vocês não têm a mínima idéia de para aonde ela foi, ao sair do inquérito?

– Eu lhe sugeri que viesse almoçar comigo – disse Maureen. – Mas ela parecia preocupada com alguma coisa. Disse que nem ia perder tempo

almoçando. Ia comprar alguma coisa e comer no escritório.

– Então ela pretendia voltar para cá?

– Ah, sim, claro. Nós todas sabíamos que tínhamos de voltar.

– Vocês notaram algo diferente em Edna Brent nos últimos dias? Ela parecia aborrecida, como se estivesse preocupada com alguma coisa? Ela disse? Se vocês sabem de qualquer coisa, por favor, contem-me.

Elas se entreolharam, mas não aparentavam estar conspirando. Pareciam estar conjecturando.

– Ela sempre parecia preocupada – disse Maureen. – Ela se atrapalhava e cometia erros. Ela era um pouco lerda nos serviço.

– Tudo acontecia a Edna – disse a moça risonha. – Lembram-se que outro dia o salto agulha do sapato dela quebrou? É o tipo de coisa que sempre acontecia a Edna.

– Sim, recordo-me disso – disse Hardcastle.

Ele se lembrava da moça olhando, pesarosa, o sapato que tinha na mão.

– Sabe de uma coisa? Eu tive um pressentimento horrível quando Edna não chegou, às 14 horas – disse Janet, movendo a cabeça solenemente.

Hardcastle olhou-a com certa antipatia. Ele sempre detestara o tipo de gente que sabe tudo depois que os fatos já aconteceram. Ele tinha certeza de que a tal moça não pressentira coisa nenhuma. Era até mais provável, pensou, que ela tivesse dito: "Edna vai ouvir poucas e boas de Sandy Cat, quando chegar."

– Quando foi que vocês souberam do que aconteceu? – perguntou ele.

Elas se entreolharam. A moça risonha corou ligeiramente. Seus olhos voltaram-se para o escritório particular da Sra. Martindale.

– Bem, eu... eu dei uma escapada, um minuto – disse ela. – Queria comprar uns doces e sabia que não encontraria mais nada aberto no final do expediente. E quando cheguei à confeitaria... é ali na esquina e todos me conhecem bem... a mulher disse: "Ela trabalhava no seu escritório, não é, querida?", e eu respondi: "De quem está falando?", e então ela disse: "Da moça que foi encontrada morta na cabine telefônica." Levei um choque! Voltei correndo, contei isso às outras e achamos melhor contar à Sra. Martindale que, naquela mesma hora, saiu furiosa do seu escritório e nos disse: "Que é isso? Não vejo uma só máquina trabalhando!"

A loira continuou o drama.

– E eu disse: "Na verdade, a culpa não é nossa. Ouvimos algo horrível sobre Edna, Sra. Martindale!"

– E o que foi que a Sra. Martindale disse ou fez? – perguntou o inspetor.

– No princípio, ela não acreditou – disse a morena. – Ela disse: "Bobagem.

Vocês vão atrás de falatórios de loja. Deve ser outra moça. Por que seria Edna?" Ela entrou novamente no escritório, telefonou para a delegacia e soube que *era* verdade.

– Mas eu não compreendo – disse Janet, pensativa. – Não compreendo por que haviam de querer matar Edna.

– Ela nem namorado tinha – disse a morena.

As três olharam para Hardcastle, esperançosas, como se ele pudesse dar-lhes a solução do problema. Ele suspirou. Não havia nada para ele. Talvez uma das outras funcionárias pudesse ajudá-lo mais. E havia a própria Sheila Webb.

– Sheila Webb e Edna Brent eram muito amigas?

Elas olharam umas para as outras, com ar vago.

– Nada de especial, que eu saiba – disseram, unânimes.

– A propósito, onde está a Srta. Webb?

Informaram-lhe que Sheila Webb estava trabalhando para o professor Purdy, no Hotel Curlew.

19

O professor Purdy mostrou-se irritado quando foi obrigado a interromper o ditado para atender ao telefone.

– Quem? O quê? O senhor está dizendo que ele está aqui, agora? Bem, pergunte a ele se pode voltar amanhã... Ah, muito bem... Muito bem... Diga-lhe que suba. Sempre acontece alguma coisa – disse, desapontado. – Como é que se pode trabalhar seriamente com essas interrupções contínuas? – Olhou para Sheila Webb, um tanto contrariado, e disse: – Onde é que nós estávamos, minha cara?

Sheila ia responder-lhe, quando bateram à porta. O professor Purdy deixou de lado o que estava fazendo e foi abrir a porta.

– O que é? – disse ele, com petulância. – Pode entrar. Do que se trata? Saiba que eu recomendei, particularmente, que não me incomodassem hoje à tarde.

– Sinto muito, senhor, sinto muito, mesmo, ter sido forçado a fazê-lo. Boa tarde, Srta. Webb.

Sheila Webb se levantou, largando o bloco de notas. Hardcastle estava curioso para saber se apenas imaginara a brusca apreensão que leu nos olhos da moça.

– Afinal de contas, do que se trata? – perguntou novamente o professor, com azedume.

– Sou o inspetor Hardcastle e a Srta. Webb pode confirmá-lo.

– Já sei, já sei.

– Eu apenas queria trocar umas palavras com a Srta. Webb.

– O senhor não pode esperar? O momento não poderia ser pior. Não poderia ser pior. Tínhamos chegado exatamente no ponto crítico. A Srta. Webb estará livre dentro de 15 minutos... bem, talvez uma meia hora. Por aí. Santo Deus, já são 18 horas?

– Sinto muito, professor Purdy – disse Hardcastle, com voz firme.

– Está bem, está bem. O que foi que aconteceu... infração de trânsito? Esses guardas são tão rigorosos! Um deles insistiu que eu deixara meu carro no estacionamento rotativo por quatro horas e meia. Tenho certeza de que isso não pode ter acontecido.

– É um pouco mais sério do que uma infração de trânsito, professor.

– Está bem, está bem. E você não tem carro, não é, minha cara? – Dirigiu-se, vagamente, a Sheila Webb. – É, agora estou lembrando que você chegou de ônibus. Afinal, inspetor, o que foi que aconteceu?

– Quero falar sobre uma moça chamada Edna Brent. – Ele voltou-se para Sheila Webb. – Suponho que já saiba o que aconteceu.

Ela cravou os olhos nele. Olhos lindos. Olhos azuis como a flor do trigo. Olhos que lhe lembravam alguém.

– Edna Brent, o senhor disse? – Ela arqueou as sobrancelhas. – É claro que a conheço. O que houve com ela?

– Percebo que a senhorita ainda não sabe o que aconteceu. Onde foi que almoçou, Srta. Webb?

Um rubor subiu ao rosto dela.

– Almocei com um amigo, no restaurante Ho Tang, se... se é que isso seja da sua conta.

– E depois não foi ao escritório?

– O senhor se refere ao Escritório Cavendish? Telefonei para lá e disseram-me que eu já tinha um serviço externo agendado com o professor Purdy, às 14h30.

– É verdade – disse o professor, inclinando a cabeça. – Duas e meia. E não paramos de trabalhar. Desde aquela hora. Santo Deus, devia ter dado ordens para que servissem o chá. Sinto muito, Srta. Webb, acho que deve ter sentido falta do chá. Devia ter-me lembrado.

– Não tem importância, professor Purdy, não tem a menor importância.

– É imperdoável – disse o professor. – Completamente imperdoável.

Desculpe. Não quero interromper, pois parece que o inspetor deseja fazer-lhe umas perguntas.

– Então a senhorita não sabe o que aconteceu a Edna Brent?

– O que foi que *aconteceu*? – perguntou Sheila, rispidamente. – O que foi que aconteceu? O que é que o senhor quer? Sofreu algum acidente, alguma coisa... foi atropelada?

– A velocidade com que dirigem hoje em dia é um perigo! – interveio o professor.

– Aconteceu algo com ela, sim – respondeu Hardcastle. Ele parou e disse, com a maior brutalidade que pôde: – Ela foi estrangulada ao meio-dia e meia, na cabine telefônica.

– Na cabine telefônica? – indagou o professor, entrando no assunto com algum interesse.

Sheila Webb não disse nada. Ficou olhando fixamente para o inspetor. Sua boca abriu-se ligeiramente e os olhos se arregalaram. "Das duas, uma", pensou o inspetor. "Ou ela não sabe de nada, ou é uma atriz de primeira."

– Santo Deus! – exclamou o professor. – Estrangulada numa cabine telefônica! Mas isso é muito estranho. Muito estranho. Eu jamais escolheria um lugar desses. Quer dizer, se eu fosse fazer uma coisa dessas. De maneira alguma, ora essa! Pobre menina! Que tragédia!

– Edna... *assassinada*! Mas, por quê?

– A senhorita sabia, Srta. Webb, que Edna Brent estava tão ansiosa para vê-la, anteontem, que a procurou em casa de sua tia, onde ficou à sua espera?

– A culpa é minha, de novo – disse o professor, acusando-se. – Prendi a Srta. Webb até muito tarde naquela noite. Para dizer a verdade, não sei como desculpar-me de tudo isso. Você precisa lembrar-me a hora, minha cara. Precisa mesmo.

– Minha tia me contou – disse Sheila –, mas eu não sabia que se tratava de um assunto importante. Era mesmo? Edna estava em dificuldades?

– Não sabemos – respondeu o inspetor. – E, provavelmente, jamais o saberemos. A não ser que você possa esclarecer-nos.

– Eu? Mas como é que eu vou saber?

– Você talvez possa ter uma idéia do que Edna queria lhe dizer.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não tenho a menor idéia.

– Ela não lhe deu a entender nada, não lhe disse nada no escritório a respeito do que a preocupava?

– Não, não. Ela não... não disse. Eu não estive no escritório ontem nem por um instante. Precisei passar o dia todo em Landis Bay, trabalhando com um dos

nossos autores.

– Você não viu se ela andava preocupada ultimamente?

– Bem, Edna sempre andava perplexa ou preocupada. Ela era... como direi?... insegura, desconfiada. Quer dizer, ela nunca sabia se o que ia fazer estava certo ou errado. Uma vez, pulou duas páginas de um livro de Armand Levine, que estava datilografando, e ficou num estado deplorável, porque só percebeu o que fizera depois de ter-lhe mandado o material.

– Compreendo. Ela pediu que você a aconselhasse sobre o que devia fazer?

– Exatamente. Eu lhe disse que seria melhor escrever-lhe um bilhete imediatamente, porque nem sempre as pessoas lêem o material assim que chega, para corrigi-lo. Ela podia ter-lhe escrito, dizendo o que tinha acontecido, pedindo-lhe para não se queixar à Sra. Martindale. Mas ela disse que não queria fazer isso.

– Ela costumava pedir-lhe conselhos quando tinha problemas?

– Sim, senhor, sempre. A questão, porém, é que nem sempre concordávamos com o que ela devia fazer. E aí ela ficava atrapalhada de novo.

– Então, seria natural que ela procurasse uma de vocês, *se tivesse* um problema? E isso ocorria com freqüência?

– Ah, sim, muitas vezes!

– E não acha que, desta vez, poderia ser uma coisa mais séria?

– Não sei. O que poderia ser, de grave?

"Será que Sheila Webb está tão calma como aparenta?", pensou o inspetor.

– Não sei o que ela queria me contar – continuou Sheila, falando mais rapidamente e quase ofegante. – Não tenho a mínima idéia. Sobretudo, não sei por que ela foi me esperar na casa de minha tia, para falar-me lá.

– Parece tratar-se de algo que ela não queria mencionar no Escritório Cavendish. Algo que não queria dizer diante das outras moças. Algo que ela achasse que devia ficar somente entre vocês duas. Poderia ter sido esse o caso?

– Acho muito improvável. Não podia ser isso, tenho certeza – respondeu Sheila, ofegante.

– Então, você não pode me ajudar?

– Não, sinto muito. Estou desolada com o que aconteceu a Edna, mas não sei de nada que possa ajudá-lo.

– Nada que tenha alguma ligação com o que aconteceu no dia 9 de setembro?

– O senhor está falando... do homem... daquele homem assassinado em Wilbraham Crescent?

– Exatamente.

– Mas, como? O que é que a Edna tinha a ver com isso?

– Talvez nada que tenha importância – disse o inspetor. – Mas havia alguma coisa. E tudo ajuda. Tudo, por menor que seja. – Ele calou-se por um instante. Depois, disse: – Ela foi morta na cabine telefônica de Wilbraham Crescent. Isso não lhe diz nada, Srta. Webb?

– Absolutamente nada.

– Você esteve hoje em Wilbraham Crescent?

– Não estive, não – respondeu ela, com veemência. – Não estive nem por perto. Estou começando a achar que é um lugar horrível. Quem me dera nunca ter estado lá, em primeiro lugar; quem me dera não estar metida nisso tudo. Por que me chamaram especificamente, naquele dia, por que me mandaram ir até lá? Por que Edna teve de ser morta lá perto? O senhor precisa descobrir, inspetor, precisa, *precisa*!

– É o que estamos procurando fazer, Srta. Webb – disse o inspetor. E continuou, com um ligeiro tom de ameaça na voz: – Pode ter certeza disso.

– Você está tremendo, querida – disse o professor Purdy. – Eu acho que você devia mesmo era beber um cálice de xerez!

20

Narrativa de Colin Lamb

Apresentei-me a Beck logo que cheguei a Londres. Ele cumprimentou-me com o charuto.

– Afinal de contas, é bem capaz de aquela sua idéia idiota, sobre os crescentes, dar em alguma coisa.

– Sempre descubro alguma coisa, não é?

– Não vamos exagerar, disse apenas que é *capaz* de ter descoberto algo. Nosso engenheiro civil, Sr. Ramsay, do nº 62 de Wilbraham Crescent, não é tudo quanto parece. Tem desempenhado umas funções muito curiosas, ultimamente. As firmas são genuínas, mas não têm um grande histórico, e o pouco histórico que possuem é bastante esquisito. Há cinco semanas, Ramsay partiu, de uma hora para a outra. Foi para a Romênia.

– Não foi o que ele disse à esposa.

– Pode ser, mas é para lá que ele foi. E é onde está agora. Gostaríamos de saber um pouco mais sobre ele. Mexa-se, meu filho, e vá andando. Já temos um

belo passaporte novo e todos os vistos prontos para você. Desta vez, você se chamará Nigel French. Aperfeiçoe seus conhecimentos sobre as plantas raras dos Bálcãs. Você é botânico.

– Alguma instrução especial?

– Não. Você receberá instruções sobre o seu contato quando retirar os papéis. Descubra tudo quanto puder sobre Ramsay. – Ele me lançou um olhar penetrante. – Você não parece tão satisfeito como deveria estar – observou, através da fumaça do charuto.

– É sempre agradável ver um palpite dar certo – respondi, numa evasiva.

– Crescente certo e número errado. O 61 é habitado por um arquiteto absolutamente inofensivo. Inofensivo no que nos diz respeito, fique bem entendido. O pobre do velho Hanbury pegou o número errado, mas ele não estava longe.

– O senhor verificou os outros? Ou apenas Ramsay?

– Diana Lodge parece ser tão inocente como a deusa Diana. A história dos gatos é comprida. McNaugton, vagamente interessante. Como você sabe, ele é professor aposentado. Matemática. Parece que é muito competente. Aposentou-se antes da hora por uma questão de saúde. Provavelmente é verdade, mas a aparência dele é sadia e vigorosa. É muito estranho o fato de ele ter rompido com os velhos amigos.

– O problema é que a gente acaba pensando que tudo o que todos fazem é altamente suspeito.

– Talvez você tenha razão – disse o coronel Beck. – Há ocasiões em que eu suspeito de *você*, Colin, de ter passado para o outro lado. Outras vezes suspeito até de *mim*, de que eu tenha passado para o outro lado e, depois, voltado para cá novamente! Uma bela trapalhada!

Meu avião partiu às 22 horas. Primeiro, fui visitar Hercule Poirot. Dessa vez, encontrei-o bebendo licor de cassis (amoras, cá para nós). Deu-me um pouco. Recusei. George trouxe-me o uísque. Tudo como sempre.

– Você parece deprimido – disse Poirot.

– Nada disso. Estou de partida para o exterior.

Ele me olhou e eu acenei com a cabeça.

– Então é assim?

– É, é assim.

– Desejo-lhe todo o sucesso.

– Obrigado. E você, Poirot, como vai indo sua tarefa caseira?

– *Pardon*?

– Como vai o crime dos relógios de Crowdean? Já se reclinou, fechou os olhos e achou todas as respostas?

– Li com muito interesse os dados que você deixou aqui – disse Poirot.

– Não temos grande coisa, temos? Eu lhe disse que esses vizinhos eram um fracasso...

– Muito pelo contrário. Pelo menos dois deles fizeram observações bastante esclarecedoras...

– Quais deles? E quais foram as observações?

Poirot sugeriu, de um modo irritante, que eu relesse minhas próprias anotações cuidadosamente.

– Você vai ver... As revelações saltam aos olhos. A melhor coisa a fazer é conversar com um número maior de vizinhos.

– Não há mais nenhum.

– Tem de haver. *Alguém* sempre vê alguma coisa, isso é um axioma.

– Pode ser um axioma, mas não neste caso. E tenho mais uma para você. Houve outro crime.

– Não diga! Tão depressa? Isso é interessante. Conte-me.

Contei-lhe tudo. Ele crivou-me de perguntas até extrair todos os detalhes. Contei-lhe também a história do postal que eu dera a Hardcastle.

– Lembre-se: quatro um três ou quatro e treze – repetiu ele. – É... O padrão é o mesmo.

– O que é que você quer dizer com isso?

Poirot fechou os olhos.

– Só falta uma coisa nesse postal: uma impressão digital mergulhada em sangue.

Olhei-o, com ar de dúvida.

– O que é que você acha mesmo disso tudo?

– Cada vez está mais claro... Como ocorre em quase todos os casos, o assassino não pode ficar quieto.

– Mas quem é o assassino?

Poirot, taticamente, não me respondeu.

– Enquanto você estiver ausente, posso fazer algumas investigações?

– Quais?

– Amanhã darei instruções à Sra. Lemon para que escreva uma carta a um velho advogado amigo meu, Sr. Enderby. Quero pedir-lhe para consultar o registro de casamentos de Somerset House. E também pedirei a ela que envie um telegrama para o exterior.

– Isto não faz parte do trato – protestei. – Assim você não estará se limitando apenas a pensar, sentado.

– Pois é exatamente o que eu estou fazendo. A Sra. Lemon irá apenas verificar as respostas que já encontrei. Não estou pedindo informações, apenas

uma *confirmação*.

– Não acredito que saiba coisa alguma, Poirot! Isso tudo é blefe! Ora, ninguém sabe ainda quem é o morto...

– Eu sei.

– Como é que ele se chama?

– Não tenho a menor idéia. O nome não tem importância. Se você não consegue entender, vou lhe explicar: Não sei *quem* ele é, mas sei *o que* ele é...

– Um chantagista? – perguntei. Poirot fechou os olhos. – Um detetive particular? – tentei novamente. Poirot abriu os olhos.

– Respondo com uma citação, como da última vez. E, depois, não direi mais nada.

E ele recitou, com a máxima solenidade:

– *Blá, blá, blá... Venha e morto será!*

21

O detetive-inspetor Hardcastle olhou para o calendário que tinha sobre a mesa. Vinte de setembro. Dez dias haviam se passado. Não tinham conseguido avançar tanto quanto ele desejava, porque estavam amarrados pela dificuldade inicial: a identificação do morto. Estava demorando mais do que ele imaginara. Todos os indícios tinham dado em nada. As roupas da vítima não haviam fornecido qualquer pista. Eram de boa qualidade, próprias para exportação; não estavam novas, mas eram bem cuidadas. O exame das roupas, feito no laboratório, também não revelara nada de especial.

Não conseguira nada com os dentistas, nem com os tintureiros, nem com as lavanderias. O morto continuava a ser "o homem misterioso". E, mesmo assim, pensou Hardcastle, ele não era, realmente, um homem misterioso. Ele não tinha nada de espetacular ou dramático. Era apenas um homem a quem ninguém ainda viera reconhecer. Era só isso, tinha certeza.

Hardcastle suspirou ao lembrar-se dos telefonemas e cartas que tinham chovido por força da publicação, na imprensa, do retrato com a legenda: VOCÊ CONHECE ESTE HOMEM? Era espantoso o número de pessoas que pensavam tê-lo conhecido. Filhas escreviam, na esperança de que ele fosse o pai de quem estavam separadas há anos. Uma velha de 90 anos tinha certeza de que aquela era a fotografia do filho que abandonara o lar trinta anos antes. Inúmeras

esposas tinham reconhecido o marido desaparecido. Já as irmãs não se mostravam tão ansiosas em recuperar o irmão perdido. Talvez estas tenham sido as menos interessadas. E havia, naturalmente, uma quantidade enorme de pessoas que diziam ter visto esse homem em Lincolnshire, em Newcastle, em Devon, em Londres, no metrô, no ônibus, à espreita no cais, com aspecto sinistro numa esquina, procurando esconder o rosto à saída do cinema. Centenas de indícios haviam sido examinados pacientemente, sem o menor resultado.

Mas, nesse dia, o inspetor estava mais animado. Ele tornou a olhar para a carta que tinha sobre a mesa. Merlina Rival. Ele não gostou muito do nome. Ninguém em perfeito juízo batizaria uma criança com o nome de Merlina. Evidentemente, tratava-se de um nome adotado pela mulher em questão.

Ele apreciara o conteúdo da carta. Nem extravagante, nem demasiado confiante. Dizia apenas que a signatária julgava possível que se tratasse de seu marido, do qual se separara anos antes. Ela se comprometera a comparecer à delegacia naquela manhã. O inspetor apertou um botão e o sargento Cray entrou.

– A Sra. Rival ainda não chegou?

– Acaba de chegar. Eu vinha lhe dizer.

– Como lhe pareceu?

– Um pouco teatral – disse Cray, depois de refletir um instante. – Muita maquiagem... e não de boa qualidade. Deu-me a impressão de ser uma mulher razoavelmente responsável.

– Ela parece abalada?

– Não. Nada que se note.

– Está bem – disse Hardcastle. – Mande-a entrar.

Cray saiu e logo voltou, anunciando:

– Inspetor Hardcastle, Sra. Rival.

O inspetor levantou-se e apertou a mão da mulher. Calculou que devia ter uns 50 anos, mas de longe, de bem longe, ela poderia parecer ter uns 30. De perto, com a maquiagem descuidada, aparentava ter mais de 50 anos, mas ele resolveu deixar tudo por 50. Os cabelos escuros estavam mal tingidos. Não usava chapéu, era de estatura mediana, corpulência idem, e vestia uma saia e casaco escuros e uma blusa branca. Trazia uma grande bolsa de tecido escocês. Pulseiras que tiniam e vários anéis. De um modo geral, pensou ele, e com base em sua própria experiência, parecia ser uma boa criatura. Provavelmente, não era exageradamente escrupulosa, mas devia ter bom gênio, ser razoavelmente generosa e possivelmente boa. De confiança? Este era o problema. Ele não apostaria nisso, mas na verdade nunca se pode apostar nessa espécie de coisa.

– Muito prazer em vê-la, Sra. Rival. Estou confiante de que a senhora possa nos ajudar.

– Ainda não posso ter certeza – disse a Sra. Rival. Ela sorriu, desculpando-se: – Mas ele é parecido com Harry. Muito parecido com Harry. Naturalmente, estou preparada para resignar-se caso não seja ele, e espero não fazê-lo perder tempo à toa.

Ela parecia desculpar-se por antecipação.

– Nem pense nisso – disse o inspetor. – Precisamos tanto de ajuda nesse caso...

– Compreendo. Espero poder ter certeza. Sabe, faz muito tempo que não o vejo.

– Podemos esclarecer alguns fatos que poderão nos ajudar? Quando viu seu marido pela última vez?

– Pensei nisso o tempo todo, no trem – disse a Sra. Rival. – É um horror como a minha memória é fraca quando se trata de tempo. Creio que na carta eu mencionei que fazia 10 anos, mas é mais do que isso. Sabe, acho que faz uns 15 anos. O tempo voa. Suponho que a tendência é acharmos que seja menos tempo do que na realidade é, pois isso rejuvenesce a gente – disse, com vivacidade. – O senhor não acha?

– É, pode ser – disse o inspetor. – De qualquer forma, a senhora calcula que faz 15 anos, desde a última vez que o viu? Quando se casaram?

– Deve ter sido uns três anos antes disso – respondeu a Sra. Rival.

– E onde moravam nessa época?

– Num lugar chamado Shipton Bois, em Suffolk. Boa cidade. Bom comércio. Mas um lugar insignificante, o senhor sabe.

– E o que fazia o seu marido?

– Ele era corretor de seguros. Pelo menos... era o que ele dizia ser.

O inspetor levantou a cabeça rapidamente.

– A senhora descobriu que isso não era verdade?

– Bem, não, isso não... Não nessa ocasião. Só alguns anos depois é que eu comecei a pensar que não deve ter sido verdade. Seria uma coisa fácil para um homem dizer, não acha?

– Creio que sim, em determinadas circunstâncias.

– Quero dizer que isso oferece uma boa desculpa para um homem ausentar-se de casa com freqüência.

– Seu marido ausentava-se de casa com freqüência?

– Sim, senhor. No princípio, eu não ligava muito...

– Mas depois?

Ela não respondeu. Fez uma pausa, e depois disse:

– Vamos acabar logo com isso? Afinal de contas, se não for Harry...

Ele ficou curioso para saber exatamente o que ela estava pensando. Havia uma certa tensão em sua voz. Seria emoção? Ele não acreditava muito.

– Posso compreender que a senhora queira acabar com isso. Vamos embora.

Ele se levantou e acompanhou-a até o automóvel, que estava esperando. O grau de nervosismo dela quando chegaram não era maior do que o de outras pessoas que ele levara ao mesmo lugar. O inspetor ofereceu-lhe as costumeiras palavras de consolo:

– Vai correr tudo bem. Não é nada desesperador. Levaremos apenas alguns minutos.

Puxaram uma gaveta e o servente levantou o lençol. Ela fixou os olhos no cadáver por alguns instantes, sua respiração tornou-se mais rápida, ela soltou um gritinho abafado e voltou-se bruscamente:

– É Harry, sim. Está muito mais velho, diferente... Mas é Harry.

O inspetor fez um sinal para o servente, pôs a mão no braço dela, voltaram para o automóvel e dirigiram-se para a delegacia. Ele não falou nada. Deixou que ela voltasse ao normal. Logo que voltaram à sua sala, entrou um guarda, com chá numa bandeja.

– Aqui estamos, Sra. Rival. Tome um chazinho, vai lhe fazer bem. Depois conversaremos.

– Obrigada.

Ela pôs uma boa quantidade de açúcar no chá e bebeu-o rapidamente.

– Sinto-me melhor – disse ela. – Não que eu ligue muito, na verdade. Mas afinal... isso mexe um pouco com a gente, não é?

– A senhora tem certeza absoluta de que esse homem é o seu marido?

– Tenho certeza disso. Naturalmente, está muito mais velho, mas não mudou muito. Ele sempre pareceu... bem... distinto. Correto, sabe, tinha classe.

É, pensou Hardcastle, a descrição estava exata.

Tinha classe. Possivelmente Harry parecesse bem melhor do que era. Havia homens assim, o que muito lhes servia para seus propósitos particulares.

Sra. Rival disse:

– Ele era muito exigente no vestir e em tudo o mais. Acho que é por causa disso que... elas ficavam caídas por ele tão facilmente. Elas nunca suspeitaram de nada.

– Quem ficava caída por ele, Sra. Rival?

A voz de Hardcastle era suave, compassiva.

– As mulheres – disse a Sra. Rival. – As mulheres. Era com elas que ele passava a maior parte do tempo.

– Compreendo. E a senhora soube.

– Bem, eu... eu suspeitei. Sabe, ele passava tanto tempo fora... Naturalmente, eu sabia como eram os homens. Imaginava que, de vez em quando, ele tivesse algum caso. Mas não adianta interrogar os homens a esse respeito. Eles mentem e fica tudo por isso mesmo. Mas eu não imaginava... eu realmente não imaginava que ele negociasse com isso.

– E negociava?

Ela acenou com a cabeça:

– Acho que sim.

– Como foi que a senhora descobriu?

Ela encolheu os ombros.

– Certa vez ele voltou de viagem. Disse que tinha ido a Newcastle. Em todo caso, ao chegar, disse que tinha de sumir dali. Disse que fora descoberto. Metera-se em encrenca com uma mulher. Era professora, disse ele, e isso ia dar confusão. Fiz-lhe algumas perguntas, que ele não se acanhou em responder. Provavelmente, pensava que eu soubesse mais do que sabia. As mulheres se apaixonaram por ele, com a maior facilidade, assim como eu. Ele dava o anel, ficavam noivos... e depois ele se oferecia para investir-lhes o dinheiro. E elas o entregavam a ele sem nada suspeitar.

– Ele tentou fazer o mesmo com a senhora?

– Bem que ele tentou, mas eu não lhe dei nada.

– Por que não? A senhora já não confiava nele?

– Sabe, eu não sou dessas pessoas que confiam em qualquer um. Eu já tinha um pouco de experiência, sabe, com os homens e seus hábitos e com o lado ruim das coisas. De qualquer jeito, eu não quis que ele fizesse investimentos com o meu dinheiro. Eu mesma me encarregaria disso. Se mantiver o dinheiro em sua mão, saberá sempre onde ele está! Já vi muitas mulheres cometerem asneiras!

– Quando foi que ele quis aplicar o seu dinheiro? Antes ou depois de casarem?

– Creio que ele mencionou algo antes, mas eu não lhe dei ouvidos e ele mudou logo de assunto. Então, depois que estávamos casados, ele me falou que tinha uma oportunidade fabulosa. E eu disse: "Nada feito." Não era somente porque eu não confiava nele, mas eu já ouvira falar muitas vezes que os homens imaginam ter descoberto oportunidades formidáveis e depois, quando se vai ver, eles caíram como uns patinhos.

– Seu marido alguma vez se envolveu com a polícia?

– Ele não corria grandes riscos – disse a Sra. Rival. – As mulheres não gostam que o mundo todo fique sabendo que elas fizeram papel de bobas. Dessa

vez, porém, as coisas mudaram. Essa menina, ou mulher, era estudada. Não seria fácil enganá-la.

– Ela ficou grávida?

– Sim, senhor.

– E isso já acontecera outras vezes?

– Creio que sim. – Ela acrescentou: – Não sei, sinceramente, por que ele começou a andar nesse caminho. Se era só por causa do dinheiro... para criar um meio de vida, vamos dizer... ou se ele era o tipo do homem que precisava ter mulheres, e não via razão por que elas não deviam pagar as despesas.

Percebia-se agora a amargura em sua voz.

Hardcastle disse, com delicadeza:

– A senhora gostava dele, Sra. Rival?

– Não sei. Honestamente, não sei. Acho que sim, de certa forma, pois do contrário não me teria casado...

– A senhora... desculpe perguntar... era *casada* com ele?

– Para dizer a verdade, não tenho certeza – disse a Sra. Rival, secamente. – Tivemos a cerimônia, sem dúvida. E na igreja. Não sei, porém, se ele não se casou com outras mulheres da mesma forma. Suponho que o tenha feito com nomes diferentes. Quando me casei com ele, seu nome era Castleton. Não creio que fosse seu nome verdadeiro.

– Harry Castleton... É isso?

– É, sim.

– E viveram nesse lugar, Shipton Bois, como marido e mulher, por quanto tempo?

– Ficamos lá uns dois anos. Antes disso, moramos em Doncaster. Confesso que não fiquei muito surpresa no dia em que ele chegou de viagem e me contou tudo aquilo. Acho que eu já sabia que ele não prestava. Ninguém podia acreditar, sabe, porque ele parecia tão respeitável... Era um perfeito cavalheiro.

– E o que foi que aconteceu?

– Ele disse que precisava safar-se o quanto antes e eu lhe disse que fosse e não voltasse, pois eu não estava disposta a agüentar tudo isso. – Acrescentou, pensativa: – Dei-lhe 10 libras. Era tudo o que eu tinha em casa. Ele disse que não tinha dinheiro... Desde então, nunca mais o vi nem ouvi falar nele... até hoje. Ou melhor, até o dia em que vi seu retrato no jornal.

– Ele não tinha nenhum sinal especial? Cicatrizes? Alguma operação... ou fratura... ou algo assim?

Ela sacudiu a cabeça.

– Creio que não.

– Ele alguma vez usou o nome de Curry?

– Curry? Não, não creio. Pelo menos, não sei disso.

Hardcastle estendeu-lhe um cartão por cima da mesa.

– Foi encontrado em seu bolso.

– Sempre se apresentava como corretor de seguros – observou ela. – Imagino que ele usa... usava... vários nomes diferentes.

– A senhora disse que nunca mais ouviu falar nele nesses últimos 15 anos?

– Não me mandou nenhum cartão de Natal, se é isso que o senhor quer dizer – disse ela, com um toque repentino de bom humor. – Não creio, tampouco, que ele soubesse onde eu andava. Depois que nos separamos, voltei a trabalhar por algum tempo como atriz de teatro ambulante.... Não era vida que se invejasse... e também removi o sobrenome Castleton. Voltei a ser Merlina Rival.

– Merlina... bem... suponho que esse não seja o seu nome verdadeiro, certo?

Ela sacudiu a cabeça e um leve sorriso formou-se em seu rosto.

– Fui eu que o inventei. É diferente. Na realidade me chamo Flossie Gapp. Fui batizada como Florence, mas todos sempre me apelidaram Flossie ou Flo Flossie Gapp. Mas não é muito romântico, é?

– O que é que a senhora faz atualmente? Continua no teatro, Sra. Rival?

– Ocasionalmente – respondeu ela, um pouco reticente. – Vou e volto, como se diz.

Com muito tato, Hardcastle disse:

– Compreendo.

– Aqui e ali. Tenho uma série de ocupações. Ajudo em festas como anfitriã, recebendo os hóspedes, essas coisas. Não é uma vida desagradável. Sempre conheço pessoas novas. Às vezes, as coisas ficam um pouco apertadas.

– Nunca recebeu nada de Harry Castleton desde que se separaram... nem ouviu falar nele?

– Nem uma palavra. Pensei que ele tivesse ido para o exterior... ou que estivesse morto.

– Quero fazer-lhe só mais uma pergunta, Sra. Rival. A senhora tem alguma idéia do que Harry Castleton veio fazer aqui?

– Não, senhor, não tenho a mínima idéia. Eu nem sei o que ele andou fazendo nesses anos todos!

– Será possível que ele estivesse vendendo seguros fraudulentos ou coisa parecida?

– Não sei de nada. Não creio, porém, que ele estivesse fazendo isso. Quero dizer, Harry sempre foi cautelosíssimo. Ele não se exporia fazendo algo que viesse a comprometê-lo. Acredito mais em alguma trapalhada com mulheres.

– A senhora acha, Sra. Rival, que ele pudesse estar fazendo alguma espécie

de chantagem?

– Ora, não sei. É possível, sim. Alguma mulher, talvez, que não quisesse ver seu passado remexido. Quanto a isso, acho que ele se sentiria protegido. Veja bem que eu não estou afirmando que seja isso, mas que *pode* ser. Não creio que ele exigisse muito dinheiro, nem penso que ele fosse levar ninguém ao desespero; aceitaria receber uma pequena quantia. – Balançou a cabeça, confirmando: – Isso, sim.

– As mulheres gostavam dele, não é?

– Gostavam. Caíam de amores por ele com a maior facilidade. Sobretudo, acho eu, porque ele aparentava ser tão distinto e respeitável. Elas se orgulhavam de ter conquistado um homem como ele, esperavam um futuro garantido em sua companhia. É a melhor explicação que posso dar. Eu também senti a mesma coisa – acrescentou a Sra. Rival com franqueza.

– Há mais um pequeno detalhe. – Hardcastle dirigiu-se ao seu subordinado. – Vá buscar aqueles relógios, por favor.

O rapaz trouxe-os numa bandeja, cobertos por um pano. Hardcastle arrancou o pano, deixando os relógios à vista da Sra. Rival. Ela os examinou, francamente interessada, com admiração.

– Bonitos, não? Gosto deste – disse, apontando para o de ouropel.

– Nunca os viu antes? Não representam nada para a senhora?

– Não, não creio. Deveria conhecê-los?

– Pode lembrar-se de alguma relação entre o seu marido e o nome Rosemary?

– Rosemary? Rosemary? Deixe-me ver... Havia uma ruiva... Não, ela se chamava Rosalie. Não creio que possa me lembrar de nada. Mas eu nem poderia saber, não é? Harry mantinha seus negócios em segredo.

– Se a senhora visse um relógio com os ponteiros marcando quatro e treze...

Hardcastle interrompeu a frase. A Sra. Rival deu uma risadinha.

– Eu diria que estava na hora do chá – disse ela.

Hardcastle suspirou.

– Bem, Sra. Rival, somos-lhe muito gratos. O inquérito foi suspenso, como eu lhe disse, e será reaberto depois de amanhã. A senhora não se incomodaria em prestar depoimento sobre a identificação do corpo não é?

– Não, não, nem um pouco. Só preciso dizer quem ele era, não é? Não preciso entrar em detalhes, certo? Não preciso descrever certos aspectos da vida dele...?

– Por enquanto, isso não será necessário. A única coisa que a senhora terá de fazer é jurar que ele é Harry Castleton, o homem com quem esteve casada. A data exata estará nos arquivos de Somerset House. Onde foi que se casaram? A

senhora se lembra disso?

– Num lugar chamado Donbrook... Saint Michael. Creio que era esse o nome da igreja. Espero que não faça *mais* de vinte anos... isso me *faria sentir* com um pé na cova – disse a Sra. Rival.

Ela se levantou e estendeu-lhe a mão. Hardcastle despediu-se e voltou à sua escrivaninha, onde se sentou, e começou a bater com a ponta do lápis. O sargento Cray entrou quase imediatamente.

– Satisfatório? – perguntou.

– Parece – disse o inspetor. – O nome da vítima é Harry Castleton, provavelmente um nome falso. Temos que ver o que é possível descobrir sobre esse sujeito. Parece que há mais de uma mulher querendo vingar-se dele.

– E parecia tão distinto... – disse Cray.

– Isso deve ter sido o seu trunfo – disse Hardcastle.

Lembrou-se novamente do relógio que tinha gravado o nome Rosemary. Seria uma recordação?

22

Narrativa de Colin Lamb

— Então, você voltou – disse Hercule Poirot.

Cuidadosamente, ele colocou um marcador na página do livro que estava lendo. Dessa vez, tinha uma xícara de chocolate quente na mesinha ao lado. Acho o gosto de Poirot para bebidas altamente questionável! Surpreendentemente, ele não insistiu para que eu o acompanhasse.

– Como vai? – perguntei.

– Estou perturbado. Muito perturbado. Estão para fazer uma reforma estrutural nesses apartamentos.

– Mas com isso não vão melhorar?

– Vão melhorar, sim... mas terei novas amolações. Terei que me desacomodar. Haverá cheiro de tinta. – Ele me olhou como se tivesse sido insultado. Depois, afastando as preocupações com um gesto da mão, perguntou: – Teve sucesso na viagem ?

– Não sei – respondi lentamente.

– Ah... É mesmo?

– Descobri o que me mandaram descobrir. Não achei o homem. Nem sei bem o que queriam. Informações? Ou um corpo?

– Por falar em corpos, li o relatório do inquérito preliminar de Crowdean. Assassinato premeditado por pessoa ou pessoas desconhecidas. E o defunto finalmente tem um nome.

Balancei a cabeça.

– Harry Castleton, seja ele quem for.

– Foi identificado pela esposa. Você já esteve em Crowdean?

– Ainda não. Devo seguir para lá amanhã.

– Ah, quer dizer que você está com tempo sobrando?

– Não é bem isso. Continuo trabalhando. Minha missão é que me leva até lá... – Fiz uma pequena pausa e depois disse: – Não estou bem a par do que aconteceu durante minha ausência... Apenas soube da identificação. O que é que você acha disso?

Poirot encolheu os ombros.

– Era de se esperar.

– É... A polícia trabalhou bem.

– E as esposas, muito prestativas.

– Sra. Merlina Rival! Que nome!

– Lembra-me algo – disse Poirot. – Mas, o quê?

Olhou-me, pensativo, mas eu não podia ajudá-lo. Conhecendo Poirot, aquilo provavelmente evocava-lhe qualquer coisa.

– A visita à casa de um amigo... no campo... – murmurou Poirot. – Não... Isso faz muito tempo.

– Quando eu voltar a Londres, virei contar-lhe tudo que puder descobrir sobre a Sra. Merlina Rival – prometi.

Poirot fez um gesto displicente com a mão e disse:

– Não é preciso.

– Você quer dizer que já sabe tudo sobre ela, sem ninguém lhe contar?

– Não. Quero dizer que ela não me interessa.

– Você não está interessado... Mas por que não? Não entendo – disse eu, sacudindo a cabeça.

– É preciso concentrar-se nos elementos essenciais. Prefiro que me fale sobre a moça Edna... aquela que morreu na cabine telefônica em Wilbraham Crescent.

– Não sei mais nada além do que já lhe contei ontem.

– Então – disse Poirot, com ar acusador –, tudo que você sabe, ou pode contar, é que ela era um pobre coelhinho que você viu num escritório de datilografia, e que o salto do sapato dela fora arrancado numa grade... –

Interrompeu-se: – A propósito, onde ficava a tal grade?

– Ora essa, Poirot, como é que eu vou saber?

– Se tivesse perguntado, saberia. Como é que você pretende saber alguma coisa, se não faz as perguntas apropriadas?

– De que adianta saber onde o salto caiu?

– Pode ser que não adiante. Por outro lado, saberíamos que a moça esteve em um lugar definido, e isso poderia ligá-la a alguma pessoa que ela porventura tivesse visto por lá... ou a qualquer acontecimento que lá tivesse ocorrido.

– Agora você está forçando a barra! Entretanto, sei que fica bem perto do escritório, porque ela o mencionou. Havia comprado um bolo e veio pulando na calçada só de meias para comê-lo no escritório. Terminou dizendo: "Ai, meu Deus, como irei fazer para ir para casa desse jeito?"

– Ah! E como foi que ela *chegou* em casa? – perguntou Poirot, interessado.

Fiquei olhando para ele.

– Não tenho a mínima idéia.

– Mas assim é impossível! Você e esse hábito de não perguntar nada! Como resultado, acaba sempre desconhecendo o que é importante!

– Pois, então, por que você não vai até Crowdean e faz suas próprias perguntas? – retruquei irritado.

– Agora é impossível. Há um leilão interessantíssimo de manuscritos originais, na próxima semana...

– Continua com sua mania?

– Pois é. – Seus olhos brilharam. – Veja por exemplo, as obras de John Dickinson Carr ou Carter Dickinson, como ele às vezes gosta de ser chamado...

Fugi, antes que ele se lançasse no assunto, alegando um compromisso urgente. Eu não tinha vontade nenhuma de escutar uma palestra sobre os mestres da arte da ficção policial.

NA NOITE SEGUINTE, eu estava sentado nos degraus da frente da casa de Hardcastle e levantei-me das sombras para cumprimentá-lo, quando ele chegou.

– Olá, Colin. É você? Então apareceu do céu azul outra vez?

– Se você dissesse vermelho, seria muito mais apropriado.

– Há quanto tempo você está aí sentado na soleira da porta?

– Há uma meia hora.

– Sinto muito que você não tenha podido me esperar lá dentro.

– Eu poderia ter entrado, facilmente – respondi, indignado. – Você não sabe o que nós aprendemos.

– Então, por que não entrou?

– Não quis desprestigiá-lo de modo algum – expliquei. – Com que cara

ficaria um inspetor de polícia cuja casa fosse arrombada com a máxima facilidade?

Hardcastle tirou as chaves do bolso e abriu a porta da frente.

– Entre e pare com essas tolices.

Levou-me à sala e tratou de servir logo uma bebida.

– Diga quanto chega.

Logo que nos acomodamos com nossos copos, Hardcastle disse:

– Finalmente as coisas estão andando – disse Hardcastle. – Identificamos o cadáver.

– Já sei. Li nos jornais. Quem era Harry Castleton?

– Um homem que aparentava a maior distinção e cujo meio de vida era prometer casamento ou fingir que casava com mulheres crédulas e endinheiradas. Davam-lhe suas economias, impressionadas pelos seus conhecimentos financeiros, e logo depois ele sumia no horizonte.

– Não tinha cara disso – respondi, lembrando-me do morto.

– Era esse o seu trunfo.

– Estava fichado?

– Não sabemos ao certo... Investigamos, mas não é fácil conseguir essa informação. Ele mudava de nome freqüentemente. E embora a Scotland Yard suponha que Harry Castleton, Raymond Blair, Lawrence Dalton e Roger Byron sejam uma só pessoa, não podem prová-lo. Sabe como é, as mulheres não dão queixa. Preferem perder o dinheiro. O homem realmente era mais nome do que qualquer outra coisa. Agia aqui e ali... usando sempre o mesmo padrão... mas era incrivelmente ardiloso. Roger Byron desaparecia de Southend e um homem chamado Lawrence Dalton entrava em ação em Newcastle. Ele não se deixava fotografar. Escapava ardilosamente das tentativas de suas amantes de fotografá-lo. Isso vem de longe... quinze ou vinte anos. Nessa altura, parece que ele desapareceu mesmo. Espalhou-se um boato de que ele estava morto. Mas algumas pessoas disseram que ele havia ido para o exterior.

– Quer dizer, nunca mais se ouviu falar nele, até aparecer no tapete da sala da Sra. Pebmarsh? – disse eu.

– Exatamente.

– Isso abre um leque de possibilidades.

– Sem dúvida alguma.

– Uma mulher desprezada que não se esqueceu jamais? – sugeri.

– Isso acontece, sabe... Há mulheres de memória privilegiada que nunca mais esquecem...

– E se essa mulher ficasse cega... Uma desgraça em cima de outra...?

– É apenas uma conjectura. Não há nada de substancial ainda.

– Como era a esposa... Sra... como é mesmo?... Merlina Rival? Que nome! Não é possível que seja real!

– O nome verdadeiro é Flossie Gapp. O outro foi inventado por ela. Combina mais com seu meio de vida.

– O que é que ela faz? É prostituta?

– Mas não profissional.

– É o que se chama, com muito tato, de mulher de vida alegre?

– Eu diria que é uma mulher bem-humorada, que tem prazer em servir os amigos. Descreve-se como ex-atriz. De vez em quando trabalha como anfitriã. Bem simpática.

– De confiança?

– Tanto quanto qualquer outra. Reconheceu o marido... Sem a menor hesitação.

– Uma bênção do céu!

– É. Eu já estava ficando desanimado. Meu Deus, quantas esposas eu tinha aqui! Eu já começara a pensar que só uma mulher sábia reconhece o marido. Mas, eu acho que a Sra. Rival deve saber mais sobre o marido do que contou.

– Ela não teve nenhuma passagem pela polícia?

– Não há nada nos arquivos. É possível que ela tenha tido ou ainda tenha amigos suspeitos. Nada sério... Trapalhadas, essas coisinhas.

– E sobre os relógios?

– Não sabe nada a respeito. E acho que falou a verdade. Descobrimos de onde eles vêm... do Mercado de Portobello. O de ouropel e o de porcelana de Dresden. E não nos adiantou nada. Você sabe como o mercado fica aos sábados. O vendedor acha que foram comprados por uma senhora americana... Mas acho que é pura suposição. O Mercado de Portobello vive cheio de turistas americanos. A mulher dele diz que foi um homem que os comprou, do qual ela não se lembra. O relógio de prata veio de um ourives de Bournemouth. Uma senhora alta quis comprá-lo para a filhinha! A única coisa que ela sabe é que a mulher usava um chapéu verde.

– E o quarto relógio? O que desapareceu?

– Sem comentários – disse Hardcastle.

Eu sabia perfeitamente o que ele queria dizer com isso.

23

Narrativa de Colin Lamb

O hotel em que me hospedei era um sobrado apertadinho junto à delegacia. Serviam uma refeição razoável, e mais nada. Isto é, também era barato.

Na manhã seguinte, às 10 horas, telefonei para o Escritório Cavendish, dizendo que queria uma estenodatilógrafa para transcrever umas cartas e um contrato. Disse que meu nome era Douglas Weatherby e que estava hospedado no Hotel Clarendon (é impressionante como esses pequenos hotéis gostam de nomes pomposos). Seria possível mandar a Srta. Sheila Webb? Ela me fora recomendada por um amigo pela sua eficiência.

Tive sorte. Sheila podia vir imediatamente, entretanto tinha um compromisso para o meio-dia. Eu disse que o trabalho acabaria antes dessa hora, pois eu também tinha um compromisso.

Eu estava do lado de fora da porta giratória do Clarendon quando ela chegou. Dei um passo à frente, dizendo:

– Sr. Douglas Weatherby.

– Foi você que telefonou?

– Foi.

– Mas não pode fazer uma coisa dessas – disse ela, escandalizada.

– Por que não? Pretendo pagar o Escritório Cavendish pelos seus serviços. O que interessa a eles se eu gasto seu tempo precioso e caro no Buttercup Café, do outro lado da rua, em vez de ditar cartas chatíssimas? Venha, vamos tomar um cafezinho num ambiente tranqüilo.

O Buttercup Café fazia juz ao nome, com sua cor excessivamente amarela. As mesas cobertas de fórmica, as almofadas plásticas, os pires e xícaras, era tudo amarelo-canário.

Pedi café com *scones****** para dois. Era cedo ainda, e estávamos praticamente sós.

Quando a garçonete levou o pedido, nos olhamos e eu perguntei:

– Você está bem, Sheila?

– O que é que você quer dizer com isso?

Seus olhos tinham olheiras arroxeadas.

– Você tem tido aborrecimentos?

– É... Não... Não sei. Pensei que você tivesse ido embora.

– Fui, mas voltei.

– Por quê?

– Você sabe por quê.

Ela baixou os olhos.

– Tenho medo dele – disse ela, após uma longa pausa.

– De quem é que você tem medo?

– Desse seu amigo... do inspetor Hardcastle. Ele pensa... ele pensa que eu matei aquele homem, e que matei Edna, também...

– Ah, é só o jeito dele – disse eu, procurando acalmá-la. – Ele tem uma cara de quem suspeita de todo mundo.

– Não, Colin, não é nada disso. Não adianta dizer essas coisas para me animar. Desde o princípio que ele suspeita de mim.

– Minha cara, não há prova alguma contra você. Só pelo fato de estar no local do crime, naquele dia, porque alguém armou para que você estivesse lá...

Ela me interrompeu:

– Ele acha que eu planejei tudo. Acha que inventei toda essa história. Pensa que Edna de algum modo descobriu isso. Ele acha que Edna reconheceu minha voz, ao telefone, fingindo ser a Sra. Pebmarsh.

– E era a sua voz? – perguntei.

– Não, é claro que não era. Nunca dei aquele telefonema. Eu já lhe disse.

– Escute, Sheila. Diga o que quiser aos outros, mas a mim, diga a verdade.

– Então você não acredita em nada do que eu digo?

– Acredito, sim. Você poderia ter dado esse telefonema naquele dia, por qualquer motivo inocente. Alguém podia ter-lhe pedido que o fizesse, talvez dizendo que fazia parte de uma brincadeira, e aí você se assustou. Depois de mentir uma vez, teve que continuar. Foi assim?

– Não, não, não! Quantas vezes preciso repetir?

– Está certo, Sheila, mas você está escondendo *alguma coisa* de mim. E quero que você confie em mim. Se Hardcastle tiver algo contra você, algo que ele não tenha me contado...

Ela tornou a interromper-me:

– Você espera que ele lhe conte tudo?

– Ora, não há razão para o contrário. Somos praticamente colegas de profissão.

Nessa altura, a garçonete trouxe o pedido. O café era tão fraco que mais parecia um chá.

– Eu não sabia que você era da polícia – disse Sheila, mexendo lentamente o café.

– Não sou bem da polícia. É um ramo completamente diferente. Mas o que eu queria dizer é que, se Dick não me conta o que sabe a seu respeito, é porque tem uma razão especial. É porque ele pensa que estou interessado em você. E estou mesmo. Mais do que isso. Estou do seu lado, Sheila, independente do que você possa ter feito. Você saiu apavorada daquela casa no dia do crime. Você não estava fingindo. Você não poderia representar aquela cena.

– É claro que eu estava assustada. Estava aterrorizada.

– Foi só pelo fato de encontrar um homem morto? Ou havia mais algum motivo?

– O que mais poderia haver?

Enchi-me de coragem.

– Por que você roubou o reloginho que tinha o nome Rosemary gravado na parte de cima?

– O que é que você está dizendo? Por que eu o roubaria?

– Estou-lhe perguntando, por que fez isso?

– Nunca toquei nele.

– Você voltou a entrar na saleta, porque tinha esquecido as luvas, segundo o que você disse... Você não estava usando luvas naquele dia bonito de setembro. Nunca a vi usar luvas. Bem, você voltou à tal sala e apanhou o relógio. Não minta.

Ela ficou em silêncio por um instante, esfarelando o bolo no prato.

– Está bem – respondeu, quase num cochicho. – Está bem, surrupiei-o. Enfiei-o na bolsa e saí.

– Por que fez isso?

– Por causa do nome... Rosemary. É o meu nome.

– Seu nome é Rosemary, e não Sheila?

– Meu nome é Rosemary Sheila.

– Só por isso, mais nada? Só pelo fato de ter o mesmo nome que estava gravado no relógio?

Ela percebeu que eu não acreditava, mas manteve a explicação.

– Eu estava assustada, já lhe disse.

Olhei-a. Sheila era a *minha* garota – aquela que eu queria... e queria para sempre. Mas não adiantava eu me iludir com ela. Era mentirosa e provavelmente seria sempre uma mentirosa. Era o seu modo de lutar pela sobrevivência: negar com facilidade, rapidamente. Era um recurso infantil... e provavelmente ela não se desvencilharia do hábito. Se eu queria Sheila, precisava aceitá-la como ela era... estar perto dela para ampará-la nas fraquezas.

Todos temos as nossas fraquezas. As minhas eram diferentes das de Sheila, mas elas também existiam.

Resolvi partir para o ataque. Era o único jeito.

– O relógio era seu, não era? – perguntei.

Ela suspirou resignada.

– Como é que você sabe?

– Conte-me a sua história.

Veio tudo aos borbotões, numa confusão de palavras. Ela tivera o relógio quase que a vida toda. Até os 6 anos de idade, sempre fora chamada de Rosemary, um nome que ela detestava, e então insistira para que a chamassem de Sheila. Ultimamente, o relógio não andava funcionando bem, e ela decidira levá-lo ao relojoeiro, perto do escritório. Esquecera-o, porém, em algum lugar... talvez no ônibus ou na lanchonete onde sempre comia um sanduíche na hora do lanche.

– Há quanto tempo, antes do crime em Wilbraham Crescent, isso aconteceu?

Ela achava que tinha sido mais ou menos uma semana antes. Não lhe dera muita importância, porque o relógio era velho, não funcionava direito e era melhor, realmente, comprar um novo.

E disse:

– No começo, quando entrei na sala, nem reparei. E, depois, eu... achei o homem morto. Fiquei paralisada. Depois de tocá-lo, levantei-me estarrecida. E ali estava meu relógio sobre a mesa, junto à lareira, na minha frente... o meu relógio... e eu tinha sangue nas mãos... e aí ela entrou e esqueci tudo, porque ela quase pisou nele! E... e então... saí em disparada. Eu só queria sair dali.

Balancei a cabeça demonstrando empatia.

– E depois?

– Comecei a pensar. A Sra. Pebmarsh disse que não tinha telefonado me chamando... Então quem teria sido... quem teria me chamado e posto o meu relógio ali? Eu... eu inventei aquela história das luvas e... enfiei-o na bolsa. Acho que... cometi uma estupidez.

– É, você não poderia ter feito nada mais tolo – disse eu. – Em certas coisas, Sheila, você não tem um pingo de bom senso.

– Mas alguém está querendo me envolver. Esse cartão-postal. Deve ter sido enviado por alguém que sabe que eu peguei o relógio. E até a foto no cartão... o Tribunal. Se meu pai fosse um criminoso...

– O que você sabe de seu pai e sua mãe?

– Eles morreram num desastre quando eu era pequena. Foi o que minha tia me contou, o que sempre ouvi dizer. Mas ela nunca fala neles, nunca me conta

nada a respeito deles. Uma ou duas vezes, quando lhe fiz perguntas, ela me contou algumas coisas, diferentes das que me havia contado sobre eles antes, então percebi que havia algo errado.

– Continue.

– Comecei a pensar que meu pai deve ter sido um criminoso qualquer... talvez até um assassino. Ou talvez minha mãe. Ninguém diz a você que seus pais morreram e não quer lhe contar nada sobre eles, a não ser que a verdade seja algo que julgam melhor você ignorar.

– Então você criou essa história toda. Vai ver é tudo muito simples. Talvez você tenha sido apenas uma filha ilegítima.

– Já pensei nisso também. As pessoas geralmente escondem esse tipo de história das crianças. É uma grande estupidez. Seria bem melhor contar-lhes toda a verdade. Hoje em dia, ninguém nem liga para isso. Mas o principal é que não sei. Não sei o que está por trás de tudo isso. Por que me chamaram de Rosemary? Não é um nome de família. Significa "recordação", não é?

– O que é um belo significado – comentei eu.

– É, pode ser... Mas isso não importa... Bem, depois das perguntas que o inspetor me fez naquele dia, fiquei com a pulga atrás da orelha. Por que alguém quis que eu fosse até lá, onde havia um homem estranho, morto? Ou teria sido o próprio morto que me queria ver lá? Seria ele, talvez... o meu pai, que desejava pedir-me algo? Em vez disso, viera alguém, e o matara? Ou será que alguém planejara tudo para parecer que fora eu quem o matara? Aí, fiquei muito assustada. Parecia que alguém havia tramado tudo para me acusar, levando-me para lá... um defunto... meu nome, Rosemary, no meu próprio relógio, que não tinha por que estar lá. Fiquei em pânico e fiz uma estupidez, como você disse.

Sacudi a cabeça, olhando para ela.

– Você andou lendo ou datilografando muitas histórias misteriosas e sensacionais – disse-lhe em tom acusador. – E que me diz de Edna? Você não tem a menor idéia do que ela tinha na cabeça a seu respeito? Por que ela teria se dado ao trabalho de ir à sua casa para falar com você, quando a via, diariamente, no escritório?

– Não tenho a mínima idéia. Ela não podia pensar que *eu* estivesse envolvida no crime. Não podia.

– Será que ela ouviu alguma coisa e tirou conclusões erradas?

– Não havia nada, já lhe disse, nada!

Fiquei em dúvida, não podia evitá-lo... Até àquele instante, ainda não podia acreditar que Sheila estivesse dizendo a verdade.

– Você tem algum inimigo? Rapazotes despeitados, meninas invejosas, algum desequilibrado que não vai com a sua cara? – perguntei, embora eu

mesmo achasse a opção pouco provável.

– Claro que não. – Foi tudo que ela disse.

Eu não conseguia entender a questão do tal relógio. A história era fantástica demais. 4.13. O que significavam esses números? Por que escrevê-los num cartão com as palavras LEMBRE-SE, a não ser que eles representassem algo para a destinatária do cartão?

Suspirei, paguei a conta e levantei.

– Não se preocupe – disse eu. (são as palavras mais pretensiosas de qualquer língua.) – O Serviço de Segurança Pessoal Colin Lamb está a postos. Vai ficar tudo bem, vamos nos casar e viver felizes para sempre. A propósito – continuei, sem poder calar a boca, embora soubesse que seria melhor ter acabado a conversa com uma nota romântica, mas a curiosidade me venceu –, o que foi que você fez com o relógio? Escondeu-o na gaveta da cômoda?

Ela pensou um pouco antes de responder:

– Joguei-o na lata de lixo da vizinha.

Fiquei impressionado. Simples e muito eficaz. Ela agira com inteligência. Talvez eu tivesse subestimado Sheila.

24

Narrativa de Colin Lamb

Quando Sheila partiu, atravessei a rua em direção ao Clarendon, fechei a mala e entreguei-a ao porteiro. Era o tipo de hotel que exigia a saída antes do meio-dia.

Pus-me a caminho. Quando já estava em frente à delegacia, hesitei um instante, mas entrei. Perguntei por Hardcastle. Ele estava. Encontrei-o com a expressão carregada, contemplando a carta que tinha nas mãos.

– Dick, vou viajar de novo hoje à noite. Volto para Londres.

Ele me olhou, pensativo.

– Você quer um conselho?

– Não – respondi imediatamente.

Ele nem ligou. É o que fazem as pessoas que querem dar conselhos.

– Se eu fosse você, iria embora... ficaria longe... Se você tiver juízo.

– Ninguém pode julgar o que é melhor para o outro.

– Duvido.

– E vou dizer-lhe uma coisa, Dick. Quando eu terminar essa missão, vou pedir demissão. Pelo menos... é o que pretendo fazer.

– Por quê?

– Porque eu sou que nem um velho pastor vitoriano. Tenho dúvidas.

– Dê tempo ao tempo.

Não compreendi bem o que ele queria dizer. Perguntei-lhe por que parecia tão aborrecido.

– Leia isto.

Passou-me a carta que estava estudando:

Prezado Senhor,

Acabei de lembrar-me de uma coisa. O senhor me perguntou se meu marido tinha algum sinal de identificação e eu disse que não. Mas me enganei. Ele tem, sim, uma pequena cicatriz atrás da orelha esquerda. Ele se cortou uma vez quando se barbeava e nosso cachorro pulou nele, e precisou levar alguns pontos. Era uma marca tão pequena e insignificante que nem me lembrei no outro dia.

Atenciosamente,
Merlina Rival.

– Ela tem uma letra bonita – disse eu –, embora eu nunca tenha apreciado a tinta roxa. O morto tinha uma cicatriz?

– Tinha, sim. E bem onde ela disse.

– E ela não a viu, quando lhe mostraram o corpo?

Hardcastle sacudiu a cabeça.

– Está encoberta pela orelha. É preciso dobrá-la para a frente, a fim de ver a marca.

– Então está tudo certo. Foi uma ótima confirmação. Por que é que você está com essa cara?

Hardcastle respondeu, mal-humorado, que esse caso era infernal! Perguntou-me se eu ia me encontrar com o meu amigo francês ou belga, em Londres.

– Provavelmente. Por quê?

– Falei sobre ele ao chefe de polícia, que disse lembrar-se muito bem dele... do caso da escoteira que fora assassinada. Pediu-me para acolher-lhe calorosamente, caso ele resolva vir aqui.

– Acho pouco provável, ele está praticamente inválido – respondi.

Já passava do meio-dia quando toquei a campainha do nº 62 de Wilbraham Crescent. Sra. Ramsay abriu a porta. Mal levantou os olhos para mim.

– O que é? – perguntou.

– Posso falar-lhe um minuto? Estive aqui há uns dez dias. Talvez a senhora não se lembre...

Ela levantou o olhar para me examinar melhor. Franziu ligeiramente a testa.

– O senhor veio... o senhor esteve aqui com aquele inspetor da polícia, não foi?

– Isso mesmo, Sra. Ramsay. Posso entrar?

– Se quiser, sim, acho que pode. Não se pode impedir a polícia de entrar. Não gostariam nem um pouco de ser recusados, não é?

Ela me levou até a saleta. Dirigiu-se bruscamente a uma cadeira e sentou-se diante de mim. Observei o costumeiro azedume em sua voz, mas havia agora uma indiferença que eu não notara na primeira vez.

– Como está quieto por aqui, agora... Suponho que seus meninos tenham voltado para a escola, não?

– Voltaram, sim, e a casa fica diferente. – Continuou: – Acho que o senhor quer fazer mais algumas perguntas sobre esse último crime, não é? A moça que foi morta na cabine telefônica?

– Não. Não se trata disso. Eu não estou ligado à polícia, exatamente.

Ela se mostrou um pouco surpresa.

– Eu pensei que o senhor fosse o sargento... Lamb, não é?

– Meu nome é Lamb, sim senhora, mas trabalho num setor inteiramente diferente.

A indiferença da Sra. Ramsay, desapareceu. Ele me lançou um olhar rápido, direto e duro.

– Ah... O que é então?

– Seu marido ainda está no exterior?

– Sim, senhor.

– Já faz muito tempo que ele viajou, não, Sra. Ramsay? E para muito longe, não é?

– O que é que o senhor sabe a esse respeito?

– Ele foi para trás da Cortina de Ferro, não foi?

Ela ficou em silêncio por um instante e depois falou numa voz inexpressiva.

– É. É isso mesmo.

– A senhora sabia que ele ia?

– Mais ou menos. – Após uma breve pausa, acrescentou: – Ele quer que eu

vá ao seu encontro.

– Há muito tempo que ele pensa nisso?

– Creio que sim. Mas só me falou ultimamente.

– A senhora é simpatizante de suas idéias?

– Já fui, sim, mas o senhor já deve saber disso... Essas coisas são muito bem investigadas, não são? Mergulham no passado da pessoa, descobrem com quem viajou, quem foi membro do partido, essa coisa toda.

– A senhora poderia nos fornecer informações preciosas.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. Não posso fazer isso. Não digo que não queira, mas, sabe, ele nunca me contou nada de concreto. Nem eu queria saber. Andava tão farta e cansada disso! Quando Michael me disse que ia deixar o país de vez, indo para Moscou, eu não me admirei. Foi então que eu precisei tomar uma decisão.

– E a senhora decidiu que não tinha bastante simpatia pelos objetivos de seu marido?

– Não, eu não diria isso. Meu ponto de vista é inteiramente pessoal. Creio que, no fim, todas as mulheres pensam assim, a não ser, é claro, quando se trata de alguma fanática. E as mulheres podem ser extremamente fanáticas, mas não eu. Nunca fui senão uma simpatizante esquerdista, porém moderada.

– Seu marido estava metido com o caso Larkin?

– Não sei. É possível que sim. Ele nunca me contou nada, nem se referiu a isso.

Repentinamente, ela se dirigiu a mim com mais animação.

– É melhor pôr os pingos nos is, Sr. Lamb. Ou Sr. Lobo em Pele de Cordeiro,****** ou seja lá o que for. Eu gostava do meu marido. Gostava o bastante para acompanhá-lo a Moscou, concordando ou não com suas tendências políticas. Ele queria que eu levasse os meninos junto e isso eu não podia fazer. Foi só isso. E então resolvi ficar com eles, mesmo que eu nunca mais tornasse a ver Michael. Não sei. Ele escolheu o seu modo de vida e eu, o meu. Mas uma coisa ficou clara. Depois que ele me falou disso, percebi que eu queria que os meninos fossem criados aqui, em seu próprio país. Eles são ingleses, e quero que sejam criados como qualquer menino inglês.

– Compreendo.

– E é só – disse a Sra. Ramsay, levantando-se.

Notei uma determinação repentina em sua atitude.

– Deve ter sido uma escolha difícil – disse eu, com delicadeza. – Tenho muita pena da senhora.

Eu tinha mesmo. A empatia sincera em minha voz deve tê-la impressionado. Sorriu levemente.

– Talvez tenha, mesmo... Suponho que, na sua profissão, o senhor precise penetrar, mais ou menos, no íntimo das pessoas, saber o que elas sentem, o que pensam. Eu sofri bastante, mas o pior já passou... Agora tenho de fazer planos, decidir o que fazer, aonde ir, se fico aqui ou vou para outro lugar. Preciso arranjar um emprego. Já trabalhei como secretária, há bastante tempo. Terei de fazer de novo o curso de estenografia e datilografia, para me atualizar.

– Bem, dou-lhe um conselho: não vá trabalhar no Escritório Cavendish.

– E por que não?

– Acontecem coisas muito desagradáveis às moças que trabalham lá!

– Se o senhor pensa que eu estou a par disso, está muito enganado. Não sei de nada.

Desejei-lhe felicidades e saí. Não obtive nenhuma informação dela. E nem pensava obter, na verdade, mas não podia deixar de tentar.

Ao atravessar o portão quase atropelei a Sra. McNaughton. Ela trazia uma sacola de compras e parecia titubeante.

– Deixe-me ajudá-la – disse eu, tomando-lhe a bolsa.

Sua primeira reação foi tentar tirar a bolsa de mim, mas se acalmou depois que se debruçou para a frente, examinando-me.

– Você é o moço da polícia – disse. – Eu não o tinha reconhecido.

Levei a sacola até a porta de entrada da casa e ela veio cambaleando ao meu lado.

A sacola estava muito pesada. O que haveria lá dentro? Quilos de batatas?

– Não precisa tocar a campainha – disse ela. – A porta não está trancada.

Parece que ninguém trancava as portas em Wilbraham Crescent!

– E como vão indo as coisas? – perguntou, puxando conversa. – Parece que ele casou com alguém de nível muito inferior ao seu.

Eu não sabia do que ela estava falando.

– Quem...? Eu andei viajando – expliquei.

– Ah, compreendo. Na pista de alguém, com certeza. Eu me referia à tal de Sra. Rival. Fui ao inquérito. Uma mulher de aspecto tão vulgar... Devo dizer que ela não parecia muito abalada com a morte do marido.

– Mas ela não o via há 15 anos – expliquei.

– Angus e eu estamos casados há vinte anos – disse ela, com um suspiro. – É muito tempo. E agora, que não vai mais à Universidade, só pensa em jardinagem... Fica difícil, a gente não sabe o que fazer com um homem o dia todo dentro de casa!

Nesse momento, Sr. McNaughton surgiu dos fundos da casa, de pá em punho.

– Ah! Você voltou, meu bem. Deixe-me pegar as coisas...

– Ponha a sacola na cozinha – disse-me a Sra. McNaughton, dando-me uma leve cotovelada. – Eu trouxe só os cereais, os ovos e o melão – disse ao marido, com um sorriso alegre.

Depositei a sacola na mesa da cozinha e ouvi algo retinir. Cereais, uma conversa! Deixei agir meus instintos de espião. Sob a camuflagem de uma folha de gelatina, havia três garrafas de uísque!

Agora compreendia por que a Sra. McNaugton mostrava-se tão alegre e falante algumas vezes, enquanto outras vezes parecia balançar-se sobre os pés. E essa, talvez, fosse a razão por que Sr. McNaugton tinha se aposentado...

A manhã estava propícia para conversar com os moradores da vizinhança. Encontrei Sr. Bland quando descia Wilbraham Crescent, na direção de Albany Road. O Sr. Bland estava em ótima forma. Reconheceu-me imediatamente.

– Como vai? Como vão indo as investigações? Identificaram a vítima, não é? Parece que ele maltratou bastante a esposa. A propósito, desculpe-me, o senhor não pertence à polícia local, não é mesmo?

Respondi, com evasivas, que viera de Londres.

– Então a Scotland Yard está interessada também?

– Bem – falei, hesitante.

– Compreendo. Não pode dar com a língua nos dentes. Mas o senhor não compareceu ao inquérito...

– Disse-lhe que estive viajando.

– E eu também, rapaz. Eu também!

Ele piscou o olho.

– Paris, hein? – perguntei, devolvendo-lhe a piscada.

– Antes fosse! Não, viagem de um dia, apenas, até Boulogne.

Deu-me uma cotovelada (tal e qual a Sra. McNaughton!).

– Não levei a "patroa" – disse ele. – Fui com uma "boa" loira. Um "mulherão".

– Viagem de negócios? – perguntei.

Ambos rimos, como dois homens civilizados.

Ele foi para casa, no nº 61, e eu continuei na direção de Albany Road.

Eu não estava nada contente comigo. Poirot tinha razão, podia-se extrair muito mais dos vizinhos. Não era normal, absolutamente, que *ninguém* tivesse visto nada! Talvez Hardcastle tivesse feito as perguntas erradas. Mas será que eu seria capaz de fazer melhor? Ao entrar em Albany Road, fiz uma lista mental de perguntas. Era mais ou menos assim:

Sr. Castleton	foi dopado	– Quando?
idem	foi morto	– Onde?
idem	foi levado p/ o nº 19	– Como?
Alguém viu algo!		– Quem?
idem		– O quê?

Tomei novamente a esquerda, andando por Wilbraham Crescent, exatamente como no dia 9 de setembro. Deveria procurar a Sra. Pebmarsh? Tocar a campainha e dizer... Mas, dizer o quê?

Visitar a Sra. Waterhouse? Santo Deus, mas o que é que eu podia perguntar a ela?

Talvez a Sra. Hemming? Não importava o que lhe dissessem. Ela não prestava atenção mas mesmo assim, e o que ela dissesse, ainda que parecesse estar falando a esmo ou sem propósito, poderia indicar qualquer coisa.

Continuei a caminhar, anotando os números mentalmente, como fizera da outra vez. Será que o falecido Sr. Castleton viera por aqui também observando os números, até achar aquele onde devia entrar?

Wilbraham Crescent nunca parecera mais pretensioso. Até eu sentia ímpetos de gritar, à moda vitoriana: "Ah, se as pedras falassem!" Parece que, naquela era, gostavam muito de usar essa expressão. Mas as pedras não falam, nem o fazem tijolos ou cimento, gesso ou estuque. Wilbraham Crescent estava mergulhado no silêncio. Antiquado, reservado e pouco dado à prosa. Tenho certeza que desaprovava esses transeuntes intrometidos que nem sabiam o que buscavam.

Havia muito pouca gente por ali; uns dois rapazes passaram de bicicleta e duas mulheres andavam, com sacolas de compras. As casas sem vida faziam lembrar múmias embalsamadas. Já eram quase 13 horas, a hora sagrada e santificada pelas tradições inglesas para se consumir a refeição da metade do dia. Em algumas casas, podia-se avistar pelas janelas sem cortinas uma ou duas pessoas em volta de uma mesa redonda, mas até isso era raro. – Talvez porque as janelas estivessem discretamente veladas com *voile* de náilon, em vez da renda de Nottingham, outrora tão popular, ou talvez porque a maior parte dos moradores, estivesse comendo numa dessas cozinhas modernas bastante em voga na década de 1960, o que era bem mais provável.

Era a hora perfeita do dia para se cometer um crime. Perguntei-me se o assassino teria pensado nisso, ou se isso teria feito parte do plano do criminoso.

Finalmente, cheguei ao nº 19. E fiz o mesmo que os outros cretinos locais: pus-me a contemplar a casa, parado na calçada. Não havia mais ninguém à vista. Nem vizinhos, pensei com tristeza, nem observadores inteligentes.

Senti uma dor aguda no ombro. Enganara-me. *Havia* ali um vizinho, sim, que poderia ser muito útil, se ao menos pudesse falar. Eu me apoiara ao portão do nº 20 e o mesmo gato alaranjado que eu vira antes estava lá, sentado no pilar. Parei e disse-lhe algumas palavras, depois de afastar cuidadosamente as garras que estavam no meu ombro.

– Se os gatos falassem – disse eu, tentando puxar conversa.

O gato alaranjado abriu a boca, emitindo um miado alto e melodioso.

– Eu sei que você pode falar. Sei que pode falar tão bem quanto eu, mas não fala a minha língua. Você esteve sentado aqui o dia todo? Você viu quem entrou e saiu dessa casa? Você sabe de tudo o que aconteceu? Não duvido, meu bichano.

O gato não me deu a mínima. Deu-me as costas e pôs-se a mexer com o rabo.

– Desculpe, Majestade.

Olhou-me friamente e começou a limpar o focinho. Vizinhos, pensei com amargura! Havia uma notória carência de vizinhos em Wilbraham Crescent.

O que eu queria – o que Hardcastle queria – era encontrar uma velhinha simpática, tagarela, curiosa, observadora e desocupada, com tempo sobrando. Dessas que vivem à janela, à espera de que aconteça algum escândalo. Infelizmente, parece que essa raça de velhinhas está em extinção. Estão todas sentadinhas juntas, em algum asilo de velhos, que lhes oferece todo o conforto, ou lotando os hospitais, onde as camas são necessárias para as que estão realmente doentes. Os aleijados, os mancos e os velhos não moram mais em suas casas, cuidados por alguma criada fiel ou por alguma parenta pobre e simplória, feliz por conseguir uma boa casa onde morar. Isso representou um sério revés para a investigação criminal.

Olhei para o outro lado da rua. Por que não havia vizinhos ali? Por que não havia ali uma fileira de casas bonitinhas, em vez daquele bloco de concreto imenso e desumano? Uma espécie de colméia, sem dúvida, ocupada por abelhas operárias, que saíam durante o dia e voltavam somente à noite para dar banho nos meninos ou retocar a pintura do rosto antes de tornar a sair com os namorados.

Diante do contraste com a desumanidade do bloco de apartamentos, comecei a sentir uma certa ternura pela nobreza desbotada e vitoriana de Wilbraham Crescent. Um raio de luz brilhante, que vinha do meio do prédio, feriu minha vista. Fiquei intrigado e olhei para cima. Lá estava ele de novo.

Havia uma janela aberta e alguém espiava por ali. O rosto estava meio encoberto por qualquer coisa que tinha à frente. O raio de luz voltou a brilhar. Enfiei a mão no bolso. Eu guardo uma porção de coisas que podem ser úteis no bolso. É surpreendente como às vezes vêm a calhar: fita adesiva, um punhado de instrumentos de aspecto inocente, perfeitamente capazes de abrir quase todas as portas trancadas; uma latinha de pó cinzento com etiqueta fictícia, acompanhada de um insuflador; e algumas bugigangas que ninguém seria capaz de imaginar para que servem. Entre outras coisas, eu tinha um binóculo de bolso. Não era muito possante, mas dava para o gasto. Olhei através dele para o prédio.

Havia uma criança na janela. Eu podia ver uma longa trança caída sobre o ombro. Ela tinha um binóculo pequeno, para teatro, e também estava me examinando, o que me fez sentir lisonjeado. Entretanto, como não havia outra coisa para olhar, eu não tinha por que me orgulhar. Nesse momento, porém, surgiu outra distração no marasmo de Wilbraham Crescent.

Um velhíssimo Rolls-Royce entrou com dignidade na rua, dirigido por um motorista bem idoso. Ele tinha um ar distinto, mas já enfadado da vida. Passou por mim com a solenidade de um cortejo. Minha pequena observadora, reparei, virara o binóculo para ele. Fiquei ali, pensando.

Sempre achei que, quando se sabe esperar, acaba-se sendo contemplado com a sorte. Algo com que não contamos e que jamais imaginamos, de repente acontece. Seria possível que tivesse chegado a minha hora? Tornando a olhar para o enorme prédio quadrado, observei cuidadosamente a posição da janela que me interessava e contei a partir dos lados e de baixo para cima. Terceiro andar. Depois, caminhei pela rua até chegar à frente do conjunto de apartamentos. Tinha uma grande pista de entrada para automóveis que dava a volta ao edifício, além de canteiros bem espaçados e estrategicamente assentados no gramado.

Sabendo que a menina me observava, deixei a entrada para automóveis e dirigi-me ao prédio, levantei a cabeça como se algo tivesse me chamado a atenção, abaixei-me, fiz de conta que procurava alguma coisa no gramado e, afinal, levantei-me aparentando transferir algo da mão para o bolso. Depois dei a volta até chegar à entrada do prédio.

Normalmente deveria haver um porteiro, mas entre 13 e 14 horas o hall de entrada ficava vazio. Havia uma campainha e, por cima, uma placa onde se lia a palavra PORTEIRO, mas não a toquei. Entrei no elevador e apertei o botão do terceiro andar. Depois disso, seria preciso observar a posição das portas com muito cuidado.

Parece muito simples localizar um aposento, do lado de fora de um prédio,

mas por dentro isso se torna confuso. Entretanto, como eu tinha sido bem treinado nesse tipo de coisa nos velhos tempos, tive a certeza de ter localizado a porta exata. Certo ou errado, estava diante do nº 77.

"Bem", pensei, "7 é o número da sorte. Lá vou eu."

Toquei a campainha e dei um passo para trás, aguardando os acontecimentos.

25

Narrativa de Colin Lamb

Esperei uns dois minutos e a porta se abriu. Uma grande loira nórdica, de rosto corado e vestindo roupas coloridas, olhou-me interrogativamente. Tinha limpado as mãos às pressas, mas ainda se viam nelas sinais de farinha, assim como no nariz, de forma que foi fácil deduzir o que ela estivera fazendo.

– Desculpe – disse eu –, mas acho que aqui mora uma menina, não é? Ela deixou cair qualquer coisa da janela.

Ela sorriu, animadoramente. Ainda não dominava a língua inglesa.

– Desculpe... O que foi senhor disse?

– Uma criança aqui... uma menina.

– É, é – disse ela, balançando a cabeça.

– Deixou cair alguma coisa... pela janela.

Decidi comunicar-me com gestos.

– Achei isso e o trouxe até aqui.

Abri a mão, mostrando-lhe uma faquinha de prata para frutas. Ela a olhou, sem reconhecê-la.

– Não creio... não vi...

– A senhora estava ocupada na cozinha – disse eu, solidarizando-me.

– É, é, eu cozinho. Assim.

Moveu a cabeça várias vezes, com energia.

– Não quero incomodá-la. Eu poderia entregar isso a ela?

– Desculpe?

Meus gestos foram compreendidos. Ela foi à minha frente, atravessando o hall, e abriu uma porta que dava para uma sala agradável. Junto à janela havia um divã, onde estava uma menina de nove ou dez anos, com a perna engessada.

– Esse moço, ele disse você... você derrubou...

Nesse momento, por inaudita sorte, veio um cheiro forte de queimado da cozinha. Minha guia proferiu uma exclamação aflita.

– Desculpe, favor, desculpe.

– Fique à vontade – respondi alegremente –, eu tomo conta disso.

Ela saiu correndo. Entrei na sala, fechei a porta e dirigi-me ao divã.

– Como vai você? – perguntei.

A criança respondeu:

– Como vai você?

Ela me lançou um olhar perscrutador que me deixou um pouco nervoso. Era uma menina comum, com cabelos lisos, sem cor definida, presas em duas tranças. Tinha a testa e o queixo salientes, e olhos que transbordavam inteligência.

– Eu sou Colin Lamb. Qual é o seu nome?

Respondeu-me prontamente:

– Geraldine Mary Alexandra Brown.

– Santo Deus! É um nome e tanto. Como é que chamam você?

– Geraldine. Às vezes me chamam de Gerry, mas eu não gosto disso. E papai não gosta de diminutivos.

Uma das grandes vantagens de lidar com crianças é que elas têm a própria lógica. Qualquer adulto teria me perguntado, imediatamente, o que é que eu queria. Geraldine estava pronta para entabular uma conversa sem antes conduzir um interrogatório. Estava sozinha, e a chegada de qualquer visitante era uma novidade agradável. Enquanto eu não me convertesse num indivíduo insípido e sem graça, ela conversaria, prazerosa.

– O seu pai saiu, não é?

Ela respondeu com a mesma rapidez e exuberância de detalhes que já demonstrara.

– Cantinghaven Engineering Works, Beaverbridge. A exatamente uns 24 quilômetros daqui.

– E a sua mãe?

– Mamãe morreu – disse Geraldine, sem perder a vivacidade. – Ela morreu quando eu tinha dois meses. Estava num avião que vinha da França. Caiu. Morreu todo mundo.

Falou com uma certa satisfação e eu percebi que, para uma criança, se a mãe *está* morta, o fato de ter morrido num desastre horrível confere ao incidente uma certa glória.

– Sei – disse eu. – Então, você...

Meu olhar voltou-se para a porta.

– Essa é a Ingrid. Veio da Noruega há 15 dias. Não sabe falar nada de inglês. Eu estou ensinando a ela.

– E ela está ensinando o norueguês para você?

– Não muito – disse Geraldine.

– Você gosta dela?

– Gosto, ela é boazinha. Ela cozinha umas coisas meio esquisitas de vez em quando. Sabe, ela gosta de comer peixe cru.

– Eu já comi peixe cru na Noruega. Às vezes, é bem bom.

Geraldine fez uma cara de quem duvidava.

– Ela está tentando fazer uma torta de melado, hoje.

– E deve ser bom!

– Hum, é... Eu gosto da torta de melado. – Aí ela acrescentou, com educação: – Você veio almoçar?

– Não vim bem para isso. Eu ia passando lá embaixo, quando tive a impressão de que você tinha derrubado qualquer coisa da janela.

– Eu?

– É.

E mostrei-lhe a faquinha de prata para descascar frutas.

Geraldine olhou-a, primeiro com desconfiança e depois com ares de aprovação, dizendo:

– Bem bonita. O que é isso?

– É uma faca para frutas.

Abri-a.

– Ah, já sei. Serve para descascar maçãs e outras coisas.

– Exatamente.

Geraldine suspirou.

– Não é minha. Não deixei cair. Por que é que você pensou isso?

– Bem, você estava olhando pela janela e...

– Eu estou sempre olhando pela janela. Caí e quebrei a perna, sabe?

– Que falta de sorte!

– Foi mesmo... E também não teve graça nenhuma. Eu estava descendo do ônibus, quando ele arrancou, de repente. No começo, doeu bastante, mas agora não.

– Deve ser bem chato para você.

– É, sim. Mas papai me traz presentes, massinha, livros, lápis de cor, quebra-cabeças e coisas assim, mas eu acabo me cansando de fazer coisas, então fico um tempão na janela com isto.

Mostrou-me, cheia de orgulho, seu binóculo de teatro.

– Posso olhar? – perguntei.

Apanhei-o, acomodei-o aos olhos e espiei pela janela.

– Mas é formidável! – exclamei, cheio de admiração.

Era, na verdade, excelente. O pai de Geraldine, se fora ele quem lhe dera o binóculo, não havia feito economia. Era surpreendente como se podia ver bem o nº 19 de Wilbraham Crescent e as casas vizinhas. Devolvi-o a ela.

– É excelente. De primeira classe.

– É ótimo – disse Geraldine, radiante. – Não é um desses binóculos de faz-de-conta para crianças.

– É... Estou vendo.

– Eu tenho um livrinho – disse ela, mostrando –, onde escrevo umas coisas, de vez em quando. É como brincar de contar trens. Tenho um primo, chamado Dick, e ele conta os trens. Brincamos também de contar automóveis. Sabe como é, a gente começa com um e vê até quantos chegamos.

– Parece uma ótima brincadeira – respondi.

– É, sim. Mas infelizmente passam poucos carros nesta rua, então desistimos de brincar disso por uns tempos...

– Você deve saber tudo o que se passa nas casas lá de baixo... Quem mora nelas, essas coisas todas.

Falei assim como quem não quer nada, mas Geraldine reagiu prontamente.

– Ah, é. Naturalmente, eu não sei o nome deles, então inventei uns nomes por minha conta.

– Deve ser bem divertido – disse eu.

– Aquela é a Marquesa de Carrabás – disse Geraldine, apontando. – Mora naquela casa com árvores feitas, sabe, como o Gato de Botas. Ela tem montes e montes de gatos.

– Ainda há pouco conversei com um, cor de laranja.

– É, eu vi você – disse Geraldine.

– Você deve ter uma visão muito boa. Acho que você não perde muita coisa, não é?

Geraldine sorriu, satisfeita. Ingrid abriu a porta e entrou, ofegante.

– Você está bem, está?

– Estamos muito bem – disse Geraldine, com firmeza. – Você não precisa se preocupar, Ingrid.

Ela sacudiu a cabeça violentamente e fez uma pantomima com as mãos.

– Vai embora, vai cozinhar.

– Muito bem, eu vou. Bom você ter visita.

– Ela fica nervosa, quando cozinha – explicou Geraldine. – Quando está experimentando uma receita nova, quero dizer. E, por causa disso, às vezes as refeições saem muito tarde. Estou contente que você veio. É tão bom ter alguém

para conversar, então a gente não pensa na fome.

– Conte-me mais coisas sobre as pessoas daquelas casas lá embaixo e o que você vê. Quem mora na casa ao lado... aquela, bem cuidada?

– Ah, lá mora uma cega. Ela é bem cega e apesar disso caminha tão bem como se enxergasse. Foi o porteiro quem me contou, Harry. Ele é muito bonzinho, o Harry. Ele me conta muita coisa. Foi ele que me falou do assassinato.

– O assassinato? – perguntei, com o devido espanto.

Geraldine acenou com a cabeça. Seus olhos brilharam com a importância do que ela ia revelar.

– Houve um crime naquela casa. Eu praticamente vi tudo.

– Mas que coisa interessante!

– É, não é? Nunca vi um crime antes, quer dizer, eu nunca tinha visto, um lugar onde aconteceu um assassinato antes.

– O que foi que você... bem... viu?

– Pois é, naquela hora não havia muito o que ver. Sabe, durante o dia, tem horas que a rua fica bem vazia. A coisa começou a ficar interessante quando saiu alguém da casa, aos gritos. E então eu percebi, naturalmente, que tinha acontecido alguma coisa.

– Quem foi que gritou?

– Foi uma mulher. Bem nova, muito bonita, mesmo. Ela saiu pela porta gritando e gritando. Vinha um rapaz pela rua. Ela saiu pelo portão e agarrou ele... assim. – Ela fez um gesto com os braços. De repente, olhou-me com atenção. – Ele era muito parecido com você.

– Devo ter um sósia – respondi, despreocupado. – E depois, o que foi que aconteceu? Isso é sensacional.

– Então, ele colocou ela no chão, sabe, e entrou na casa e o Imperador... é o gato alaranjado, que eu chamo assim, porque é muito metido... parou de limpar o focinho e ficou muito espantado, e a Dona Poste saiu da casa dela... essa é aquela que mora no nº 18... ela saiu e ficou parada nos degraus, olhando.

– Quem é Dona Poste?

– Eu chamo ela de Dona Poste porque ela é muito sem graça. Ela tem um irmão e manda nele.

– Continue – disse eu, interessado.

– E aí aconteceu uma porção de coisas. O homem saiu da casa, outra vez. Você tem certeza que não era você?

– Eu tenho uma cara comum – respondi, modestamente. – Há muitos por aí com a mesma cara.

– É, isso é verdade – disse Geraldine, um tanto sem graça. – Bom, então, o

homem desceu pela rua e telefonou da cabine que tem lá embaixo. Daí a polícia começou a chegar. – Seus olhos faiscaram. – Uma porção de policiais. E levaram o defunto numa coisa parecida com ambulância. Puxa, tinha um montão de gente olhando, sabe? Eu também vi Harry, lá... ele é o nosso porteiro. Depois, ele me contou tudo.

– E ele contou quem tinha sido assassinado?

– Só disse que era um homem. Ninguém sabia o nome dele.

– Mas tudo isso é interessantíssimo!

Rezei fervorosamente para que Ingrid não resolvesse entrar novamente, nesse momento com a torta de melado ou qualquer outra delícia.

– Mas vamos voltar um pouco, está bem? Conte o que aconteceu antes. Você viu esse homem... o tal que mataram... você viu quando ele entrou na casa?

– Eu, não. Acho que ele já estava lá há muito tempo.

– Você acha que ele morava lá?

– Não, ninguém mora lá, só a Sra. Pebmarsh.

– Então você sabe o verdadeiro nome dela?

– Ora, estava nos jornais. Nas notícias sobre o crime. A moça que gritou se chama Sheila Webb. Harry disse que o homem que morreu se chamava Sr. Curry. Que nome mais engraçado, não é, igual àquele negócio que a gente come. E depois teve outro assassinato, sabe. Não no mesmo dia... mais tarde, na cabine telefônica lá da rua. Quase dá para ver daqui, mas preciso esticar bem o pescoço para fora da janela e me virar. É claro que eu não vi o crime, quer dizer, se eu soubesse que ia acontecer, eu teria olhado. Mas como eu não sabia que ia acontecer, não olhei. Achei isso uma estupidez, não é?

– É, sim, foi uma estupidez.

Aí, Ingrid apareceu mais uma vez.

– Já venho – disse, tranqüilizando-nos.

E se foi outra vez. Geraldine disse:

– A gente não quer que ela fique mais aqui. Ela se preocupa demais com as refeições. Mas a única refeição que ela tem de fazer, além do café-da-manhã, é o almoço.

Senti melancolia em sua voz.

– A que horas você costuma jantar Geraldine?

– À noite eu não janto, só lancho. Papai janta no restaurante, e manda entregarem qualquer coisa pra mim. Peixe frito ou outra coisa qualquer. Não é um jantar de verdade. O almoço eu só como na hora que Ingrid acaba de cozinhar. Ela é engraçada com esse negócio de tempo. Precisa preparar o café-da-manhã na hora, porque papai fica zangado se ela atrasar, mas o almoço sai a

qualquer hora. Às vezes, sai às ao meio-dia e as vezes às 14 horas. Ingrid diz que as refeições não têm hora certa; a gente come quando a comida está pronta.

– Bem, isso é uma idéia prática – disse eu. – A que horas você almoçou no dia do crime?

– Naquele dia ela serviu o almoço ao meio-dia. Sabe, era o dia de folga da Ingrid. Ela vai ao cinema ou ao cabeleireiro e uma tal de Sra. Perry vem ficar comigo. Ela é horrível, sabe? Dá tapinhas na gente.

– Tapinhas? – indaguei, um tanto confuso.

– É, sabe como é, na cabeça. Diz coisas como: "Querida menininha". Ela não é uma dessas pessoas com quem a gente pode conversar, mas ela me traz doces, essas coisas.

– Que idade você tem, Geraldine?

– Dez anos. Dez anos e três meses.

– Eu acho que você sabe manter uma conversa bastante inteligente.

– É porque preciso conversar muito com o papai – respondeu Geraldine, muito séria.

– Então, você almoçou cedo no dia do crime?

– Foi, sim, para dar tempo de a Ingrid tomar banho e sair logo depois de 13 horas.

– Você estava olhando pela janela, naquele dia, observando as pessoas?

– Estava, sim. Durante algum tempo. Mais cedo, lá pelas dez horas, eu estava fazendo palavras cruzadas.

– Eu estou curioso para saber se você teria visto o Sr. Curry chegar à casa da Sra. Pebmarsh.

Geraldine sacudiu a cabeça.

– Não, não vi. É esquisito, não acha?

– Bem, é capaz de ele ter chegado cedinho.

– Não entrou pela frente, tocando a campainha. Eu não vi.

– Podia ter entrado pelo jardim. Quero dizer, pelo outro lado da casa.

– Isso, não – disse Geraldine –, porque o jardim fica do lado dos jardins das outras casas. Ninguém ia deixar alguém passar pelo jardim deles.

– É, também acho que não deixariam.

– Eu gostaria de saber como é que ele era.

– Ele era bem velho. Tinha uns 60 anos. Não tinha barba e vestia um terno cinza-escuro.

– Parece tão horrivelmente comum... – disse Geraldine, sacudindo a cabeça, com ar de censura.

– De qualquer forma, acho que é difícil para você lembrar-se de um dia em particular já que está sempre aqui deitada olhando para fora.

– Não é nada difícil – disse ela, aceitando o desafio. – Posso contar tudo o que aconteceu naquela manhã. Sei a que horas a Dona Caranguejo entrou e quando saiu.

– Essa é a faxineira, não é?

– É. Ela corre como um caranguejo. Ela tem um filhinho. Às vezes ela traz ele junto, mas nesse dia não trouxe. E, depois, a Sra. Pebmarsh sai lá pelas 10 horas. Ela ensina às crianças numa escola para cegos. A Dona Caranguejo sai mais ou menos ao meio-dia. Às vezes ela carrega um pacote que ela não tinha quando entrou. Acho que devem ser pedacinhos de manteiga e queijo, porque a Sra. Pebmarsh não enxerga. Sei especialmente o que aconteceu naquele dia, porque, sabe, Ingrid e eu tivemos uma briguinha, e então ela não quis mais falar comigo. Eu estava ensinando inglês pra ela e ela queria saber como é que as pessoas dizem "até logo". Ela teve de me dizer em alemão. *Auf wiedersehen*. Eu sei porque já estive na Suíça e as pessoas de lá dizem isso. E dizem *Grüss Gott*, também. Em inglês, é falta de educação.

– E o que foi que você ensinou a Ingrid?

Geraldine começou a rir, uma risada muito maliciosa. Começou a falar, mas não podia parar de rir; afinal, conseguiu.

– Eu ensinei "vá pro raio que o parta". E ela disse isso para a Sra. Bulstrode, nossa vizinha, e a Sra. Bulstrode ficou *furiosa*. Aí a Ingrid descobriu e ficou muito zangada comigo, e nós só fizemos as pazes no dia seguinte, na hora do chá.

Digeri essa informação.

– Então você se concentrou no binóculo.

Geraldine inclinou a cabeça afirmativamente.

– É por isso que eu sei que Sr. Curry não entrou pela porta da frente. Acho que talvez ele tenha dado um jeito, durante a noite, escondendo-se no sótão. Você acha que isso é possível?

– Eu acho, na verdade, que tudo isso é possível, mas não me parece muito provável.

– Não é, não – disse Geraldine. – Ele ficaria com fome, não é? E ele não podia pedir o café para a Sra. Pebmarsh, se ele estava se escondendo dela.

– E ninguém apareceu na casa? Ninguém, mesmo? Ninguém com carro... um fornecedor... visitas?

– O armazém vem às segundas e quintas-feiras e o leite chega às 8h30.

Geraldine era uma enciclopédia viva. Prosseguiu:

– É a própria Sra. Pebmarsh quem compra os legumes e tudo o mais. Não apareceu ninguém, só o funcionário da lavanderia. Era uma lavanderia nova – acrescentou.

– Lavanderia nova?

– Sim. Geralmente a Southern Downs... Quase todos chamam a Southern Downs. Naquele dia, foi uma lavanderia nova, uma tal de Snowflake. Eu ouvi falar na lavanderia Snowflake. Devem ter aberto agora.

Eu precisava fazer força para esconder qualquer interesse indevido em minha voz. Não quis que ela desse asas à imaginação.

– Eles entregaram a roupa ou vieram buscá-la? – perguntei.

– Entregaram. Num cestão enorme. Muito maior do que o habitual.

– E foi a Sra. Pebmarsh quem o recebeu?

– Não, claro que não, ela já tinha saído de novo.

– Que horas eram, Geraldine?

– Exatamente 13h35 – disse Geraldine. – Eu escrevi – acrescentou, toda orgulhosa.

Apanhou uma cadernetinha e abriu-a, apontando com o dedo sujo para umas anotações: 13h35 – chegou roupa nº 19.

– Você devia estar na Scotland Yard!

– Lá tem mulheres detetives? Eu gostaria de fazer isso. Não digo ser da polícia. Acho as policiais tão ridículas.

– Você nem me contou direito o que aconteceu quando a lavanderia chegou.

– Não aconteceu nada. O motorista desceu, abriu o carro, tirou o cesto e saiu cambaleando pelo lado da casa, em direção à porta dos fundos. Eu acho que ele não conseguiu entrar. A Sra. Pebmarsh deve trancar tudo e, provavelmente, ele largou o cesto lá e foi embora.

– Como era ele?

– Tinha uma cara qualquer – respondeu Geraldine.

– Como eu? – perguntei.

– Ah, não, muito mais velho do que você – disse Geraldine –, mas para dizer a verdade, eu não vi ele direito, porque ele veio dirigindo até a casa por a – ela indicou a pista da direita. – Ele parou em frente ao nº 19, na contramão. Mas, numa rua como esta, isso não tem importância. E aí ele atravessou o portão, debruçando-se sobre o cesto. Eu só podia enxergar a nuca dele, e quando ele voltou estava esfregando a cara. Acho que ele fez uma força e tanto para carregar aquele cesto.

– E aí foi embora?

– Foi. Por que é que você acha isso tão interessante?

– Ora, nem sei. Eu pensava que talvez ele tivesse visto alguma coisa de interessante.

Ingrid escancarou a porta. Ela vinha empurrando um carrinho.

– Vamos comer agora – disse ela, movendo a cabeça com animação.

– Santo Deus, estou morrendo de fome! – declarou Geraldine.

Levantei-me.

– Agora preciso ir embora. Adeus, Geraldine.

– Adeus. E o que vamos fazer com isto aqui? – Apanhou a faquinha. – Não é minha. – A sua voz tinha um som triste. – Eu gostaria que fosse.

– Parece que não é de ninguém, em particular, não é?

– Poderíamos chamar isso de tesouro sem dono, você não acha?

– É uma coisa assim. É melhor você ficar com ela até o dono aparecer. – Continuei, dizendo a verdade: – Mas eu não creio que apareça ninguém, não.

– Ingrid, me dá uma maçã.

– Maçã?

– *Pomme*! *Apfel*! Ela fez seu melhor esforço lingüístico. Deixei as duas às voltas com isso.

26

A Sra. Rival abriu a porta do Peacock's Arms e dirigiu-se ao bar com passos vacilantes. Pôs-se a resmungar entre os dentes.

Ela era conhecida nessa hospedaria e foi recebida quase afetuosamente pelo encarregado.

– Como vai, Flo? – perguntou ele. – Como vão as coisas?

– Não está certo... – respondeu ela. – Não é direito, não, não é direito. Sei o que estou dizendo, Fred, e digo que não é direito.

– É claro, não é direito – disse Fred, acalmando-a. – Eu gostaria de saber do que você está falando. Vai querer o de sempre, boneca?

A Sra. Rival moveu a cabeça em assentimento. Pagou e pôs-se a bebericar. Fred foi atender a outro freguês. A Sra. Rival animou-se ligeiramente com a bebida. Continuou a resmungar entre os dentes, mas com a expressão mais bem-humorada. Quando Fred se aproximou novamente, ela lhe disse, em tom mais suave:

– Mesmo assim. Eu não vou concordar com isso. Não vou. Se há uma coisa que eu não tolero é patifaria. Não tolero patifaria. Nunca tolerei.

– Claro que não – disse Fred.

Ele a examinou com olhar de entendido. Já bebeu um bocado, pensou, mas

acha que ainda agüenta um ou dois tragos. Deve ter-se aborrecido com alguma coisa.

– Patifaria – disse a Sra. Rival. – Prevari... prevari... bem, você sabe o que eu quero dizer, não?

– Claro que sei – disse Fred.

Ele se virou para cumprimentar outro conhecido. Puseram-se a discutir o comportamento desagradável de certos cães. A Sra. Rival continuou a resmungar.

– Não gosto disso e não vou engolir isso. E vou dizer isso a eles. Estão pensando que podem me tratar assim. Não, senhor, não podem. Não está direito, e, se você não se respeita, quem vai respeitar? Dá outro, benzinho – acrescentou, em tom mais alto.

Fred atendeu-a.

– Se eu fosse você, depois deste iria para casa – aconselhou ele.

Ele estava imaginando o que poderia ter aborrecido tanto a mulher. Ela costumava estar sempre bem-humorada. Cordial, sempre pronta a dar uma risada.

– Vão me meter numa enrascada, Fred, você vai ver. Quando alguém pede pra você fazer alguma coisa, deviam contar tudo direitinho. Deviam dizer o que estão fazendo e pra quê. Mentirosos. Mentirosos sujos, é que são. E eu não vou engolir isso.

– Se eu fosse você, iria já pra casa – disse Fred, ao ver uma lágrima prestes a cair dos olhos pintados. – Não demora a chover, e vai chover forte. Vai estragar esse chapeuzinho tão bonito.

A Sra. Rival sorriu levemente, satisfeita.

– Sempre gostei de flor do trigo. Ai, Santo Deus, não sei mesmo o que fazer!

– Eu iria para casa, tirar uma soneca – disse o homem, bondosamente.

– É, talvez, mas...

– Vamos com isso, você não quer estragar esse chapéu.

– Isso é verdade, sim. É, mesmo, é bem verdade. E bem prof... profumado... não, não é isso... o que é que eu estou dizendo?

– É bem profunda a sua observação.

– Muito obrigada.

– Não há de quê – disse Fred.

A Sra. Rival deixou-se escorregar do banco alto e dirigiu-se à porta, sem balançar muito.

– A Flo velha de guerra deve ter tido algum aborrecimento sério hoje – disse um freguês.

– Ela é sempre tão jovial... mas todos nós temos nossos altos e baixos –

disse outro homem, de expressão sombria.

– Se alguém tivesse me dito que Jerry Grainger ficaria em quinto lugar, bem atrás de Queen Caroline, eu não acreditaria. Quer saber de uma coisa? Houve marmelada. As corridas, agora, não são mais sérias. Chegam a dopar os cavalos. Todos eles – comentou o primeiro homem.

A Sra. Rival saíra do Peacock's Arms. Olhou distraída para o céu. É, talvez fosse chover. Começou a andar, apressando-se aos poucos, dobrou à esquerda, depois à direita e parou diante de um sobrado sórdido. Quando ela pegou a chave e começou a subir os degraus da frente, alguém falou do andar de baixo e surgiu uma cabeça por trás de um canto da porta, olhando para ela.

– Tem um cavalheiro à sua espera, lá em cima.

– À minha espera?

A Sra. Rival mostrou-se meio surpresa.

– Bem, se é que ele é um cavalheiro. Bem-vestido e tudo o mais, mas não é o Lorde Algernon Vere de Vere, na minha opinião.

O ambiente cheirava a repolho, peixe e eucalipto. O último cheiro era quase permanente no hall. A senhoria da Sra. Rival gostava de cuidar dos pulmões, com muito zelo no inverno, e começava o tratamento em meados de setembro. Sra. Rival subiu as escadas apoiando-se no corrimão. Conseguiu achar a fechadura, enfiou a chave, escancarou a porta e entrou. Deteve-se imediatamente, dando um passo para trás.

– Ah, é o senhor – disse.

O detetive-inspetor Hardcastle levantou da cadeira em que estivera sentado.

– Boa noite, Sra. Rival.

– O que é que o *senhor* quer? – perguntou a Sra. Rival, com menos educação do que normalmente mostraria.

– Bem, vim a Londres a serviço – disse Hardcastle –, e, como há algumas coisas que eu gostaria de discutir com a senhora, vim na esperança de encontrá-la. A vizinha de baixo disse que a senhora talvez não demorasse.

– É – disse A Sra. Rival. – Bem, eu não sei... Ora...

O inspetor ofereceu-lhe uma cadeira, dizendo cortesmente:

– Sente-se.

Parecia terem trocado os papéis: ele era o anfitrião e ela, a hóspede. A Sra. Rival sentou-se.

Encarou-o com firmeza.

– O que é que o senhor quer dizer com algumas coisas? – perguntou.

– Algumas dúvidas – disse Hardcastle. – Pequenas dúvidas que surgiram.

– O senhor quer dizer... a respeito de Harry?

– Exatamente.

– Bom, escute uma coisa – disse a Sra. Rival, com uma ligeira belicosidade na voz, ao mesmo tempo que um inconfundível bafo de álcool chegava às narinas do inspetor. – Já encerrei o assunto Harry. Não quero mais pensar nele. Eu apareci logo que vi o retrato no jornal, não foi? Vim e lhe falei dele. Já faz muito tempo, e não quero mais pensar nisso. Não há mais nada pra contar. Contei tudo o que me lembrava, e agora não quero mais falar nisso.

– É só um pequeno esclarecimento – disse o inspetor.

Ele falava com delicadeza, e quase se desculpando.

– Está bem – disse a Sra. Rival, um tanto de má vontade. – O que é? Vamos logo com isso.

– A senhora reconheceu o homem como seu marido ou como sendo o indivíduo com quem a senhora viveu, há uns 15 anos atrás. É verdade, ou não?

– Acho que, a essa altura, o senhor já devia saber exatamente quanto tempo faz.

"Mais esperta do que eu pensava", pensou o inspetor com seus botões. Continuou:

– É, nisso a senhora tem razão. Nós investigamos. A senhora se casou no dia 15 de maio de 1948.

– Dizem que dá muito azar ser noiva de maio. Não me deu sorte alguma.

– Apesar dos muitos anos que se passaram, a senhora pôde identificar seu marido bem facilmente.

A Sra. Rival mexeu-se, constrangida.

– Ele não envelheceu muito e sempre soube se tratar, o Harry.

– E a senhora ainda nos deu uma informação adicional. Parece que a senhora me escreveu a respeito de uma cicatriz.

– Isso mesmo. Atrás da orelha esquerda. Aqui – disse Rival, levantando a mão e mostrando o lugar.

– Atrás da orelha *esquerda*? – perguntou Hardcastle, acentuando a palavra.

– Ora... – Ela ficou indecisa por alguns instantes. – É. Bem, acho que é. É, tenho certeza. Naturalmente, na pressa, a gente às vezes não sabe distinguir a esquerda da direita, não é? Mas, é, sim, do lado esquerdo do pescoço. Aqui.

Tornou a indicar o mesmo lugar com a mão.

– E ele se machucou quando se barbeava, não foi?

– Isso mesmo. O cão pulou nele. Um cão muito agitado que nós tínhamos naquele tempo. Ele entrava correndo... Era muito afetuoso. Pulou em cima de Harry quando ele estava com a navalha na mão, e isso provocou um talho fundo. Sangrou muito. A ferida cicatrizou, mas nunca desapareceu.

Ela falava com grande desembaraço.

– Esse ponto é muito importante, Sra. Rival. Afinal de contas, às vezes um

homem pode se parecer muito com outro, principalmente depois de muitos anos. Mas encontrar um homem tão parecido com seu marido e que tem uma cicatriz exatamente no mesmo lugar... bem, isso torna a identificação completa, não é? Acho que agora temos informações suficientes para prosseguir.

– Estou satisfeita em ter podido ajudar – disse a Sra. Rival.

– E... quando foi que aconteceu esse acidente?

A Sra. Rival pensou por um instante.

– Deve ter sido... hum... uns seis meses depois do nosso casamento. É, foi isso mesmo. Ganhamos o cão nesse verão.

– Então isso deve ter acontecido em outubro ou novembro de 1948, certo?

– Certo.

– E depois que seu marido a abandonou, em 1951...

– Ele não me abandonou, fui eu que o larguei – disse ela, com dignidade.

– Isso mesmo. Como quiser. Em todo caso, depois que a senhora largou seu marido em 1951, nunca mais tornou a encontrá-lo até ver seu retrato no jornal?

– Foi o que eu lhe disse.

– E a senhora tem certeza disso, Sra. Rival?

– É claro que tenho. Nunca mais vi Harry Castleton depois desse dia, até vê-lo morto.

– Isso é muito esquisito, sabe, muito esquisito – disse o inspetor Hardcastle.

– Por quê? O que é que o senhor quer dizer?

– Bem, porque o tecido cicatricial é muito curioso. É claro que isso não significa muito para a senhora ou para mim. Cicatriz é cicatriz. Mas os médicos podem ver muita coisa numa cicatriz. Podem dizer, por exemplo, há quanto tempo um homem *tem* a cicatriz.

– Não sei aonde o senhor quer chegar.

– Simplesmente, Sra. Rival, no fato de que, de acordo com o nosso médico-legista e outro médico que consultamos, esse tecido cicatricial que está atrás da orelha do seu marido mostra claramente que a ferida em questão não pode ter mais de cinco ou seis anos.

– Absurdo – disse a Sra. Rival. – Não acredito. Eu... Ninguém pode dizer uma coisa dessas. Bem, de qualquer jeito, não foi nesse tempo que...

– Então, veja bem – disse Hardcastle com a voz macia. – Se a ferida deixou uma cicatriz há somente cinco ou seis anos, isso significa que, se o homem *era* seu marido, ele não a tinha quando a deixou, em 1951.

– Talvez não tivesse. Mas era Harry.

– Mas a senhora nunca mais o viu depois de 1951, Sra. Rival. Então, se a senhora nunca mais o viu, como foi que a senhora soube que ele adquiriu essa

cicatriz, há cinco ou seis anos atrás?

– O senhor está querendo me confundir – disse a Sra. Rival. – O senhor está me confundindo, e isso é um horror. Talvez não fosse em 1948. A gente não pode se lembrar disso. Em todo caso, Harry tinha essa cicatriz, disso eu sei.

– Está bem – disse o inspetor Hardcastle, levantando-se. – É melhor a senhora refletir com muito cuidado sobre sua declaração, Sra. Rival. A senhora não quer se meter numa enrascada, não é?

– O que é que o senhor quer dizer com "meter-me numa enrascada"?

– Bem – disse o inspetor Hardcastle, quase se desculpando –, cometer perjúrio.

– Perjúrio! Eu?

– Sim, senhora. É uma ofensa legal muito grave, sabe? A senhora poderia meter-se numa encrenca e até ir para a cadeia. Naturalmente, a senhora ainda não prestou juramento, mas talvez tenha que jurar sobre essa declaração num tribunal muito em breve. Então... Bem, eu gostaria que a senhora refletisse cuidadosamente, Sra. Rival. Pode ser que alguém... tenha lhe sugerido que nos contasse essa história de cicatriz?

A Sra. Rival levantou-se, os olhos faiscaram. Nesse momento, tornou-se quase magnífica.

– Nunca ouvi tamanho absurdo em minha vida – disse. – Um absurdo completo. Procuro cumprir meu dever. Apresento-me para ajudá-lo, conto tudo quanto recordo. Se cometi um erro, acho que isso é bem natural. Afinal de contas, já tive muitos... bem, muitos amigos, e a gente pode se confundir, às vezes. Mas não creio que tenha *cometido* um erro. Esse homem era Harry, tinha uma cicatriz atrás da orelha esquerda. Tenho certeza. E agora, inspetor Hardcastle, talvez o senhor deva ir embora, em vez de vir aqui e insinuar que eu menti.

O inspetor Hardcastle levantou-se imediatamente.

– Boa noite, Sra. Rival. Reflita bem, só isso.

A Sra. Rival sacudiu a cabeça. Hardcastle saiu.

Depois de sua partida, a atitude da Sra. Rival mudou imediatamente. Desapareceu o olhar desafiador. Parecia assustada e preocupada.

– Eles me meteram numa enrascada – murmurou. – Meteram-me numa enrascada. Não... Não quero mais continuar com essa história. Não vou... não vou me envolver em encrencas por causa dos outros. Contando lorotas, mentindo para mim, me enganando. É monstruoso. Monstruoso, mesmo. Vou dizer isso.

Pôs-se a caminhar, sem firmeza. Finalmente, tomou uma decisão, agarrou o guarda-chuva e tornou a sair. Foi até o fim da rua, hesitou um instante junto à

cabine telefônica e dirigiu-se ao correio. Chegando lá, pediu que lhe trocassem o dinheiro e entrou numa das cabines telefônicas. Ligou para o auxílio à lista e pediu um número. Esperou até a chamada se completar.

"Alô... Ah, é você. Aqui é Flo. Eu sei que você disse para não ligar, mas é uma emergência. Você não foi honesto comigo. Você nunca me disse no que ia dar isso. Você disse apenas que ficaria numa posição difícil se esse homem fosse identificado. Nunca imaginei, por um momento, que me envolveria num assassinato... Sim, eu sabia que você ia dizer isso... não, na verdade, não foi isso que você disse... Acredito, sim, acredito que você *esteja* metido nisso... Pois fique sabendo que eu não vou pagar o pato... Há qualquer coisa sobre a gente ser um... ora, você conhece a palavra... um acessório, ou algo parecido (eu sempre achei que isso fosse bijuteria!). Em todo caso, é qualquer coisa sobre a pessoa ajudar a encobrir um crime, sabe, e eu estou com medo... Você foi me dizer para escrever e contar aquilo da cicatriz. Agora eles descobriram que essa cicatriz só pode ter sido adquirida há uns dois anos e aqui estou eu, jurando que ele já a tinha quando me abandonou, há anos... E isso é perjúrio, e podem me mandar para a prisão por causa disso. Bem, não adianta vir com essa conversa... Não... Fazer um favor é uma coisa... É, eu sei... Eu sei que você me pagou para dizer aquilo. E nem foi tanto dinheiro assim... Está bem, está bem, não vou dizer nada. O que é que você disse?... Quanto? Isso é muito dinheiro. Como é que eu vou saber que você tem mesmo esse dinheiro todo... Bem, isso, sim, claro que faz diferença. Você jura que não teve nada a ver com isso?... Ora, que, não matou ninguém... Claro, acredito em você... É, compreendo... Às vezes a gente se mete com certas pessoas... e elas vão além do que você queria e a culpa não é sua... Você sempre faz com que as coisas pareçam plausíveis... Você sempre foi assim... Pois bem. Está bem, vou pensar nisso, mas tem que ser logo... Amanhã, a que horas?... Sim... Sim, irei, mas nada de cheques. Pode dar rolo... Não sei, não, se devo continuar a me meter nesse tipo de coisa... Está bem. Bem, se você acha melhor... Está bem... eu não pretendia ser desagradável por causa disso... Então, está bem."

Ela saiu da cabine telefônica, caminhando em ziguezague e sorrindo internamente.

Valia a pena arriscar uma encrenquinha com a polícia para ganhar aquela dinheirama. Ela ficaria em ótima situação. E, afinal de contas, ela não ia arriscar tanto assim. Ela só tinha que dizer que tinha esquecido ou que não se lembrava. Milhares de mulheres não podiam se lembrar de coisas que tinham acontecido apenas um ano antes. Ela podia dizer que tinha confundido Harry com outro homem. Ora, ela podia pensar num montão de coisas pra dizer.

A Sra. Rival era um tipo naturalmente volúvel. Animou-se na proporção

inversa da depressão que sentira. Pôs-se a pensar seriamente, em quais seriam as primeiras coisas que ela iria comprar com o dinheiro...

27

Narrativa de Colin Lamb

— Parece que você não conseguiu arrancar muita coisa dessa tal de Sra. Ramsay – queixou-se o coronel Beck.

– Não havia muito para arrancar.

– Tem certeza disso?

– Tenho.

– Ela não é militante?

– Não.

Beck lançou-me um olhar inquisitivo.

– Você está satisfeito? – perguntou.

– Não muito.

– Você esperava mais?

– Não faz muito sentido.

– Bem... Vamos pensar por outro lado... desistir dos crescentes... O que acha?

– Está bem.

– Você está tão monossilábico. Ressaca?

– Não presto para esse trabalho – respondi, lentamente.

– Quer que eu dê umas pancadinhas na sua cabeça e diga: "tadinho, tadinho"?

Tive que rir sem querer.

– Assim está melhor – disse Beck. – Bem, agora me conte. Qual é o problema? É uma mulher, não é?

– É, sim. Isso vem acontecendo de uns tempos para cá.

– Para ser franco, eu já tinha percebido – disse Beck, inesperadamente. – O mundo anda tão confuso... As coisas não são tão claras como eram antigamente. Quando o desânimo chega, vem como uma pedrada. Se você se sente assim, acho que não precisamos mais dos seus serviços. Rapaz, você fez um trabalho de primeira. Deve se orgulhar disso. Volte para as suas malditas

algas. – Depois, de uma pausa:

– Você gosta mesmo daquelas coisas horrorosas, não é?

– Eu acho esse assunto muito interessante.

– Pois eu o acho repelente. São esplêndidas as variações da natureza, não acha? Refiro-me a essa questão de gostos. Mudando de assunto, como vai esse seu crime patenteado? Garanto que foi a moça quem o cometeu.

– Você está enganado – respondi.

Beck sacudiu o dedo em minha direção num gesto paternal e disse:

– O que eu tenho a lhe dizer é "sempre alerta". E não me refiro à expressão que usam os escoteiros.

Desci pela Charing Cross Road mergulhado em meus pensamentos. No metrô, comprei um jornal. Li que uma mulher, a qual pensavam haver desmaiado na hora do rush, em Victoria Station, dera entrada no hospital e lá se verificara que fora apunhalada. Morrera sem recobrar os sentidos.

Chamava-se Merlina Rival.

Telefonei para Hardcastle.

– É – disse ele, em resposta às minhas perguntas. – Foi exatamente como você disse.

Estava com a voz ríspida e amarga.

– Fui vê-la anteontem à noite – continuou. – Contei-lhe que a história da cicatriz não fazia sentido; que o tecido cicatricial era relativamente recente. É engraçado como as pessoas escorregam. Só porque tentam exagerar as coisas. Alguém pagou a essa mulher para identificar o morto como sendo o marido que a abandonara anos antes. Pois ela se saiu muito bem. Até cheguei a acreditar no que ela disse. E esse alguém, seja quem for, resolveu dar um tiro de inteligência. Se ela lembrasse dessa insignificante cicatrizinha como um pensamento posterior, isso daria um cunho maior de convicção à sua declaração, confirmando assim a identificação. Se ela tivesse dito isso logo de início, a história podia parecer um pouco forçada.

– Então Merlina Rival estava metida no caso até o pescoço?

– Sabe de uma coisa? Duvido. Suponha que um velho amigo ou conhecido lhe tenho dito: "Escute, estou atrapalhado. Um sujeito, com quem tive uns negócios, foi assassinado. Se o identificarem e nosso contato vier à tona, será um desastre. Mas, se você aparecer e declarar que ele é seu ex-marido, um tal de Harry Castleton, que fez uma besteira há uns anos atrás, o assunto fica encerrado."

– Mas ela não ia cair numa história dessas... diria que era muito arriscado?

– Aí, então, esse alguém diria: "Risco de quê? Na pior das hipóteses, você

poderia dizer que estava enganada. Qualquer mulher pode se enganar, depois de quinze anos." E, nessa altura, uma bela quantia deve ter sido mencionada... E ela diria "Ok, topo o negócio."

– Sem a menor suspeita?

– Não era do seu temperamento. Mas, Santo Deus, Colin, cada vez que eu prendo um assassino, encontro gente que o conhecia intimamente, e que jura jamais tê-lo imaginado capaz de uma coisa dessas, etc.

– O que foi que aconteceu quando você foi vê-la?

– Eu a deixei com a pulga atrás da orelha. Depois que saí, ela fez o que eu esperava, procurou comunicar-se com o homem ou a mulher que a envolveu no caso. Pus-lhe alguém no encalço, naturalmente. Ela foi a uma agência de correio e fez uma chamada de uma cabine telefônica. Infelizmente, não foi a cabine que eu esperava que ela usasse, no fim da sua rua. Precisava de troco. Saiu da cabine toda satisfeita. Continuou sendo seguida, mas nada aconteceu até ontem à noite, na Victoria Station, onde comprou um bilhete para Crowdean. Eram 18h30, a hora do rush. Ela estava desprevenida. Pensava encontrar esse alguém em Crowdean. Mas o astuto bandido adiantara-se sobre ela. A coisa mais fácil do mundo é postar-se atrás de alguém, na multidão, e enfiar-lhe uma faca... Acho que ela nem soube que fora apunhalada. As pessoas não percebem, sabe? Lembra-se do que aconteceu a Barton, no roubo pelo bando de Levitti? Caminhou uma quadra antes de cair morto. A pessoa sente uma dor aguda... e depois pensa que tudo passou. Mas não passou. E, sem saber, cai morta! – E ele terminou: – Maldição, maldição, maldição!

– Você já... investigou... todo mundo?

Era preciso perguntar. Não podia evitá-lo.

A resposta veio rápida e incisiva.

– A Sra. Pebmarsh passou o dia em Londres ontem. Fez um serviço para o Instituto e retornou a Crowdean no trem das 7h40. – Fez uma pausa. – E Sheila Webb levou um material datilografado para que fosse verificado por um escritor estrangeiro que estava em Londres, a caminho de Nova York. Ela deixou o Hotel Ritz às 17h30, aproximadamente, e foi ao cinema, sozinha, antes de retornar à casa da tia.

– Escute uma coisa, Hardcastle – disse eu. – Tenho algo para você. Garantido por uma testemunha ocular. No dia 9 de setembro, às 13h35, um furgão de lavanderia parou diante do nº 19 de Wilbraham Crescent. O homem que dirigia o furgão levou um enorme cesto de lavanderia até a porta dos fundos. Era um cesto particularmente grande.

– Lavanderia? Que lavanderia?

– A Lavanderia Snowflake, conhece?

– Assim, de repente, não. Estão sempre abrindo lavanderias novas. É um nome banal para uma lavanderia.

– Bem... verifique. Um *homem* dirigiu o furgão... e um *homem* levou a cesta para a casa...

De repente, Hardcastle perguntou, a voz alerta e com ares de suspeita:

– Colin, você inventou essa história?

– Não, eu já lhe disse que tenho uma testemunha ocular. Investigue, Dick. Ande com isso.

Desliguei antes que ele me amolasse mais. Saí da cabine e olhei o relógio. Tinha muito a fazer e queria estar longe do alcance de Hardcastle enquanto eu estivesse ocupado com isso. Precisava tratar do meu futuro.

28

Narrativa de Colin Lamb

Cheguei a Crowdean às 23 horas, cinco dias mais tarde. Fui para o Hotel Clarendon, pedi um quarto e me deitei. Como estava muito cansado, acabei dormindo demais. Acordei às 9h45. Pedi café com torradas e um jornal. Trouxeram-me tudo e mais um envelope grande, endereçado a mim, com as palavras "EM MÃOS" escritas em cima, à esquerda.

Examinei-o com certa surpresa. Era inesperado. O papel era grosso e caro, e o endereço fora escrito em letra de fôrma.

Depois de virá-lo e brincar com ele, abri-o.

Dentro dele havia uma folha de papel, onde lia-se em grandes letras de fôrma:

HOTEL CURLEW 23h30
Quarto 413
(Bater três vezes)

Fiquei olhando o papel, revirando-o na mão. O que queria dizer tudo isso?

Anotei o número do quarto: 413. O mesmo dos relógios. Coincidência? Ou *não* seria uma coincidência? Tive ímpetos de ligar para o Hotel Curlew. Depois,

para Dick Hardcastle. Não fiz nem uma coisa nem outra.

Acabara-se o meu sono. Levantei-me, fiz a barba, vesti-me, fui a pé até o Hotel Curlew e cheguei na hora.

Acabara-se o verão. Não havia muita gente no hotel.

Não fiz perguntas na portaria. Subi pelo elevador até o 4º andar e andei pelo corredor até chegar ao nº 413. Fiquei parado uns dois minutos. Depois, considerando-me tolo, bati três vezes. Ouvi uma voz:

– Entre.

Virei a maçaneta. A porta não estava trancada. Entrei e parei, estático. Meus olhos fixaram-se na última pessoa na terra que eu esperava encontrar lá. Hercule Poirot estava sentado à minha frente, radiante!

– *Une petite surprise, n'est-ce pas?* ******* – disse. – Mas espero que tenha sido agradável.

– Poirot, raposa velha! – exclamei. – Como foi que você veio?

– Vim numa limusine Daimler... extremamente confortável.

– Mas o que foi que você veio fazer aqui?

– Foi muito desmoralizante. Insistiram, realmente insistiram em reformar meu apartamento. Imagine a minha dificuldade. O que posso fazer? Para aonde ir?

– Há lugares aos montes – respondi, friamente.

– É possível, mas meu médico sugeriu que a brisa do mar me faria bem.

– Um desses médicos camaradas que descobre aonde seu paciente quer ir e aconselha-o a ir exatamente para lá! Foi você quem me mandou isso?

Sacudi a carta que tinha recebido.

– Naturalmente... Quem mais?

– É uma coincidência o fato de você ter o quarto nº 413?

– Não é uma coincidência. Reservei-o especialmente.

– Por quê?

Poirot inclinou a cabeça para o lado e piscou o olho.

– Pareceu-me apropriado.

– E bater três vezes?

– Não pude resistir. Teria sido ainda melhor se eu tivesse encontrado um galho de *rosemary*.******** Pensei em fazer um corte no dedo e deixar uma impressão digital ensangüentada na porta. Mas logo desisti da idéia! Poderia ter uma infecção!

– Desconfio que isso é a segunda infância – observei, friamente. – Vou lhe comprar uma bola e um coelhinho de pelúcia, logo mais.

– Estou vendo que você não gostou da minha surpresa. Você nem demonstrou alegria, deleite, quando me viu!

– Esperava que eu o fizesse?

– *Pourquoi pas*? Vamos, deixemos de brincadeiras, vamos falar sério. Pretendo ajudar. Visitei o chefe de polícia, que foi amabilíssimo, e estou esperando seu amigo, o detetive-inspetor Hardcastle.

– E o que é que você pretende dizer a ele?

– Estava pensando que nós três podíamos ter uma longa conversa!

Olhei-o e comecei a rir. Eu sabia quem ia tomar conta da conversa: Hercule Poirot!

Hardcastle chegou. Apresentei-o a Poirot e eles se cumprimentaram. Sentamo-nos sem cerimônia, em plena camaradagem. Dick, volta e meia, olhava para Poirot, sub-repticiamente, como um veterinário no zoológico estudando uma recente e curiosa aquisição. Duvido que ele tivesse conhecido alguém como Hercule Poirot!

Finalmente, observadas as cortesias e amabilidades, Hardcastle pigarreou e disse:

– Suponho, Monsieur Poirot, que o senhor gostaria de ver... bem, a cena do crime, pessoalmente? Não será fácil... – Hesitou. – O chefe de polícia disse-me que fizesse tudo pelo senhor. Mas o senhor compreende, não é, haverá dificuldades, perguntas, objeções. Mas, enfim, como o senhor veio especialmente para isso...

Poirot interrompeu-o com certa frieza.

– Eu vim para cá – disse – por causa da reforma do meu apartamento em Londres.

Soltei uma gargalhada e Poirot lançou-me um olhar de reprovação.

– O Sr. Poirot não precisa visitar a cena do crime – atalhei. – Ele sempre insistiu que, para resolver um caso, não precisa sair de sua poltrona. Mas isso não é verdade, é, Poirot? Nem razão pela qual você veio.

Poirot respondeu com dignidade:

– Eu disse que não era preciso agir como um cão de caça, farejando aqui e ali. Mas admito que o cão é necessário para se caçar, mas tem de ser um cão que traga a caça. Um dos bons.

Ele se virou para o inspetor e continuou a palestra, torcendo a ponta do bigode com uma das mãos, num gesto de aparente satisfação.

– Deixe-me dizer-lhe que não sou igual aos ingleses, obcecado por cachorros. No que me diz respeito, posso viver perfeitamente sem eles. Entretanto, aceito o apreço de vocês pelo cão. O homem ama e respeita o seu cão. Mima-o, gaba-se da inteligência e da sagacidade do seu cão aos amigos. Agora, porém, imaginem que possa também ocorrer o contrário. O cão gosta do

dono, agrada-o! Ele também se gaba do dono, da sua inteligência, de sua sagacidade. E, assim como um homem sai de casa, sem vontade, só para passear com o seu cão, porque este gosta dos passeios, o cão também se esforça para dar ao dono o que este almeja ter.

"Foi o que aconteceu com o meu jovem amigo Colin. Ele veio me ver, não para pedir que o ajudasse a resolver seu problema, pois tinha certeza de poder solucioná-lo sozinho, o que, segundo creio, possivelmente tenha feito. Não, ele estava preocupado, pensando que eu me sentia ocioso e solitário. Então, trouxe-me um problema que lhe pareceu capaz de despertar meu interesse, e assim eu teria uma ocupação. Desafiou-me com ele... Desafiou-me a fazer o que eu lhe dissera tantas vezes ser capaz de fazer, sentadinho na cadeira, dando tempo ao tempo. Pode ser, creio mesmo, que houvesse um pouco de malícia, uma coisinha de nada, por trás desse desafio. Digamos que ele queria provar que isso não era lá tão fácil. *Mais oui, mon ami*, é verdade! Você quis se divertir à minha custa... só um pouquinho! Não o censuro. Só quero dizer que você não conhece o seu Hercule Poirot."

Ele projetou o peito para a frente, torcendo os bigodes. Olhei-o, sorrindo afetuosamente.

– Muito bem – disse eu. – Dê-nos a solução do problema... se é que você a tem.

– Mas é claro que eu a tenho!

Hardcastle encarou-o, sem poder acreditar.

– O senhor quer dizer que *sabe* quem matou o homem do nº 19 de Wilbraham Crescent?

– Certamente.

– E também quem matou Edna Brent?

– Claro!

– E o senhor sabe a identidade do morto?

– Sei quem ele deve ser.

Lia-se no rosto de Hardcastle a mais total incredulidade. Por respeito ao chefe de polícia, ele não fez comentários, mas sua voz traía seu ceticismo.

– Desculpe, Monsieur Poirot, o senhor diz que sabe quem matou três pessoas. E o motivo?

– Também.

– A solução não oferece a menor dúvida?

– Isso não posso afirmar.

– Então você quer dizer que tem apenas um palpite – disse eu, maldoso.

– Não vou brigar com você por causa de uma palavra, *mon cher* Colin. Só digo uma coisa, eu *sei*!

Hardcastle suspirou.

– Mas, Sr. Poirot, *eu* preciso ter provas!

– Naturalmente, mas, com os recursos de que dispõe, será possível, creio, conseguir essas provas.

– Não tenho tanta certeza disso.

– Ora, inspetor. Se o senhor sabe... *sabe*, mesmo... não é esse o primeiro passo? Não é quase sempre a partir daí que a coisa começa?

– Nem sempre – disse Hardcastle, com um suspiro. – Há homens andando por aí que deviam estar na cadeia. Eles sabem disso, e nós também.

– Mas a porcentagem é muito pequena, não é? – interrompi.

– Está bem. Está bem. O senhor sabe... Então conte para a gente!

– Percebo que você ainda está cético. Antes de tudo, quero dizer isto: ter certeza significa que se conseguiu a solução exata e tudo se encaixou. Você percebe que não poderia ser de nenhum outro modo.

– Pelo amor de Deus – disse eu. – Ande com isso! Eu lhe concedo todos os pontos que você fez.

Poirot acomodou-se na cadeira e fez sinal para que o inspetor tornasse a encher o copo.

– *Mes amis*, é preciso compreender muito bem uma coisa. Para solucionar qualquer problema, é preciso ter os fatos. Para isso, é preciso ter o cão, o cão que traz as peças, uma por uma, e as põe aos...

– Aos pés do dono – disse eu. – Está certo.

– Não se pode resolver um caso sentado na cadeira, só com o que se lê nos jornais. Os fatos têm de ser exatos, e os jornais raramente o são. Dizem que uma coisa aconteceu às 16 horas, quando foi 15 minutos mais tarde, dizem que um homem tem uma irmã chamada Elizabeth, quando na verdade tem uma cunhada chamada Alexandra. E assim por diante. Mas Colin, aqui, é um cão de extraordinária habilidade... uma habilidade, devo dizer, que o levou longe em sua carreira. Ele sempre teve uma memória excepcional. É capaz de repetir, mesmo vários dias mais tarde, conversas passadas. Pode repeti-las exatamente, quero dizer, sem confundi-las, como quase todos fazemos, com a impressão que elas *lhe* causaram. Em outras palavras, ele não diria "às 11h20, o correio chegou", em vez de descrever o que realmente aconteceu, isto é, que ouviu-se uma batida na porta da frente e alguém entrou com cartas na mão. Tudo isso é muito importante. Quer dizer que ele ouviu o que *eu* teria ouvido, se tivesse estado lá, e *viu* o que *eu* teria visto.

– Só que o pobre do cão não tirou as conclusões necessárias...

– Então, na medida do possível, eu tenho os fatos. "Estou por dentro." É uma expressão que vocês usavam na guerra, não é? *Estar por dentro*. O que me

impressionou, em primeiro lugar, quando Colin me contou a história, foi seu caráter extremamente fantástico! Quatro relógios, todos parados e adiantados uma hora em relação à hora certa... e introduzidos na casa sem o conhecimento da proprietária, pelo menos segundo o que *ela* disse. Porque não devemos nunca acreditar no que nos dizem, enquanto essas declarações não forem cuidadosamente verificadas, não é?

– Sua mente trabalha da mesma forma que a minha – concordou Hardcastle.

– No chão jaz um morto... um cavalheiro de aspecto respeitável. Ninguém sabe quem ele é (pelo menos é o que todos dizem). Em seu bolso há um cartão com o nome de R. H. Curry, 7 Denvers Street, Companhia de Seguros Metropolitana. Mas a Companhia de Seguros Metropolitana não existe. Denvers Street não existe, e parece que o tal Sr. Curry também não existe. Isso é uma prova negativa, mas é uma prova. Vamos adiante. Aparentemente, faltando dez minutos para as 14 horas, telefonam para um escritório de secretariado e alguém que se identifica como Sra. Pebmarsh pede que mandem uma estenógrafa ao nº 19 de Wilbraham Crescent, às 15 horas. Insiste para que mandem uma tal Srta. Sheila Webb. Srta. Webb vai. Chega alguns minutos antes das 15 horas. Seguindo instruções, vai diretamente para a sala, encontra um homem morto no chão, e sai da casa aos gritos, caindo nos braços de um rapaz.

Poirot parou e voltou-se para mim.

Inclinei-me e disse:

– Entra o jovem herói.

– Está vendo? – disse Poirot, chamando-nos a atenção. – Nem você pode resistir à tentação de empregar um tom de farsa, melodramático, quando se refere ao caso. Tudo é melodramático, fantástico e completamente irreal. É o tipo da coisa que poderia acontecer nos livros de alguém como Garry Gregson, por exemplo. Posso acrescentar que, quando Colin veio com essa história, eu estava mergulhado na leitura dos grandes escritores do romance policial dos últimos sessenta anos. Interessantíssimo. A gente quase chega a ver o crime real à luz da ficção. Quer dizer, se eu vejo que um cão não ladra quando devia, penso: "Ah! Um crime de Sherlock Holmes!" Da mesma forma, se o defunto foi encontrado num quarto trancado, penso naturalmente: "Ah! Um caso de Dickinson Carr!" E temos minha amiga, Sra. Oliver. Se eu achasse... mas não direi mais nada. Entendem o que eu quero dizer? Eis aqui o cenário de um crime com circunstâncias tão improváveis que logo pensamos: este livro não corresponde à vida real. Tudo isso é imaginário. Porém, infelizmente, neste caso, esse raciocínio não se aplica porque o crime é real. Aconteceu. Isso faz a

gente pensar furiosamente, não é?

Hardcastle não se expressaria dessa forma, mas concordou inteiramente com o sentimento, meneando a cabeça com energia.

Poirot continuou:

– É o contrário de Chesterton: "Onde é que você esconde uma folha? Na floresta. Onde esconde uma pedrinha? Na praia." Aqui há excessos, fantasia, melodrama! Quando digo a mim mesmo, simulando Chesterton – "Onde uma mulher madura esconde sua beleza decadente?" – não respondo: "Entre outros rostos maduros decadentes." Nada disso. Ela se esconde por baixo da pintura, por baixo do *rouge* e do rímel, embrulhada em lindos casacos de pele, com jóias no pescoço e nas orelhas. O senhor entende?

– Bem... – disse o inspetor, disfarçando o fato de que ele não estava entendendo nada.

– Porque, então, sabe, todos olham para as peles, jóias, penteado e para a *haute couture* , e não olham para a mulher, não vêem como ela é. Então, eu disse a mim mesmo... e ao meu amigo Colin: já que esse crime tem tantos detalhes fantásticos para desviar a atenção, ele deve ser muito simples. Eu disse isso, não foi?

– Foi – respondi –, mas ainda não entendi como você possa ter razão.

– Para isso, é preciso esperar. Então, descartemo-nos dos *detalhes* do crime e vamos aos essenciais. Um homem foi assassinado. Por que foi morto? E quem é ele? A resposta à primeira pergunta dependerá obviamente da resposta à segunda. E, enquanto não tivermos a resposta certa a essas duas perguntas, não poderemos ir para a frente. Ele podia ser um chantagista. Um malandro ou o marido de alguém, cuja existência atrapalhasse ou fosse perigosa para a esposa. Ele podia ser uma dúzia de coisas. Quanto mais eu ouço, tanto mais todos parecem concordar que ele *parecia* um homem perfeitamente comum, distinto, um senhor respeitável. E, de repente, eu digo a mim mesmo: você acha que se trata de um crime simples? Muito bem, então prove. Deixe esse homem ser *exatamente o que ele parece ser* : um senhor respeitável e distinto. – Ele olhou para o inspetor: – Compreende?

– Bem... – disse novamente o inspetor, e calou-se por cortesia.

– Então, aqui temos um senhor comum, simpático, cuja remoção era necessária para *alguém*. Para quem? E aqui, finalmente, conseguimos reduzir o campo de ação. Conhecemos a Sra. Pebmarsh e seus hábitos; o Escritório Cavendish de Secretariado e uma moça chamada Sheila Webb que trabalha lá. Então eu disse ao meu amigo Colin: os vizinhos. Converse com eles. Investigue-os. O passado deles. Mas, acima de tudo, puxe conversa com eles. Porque, numa conversa, você não se limita a recolher respostas às suas perguntas... no

bate-boca cotidiano, as coisas escapam. Quando o assunto parece ser perigoso para elas, as pessoas ficam de sobreaviso, mas, quando a conversa se banaliza, elas relaxam, vencidas pelo alívio de dizer a verdade, que é sempre mais fácil do que a mentira. E aí deixam escapar uma palavrinha que, à revelia delas, muda tudo.

– Uma exposição admirável – disse eu. – Infelizmente, não foi o que aconteceu neste caso.

– Sim, *mon cher*, aconteceu. Uma frasezinha de inestimável importância.

– O que foi? – perguntei. – Quem foi que a disse? Quando?

– Aguarde o momento, *mon cher*.

– O que o senhor estava dizendo, Monsieur Poirot?

O inspetor, cortesmente, trouxe Poirot de volta ao assunto.

– Se você desenhar um círculo em torno do nº 19, qualquer pessoa dentro dele *poderia* ter matado o Sr. Curry: a Sra. Hemming, os Bland, os McNaughton, a Sra. Warterhouse. Mas as pessoas mais importantes ainda são as que já estão colocadas na cena do crime: a Sra. Pebmarsh, que poderia tê-lo matado antes de sair às 13h35 ou por aí, e Srta. Webb, que poderia ter marcado um encontro com ele, matando-o antes de sair da casa e dar o alarme.

– Ah – disse o inspetor. – Agora o senhor está falando claramente.

– E também *você*, meu caro Colin, naturalmente. Você também estava lá. Procurando um número alto onde só havia casas de numeração baixas.

– Muito bem – respondi, indignado. – O que mais você vai dizer?

– Eu? Eu posso dizer qualquer coisa! – disse Poirot, com ênfase.

– E fui *eu* quem vim e pus a história toda no seu colo!

– Os assassinos quase sempre são pretensiosos – observou Poirot. – Isso também teria agradado a você... divertir-se à minha custa com uma brincadeira dessas!

– Se você continuar, vai acabar me convencendo.

Eu já estava começando a me sentir mal.

Poirot voltou-se para Hardcastle.

– Aqui, pensei, deve tratar-se essencialmente de um crime simples. A presença irritante dos relógios, o adiantamento de uma hora, os arranjos tão deliberados para a descoberta do corpo, tudo isso nós vamos deixar de lado, por enquanto. São, como na imortal *Alice*, sapatos e navios e lacres e repolhos e reis. O ponto vital é que um homem qualquer foi morto e alguém precisava que ele morresse. Se soubéssemos quem ele era, isso já nos daria uma indicação para o assassino. Se ele fosse um chantagista conhecido, então teríamos de procurar alguém que pudesse ter sido explorado. Se fosse um detetive, então teríamos que procurar um homem com um segredo criminoso; se ele fosse rico,

procuraríamos entre os herdeiros. Mas se não sabemos quem o homem é... então nossa tarefa é mais difícil: procurar, entre os que estão no círculo, alguém que tinha um motivo para matar. Tirando a Sra. Pebmarsh e Sheila Webb, qual das pessoas do círculo não é o que parece? A resposta é desanimadora, com exceção do Sr. Ramsay que, segundo ouvi, não é o que pretendia ser.

Poirot olhou para mim, interrogativamente, e eu confirmei.

– As *bona fides* de todos são genuínas. Bland é um arquiteto local conhecido; McNaughton, um catedrático de Cambridge; Sra. Hemming, a viúva do leiloeiro local; os Waterhouse, residentes respeitáveis e de longa data. Então voltamos ao Sr. Curry. De onde vem ele? O que o trouxe a Wilbraham Crescent? E, aqui, há uma notável observação feita por uma das vizinhas, a Sra. Hemming. Ao saber que o morto não vivia em Wilbraham Crescent, ela disse: "Ah! Sim. Ele veio só para ser morto. Que esquisito!" Ela tinha o dom – um dom que geralmente têm aqueles que se ocupam demais com os próprios pensamentos para prestar atenção ao que os outros dizem – de pôr o dedo no problema. Ela sintetizou o crime. *Sr. Curry veio ao nº 19 de Wilbraham Crescent para ser morto*. É só isso.

– Essa observação dela me impressionou, quando a ouvi.

Poirot nem ligou para mim.

– "Bla, blá, blá... venha e morto será." Sr. Curry veio... e foi morto. Mas não foi só isso. O importante era evitar que fosse identificado. Não tinha carteira, nem documentos, removeram-lhe as marcas de alfaiate das roupas. Mas isso não era o bastante. O cartão impresso com o nome de Curry, Corretor de Seguros, foi uma medida apenas temporária. Se a verdadeira identidade do homem tivesse de ser escondida permanentemente, ele precisava ter uma identidade falsa. Mais cedo ou mais tarde, eu estava convencido, surgiria alguém reconhecendo-o positivamente, e pronto. Um irmão, uma irmã, uma esposa. Foi a esposa, a Sra. Rival... e bastaria esse nome para despertar suspeitas. Há uma aldeia em Somerset (já estive lá com amigos) que se chama Curry Rival. Subconscientemente, sem saber por quê, os dois nomes sugeriam-se mutuamente, foram escolhidos: Sr. Curry... Sra. Rival. Bem, até aqui o plano é óbvio, mas o que me intrigava era saber por que nosso assassino estava convencido de que não haveria uma identificação *real*. Se o homem não tinha família, havia sempre criados, senhorios, sócios. E isso me levou a outra conclusão: não dariam falta dele. Outra conclusão a que cheguei foi que ele não era inglês, estando apenas de visita por aqui. E isso confirmava o fato de sua dentadura não corresponder aos arquivos dentários locais. Comecei a fazer um esboço da vítima e do assassino. Nada mais do que isso. O crime foi bem planejado e inteligentemente executado, mas então aconteceu o azar que

nenhum assassino pode prever.

– E o que foi? – perguntou Hardcastle.

Inesperadamente, Poirot jogou a cabeça para trás e recitou dramaticamente:

Por causa de um prego, a ferradura se perdeu,
Por causa de uma ferradura, o cavalo se perdeu,
Por causa de um cavalo, o cavaleiro se perdeu,
Por causa de um cavaleiro, a batalha se perdeu,
Por causa de uma batalha, o reino se perdeu,
E tudo por causa do prego de uma ferradura.

Ele se inclinou para a frente.

– Muita gente poderia ter matado o Sr. Curry. Mas somente uma pessoa poderia ter matado ou ter razões para matar a moça Edna.

Nós dois o encaramos, surpresos.

– Vamos falar do Escritório Cavendish de Secretariado e Datilografia. Lá trabalham oito moças. No dia 9 de setembro, quatro delas tinham saído para executar tarefas a certa distância... isto é, com o almoço pago pelos clientes para quem tinham ido trabalhar. Eram as quatro que normalmente almoçam entre 12h30 e 13h30. As quatro que ficaram, Sheila Webb, Edna Brent e duas moças, Janet e Maureen, almoçam de 13h30 às 14h30. Mas, nesse dia, Edna Brent sofreu um acidente logo depois de sair do escritório. O salto do sapato foi arrancado numa grade. Não podia caminhar assim, então comprou uns pãezinhos e voltou ao escritório.

Poirot sacudiu o dedo energicamente em nossa direção.

– Fomos informados de que Edna Brent estava preocupada com alguma coisa. Ela procurou encontrar-se com Sheila Webb fora do escritório, mas não conseguiu. Deduziu-se que essa preocupação era relacionada a Sheila Webb, mas não há provas. Talvez ela quisesse apenas consultar Sheila Webb sobre algo que a intrigara... neste caso, isso está bem claro. Ela queria falar com Sheila Webb *fora* do escritório. As palavras que ela disse ao policial no inquérito são a única pista sobre o que a intrigava. Ela disse algo parecido com: "Não sei como pode ser verdade o que ela disse." Três mulheres prestaram depoimento naquela manhã. Edna poderia estar se referindo à Sra. Pebmarsh. Ou então, conforme a opinião geral, a Sheila Webb. Mas *há* uma terceira possibilidade. Ela podia estar se referindo à Sra. Martindale.

– Sra. Martindale? Mas a declaração dela durou apenas alguns minutos.

– Exatamente. Consistiu no telefonema que ela diz ter recebido da Sra.

Pebmarsh.

– Você quer dizer que Edna sabia que o telefonema não era da Sra. Pebmarsh?

– Mais simples ainda do que isso. Estou sugerindo que *não houve* telefonema algum. – E continuou: – O salto do sapato de Edna quebrou. A grade era perto da firma. Ela voltou para lá. Mas a Sra. Martindale, que estava em seu escritório, não sabia que ela tinha voltado. Só o que precisava fazer era dizer que tinha recebido um telefonema às 13h49. Inicialmente, Edna não percebe a importância do que ela sabe. Sheila é chamada pela Sra. Martindale, que a manda sair para executar um serviço. Edna não fica sabendo como e quando esse serviço foi agendado. Aos poucos, define-se o caso do assassinato, que chega ao seu conhecimento. A Sra. Pebmarsh *telefonou* e pediu que mandassem Sheila Webb. Mas a Sra. Pebmarsh diz que não foi ela quem telefonou. Consta que o chamado foi feito às 13h40. Mas *Edna sabe que isso não pode ser verdade*. Ninguém pode ter telefonado. A Sra. Martindale deve estar enganada... Mas a Sra. Martindale não erra nunca, e, quanto mais Edna pensa nisso, mais intrigada fica. Ela precisa conversar com Sheila a respeito disso. Sheila deve saber. E chega o dia do inquérito. E todas as meninas comparecem. A Sra. Martindale repete a história do telefonema e Edna sabe, agora de uma vez por todas, que a declaração feita pela Sra. Martindale com tanta clareza e precisão em relação à hora exata é falsa. Foi então que ela perguntou ao guarda se podia falar com o inspetor. Provavelmente, a Sra. Martindale saía do Tribunal, no meio da multidão, quando a ouviu fazer a pergunta. Talvez ela já tivesse ouvido as meninas caçoarem com Edna, a respeito de seu acidente com o sapato, sem ter avaliado o que isso representava. De qualquer forma, seguiu a moça até Wilbraham Crescent. Que teria Edna ido fazer lá? Isso me deixa intrigado.

– Ora, olhar o lugar onde aconteceu o crime, é o que todos fazem – respondeu Hardcastle, com um suspiro.

– É isso mesmo. Talvez a Sra. Martindale tenha falado com ela, lá enquanto desciam juntas pela rua, e aí, então, Edna faz a pergunta. Estão perto da cabine telefônica. A Sra. Martindale age rapidamente. Ela diz: "Isso é muito importante. Você precisa avisar logo a polícia. Aqui está o número da delegacia. Telefone para lá e diga que estamos a caminho." Para Edna, obedecer é um reflexo natural. Ela entra, pega o fone, a Sra. Martindale entra atrás dela e aperta-lhe a echarpe no pescoço, estrangulando-a.

– E ninguém viu isso?

Poirot encolheu os ombros.

– Podiam ter visto, mas não viram. Eram quase 13 horas. Hora do almoço.

E o povo que anda por Wilbraham Crescent está de boca aberta diante do nº 19. Foi uma oportunidade agarrada à unha por uma mulher audaciosa e sem escrúpulos.

Hardcastle sacudiu a cabeça com um ar de dúvida.

– Sra. Martindale? Não vejo de que forma ela possa estar metida nisso.

– Não, não se vê, mesmo, inicialmente. Mas considerando que ela matou Edna... sim, senhor... só ela poderia ter matado Edna, então ela *está* metida no caso. E estou começando a suspeitar que a Sra. Martindale é a Lady Macbeth deste crime, uma mulher implacável e sem imaginação.

– Sem imaginação? – indagou Hardcastle.

– Sim, senhor, sem imaginação. Mas muito eficiente. Boa planejadora.

– Mas por quê? Qual o motivo?

Poirot olhou para mim. Sacudiu o dedo.

– Então, conversar com os vizinhos não lhe adiantaria de nada, hein? Achei uma frase altamente esclarecedora. Você se lembra de que, depois de falar em viver fora, a Sra. Bland comentou que gostava de viver em Crowdean *porque uma irmã sua vivia aqui* ? Mas a Sra. Bland, *para todos os efeitos, não tinha irmãos*. Ela herdara uma enorme fortuna, um ano atrás, de um tio-avô canadense, por ser o *único* membro sobrevivente de sua família.

Hardcastle moveu-se na cadeira, curioso.

– E o senhor acha...

Poirot recostou-se na cadeira e juntou as pontas dos dedos. Semicerrou os olhos e falou, com olhar distante:

– Vamos supor que você seja um homem pouco escrupuloso e muito ordinário, metido em maus lençóis financeiros. Chega uma carta de uma firma de advogados, dizendo que sua mulher herdou uma grande fortuna de um tio-avô, no Canadá. A carta vem endereçada à Sra. Bland, mas a única dificuldade é quem que a recebe é a Sra. Bland *errada* – a segunda esposa... e não a primeira... – Imagine o desgosto! A fúria! E então brota a idéia. Quem é que sabe que ela é a Sra. Bland errada? Ninguém *sabe*, em Crowdean, que o Sr. Bland já foi casado com outra mulher. O primeiro casamento, anos antes, acontecera durante a guerra, quando ele vivia no exterior. Presumivelmente, sua primeira esposa faleceu logo depois e ele tornou a casar, quase imediatamente. Ele tem a certidão de casamento original, vários papéis de família, fotografias de parentes canadenses já falecidos... Parece que a coisa irá de vento em popa. De qualquer jeito, valia a pena arriscar. Arriscaram e ganharam. Terminaram todas as formalidades legais. E aí vemos os Bland, ricos e prósperos, sem mais problemas financeiros... E então, um ano mais tarde, algo acontece. O que é que acontece? Imagino que alguém estivesse a caminho

do Canadá para cá... e esse alguém conheceu a primeira Sra. Bland tão bem que não ia deixar-se enganar por nenhuma outra pessoa. Pode tratar-se de um velho advogado da família ou de um amigo íntimo... Mas, quem quer que seja, ele *vai saber*. Talvez eles tenham pensado nos vários meios de impedir esse encontro. A Sra. Bland podia fingir-se doente, poderia viajar para fora... Mas qualquer dessas situações serviria somente para despertar as suspeitas. O visitante insistiria em ver a mulher que ele viera procurar.

– E aí... assassinato?

– Exatamente. E foi aqui, creio, que a irmã da Sra. Bland entrou em cena como orientadora. Foi ela quem planejou e realizou tudo.

– O senhor está partindo do princípio de que a Sra. Martindale e a Sra. Bland são irmãs?

– É o único jeito de as coisas fazerem sentido.

– Quando eu vi a Sra. Bland, ela me lembrou outra pessoa – disse Hardcastle. – Elas são muito diferentes no modo de ser... Mas é verdade... Há uma semelhança. Mas como é que elas pretendiam sair-se bem? Dariam por falta do homem. Começariam as investigações...

– Se esse homem viajara para o exterior por prazer e não a negócios, seu itinerário seria incerto. Uma carta daqui... um postal dali... levaria algum tempo até começarem a se preocupar com a falta de notícias. Nessa altura, quem faria a ligação entre um homem identificado e enterrado como Harry Castleton e um canadense rico, que viera a este país, mas que ninguém vira? Se eu fosse o assassino, daria uma fugida até a França ou a Bélgica e perderia o passaporte do morto num trem ou num bonde, a fim de que o inquérito começasse em outro país.

Fiz um movimento involuntário e os olhos de Poirot voltaram-se para mim.

– O que foi? – perguntou.

– Bland contou-me que, recentemente, dera um pulo até Boulogne com uma loira, voltando no mesmo dia, se não me engano...

– O que seria muito natural. Certamente, é um hábito seu.

– Mas isto ainda é conjectura – objetou Hardcastle.

– Mas podemos fazer umas verificações – disse Poirot.

Ele tirou uma folha de papel timbrado do hotel da estante que tinha à frente e entregou-a a Hardcastle.

– Se o senhor escrever ao Sr. Enderby, em Ennismore Gardens, nº 10, ele prometeu fazer algumas investigações no Canadá para mim. É um advogado internacionalmente conhecido.

– E o que é que você sabe a respeito desses tais relógios?

– Ah! Os relógios! Os famosos relógios! – sorriu Poirot. – Acho que o

senhor descobrirá que a Sra. Martindale é responsável por eles. Já que o crime era simples, como eu disse, era preciso fazê-lo parecer fantástico. O relógio que Sheila Webb levou para consertar, o que tinha o nome Rosemary gravado, será que ela o perdeu no Escritório Cavendish? Será que a Sra. Martindale se inspirou nele para criar sua encenação e, por causa disso, escolheu Sheila para ser a descobridora do cadáver...?

Hardcastle explodiu:

– E o senhor ainda diz que essa mulher não tem imaginação? Depois de inventar tudo isso!

– Mas ela não inventou tudo isso. Isso é que é interessante. Estava tudo prontinho... esperando por ela. Desde o princípio, percebi o padrão... um padrão que eu conhecia. Um padrão familiar, pois eu andava lendo histórias com este mesmo padrão. Tive uma sorte louca. Colin poderá lhe contar que, esta semana, participei de um leilão de manuscritos. Dentre eles, havia alguns de Garry Gregson. Mal pude acreditar... Mas a sorte estava comigo. Aqui... – Com uma expressão de triunfo, ele sacou dois cadernos surrados do fundo de uma gaveta. – ... Está tudo aqui. Entre as tramas dos vários livros que ele pretendia descrever. Ele não chegou a escrever este livro... Mas a Sra. Martindale, que fora sua secretária, sabia de tudo. Ela roubou-lhe a idéia, para servir ao seu propósito.

– Mas os relógios deviam significar alguma coisa... na trama de Gregson, quero dizer.

– Pois é. Na história, os relógios marcavam 5h01, 5h04 e 5h07. Esses números revelaram o segredo do cofre, 51-54-57. O cofre estava escondido por trás de uma reprodução da Mona Lisa. Dentro do cofre – continuou Poirot, com ar de repugnância – estavam as jóias da coroa da família real da Rússia. *Un tas de bêtises,*********** tudo aquilo! Era, naturalmente, uma história típica: a moça perseguida. *La* Martindale não podia ter tido mais sorte. Ela apenas escolheu seus personagens locais e adaptou a história ao seu plano. Todas essas pistas fabulosas levavam... aonde? A parte alguma! Muito eficiente, sim, senhor... Ele lhe deixou um legado... Como será que ele morreu?

Hardcastle recusou-se a se interessar pelo passado. Pegou os cadernos e tirou-me a folha de papel das mãos timbrado do hotel. Nos dois últimos minutos eu a estivera contemplando, fascinado.

Hardcastle rabiscara o endereço de Enderby sem se dar ao trabalho de pôr o cabeçalho do papel para cima. O endereço do hotel ficara de cabeça para baixo no canto esquerdo do papel.

Fitando aquela folha de papel, compreendi como tinha sido tolo.

– Bem, muito obrigado, Monsieur Poirot – disse Hardcastle. – O senhor nos

deu bastante assunto para pensar. Bem, se isso der em alguma coisa...

– Sinto-me felicíssimo, se pude ser útil.

Poirot fez-se de modesto.

– Preciso conferir muitas coisas.

– Naturalmente... naturalmente...

Depois de feitas as despedidas, Hardcastle partiu.

Poirot voltou sua atenção para mim. Levantou as sobrancelhas.

– *Eh, bien*... Posso perguntar que bicho mordeu você? Está parecendo alguém que viu um fantasma!

– Eu vi que tolo tenho sido.

– Ah! Bem, isso acontece a muita gente boa. Mas, certamente, nunca a Hercule Poirot!

Senti vontade de atacá-lo.

– Diga-me só uma coisa, Poirot. Conforme disse, se você podia chegar a essas conclusões sem sair de sua cadeira, em Londres, e certamente conseguira convencer-nos, Dick e a mim, a irmos ter com você lá, por que... você veio para cá, afinal?

– Eu já disse, estão reformando meu apartamento.

– Mas eles teriam dado. Ou você poderia ter ido para o Ritz, estaria muito melhor lá do que aqui, no Hotel Curlew.

– Não tenho a menor dúvida – disse Hercule Poirot. – O café daqui, *mon Dieu*, que café!

– Então, por quê?

Hercule Poirot ficou enfurecido.

– *Eh bien*, já que você é tão estúpido que não percebe, vou lhe contar. Sou humano, não sou? Posso ser uma máquina, também, se for preciso. Posso deitar-me e pensar. Também sei solucionar problemas. Mas sou humano, ouviu? E os problemas se relacionam aos homens.

– E daí?

– A explicação é tão simples quanto o crime. Vim só por curiosidade – disse Hercule Poirot, tentando salvaguardar a dignidade.

29

Narrativa de Colin Lamb

Mais uma vez fui até Wilbraham Crescent, tomando a direção ocidental.

Parei diante do nº 19. Dessa vez, ninguém veio lá de dentro aos gritos. A casa parecia tranqüila.

Fui até a porta e toquei a campainha.

A Sra. Millicent Pebmarsh abriu-a.

– Sou eu, Colin Lamb. Posso entrar e conversar com a senhora?

– Claro!

Ela me recebeu e entramos na sala.

– Parece que o senhor está passando uma boa temporada por aqui, Sr. Lamb. Ouvi dizer que o senhor não tem ligação com a polícia local...

– É isso mesmo. Tenho até a impressão de que a senhora soube exatamente quem eu era, no primeiro dia em que nos falamos.

– Acho que não sei o quer dizer.

– Fui extremamente estúpido, Sra. Pebmarsh. Vim aqui para procurá-la. Achei-a no mesmo dia em que cheguei... e não sabia que a tinha encontrado.

– Provavelmente o crime desviou-lhe a atenção.

– Exatamente. E fui ainda estúpido o bastante para olhar para uma folha de papel de cabeça para baixo.

– Aonde quer chegar?

– Que descobri tudo, Sra. Pebmarsh. Descobri o quartel-general de onde vêm as ordens. Os arquivos e memorandos necessários ficam sob sua responsabilidade, através do sistema braile. A informação que Larkin recebeu em Portlebury foi passada para a senhora. Daqui seguiu para o seu destino, por meio de Ramsay. Ele vinha até a sua casa, à noite, pelo jardim, sempre que era necessário. Certa vez, perdeu uma moeda tcheca...

– Descuido da parte dele.

– Mais cedo ou mais tarde, todos nós nos descuidamos. A sua cobertura era ótima. É cega, trabalha num instituto para crianças deficientes, e guarda em sua casa, como é natural, os livros das crianças em braile... A senhora é uma mulher de inteligência e personalidade incomuns. Não sei o que a impele...

– Poderia-se dizer que sou devotada.

– É, acho que é isso mesmo.

– E por que o senhor está me dizendo tudo isso? Parece estranho...

Olhei meu relógio de pulso.

– A senhora tem duas horas, Sra. Pebmarsh. Dentro de duas horas, membros do Serviço Especial virão até aqui, tomar conta...

– Não entendo. Por que o senhor viria até aqui antes de seus colegas, para avisar-me...

– É uma advertência. Vim até aqui e ficarei até os meus companheiros chegarem, para que nada saia desta casa... com uma exceção apenas, a senhora. A senhora tem duas horas de vantagem, se preferir partir.

– Mas por quê? *Por quê?*

Respondi lentamente:

– Porque eu desconfio de que há uma possibilidade remota de a senhora vir a ser minha sogra... Posso estar enganado.

Fez-se silêncio. Millicent Pebmarsh levantou-se e foi para a janela. Não tirei os olhos dela. Eu não tinha ilusões a seu respeito. Não confiava nem um pouco nela. Era cega, mas mesmo uma cega pode agarrar um homem, se o pegar desprevenido. A cegueira não lhe criaria obstáculos, se tivesse a oportunidade de encostar-me uma arma automática nas costas.

– Não lhe direi se tem razão ou não. Por que é que pensa assim? – disse ela, tranqüila.

– Os olhos.

– Mas somos tão diferentes, no caráter.

– São, sim.

Falou, quase num desafio:

– Fiz por ela o melhor que pude.

– É uma questão de opinião. A senhora pôs sua causa em primeiro lugar.

– Como deve ser.

– Não concordo.

Depois de um novo silêncio, perguntei:

– Sabia quem ela era... naquele dia?

– Só depois de ter ouvido o seu nome... Sempre estive informada a seu respeito.

– A senhora nunca foi tão desumana como gostaria.

– Não diga bobagens.

Tornei a olhar o relógio de pulso.

– O tempo está passando – disse eu.

Ela voltou da janela e inclinou-se sobre a mesa.

– Tenho uma foto dela, aqui... de quando era criança...

Eu estava atrás dela, quando puxou a gaveta...

Não havia nela uma arma automática, mas uma faca mortal...

Minha mão fechou-se sobre a dela e arranquei-lhe a faca.

– Posso ser *mole*, mas não sou louco.

Ela procurou a cadeira e sentou-se. Não demonstrou a menor emoção.

– Não vou me aproveitar da sua oferta. Do que me adiantaria? Ficarei aqui, até... eles chegarem. Há sempre oportunidades... mesmo na prisão.

– Para doutrinação, a senhora quer dizer?

– Se quiser expressar-se assim.

Sentamo-nos, sentindo no ar a hostilidade mútua, mas nos compreendendo.

– Pedi demissão – disse eu. – Vou voltar para o meu velho emprego... de biólogo marinho. Ofereceram-me uma oportunidade numa universidade na Austrália.

– Acho que faz bem. Você não tem as qualidades necessárias para esse serviço. Você é igual ao pai de Rosemary. Ele não podia compreender a máxima de Lênin: *Acabar com a bondade*.

Lembrei-me das palavras de Hercule Poirot.

– Contento-me em ser simplesmente humano...

Ficamos em silêncio, plenamente convencidos de que o outro estava errado.

Notas

* Em português, cordeiro. (*N. da T.*)
** Em português, chocante. (*N. da T.*)
*** “Eu lhe agradeço infinitamente.” (*N. da T.*)
**** “Chegou a hora, disse a Morsa, /De se falar de muitas coisas/ De sapatos e barcos e cera, /E de repolhos e reis./ E de por que o mar está fervendo / E de se perguntar se os porcos têm asas.” (*N. da T.*)
***** Especialidade inglesa, espécie de bolo doce (*N. da T.*)
****** Trocadilho com a palavra *lamb*, que em inglês significa cordeiro. (*N. do R.*)
******* “Uma pequena surpresa, não é?” (*N. da T.*)
******** Em português, alecrim. (*N. da T.*)
********* “Uma porção de bobagens.” (*N. do R.)*

CARTA DO DETETIVE-INSPETOR HARDCASTLE A HERCULE POIROT

Caro Monsieur Poirot:

Temos em mãos, agora, alguns fatos de que o senhor gostará de saber.

Um certo Sr. Quentin Duguesclin, de Quebec, deixou o Canadá rumo à Europa, há cerca de quatro semanas. Não tendo parentes próximos, seus planos de regresso eram indefinidos. Seu passaporte foi encontrado pelo proprietário de um pequeno restaurante em Boulogne, que o deu à polícia. Até hoje não foi reclamado. Sr. Duguesclin era um velho amigo da família Montresor, de Quebec. O chefe da família, Sr. Henry Montresor, morreu há 18 meses, deixando a imensa fortuna para o único parente vivo, a sobrinha-neta Valerie, descrita como esposa de Josaiah Bland, de Portlebury, na Inglaterra. Uma firma de advocacia muito conceituada de Londres representou os inventariantes canadenses. Todas as comunicações entre a Sra. Bland e sua família, no Canadá, cessaram com o seu casamento, pois a família não o aprovou. O Sr. Duguesclin falou a um amigo que pretendia visitar os Bland quando estivesse na Inglaterra, pois sempre fora muito afeiçoado a Valerie.

O corpo, antes identificado como sendo de Harry Castleton, foi reconhecido como de Quentin Duguesclin.

Algumas tábuas foram encontradas no escritório de Bland. Embora tenham sido cobertas de tinta, às pressas, as palavras Lavanderia Snowflake, depois de pesquisas feitas por peritos, ficaram perfeitamente visíveis.

Não quero aborrecê-lo com detalhes de menor importância, mas o promotor público considera que podemos prender Josaiah Bland. A Sra. Martindale e a Sra. Bland são irmãs, conforme o senhor conjecturara, mas, embora concorde com sua opinião sobre a participação da Sra. Martindale no crime, será difícil conseguir provas. Ela é, sem a menor dúvida, uma mulher inteligentíssima. Deposito esperanças, entretanto, na Sra. Bland. Ela é o tipo da mulher capaz de entregar a irmã.

Tanto a morte da primeira Sra. Bland, em conseqüência da guerra, na França, quanto o segundo casamento do Sr. Bland com Hilde Martindale (que fazia parte da NAFI), também na França, podem ser

provados, penso eu, embora diversos arquivos tenham sido destruídos.

Tive imenso prazer em conhecê-lo naquele dia, e gostaria de agradecer-lhe muito pelas utilíssimas sugestões. Espero que esteja satisfeito com a reforma de seu apartamento em Londres.

Atenciosamente,
Richard Hardcastle

MAIS UM COMUNICADO DE R. H. PARA H. P.

Boas notícias! A Sra. Bland entregou os pontos. Confessou tudo! Culpa a irmã e o marido, inteiramente. Diz que só compreendeu o que eles pretendiam fazer tarde demais.

Pensava que eles iam "apenas dopá-lo, para que não percebesse que ela era a mulher errada". Que história! Mas eu acredito que ela não tenha sido a primeira a agir.

Os comerciantes do Mercado de Portobello identificaram a Sra. Martindale como sendo a mulher americana que comprou os dois relógios.

A Sra. McNaughton diz, agora, que viu Duguesclin entrar na garagem de Bland dentro de seu furgão. Será mesmo?

Nosso amigo Colin casou-se com aquela pequena.

Se quiser minha opinião, acho que ele está louco. Desejo-lhe tudo de bom.

Cordialmente,
Richard Hardcastle

fim